A CONTINUAÇÃO DO *BEST-SELLER* QUINTA AVENIDA

CORRIDA DE TOUROS



CHRISTOPHER SMITH

STEPHEN KING: "SMITH É UM GÊNIO CULTURAL"

A CONTINUAÇÃO DO *BEST-SELLER* QUINTA AVENIDA

CORRIDA DE TOUROS



CHRISTOPHER SMITH

STEPHEN KING: "SMITH É UM GÊNIO CULTURAL"

CORRIDA DE TOUROS

Corrida de Touros

Um romance de

Christopher Smith

Para minha grande amiga Margaret Nagle.
Obrigado por tudo.

Direitos Autorais e Aviso Legal:

Esta publicação está protegida pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA de 1976 e por todas as outras leis internacionais, federais, estaduais e locais aplicáveis, e todos os direitos são reservados, inclusive os direitos de revenda.

Quaisquer marcas registradas, marcas de serviço, nomes de produtos ou características nomeadas presumem-se ser de propriedade de seus respectivos donos e são usados somente como referência. Não há endosso implícito em caso de uso de um desses termos. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico (inclusive fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem permissão por escrito do autor.

Primeira edição do *e-book* © 2011.
Excerto de "Quinta Avenida" © 2011.

Para obter todas as permissões, entre em contato com o autor em: **mailto:ChristopherSmithBooks@gmail.com**

Isenção de Responsabilidade:

Este é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas (a não ser que explicitamente mencionado) é mera coincidência.

Copyright © 2011 Christopher Smith. Todos os direitos reservados no mundo todo.

http://www.christophersmithbooks.com

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Por sua ajuda com este livro, o autor é particularmente grato a Erich Kaiser, Ross Smith, Ann Smith, Margaret Nagle, Brandi Doane, Jon McCann, Ted Adams, Antonio Gragera, Constance Hunting, Deborah Rogers, Suzie Irby, R.J. Keller, Laura Baumgardner, Martine Bound, Jamie Clark, David H. Burton, e Mathy Matturro Terrill.

O autor também gostaria de agradecer à equipe incrível do Escritório do Diretor Médico Legista da Cidade de Nova Iorque; à cidade de Pamplona, na Espanha (e aos touros com quem o autor correu, gentis o suficiente para não pisoteá-lo); a Ivan Boesky por sua inspiração, apesar de não ser intencional de sua parte; aos leitores solidários de todas as partes, que enviaram as mensagens mais encorajadoras; aos homens e às mulheres que apresentaram o autor à verdadeira Wall Street durante a pesquisa para este livro; e aos amigos, novos e velhos, que ajudaram a moldar este livro ou que ofereceram apoio durante a sua criação.

Obrigado.

Livros de Christopher Smith
no Kindle

Quinta Avenida (Livro Um da Série Quinta Avenida)
Corrida de Touros (Livro Dois da Série Quinta Avenida)
De Manhattan, com Amor (Novela Três da Série Quinta Avenida)
Coleção da Série Quinta Avenida
Coleção da Série The Bullied
From Manhattan with Revenge (Livro Quatro da Série Quinta Avenida, em tradução)
A Rush to Violence (Livro Cinco da Série Quinta Avenida)
You Only Die Twice

ÍNDICE

PREFÁCIO
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
EPÍLOGO

LIVRO 1

PREFÁCIO

Cidade de Nova Iorque

Bebe Cole era uma aparição que avançava sem som, um enigma no centro do vestíbulo mal iluminado, onde ela apareceu com passos instáveis, abriu o longo casaco de caxemira e deixou-o cair no piso de mármore brilhante.

Ela estava nua, ensanguentada, machucada.

— Eles nos mataram — disse ela.

Ainda atordoado com a surra, Edward Cole ficou olhando para a esposa na porta do apartamento na Quinta Avenida, incapaz de responder, incapaz de falar.

As bandagens que tinham colocado em torno do seu peito estavam apertadas demais para que ele conseguisse respirar confortavelmente. As drogas que injetaram nele eram fortes demais para que seu corpo conseguisse lidar. Ele levou a mão ao rosto arruinado e sentiu as formas alteradas e as bochechas inchadas. Ele passou as pontas dos dedos na curva irregular do nariz quebrado, imaginando como explicaria isso a um público que exigiria uma resposta.

— Você disse que eles seriam moderados.

A voz dela soou como se viesse do fundo de um túnel e Cole precisou concentrar-se para ouvi-la. Ele tentou concentrar-se na figura miúda que era sua esposa, mas ela estava desaparecendo, sumindo, mesclando-se com a escuridão que rapidamente se misturava ao redor à beira de sua visão.

— Você prometeu que estaríamos seguros.

Ele balançou a cabeça em frustração, deu um passo em direção a ela e não se deu conta de que tinha caído até que ergueu a cabeça do piso de mármore frio e sentiu o gosto de sangue fresco na boca.

Novamente, ele tentou falar, mas as palavras não saíam. E ficou deitado lá, ouvindo a própria respiração rápida e curta, observando, com a visão esmaecendo, quando os sapatos de Bebe viraram-se em direção à biblioteca escura, pararam e voltaram rapidamente quando sapatos que não eram dela avançaram. Fraco demais para compreender ou para se importar, Cole deslizou

para a inconsciência.

Quando acordou, ele viu primeiro a esposa.

Amarrada a uma cadeira Rainha Ana no centro do vestíbulo, o cabelo loiro cuidadosamente tingido emaranhado e jogado sobre o rosto, Bebe estava rodeada por quatro tripés, cada um com uma câmera de vídeo digital focalizada nela. Ela estava nua, tremendo, amordaçada e tinha um arranhão na testa, cortes e feridas nos seios. O olhar dela encontrou-se com o dele e ela gemeu.

Cole forçou-se a concentrar-se, forçando o corpo a ficar sentado.

Bebe balançou a cabeça na direção dele, tentou empurrar a mordaça, mas não conseguiu. Ela lutou para soltar-se da corda que prendia os braços e as pernas à cadeira antiga, mas era impossível. Ela virou a cabeça para a esquerda.

Cole seguiu seu olhar.

Lá, sentado nas sombras sobre as Rosas Brancas de Van Gogh, estava um homem que Cole nunca vira antes. Ele era bonito, atlético, usava calças pretas e um pulôver preto de gola olímpica. Em sua mão, havia uma arma.

O homem levantou-se da cadeira, acenou para Edward e caminhou até Bebe, que seguiu cada movimento dele com os olhos cheios de terror. — Finalmente, você acordou — disse ele para Cole em uma voz relaxada. — Estamos esperando há horas. — Ele beijou a cabeça de Bebe. — Não é, querida?

Ela afastou-se dele com força e olhou para Cole em busca de ajuda.

Mas Cole não conseguia se mover. O medo o imobilizara. Impotente, ele viu o homem remover a mordaça da boca manchada de batom de Bebe, pressionar a arma contra a têmpora dela e armar o gatilho.

Bebe sobressaltou-se. Os ombros dela afundaram-se e ela olhou implorando para o marido, cuja boca tinha se aberto em choque. A arma, Edward viu, tinha um silenciador. As quatro câmeras de vídeo em torno de Bebe emitiram um zumbido.

— Sua esposa precisa de você, mas você fica sentado aí — disse o homem desapontado. — Depois de tudo o que ela fez por você, depois da forma como a usou e a humilhou nesse casamento, não podia pelo menos fazer alguma coisa para ajudá-la?

Edward ficou de joelhos e levantou-se com esforço. Ele tropeçou e encostou-se na parede. O corpo inteiro doía. Ele estava ciente do casaco aberto, expondo sua nudez gorda, as bandagens no peito, mas não se importava. O homem estava deslizando o cano da arma ao longo das curvas inchadas do rosto machucado da esposa.

— Quero que pense em todos os seus pecados — disse o homem, virando uma das câmeras para Cole. — Quero que pense sobre cada um deles. Agora. Pense.

— Quem é você? — perguntou Cole.

— Quero que pense sobre trair seus amigos — disse o homem com raiva. — Quero que pense sobre se vender para a SEC, subir ao banco de testemunhas e mandar um de seus melhores amigos para a prisão, quando você deveria estar lá apodrecendo no lugar dele. — O homem ergueu uma sobrancelha. — Sr. Cole, quero que pense sobre tudo isso.

Bebe moveu a cabeça lenta e cuidadosamente para longe da arma. Em uma voz quieta e abafada, ela disse para o marido: — É Wolfhagen.

O homem deu um beijo na bochecha dela. — O canário canta.

— Ele contratou esse homem para nos matar.

— É verdade — disse o homem, e disparou uma bala no cérebro dela.

O corpo inteiro de Edward ficou tenso de incredulidade. O olho esquerdo de Bebe estava piscando, o lábio superior tremendo, a boca se movendo, o pé se contraindo, mas ainda assim ela estava morta, tinha que estar morta. Parte da cabeça dela estava no chão.

Uma mão agarrou seu braço.

Cole virou-se e viu a mulher no momento em que ela bateu em suas costas com a arma e o empurrou para frente, em direção à esposa que sangrava, o homem de preto, as câmeras que zuniam. — Resista — disse ela — e juro por Deus que você não morrerá tão rapidamente quanto sua mulher.

Ela foi para a frente de Cole e puxou-o pelo vestíbulo com uma mão muito mais estável que a dele. O homem arrastara Bebe para o lado e estava colocando uma cadeira no lugar onde ela estivera. Cole foi levado para o meio do sangue derramado de Bebe. Agora as câmeras estavam em torno dele.

— Está pensando sobre aqueles pecados, Sr. Cole?

Eles tinham matado sua esposa e fariam o mesmo com ele. Se ele desmoronasse agora, seria seu fim. Ele forçou-se a pensar e, de alguma forma, a permanecer calmo.

— Está pensando sobre subir no banco das testemunhas? Lembra-se do olhar no rosto de Wolfhagen quando você o fritou?

Ele ignorou o homem e olhou para a mulher. Alta e atraente, com o cabelo castanho grosso emoldurando-lhe o rosto oval que mostrava uma inteligência fria, os olhos da cor de castanhas e com a mesma dureza.

O homem moveu-se atrás dela, o rosto parcialmente oculto atrás da câmera de vídeo. — Tire o casaco dele — disse ele para a mulher.

Ela o tirou.

— Agora, as bandagens.

Ela as arrancou de Cole, que olhou para a lente opaca da câmera e viu seu próprio rosto arruinado flutuando no vidro escuro e redondo. E ele sabia:

Wolfhagen assistiria a essas fitas.

A mulher deu um passo para trás, olhou com repulsa para o peito ensanguentado de Cole e virou-se para o homem. — Então, está começando novamente? — perguntou ela. — Você estava lá ontem à noite? Você deixou que fizessem isso? — Ela balançou a cabeça em desgosto. — Como pôde deixar que fizessem isso com você?

— Porque ele pediu isso — disse o homem. — Não é assim que funciona, Sr. Cole? Você e sua esposa pediram isso, mas, dessa vez, as coisas saíram um pouco do controle.

Cole manteve o olhar deles e não disse nada. Ele forçou-se a acreditar que conseguiria se livrar. Não era tarde demais para ele. Todos têm um preço, todos podem ser comprados. Wolfhagen não lhe ensinara isso?

— Eu tenho dinheiro — disse ele. — Milhões. Pagarei o triplo do que Wolfhagen está pagando a vocês. Os dois podem sair daqui agora e nunca mais precisar fazer nada parecido. Estarão com a vida arrumada. Só me deixem viver.

Os lábios vermelhos da mulher abriram-se em um meio sorriso. — Você realmente achou que ele o deixaria se livrar dessa para sempre?

Cole balançou a cabeça como se não entendesse, mas ele entendia. Sabia que esse dia chegaria. Ainda assim, sua crença no poder e na influência do dinheiro o galvanizavam. Eles não o matariam se oferecesse o suficiente. — Milhões — disse ele.

Ela ergue a arma.

* * *

Pamplona, Espanha

Seis meses depois

Desde criança, Mark Andrews tivera vontade de correr com os touros.

Quando pequeno, em Boston, ele sentava no colo do avô e ouvia as histórias do velho sobre seus dias na Espanha, quando ainda era jovem e solteiro, viajando o mundo com o dinheiro do fundo que o pai lhe dera quando se formara em Yale.

Mark deliciava-se com a história do velho sobre *La Fiesta de San Fermín*, a orgia de uma semana de adoração aos touros que honrava o santo padroeiro de

Pamplona, San Firmino, que era martirizado enquanto os touros arrastavam seu corpo pelas estradas estreitas e empoeiradas da cidade.

O avô de Mark correra com os touros. Ele ficara entre os milhares de homens de camisas brancas e faixas vermelhas que aguardavam o primeiro foguete que sinalizava a liberação deles.

Mesmo então, há uns trinta anos na casa dos pais, Mark conseguia ouvir as batidas trovejantes dos cascos quando as feras desciam a Calle Santo Domingo, atravessando a Plaza Consistorial e a Calle Mercaderes, os chifres afiados e mortais, a fúria assassina concentrada naqueles jovens tolos correndo cegamente à frente deles.

Agora, aos trinta e nove anos de idade, o próprio Mark Andrews estava dentre os tolos com camisas brancas e faixas vermelhas, o sol da manhã batendo em seu rosto, a deliciosa ansiedade pelo evento iminente inundando seus sentidos.

Pamplona era uma cidade enlouquecida.

Durante toda a semana, cinquenta mil pessoas de todo o mundo participaram da *Fiesta de San Fermín*, conhecida pelos habitantes locais como Los Sanfermines. Elas desfilavam meio bêbadas pelas ruas com gigantes enormes e coloridos, iam às lutas de touros à tarde, bebiam galões de vinho, faziam amor em becos e levantavam todas as manhãs, depois de um breve cochilo, para assistir à espetacular corrida de touros.

No começo da semana, o prefeito iniciara as festividades ao meio-dia acendendo um dos muitos foguetes do terraço do Ayuntamiento. E agora, enquanto Mark esperava junto com quase mil outros homens o foguete que sinalizaria o início do *el encierro*, ele observou e ouviu a multidão que gritava e olhava para ele das janelas abertas, das sacadas de ferro, das escadas de Santo Domingo e da própria Plaza de Toros.

Mark nunca se sentira tão vivo. Ele correria como seu avô correra.

Ao sentir alguém esbarrar a mão em seu braço, Mark virou-se e encarou um estranho.

— Você sabe que horas são? — perguntou o homem. — Deixei meu relógio no hotel. Eles devem atirar o primeiro foguete a qualquer momento.

Mark Andrews sorriu para o homem, contente por estar na companhia de outro americano. Ele olhou para o relógio e disse: — Em alguns minutos, correremos loucamente de doze touros muito furiosos. — Ele estendeu a mão, que o homem apertou. — Sou Mark Andrews — disse ele. — Manhattan.

O aperto do homem era firme, os dentes muito brancos quando ele retribuiu o sorriso. — Vincent Spocatti — disse ele. — Los Angeles. O que o traz aqui?

— Meu avô — disse Mark. — E você?

O homem pareceu surpreso. — Hemingway — disse ele, em um tom que implicava que não podia haver outro motivo para viajar centenas de milhas e participar desse evento. — Eu até trouxe Lady Brett comigo. — Ele apontou para a rua barricada, em direção a um prédio onde uma jovem estava na sacada do segundo andar, os cabelos pretos e o vestido branco esvoaçando com a brisa. — Lá está a minha esposa — disse ele. — Aquela com a câmera de vídeo.

Mark olhou para cima e captou a imagem da mulher no momento em que o primeiro foguete subiu ao céu para sinalizar que os portões do curral tinham sido abertos.

Ele sentiu uma onda de adrenalina. O mar de jovens espanhóis e turistas avançou. Uma gritaria percorreu a multidão, ondulando pelas ruas estreitas, reverberando nas paredes de pedra e finalmente chegando à Plaza de Toros. Momentos depois, um segundo foguete soou, avisando à multidão que a perseguição, que geralmente durava apenas dois minutos, começara.

Mark correu. Ele ouviu os touros galopando atrás dele, sentiu a terra tremendo sob os pés e correu, sabendo que, se tropeçasse, se caísse na rua, seria pisoteado pelos homens que corriam logo atrás dele e, depois, pelas próprias feras que pesavam quase uma tonelada.

Ele moveu-se rápida e facilmente, subitamente eufórico ao passar correndo pela Calle La Estafeta e pela Calle de Javier. Mark pensou rapidamente no avô e desejou que ele estivesse ali para assistir.

A multidão de espectadores gritava, berrava. A batida incrível dos cascos enchia o ar da manhã com a intensidade de um milhão de pequenas explosões. Mark olhou por sobre o ombro, viu o americano, a multidão de jovens atrás dele e o primeiro dos doze touros que devorava rapidamente a distância entre eles.

Ele estava delirante, muito além de alegre. Mark sabia que nem mesmo o dia em que testemunhara contra Wolfhagen podia se comparar à euforia que sentia nesse momento.

Ele estava perto da Plaza de Toros quando Spocatti, o fã da geração perdida de Hemingway, o alcançou e segurou-lhe o braço.

Sobressaltado, ele reduziu o passo por um instante e olhou para o homem. Eles corriam lado a lado, o rosto dele afogueado e brilhante, os olhos em um tom um pouco mais escuro do que se lembrava. Mark ia falar quando Spocatti gritou: — Tenho um recado para você, Andrews. Wolfhagen manda lembranças. Disse que agradece por você ter arruinado a vida dele.

E antes que Mark pudesse falar, antes mesmo que pudesse reagir, o homem enfiou-lhe uma faca no flanco direito. E mais uma vez. E novamente, enterrando a faca perto do coração.

Mark parou de correr. A dor era excruciante. Ele olhou para as costelas e o

peito ensanguentados e caiu de joelhos, observando em silêncio atônito quando o homem chamado Spocatti saltou sobre uma das barricadas e desapareceu na multidão saltitante.

Ele caíra no meio da rua. Centenas de homens passavam correndo por ele, saltando sobre ele, gritando enquanto os touros se aproximavam. Sabendo que era o fim, sabendo que seria assim que morreria, Mark virou-se e encarou o primeiro touro quando ele entrou em seu campo de visão e enterrou os chifres abaixados em sua coxa direita.

Ele foi jogado ao ar sem esforço, um boneco de pano jogado em um halo de seu próprio sangue, a perna esquerda quebrada, o osso saindo pela carne rasgada.

Mark caiu pesadamente de lado, tão atordoado que mal se deu conta de que mais touros o estavam pisoteando, os cascos enterrando-se em seu rosto, braços e barriga.

Os homens que passavam correndo tentaram tirá-lo do caminho, tentaram agarrar sua camisa e puxá-lo para um lugar seguro, mas era impossível. As feras estavam sobre eles. Não havia nada que pudessem fazer além de observar horrorizados doze touros em disparada despedaçar um antigo príncipe de Wall Street.

Quando terminou e os touros tinham ido embora, a coisa que era Mark Andrews estava jogada na rua, o corpo esmagado e quebrado, irreconhecível, a respiração era um gemido lento e engasgado. Ele olhou para a faixa estreita de céu azul que brilhava entre os prédios nos dois lados da rua.

No instante antes de sua mente apagar-se, seu olhar focalizou a própria Lady Brett Ashley. Ela estava parada logo acima, na sacada de ferro de um dos prédios, sorrindo ao filmar a morte dele na câmera que segurava na mão esticada.

CAPÍTULO 1

Dia Um

Cidade de Nova Iorque

Um mês depois

Na loja Click Click Camera na Rua Oito Oeste, Jo Jo Wilson ligou o mostrador no tanque de oxigênio verde entre as pernas e olhou para a câmera na mão de Marty Spellman. — Uma beleza, não é? — disse ele, através da máscara que cobria a boca. — Acabou de ser lançada. Achei que você gostaria dela. Foi a primeira pessoa para quem liguei.

Marty examinou a câmera. Era a Nikon digital mais nova, a melhor e mais recente da série, e era impressionante. Só Deus sabe como Wilson a conseguira. Ela tinha um tipo de lente tão poderosa que poderia capturar um marido traindo a esposa a quatro campos de futebol de distância. Seu coração se derretia só de segurá-la.

O problema era que ela era usada. Havia minúsculos arranhões na parte preta e manchas gordurosas na lente. Marty a examinou de novo e balançou a cabeça. Ele não pagaria vinte mil nessa câmera.

— Pena que não é nova.

Wilson pareceu surpreso, genuinamente ofendido. Ele recostou-se no banco e piscou, a enorme barriga expandindo-se à sua frente como um balão. Setenta anos de idade e ele chegara a quase cento e sessenta quilos. Era um milagre médico que o coração ainda batesse. — Do que diabos está falando? — perguntou ele. — Essa câmera é nova.

— Não minta para mim — disse Marty.

— Não estou mentindo.

— Então me mostre a fatura.

Aquilo o silenciou.

— E onde está a embalagem?

Jo Jo desviou o olhar.

— Não pode mentir para mim, Jo Jo. Você não é bom nisso. Falo isso desde

o primeiro dia em que nos conhecemos e você foi burro o suficiente para tentar me vender um microfone direcional que não tinha direção. Por que ainda não aprendeu?

Wilson estalou os dedos nos dois lados da cabeça. — Não consigo escutá-lo, Spellman. O enfisema está devorando minhas orelhas também.

Marty tirou cinco notas de cem dólares do bolso da calça e abanou-as no balcão de vidro sujo que os separava. — Quinhentos e você paga para que ela seja entregue no meu apartamento amanhã. É um preço justo, Jo Jo. Ambos sabemos disso.

Wilson não teve nenhuma dificuldade em escutar dessa vez e olhou para o dinheiro como se fosse um monte de merda fedida. Ele engoliu ar e balançou a cabeça pálida como a lua. — Você tem mais dinheiro do que Deus e é isso o que me oferece? Só quinhentos dólares? — Ele fingiu que estava cuspindo. — Dez mil ou nada.

Marty colocou o dedo em uma das notas de cem dólares e a arrastou para a esquerda. — E a minha oferta agora diminuiu. Você quem sabe.

— Essa câmera vale vinte mil e você sabe disso!

— E você provavelmente a conseguiu por dois mil. — Ele arrastou outra nota para o lado. — Olha só isso, é uma mágica. O dinheiro está desaparecendo!

— Olhe — disse Wilson. — Dá um tempo. A Doris foi ao médico na semana passada. Ela precisa de uma cirurgia. E eu preciso do dinheiro.

Mesmo que fosse verdade, Marty sabia que Jo Jo Wilson era um homem esperto demais para ter chegado aos setenta sem um seguro saúde. Era só mais uma mentira.

— Os tempos estão difíceis para todos nós, Jo Jo. Viu como está a economia? Está uma merda. Ontem mesmo vi uma velha assando um pombo em uma lata de lixo no Bronx. — Ele puxou outra nota e a amassou na mão. — Imagine só o que ela faria com esse dinheiro.

— Não consigo imaginar você no Bronx.

Marty colocou o dedo em outra nota.

E Wilson cedeu. Ele pegou o dinheiro e o contou duas vezes antes de guardá-lo no bolso da camisa. — Generosidade não faz parte do seu nome, Spellman, já notei. E para que precisa da câmera? Está trabalhando em outro caso?

— Estou sempre trabalhando em outro caso, Jo Jo.

— E sobre o que é? Outro assassinato? — Ele respirou fundo. — Ou você está investigando outro figurão que traiu a mulher?

Marty não sabia. Na noite anterior, ele recebera o telefonema de Maggie Cain, uma romancista *best-seller* cujos livros estavam sendo aclamados

nacionalmente. Ela era a escritora favorita de sua ex-mulher. Na breve conversa, Cain perguntara se eles poderiam se encontrar naquele dia, às seis, mas não dera detalhes. — Prefiro falar com você pessoalmente — disse ela. — Tenho vários motivos para não confiar em telefones nem em celulares.

Aquilo deixara Marty interessado. Ele anotou o endereço dela, disse que estaria lá e desligou o telefone.

Faltavam quarenta minutos para as seis.

Ele olhou para Wilson, que estava desligando o oxigênio. — Não o desligue completamente — disse Marty. — Quero você vivo para que a câmera seja entregue amanhã.

— Sim, sim.

— Amo você, amigão.

— Mentira.

— É verdade.

— Então recomende um filme. Minha esposa quer assistir alguma coisa boa.

— Em sua condição? Assista "Cocoon".

— Vá se foder, Spellman.

Com um sorriso, Marty deixou a câmera sobre o balcão, saiu da loja e foi para a direita na Quinta.

* * *

Maggie Cain morava na rua Dezenove Oeste.

Quando Marty chegou ao prédio estreito, ele notou rapidamente as flores de verão em cada janela, a aldrava de bronze na porta de mogno entalhada e o que parecia um caminho recém-varrido.

Ele bateu na porta.

Quando ela atendeu, ele viu-se frente à frente com uma mulher magra, trinta e poucos anos, cabelos cortados na altura dos ombros. Ela usava roupas que sugeriam alguém ocupado demais para se preocupar com frescuras, jeans desbotados e uma camiseta branca. Não usava maquiagem, o que Marty achou incomum porque, se usasse, ajudaria a esconder a cicatriz que ia do canto do olho esquerdo ao lado da boca.

Ela estendeu a mão, que Marty apertou. — Que bom que veio — disse ela.

O aperto era forte e firme, como a voz dela. — É um prazer — disse Marty.

— Eu estava ansioso por este encontro.

— Eu também. — Ela deu um passo ao lado e revelou um saguão com vários graus de luz e sombras. — Sei que é um homem ocupado — disse ela. — Entre e vamos conversar.

Ele a seguiu por um corredor com as paredes cobertas de prateleiras de livros, pinturas e desenhos que chamaram sua atenção, até a sala de estar, que cheirava a rosas. Marty notou um piano de cauda no canto da sala sobre o qual havia fotografias em porta-retratos de prata. Na soleira da janela, uma gata preta estava sentada, alerta, observando a cidade.

— Essa é Baby Jane — disse Maggie, indicando a gata com um aceno da cabeça. — Eu a resgatei das ruas há anos. Ela é a verdadeira dona da casa.

— Então, é com ela que devo conversar?

Maggie riu. — Na verdade, ela provavelmente responderia, mas receio que terá que se contentar comigo. Quer algo para beber? Tenho praticamente de tudo, mas se preferir algo gelado, posso fazer uma jarra de chá.

— Seria ótimo.

Enquanto ela estava ausente, ele aproveitou a oportunidade para olhar em volta. Apesar de saber que ela era uma escritora de sucesso, ele também conhecia o setor o bastante para saber que poucos escritores, independentemente do sucesso que faziam, podiam comprar a pintura de Matisse que ele vira no corredor.

Ele foi até o piano e observou as fotografias. Uma garotinha de cabelos loiros, um casal mais velho posando em frente a um pôr-do-sol tropical, um homem de boa aparência empilhando madeira ao lado de um chalé coberto de neve. As demais eram de Maggie Cain.

Em todas as fotos, ela estava mais jovem, com vinte e poucos anos, e, ao examiná-las, Marty viu que em nenhuma aparecia a cicatriz na bochecha esquerda.

Ele ficou imaginando novamente por que ela marcara essa reunião.

A voz dela soou atrás de Marty. — O que sabe sobre Maximilian Wolfhagen?

Ela caminhou em direção a ele, as luzes das janelas refletindo-se no cabelo dela. Ele pegou o copo de chá gelado que ela lhe entregou. — O advogado?

— Você conhece outro Maximilian Wolfhagen?

Marty sorriu. Wolfhagen não era um desconhecido e o nome dele certamente não era comum. — Para falar a verdade, não.

Maggie encostou-se no piano, o corpo esguio encaixando-se de forma perfeita na curva brilhante do móvel. — Lembro-me de um tempo em que todos queriam ser ele — disse ela. — As pessoas se vestiam como ele, usavam o

cabelo igual ao dele, iam aos mesmos restaurantes que ele. Não tinha como ligar a TV ou abrir um jornal sem ver aqueles dentes amontoados dele. Sabe o que aconteceu com ele?

— Ele foi acusado pelo SEC de usar informações privilegiadas.

— Isso mesmo — disse Maggie. — E, há cinco anos, ele passou três anos preso por causa disso. — Ela acenou com a cabeça para o outro lado da sala. — Quer se sentar?

— Prefiro ficar de pé. — Ele a observou caminhar até o sofá de brocado dourado no centro da sala e colocar o copo sobre a mesa ao lado. — Quando falamos no telefone, acho que disse a você que sou escritora.

Marty assentiu. Ele ficara acordado até tarde na noite anterior folheando dois dos livros dela, lembrando-se dos personagens que Gloria amara e odiara, aqueles por quem torcera e os que desprezara, lembrando-se das vezes em que pegara no sono com a cabeça no colo dela enquanto ela virava as páginas. Não era algo sobre o que queria pensar agora. — Minha ex-mulher é uma grande fã sua.

— Só sua ex-mulher?

Ela estava implicando com ele. A maioria da clientela dele era arrogante, mas não ela. — Li alguns de seus livros. Em cada um deles, você parece preocupada com a humilhação imposta por homens de poder. Expondo homens como Wolfhagen. Houve uma época em que Gloria e eu achamos que havia um motivo para isso.

— Gloria é sua ex-mulher?

— Sim.

Ela deu de ombros. — Acho que um escritor sempre tem um motivo para escrever, que pode ser simples, como ganhar dinheiro, ou complicado, como descobrir a verdade sobre ele mesmo ou sobre o mundo em que vive.

— Para você, o que é escrever?

— Um pouco de cada. Há cinco anos, quando escrevi meu primeiro livro, aprendi mais sobre mim mesma, sobre meus pontos fortes e fracos, do que poderia ter aprendido com qualquer analista.

Marty olhou para a cicatriz dela e ficou imaginando o quanto disso era verdade.

— O motivo pelo qual pedi que viesse é que estou escrevendo um livro sobre Wolfhagen. Uma biografia, o que é novidade para mim. Novidade demais. O problema é que a editora espera que eu entregue o primeiro rascunho em novembro, o que é loucura, mas concordei, então a culpa é minha. Ainda assim, não conseguirei terminá-la em tempo sem a ajuda de alguém para fazer as pesquisas.

— E você precisa da minha ajuda?

— Mais do que pode imaginar.

— Do que você precisa?

— Enquanto entrevisto pessoas aqui em Nova Iorque, gostaria que você voasse para a Califórnia e observasse Wolfhagen. Ele saiu da prisão há dois anos e tem se mantido afastado das manchetes. Quero saber tudo sobre a vida dele depois que foi solto. Quero saber como ele passa o tempo, quem são seus amigos, tudo o que conseguir. Se me der informações básicas, coisas do dia a dia, pagarei o valor normal. Mas se me der algo que agradará ao mundo, algo que coloque esse livro nas listas de *best-sellers*, dobrarei esse valor e ainda lhe darei um bônus. Parece justo?

Ele gostou do fato de ela ser direta. Mas não tinha certeza se ela gostaria dos valores que ele cobrava. — Meu preço é 250 dólares por hora — disse ele. — Mais as despesas. Se você dobrar, são 500 dólares por hora. Provavelmente, eu deveria perguntar se acha isso justo.

Maggie caminhou até ele. Ele a observou, imaginando se ela sabia o quanto era atraente. Ele decidiu que, antes de ganhar a cicatriz que riscava uma linha em seu rosto, ela sabia.

— Se há um livro que precisa ser perfeito, é esse. Minha editora pagou muito por ele e preciso entregá-lo. Só chamei você aqui depois que uns amigos me disseram que é o melhor. Sei que vale o quanto cobra e pagarei com prazer se aceitar o trabalho.

— Você se importa se eu pensar sobre o assunto? — perguntou ele. — Tenho duas filhas, e normalmente trabalho aqui em Nova Iorque para ficar perto delas. Elas são muito importantes para mim.

— É claro — disse ela.

— Posso ligar hoje à noite e dar minha resposta?

— Sim, pode — disse Maggie. — Moro sozinha com a gata e estaremos em casa a noite toda.

Eles foram até o saguão e Marty deu um passo para fora. Ao se virar para se despedir, ele viu que, atrás de Maggie, a gata, Baby Jane, estava sentada de costas, na beira de uma mesa entalhada à mão, com o rabo abanando enquanto se olhava em um enorme espelho.

Houve um momento em que Marty achou que a gata o estava estudando, analisando-o. Logo em seguida, ela pulou para o chão e, subitamente, Marty olhava para si mesmo, um homem alto, com cabelos castanhos claros e ombros largos como os de um nadador.

— Eu tenho uma pergunta — disse ele. — Você e Wolfhagen já se encontraram?

Maggie inclinou a cabeça e começou a fechar a porta, com os cabelos caindo sobre a cicatriz no lado esquerdo do rosto. — Não — disse ela. — Nunca.

CAPÍTULO 2

Meia hora depois, Marty estava no corredor do lado de fora do apartamento da ex-mulher.

Ele tirou as chaves do bolso da calça, sabendo — mas sem se importar muito com isso — que Gloria ficaria furiosa por ele não ter telefonado antes de vir.

Ele já cuidara do porteiro. No saguão, ele pedira a Toby que não avisasse Gloria de sua chegada. Era melhor só entrar, telefonar para Roz e visitar as garotas. Talvez Gloria nem estivesse em casa.

Ele colocou a chave na fechadura e abriu a porta. Na entrada, ele foi recebido por música suave, luzes suaves e Gloria. Ela estava parada ao lado de uma mesinha cromada, com um copo de champanhe em uma das mãos e um buquê de tulipas na outra.

Sem olhar para Marty, ela colocou o copo de champanhe ao lado de uma fotografia emoldurada da mãe morta e começou a arrumar as tulipas, uma por uma, em um vaso cheio d'água. A voz dela era fria quando falou. — O que está fazendo aqui?

Não era o que ele esperava, mas certamente já ouvira coisa pior.

Ele fechou a porta com o cotovelo e ficou parado, olhando para a mulher com quem se casara duas vezes, de quem se divorciara duas vezes e por quem, infelizmente, ainda era apaixonado. Alta e esguia, com a pele tão clara quanto a roupa creme que vestia, Gloria Spellman tinha a aparência feliz de uma mulher que aproveitava a vida. — Desculpe por não ter ligado antes — disse ele, olhando para a sala de estar além dela. — Você está com alguém?

Ela não respondeu.

— Posso entrar?

— Você já entrou.

— Por que está vestida assim?

— E por que isso é da sua conta?

— Foi só uma pergunta, Gloria. Você está bonita.

Ela virou-se para ele. — Obrigada. Jack Edwards virá aqui para ver minhas pinturas. Ele acha que estou pronta para outra exposição e deve chegar em breve. Por que você veio aqui?

Era interessante, pensou Marty, observar como ela mudara nos seis meses depois da primeira exposição. Essa não era a mulher tímida e introspectiva por quem ele se apaixonara há quatorze anos. O sucesso a libertara. No passado, ela raramente se manifestava, mas passou a olhar as pessoas nos olhos e compartilhar suas opiniões com confiança. Seu cabelo, que antes era castanho claro e cortado na altura dos ombros, estava preto, curto e com um corte austero. Ela usava maquiagem e óculos finos, fumava cigarros de cravo e falava de reencarnação. Era uma mulher em evolução dentro de um casulo em eterna mudança.

— Queria ver as garotas — disse ele. — Elas estão em casa?

— É claro que estão em casa. Mas agora não é uma boa hora.

Mesmo assim, ela olhou para o relógio e afastou-se para que ele passasse. Pelo menos, ela entendia o quanto elas significavam para ele. — Quinze minutos — disse ela. — E nem um segundo a mais. Elas estão no quarto.

— Posso usar o telefone primeiro?

— Os quinze minutos são seus — disse Gloria. — Não me importo como vai usá-los.

Ela certamente estava antipática hoje.

Mas, ao percorrer o corredor e pegar o telefone, ele entendeu. Por duas vezes, sua escolha de se concentrar no trabalho mais do que no relacionamento deles acabara com o casamento. Todos os psiquiatras e psicólogos deram os mesmos motivos, descritos nos livros, para que ele tivesse tantos problemas: seus pais tinham sido assassinados quando ele era pequeno. Eles moravam em uma parte perigosa do Brooklyn. O pai era um policial que prestara atenção demais às gangues locais. Quando estava prestes a derrubar um dos líderes, três membros da gangue atiraram nele e na mulher no apartamento deles enquanto Marty, com sete anos, se escondia sob a cama.

Seguiu-se uma sequência de pais adotivos. Aos dezoito anos, ele foi para a faculdade com uma bolsa de estudos e formou-se em artes cênicas porque, quando criança, os filmes eram a única coisa que ofereciam uma fuga.

E, melhor ainda, eles não exigiam o tipo de compromisso que um relacionamento.

A ligação foi atendida por uma amiga dele no FBI. — Roz, é Marty. Tem um minuto? Ótimo. Será que você pode verificar uma pessoa para mim? O nome é Maggie Cain, também conhecida como Margaret Cain, a escritora.

Gloria olhou para ele com interesse.

— Se ela aparecer em seus arquivos, será que poderia me passar um perfil dela hoje à noite? Descubra de onde vem o dinheiro dela. Acredita que a mulher tem um maldito Matisse no corredor? Eu sei, eu sei. Da próxima vez, pago o

jantar.

Quando ele desligou o telefone, Gloria estava parada atrás dele. — Você está investigando Maggie Cain?

— Não sei do que está falando.

Ele passou por ela e caminhou pelo corredor até o quarto das garotas. Sua vida profissional era a única coisa que ele não compartilhava com ninguém, e Gloria sabia o motivo. No passado, fora ameaçado vezes demais por pessoas que descobriram que ele as vigiara. Marty levava as repercussões muito a sério, especialmente depois do que acontecera com seus pais.

— Não acredito — disse Gloria. — Maggie Cain! Ela é uma das minhas escritoras preferidas e você sabe que adoro os livros dela. O que ela fez?

— Nada.

— Ora, vamos.

— Esqueça isso, Gloria.

— Diga-me alguma coisa.

Atrás deles, o interfone tocou.

Gloria parou no meio do caminho e voltou para atendê-lo. Quando voltou, tinha um ar profissional. — É o Jack, ele chegou mais cedo. Preciso que vá embora. Essa é uma noite para a arte, não para ex-maridos.

— Defina arte.

— Você não entenderia.

— Viu como sabe muito pouco sobre mim? Considere o que fez com a maquiagem hoje. Isso é arte. — Ele olhou para o relógio. — Ainda tenho dez minutos para ver as minhas filhas.

* * *

— Mamãe tem um novo namorado. Você já o encontrou?

Marty fechou a porta e entrou no único quarto que Gloria fora proibida de redecorar quando reformou o resto da casa. Amplo e pouco iluminado, com as paredes listradas de roxo e verde, cheias de pôsteres do ídolo adolescente mais famoso do mês, o quarto das filhas tornara-se, desde do segundo divórcio, uma espécie de campo de batalha por Katie e Beth.

As roupas eram mísseis que haviam explodido no chão, nas escrivaninhas e nos armários. As camas eram fortalezas, com pilhas de fitas e revistas, livros e bichos de pelúcia. Em uma grande gaiola de vidro, três *hamsters* corriam freneticamente por uma rede alarmante de tubos amarelos. Talvez buscassem

exercitar-se, mas talvez, pensou Marty, tentassem escapar. A culpa impedira que Gloria e ele exigissem que as garotas mantivessem o quarto arrumado.

A pergunta de Beth pairava no ar.

— Vocês duas viraram acumuladoras? — perguntou ele.

— Você está evitando a pergunta.

Sentada no meio da cama, as pernas bronzeadas cruzadas, ela olhou para o pai com o mesmo olhar nivelado que herdada dele, mas que aperfeiçoara ao imitar a mãe.

Em um esforço para ganhar tempo, Marty deu-lhe um beijo na testa, virou-se para Katie, que estava sentada na outra cama, beijou-a no rosto e olhou em torno do quarto procurando um lugar para sentar-se. Desde o divórcio, ele nunca se sentira confortável em discutir a vida particular dela. Apesar de saber que ela estava saindo com alguém, de alguma forma era mais fácil viver com a ilusão de que a vida de Gloria girava exclusivamente em torno da pintura, do apartamento e das duas garotas. Mas ele sentiu que Beth precisava conversar e, apesar do mal estar que sentia, ele rendeu-se.

— Não — disse ele, sentando-se na beira da cama dela. — Não o encontrei. Eu não sabia que sua mãe estava saindo com alguém.

— Ela está mais do que só saindo com ele — disse Beth. — Ele praticamente mora aqui. Na noite passada, eles nos acordaram. Foi constrangedor. — Ela viu o olhar no rosto dele. — Lamento, mas foi. Mamãe não parava de gritar o nome dele. Jack isso e Jack aquilo. Por favor, Jack, por favor. Oh, Jack, ah. Eu só queria morrer.

O que diabos, pensou Marty, ele deveria dizer sobre aquilo?

— Assim, não me importo que mamãe saia com alguém — disse ela. — Mas se ela não consegue manter a voz baixa, Katie e eu estamos pensando em ir morar com você. O que acha?

Ele as levaria em um piscar de olhos, mas, em todas as vezes que tentara obter a guarda, falhara. — Você sabe o que o juiz disse.

— Fins de semana e feriados, eu sei. Mas e o que nós queremos?

— O juiz acha que é melhor vocês ficarem com a sua mãe.

— Por quê? Isso é discriminação. Preferimos ficar com você.

— E eu preferia que ficassem comigo.

— Posso falar com o juiz?

— Você pode escrever uma carta a ele, com certeza. As duas podem.

— Ótimo, faremos isso.

No silêncio que se fez, Katie olhou para ele com o canto dos olhos. Ela parou de folhear uma revista e começou a morder a parte de dentro da bochecha. Nove anos e quase tão alta quanto Beth. Cabelos loiros na altura dos ombros e os

lábios grossos como os dele. Ela olhou para ele com uma impaciência que Marty nunca vira.

Ele limpou a garganta. — Nesse meio tempo, vou falar com a mãe de vocês sobre o... comportamento dela.

Beth revirou os olhos. — De que adianta isso? Ela não o escuta mais. No mínimo, ela ficará ainda pior só por despeito.

Em que ponto, pensou Marty, Beth sentira-se tão confortável para falar sobre sexo? Ela tinha treze anos, pelo amor de Deus. O que acontecera com a criança?

— Deixe sua mãe comigo — disse ele. — Eu pago o aluguel desse lugar, não ela.

Beth deu uma risada. — Ora, papai, por favor — disse ela. — Não vê o que está acontecendo? Mamãe vai ficar famosa. Ela vai ganhar muito dinheiro e não precisará mais de você. Foi o que ela nos disse hoje de manhã.

* * *

Houve um tempo em que o som da risada de Gloria o fazia sentir-se bem, completo e forte. O sorriso dela, tão amplo quanto o mapa da América, o ajudava a aguentar os piores dias. Mas agora, ao sair do quarto das filhas e encaminhar-se para a sala de estar, o som da risada dela provocou sentimentos que ele não tinha certeza de que estava pronto a encarar.

Gloria estava seguindo a vida. Ele a estava perdendo para outro homem. E o que aquilo provocava em Marty era uma emoção que ele não sentira em anos: um ciúme súbito e profundo.

Ele entrou na sala de estar.

Gloria e Jack estavam parados do outro lado da sala, na frente de uma pintura de um carrinho de mão vermelho que ela pendurara na parede do lado norte. Eles estavam de costas para Marty discutindo a pintura. Enquanto Marty estava parado observando-os, Edwards estendeu a mão e passou-a gentilmente na nuca de Gloria.

Marty pigarreou.

Edwards baixou a mão casualmente e virou-se ao mesmo tempo que Gloria, cuja pele pálida agora tinha um brilho rosado. Por causa das risadas?

— Você deve ser o Marty — disse Edwards.

Marty atravessou a sala, com a mente como uma câmera fotografando o momento. Vestido imaculadamente com calças de seda bege e uma camisa

branca, Edwards era mais alto do que ele esperava, em forma física decente, a careca bronzeada, a boca sorridente mais brilhante que a lua. Quarenta anos, pensou Marty. Talvez quarenta e dois.

Ele apertou a mão macia e tratada de Edwards e observou o diamante brilhando no mindinho do homem. Com as sobrancelhas erguidas, Marty olhou para o anel. Em seguida, desapontado, olhou para Gloria, que estava parada atrás de Jack, com um ar corajoso, mas desconfortável. — Sim — disse ele com um sorriso. — Sou o Marty.

— É um prazer — disse Edwards. — Gloria falou muito sobre você.

— Não ouvi nada sobre você.

— Ela disse que você é um investigador particular — disse Edwards. — E crítico de cinema. Como faz isso?

— Mágica. — Ele virou-se para Gloria, cujos lábios pintados estavam apertados em uma linha fina de constrangimento. — Posso falar com você?

Eles caminharam em direção às portas de vidro que abriam-se para o terraço e saíram. Marty fechou as portas atrás deles. A voz dele era baixa. — Vou ser breve.

— Você não tem escolha.

— Você sabe que Beth não consegue dormir à noite? Tudo o que ela consegue ouvir é você e Edwards fazendo sexo. O mesmo acontece com Katie. Agora, escute bem. Você sabe que não vou dizer como deve viver sua vida, mas quando dormir com esse cara, pelo menos mostre um pouco de respeito pelas garotas e faça silêncio.

Gloria levantou o rosto para ele, com o Upper West Side de Manhattan brilhando atrás dela sob o sol da tarde. — Eu sabia que você não conseguiria lidar com isso — disse ela.

A frieza na voz dela o pegou desprevenido. — Lidar com o quê?

Ela fez uma pausa para retirar um cigarro do maço que trouxera. — Com o fato de eu estar saindo com Jack. — Ela acendeu o cigarro. — Você não consegue lidar com isso. Ele o intimidou e você se sentiu ameaçado. Admita.

— O homem usa um maldito diamante no dedo mindinho, Gloria. Eu não me senti ameaçado.

— É mentira. Você não aguenta me ver com outro homem.

— Provavelmente você está certa — disse Marty. — Mas o que mais odeio é o que você se tornou. Olhe para si mesma. Você nem é mais a mesma pessoa. Você se redefiniu. Vendeu-se e tornou-se o tipo de pessoa do qual nós dois costumávamos zombar quando éramos jovens. Quem é você, Gloria? Você sabe?

Ela balançou a cabeça com tristeza, com um gesto meio condescendente. — Você está me perguntando se sei quem sou, Marty? Então vou lhe perguntar uma

coisa: desde que seus pais foram assassinados, quantas vezes fez a mesma pergunta a si mesmo?

Ele virou-se para sair e ela colocou a mão no braço dele. — Desculpe — disse ela. — Foi um golpe baixo. Mas estou feliz. Encontrei um homem que sabe o que quer da vida. Encontrei um homem que está disposto a me colocar em primeiro lugar. Não me culpe por querer isso. Não me culpe se tenho raiva de você por não ter me dado isso.

— Faça silêncio no quarto — disse ele.

E foi embora.

* * *

Mais tarde, em seu apartamento, Marty serviu uma dose de uísque antes de telefonar para Roz. — Diga-me que acertou na mosca.

— Ainda estou trabalhando nisso. Dê-me trinta minutos e ligo de volta.

Ele desligou o telefone e foi até o estúdio, que oferecia uma das melhores vistas para o Central Park. Sobre a mesa estava o computador. Na tela, seu blogue. Nas horas vagas, ele escrevia críticas de filmes como passatempo para arejar a cabeça e manter a conexão com seu primeiro amor, os filmes. Mas tornara-se um passatempo inesperadamente popular, com dezenas de milhares de pessoas acessando o site diariamente.

No momento, ele estava trabalhando na crítica da versão em Blu-ray de "Pacto de Sangue" de Billy Wilder. Só mais alguns parágrafos e estaria terminada.

Enquanto esperava Roz ligar, ele sentou-se para dar uma olhada na crítica. Na noite anterior, ele retirara sua cena favorita do filme para que pudesse discuti-la. Marty leu-a novamente.

NEFF

Olhe, querida, você não tem como se livrar.

PHYLLIS

De quê?

NEFF

Você quer acabar com ele, não quer?

PHYLLIS

Que coisa horrível de se dizer!

NEFF

E quem você achou que eu fosse? Um cara que chega na varanda da casa de uma bela dama e diz: "Boa tarde, vendo seguros contra acidentes com maridos. Você tem um que está por aí há tempo demais? Alguém que gostaria de transformar em um pouco de dinheiro? Sorria para mim e ajudarei a conseguir o dinheiro". Nossa, devo parecer um idiota.

PHYLLIS

Acho que você é podre.

NEFF

E você é uma grã-fina. Desde que eu não seja seu marido.

PHYLLIS

Saia daqui.

NEFF

Pode apostar que sim. Pode apostar que vou sair daqui, querida. Rapidamente.

Marty sorriu, admirou o diálogo e estava prestes a refletir sobre sua importância no filme quando o telefone tocou. Ele atendeu. Roz.

— Descobriu alguma coisa? — perguntou ele.

— Ah, sim, descobri — disse ela. — Mas não vai ser suficiente para você. Se eu tivesse acesso ao arquivo dela, teria descoberto mais.

Marty levantou-se e caminhou até a janela com vista para o parque. Dois helicópteros estavam voando em direção um ao outro, as hélices brilhando na luz do sol poente. Por um momento, pareceu que eles estavam em rota de colisão. — Acesso ao arquivo dela? — perguntou. — Ela tem um arquivo?

— Ela tem dois arquivos, querido, e um deles é confidencial. Não posso colocar as mãos nele. Mas sei o seguinte: desde 2006, Maggie Cain está sendo vigiada pelo FBI.

CAPÍTULO 3

Marty desligou o telefone e sentou-se à escrivaninha. Ele ligou o computador, abriu um novo arquivo sobre Cain e digitou tudo o que Roz lhe dissera.

Anos atrás, Maggie Cain tivera um relacionamento com Mark Andrews. Mark Andrews fora um dos corretores de títulos de Wolfhagen. Seu depoimento ajudara a mandar Wolfhagen e duas outras pessoas para a prisão.

Ele morrera no mês anterior. Pisoteado por touros em Pamplona.

O relacionamento de Maggie Cain com Andrews explicava o Matisse que Marty vira no vestíbulo. Com o dinheiro que tinha à disposição durante a alta no mercado de ações, Andrews poderia facilmente ter comprado a pintura para ela e, talvez, até mesmo a casa dela em Chelsea. E se eles estavam envolvidos durante o tempo em que o FBI esteve vigiando Wolfhagen e as pessoas próximas dele, ela também não teria estado sob vigilância?

Marty teria.

Mas nada disso explicava por que ela estava sob vigilância. Por que o FBI ainda estava interessado em Maggie Cain? Já tinham se passado cinco anos desde o julgamento. A conexão dela com Mark Andrews acabara com a morte dele. O que suspeitavam que ela estava fazendo que era considerado confidencial? E, como Cain tivera um relacionamento com Andrews, obviamente ela conhecia Wolfhagen.

Então, por que ela mentira para Marty?

Ele levantou-se e foi até a janela. Havia tanta fumaça e névoa que ele mal conseguia ver o pôr-do-sol além das árvores do Central Park. Ele ficou imaginando o que um homem sensato faria com essas informações.

A resposta veio instantaneamente.

Um homem sensato confrontaria a fonte.

* * *

Em trinta minutos, ele estava na casa de Maggie e Manhattan estava envolta

pela noite.

Marty olhou para a fachada do prédio do outro lado da rua deserta. Parecia que ela tinha deixado todas as luzes acesas. As janelas, protegidas por cortinas de renda, eram como raios dourados na escuridão.

Ele pagou ao motorista e saiu do táxi, observando, ao cruzar a rua, que a janela da sala de estar estava aberta. As cortinas moviam-se no ar, abrindo-se ligeiramente, mostrando vislumbres breves e frequentes do aposento.

Maggie estava sentada no piano. De costas para ele, ela parecia estar estudando as várias fotografias emolduradas em prata sobre a tampa abaixada do piano. Ela segurava uma taça de vinho. Enrolada ao seu lado no banco estava Baby Jane. Se não fosse pelo movimento do rabo da gata, Marty também poderia estar olhando para uma fotografia.

Ele foi até a porta iluminada e tocou a campainha.

Levou um momento antes que Maggie atendesse. — Sim?

Marty observou o olho mágico escurecer, sentindo-se observado. — É o Marty.

Ele a ouviu dizer seu nome antes de destrancar e abrir a porta. Havia uma mistura de surpresa e curiosidade no rosto dela. — Achei que você fosse telefonar.

— Decidi vir até aqui em vez de telefonar. Posso entrar? Tenho algumas coisas que gostaria de perguntar.

Ela lançou-lhe um olhar confuso, mas deu um passo ao lado para que ele pudesse encaminhar-se para a sala de estar.

— Espero não estar interrompendo nada — disse ele.

— Não. Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Ela acenou para que ele se sentasse no sofá de brocado dourado e sentou-se em uma cadeira em frente a ele, cruzando as pernas e, por um momento, simplesmente estudando-o, com o dedo indicador acompanhando a beirada da taça de vinho que tinha na mão. — Já se decidiu? — perguntou ela.

— Não — disse Marty. — Primeiro, preciso fazer algumas perguntas. Importa-se?

Maggie hesitou e Marty sentiu que ela não estava confortável com a perspectiva de ser interrogada. Mas então, talvez sabendo que não tinha como fugir da situação, ela terminou o vinho e colocou a taça vazia na mesa entre eles. — Pode perguntar qualquer coisa.

— Aquele Matisse no vestíbulo. Você o comprou?

Os olhos dela arregalaram-se ligeiramente. — Na verdade, não.

Ele virou-se e olhou para a escultura de uma bailarina sobre a lareira. Com

o pé na quinta posição e a fita cor-de-rosa original no cabelo, a escultura era uma das favoritas de Gloria e fora vendida em um leilão um ano atrás, depois do suicídio do dono anterior. Marty a notara ao entrar. — E a escultura de Degas? Você a comprou?

Maggie sorriu.

— Eu sei sobre o seu relacionamento com Mark Andrews — disse ele.

— Não é segredo nenhum. Eu amava Mark. Ele era tudo para mim.

— Ele comprou o Matisse e o Degas para você?

— Eu ganho bem, mas não tanto. Ele também me deu o piano.

— E esta casa?

Maggie balançou a cabeça. — A casa eu comprei, Mark só me ajudou a mobiliá-la.

— Quero que me fale sobre seu relacionamento com ele.

— Quero que me diga por que isso é importante.

— É importante porque descobri, com uma amiga, que há anos o FBI vigia você. Tenho a impressão de que conhece Wolfhagen. Tenho a impressão de que está escrevendo esse livro por outros motivos, não só o sucesso comercial. Não gosto que mintam para mim e, se vou trabalhar com você, espero que me conte a verdade.

Maggie olhou para ele por um momento, a expressão no rosto dela entre a raiva e o ressentimento, levantou-se e foi até o piano, onde havia um maço de cigarros sobre o banco. Ela pegou um e acendeu-o com um isqueiro de ouro. — Você me investigou?

— Eu investigo todos que querem me contratar. É um procedimento padrão. Você não foi a única. — Ele deixou passar um momento de silêncio. — Você está ciente da vigilância do FBI?

— É claro que estou. Eles não são muito sutis.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Há tempo demais, eu não sei. Há anos.

— Você sabe por que estão vigiando você?

Maggie riu. — Se eu sei por que estão me vigiando? Nossa, Marty, eu estive envolvida com um cara que ajudou a roubar centenas de milhões de dólares de pessoas em todo o mundo. Vivi com um homem que entregou maletas cheias de dinheiro para pessoas no Central Park e que foi parcialmente responsável pela quebra do mercado de ações. Mark fez tudo isso sem que eu soubesse de nada, até o dia em que o FBI bateu à nossa porta e leu os direitos dele.

— Agora, escute — disse ela, — pedi que vigiasse alguém para mim. Se aceitar o trabalho, pago o que pediu. Apesar de estar lisonjeada pelo seu

interesse em minha vida pessoal, não vou dividi-la com você. Não é da sua conta. Ou você aceita ou trabalho, ou não aceita. Quanto ao FBI, eles me vigiam há anos — provavelmente estão nos escutando agora — mas não me importo, pois nunca fiz nada de errado. Não tenho nem um pouco do dinheiro roubado de Mark guardado em alguma conta nas Ilhas Cayman. Eu fui uma vítima. Ao escrever sobre Wolfhagen, ao expor a verdade sobre ele, finalmente serei capaz de encerrar esse capítulo da minha vida e ir adiante. É por isso que estou escrevendo o livro. E é por isso que quero contratar você.

Não era o suficiente. — Você conhece bem o Wolfhagen?

Maggie fechou os olhos. — Bem o suficiente para saber que ele merecia muito mais do que os três anos que passou em Lompoc. — Ela olhou para ele. — Eu odeio aquele homem, Marty. Ele é cruel, um filho da puta e quero usar esse livro para queimá-lo no inferno.

Na fúria dela, ele viu algo mais. Vulnerabilidade? Medo? Havia algo mais além de simples fúria.

Ele estava prestes a falar quando ela levantou a mão. — Chega — disse ela. — Isso é tudo o que posso oferecer. Sim, eu conheço Wolfhagen. Sim, eu menti para você e peço desculpas por isso. Mas, para ser honesta, não vou contar a você a história da minha vida depois de conhecê-lo por algumas horas. Nem sei se posso confiar em você.

Marty decidiu que aquilo era justo. Ele certamente não contaria a ela como seus problemas de comprometimento tinham acabado com seu casamento duas vezes com Gloria. Mas, ainda assim, ele estava inquieto. Ele podia ver que ela estava abalada. Havia alguma coisa que ela não havia contado, mas, se ele conseguisse ganhar sua confiança, talvez ela a revelasse em algum momento.

Eles ficaram em silêncio. Maggie estava parada olhando para ele enquanto fumava. Marty procurou algo para dizer, mas tudo o que lhe veio à mente parecia inadequado. Foi Maggie quem falou primeiro. — Então, vai me ajudar e aceitar o trabalho? Ou estraguei tudo?

Ele precisava de alguma coisa para tirar Gloria de sua cabeça.

— Eu sei que você é bom. Acho que trabalharemos bem juntos.

A dureza dela era só uma fachada.

— Você não estragou nada — disse ele.

— Então vai aceitar o trabalho?

Era a oportunidade perfeita para fazer o que lhe era natural, soltar-se em seu próprio filme, cujo final nem mesmo ele conhecia.

— Começo amanhã.

CAPÍTULO 4

Carmen Gragera parou do lado de fora do prédio em Wall Street e olhou pela parede de vidro. O guarda de segurança uniformizado estava lá, sentado na mesa circular da recepção, o rosto com um brilho azulado por causa da luz da televisão que ela não enxergava.

Observando-o, ela levantou a lapela do casaco preto e falou no pequeno microfone sem fio que Spocatti escondera lá mais cedo. — Ele está sozinho — disse ela. — Comece a filmar, vou entrar.

Ela passou pela porta giratória e percorreu o saguão, a maleta balançando, os saltos batendo como baquetas de tambores no piso de mármore brilhante. O homem levantou os olhos da televisão quando ela se aproximou. — Tenho uma hora marcada com Gerald Hayes — disse ela. — Ele está me esperando.

— Seu nome?

— Maria Leonard, do Times.

O homem virou-se para o computador, digitou o nome dela e sorriu para ela enquanto esperava a confirmação. Carmen sorriu de volta. Ela abaixou o olhar como faria uma mulher americana e vislumbrou a arma no cinto dele. Será que ele já a usara antes? Carmen duvidava.

E certamente não a usaria nela.

A tela do computador piscou e o homem acenou com a cabeça para a parede iluminada de elevadores atrás dele. — O Sr. Hayes fica no 20º andar, terceira porta à direita. Vou avisar que você está subindo.

Carmen caminhou até um dos elevadores, entrou, apertou o botão marcado 20 e encostou-se em uma parede espelhada enquanto o elevador subia rapidamente.

Ela chegara tarde de Salamanca na noite anterior e não dormira. Em vez disso, ela e Spocatti passaram a noite inteira conversando, planejando, trocando ideias e histórias, falando no telefone com Wolfhagen e decidindo como as coisas seriam feitas e quem seria o próximo. Mas, apesar de não ter dormido, ela sentia-se absolutamente viva.

O elevador reduziu a velocidade. Carmen olhou para o mostrador iluminado e viu o número 20 iluminado em azul. Ela sentiu um arrepio de ansiedade.

As portas se abriram, revelando um corredor lindamente decorado, com

mobília do século XIX, pinturas nas paredes verdes, luminárias de alabastro lançando cones de luz suave nas mesas vazias. Carmen saiu do elevador, sentindo a arma escondida sob o casaco largo abotoado. O escritório de Hayes era no final do corredor, a terceira porta à esquerda.

Ela encaminhou-se naquela direção, lembrando-se da conversa com Wolfhagen, um homem que nem ela nem Spocatti tinham encontrado pessoalmente, era um contato apenas pelo telefone.

Gerald Hayes fora um dos amigos em que Wolfhagen mais confiara e, ainda assim, se tornara informante do Departamento de Justiça e chegou até a prender um gravador no peito e induzir Wolfhagen a admitir que vendera, várias vezes, informações privilegiadas. Hayes fizera isso em troca de imunidade. Ele sentara-se no banco das testemunhas, apontara o dedo para o homem que lhe deixara milionário e o enviara para a prisão.

Agora, aos cinquenta anos, Hayes estava novamente se estabelecendo em um mundo que o segregara há apenas alguns anos.

Apesar de a Comissão de Valores Mobiliários o ter proibido de fazer negócios internamente, não podiam impedi-lo de fazer negócios no exterior, e era nesse negócio externo que Hayes capitalizava agora. Mas isso não era surpresa para quem o conhecia. Antes de destruir Wolfhagen no tribunal cinco anos atrás, Hayes era considerado como um dos homens que transformara os milhões de Wolfhagen em bilhões e sua mente estava mais aguçada do que nunca.

Naquela manhã, Carmen telefonara a Hayes solicitando uma entrevista. — É hora de acertar a história — dissera ela. — As pessoas estão cansadas de Wolfhagen e das mentiras dele. Agora elas querem o seu lado da história e quero ajudá-lo a contá-la. Podemos nos encontrar? O Times prometeu a primeira página.

Hayes concordou, mas somente depois de indagar sobre sua carreira como jornalista. Se era para contar sua história, não seria para uma amadora. Carmen disse a ele que ela fora indicada para um Pulitzer por uma reportagem sobre terrorismo internacional. Para Hayes, fora o suficiente. Para Spocatti, fora um erro grave da parte de Carmen. Se Hayes decidisse pesquisar no Google os nomes dos indicados para o prêmio ou a posição dela no Times, descobriria que ela era uma fraude.

A porta do escritório estava fechada. Carmen bateu duas vezes e esperou. Levou um momento antes que a porta fosse aberta revelando Hayes, com o escritório ricamente decorado e a longa fileira de janelas atrás dele.

Carmen o avaliou rapidamente. Gerald Hayes era mais alto e mais atlético do que esperara, mas havia algo mais, algo na aparência teimosa de seu maxilar,

que fez com que ela fizesse uma pausa. — Sr. Hayes — disse ela, estendendo a mão. — Sou Maria Leonard, do Times.

Hayes olhou para a mão dela, mas a ignorou. As bochechas dele estavam afogueadas e a gravata estava afrouxada. Carmen notou que ele estivera bebendo. — Está atrasada — disse ele. — Disse que estaria aqui há uma hora. — Mas Carmen mencionara especificamente 10 horas como o horário da entrevista. Ela estava prestes a discordar quando Hayes levantou a mão, silenciando-a. — Esqueça — disse ele. — Eu tinha mesmo que terminar um relatório. — Ele deu um passo ao lado para que ela pudesse entrar. — Eu ia preparar um drinque — disse ele. — Quer me acompanhar?

A porta fechou-se. Carmen agradeceu, mas recusou. Ela o seguiu pelo escritório principal até um outro, que era muito maior, mas sem o aconchego do primeiro. Mobiliado com esculturas de ferro e pinturas abstratas, as paredes marfim um tom mais escuro que o piso de madeira, o escritório de Gerald Hayes não tinha praticamente cor nenhuma, sugerindo que o homem removera todas as emoções de sua vida.

Ele acenou para a cadeira em frente à mesa. — Sente-se — disse ele, caminhando até o bar. — Só levará um minuto.

Mas Carmen foi até as janelas ao lado da cadeira de couro pálido, observando o prédio do outro lado da rua. Apesar de ser tarde, ela podia ver, em uma das poucas janelas iluminadas do prédio, uma servente passando o aspirador de pé em um tapete bege. Em outra janela, um homem falava ao celular enquanto folheava um arquivo. Vários andares acima, duas mulheres beijavam-se apaixonadamente.

Ela não procurou Spocatti nem o escritório que ele alugara há duas semanas. Ela sabia que ele estava lá, atrás de um rifle, filmando tudo para Wolfhagen em uma das janelas escuras, ouvindo e gravando tudo o que ela e Hayes estavam dizendo.

— Então, diga-me — disse Hayes, parado ao lado do bar. — Por que todos estão subitamente interessados em Wolfhagen? Primeiro a senhorita telefona pedindo uma entrevista, depois Maggie Cain faz o mesmo. O homem era um maldito escroque, pelo amor de Deus. O que vocês veem nele?

Carmen virou-se de costas para a janela. — Há mais alguém escrevendo sobre Wolfhagen?

Hayes aproximou-se com o drinque. — Mais do que uma história. Maggie Cain está escrevendo um livro. Ela me disse essa tarde que entrevistará todos que estavam ligados a Wolfhagen, começando pelos que testemunharam contra ele no tribunal. — Ele deu um gole no uísque. — Ou o que sobrou de nós. Com os Cole e Mark Andrews mortos, o livro dela pode acabar sendo bem fino. E eu

nem concordei com a entrevista.

Ele sentou-se e indicou a Carmen que fizesse o mesmo. — Mas se eu conheço Maggie, ela sairá do outro lado. Ela é boa no que faz, é inteligente e desconcertante. Provavelmente, ela conseguirá me fazer falar.

Instintivamente, Carmen soube que Wolfhagen ia gostar de saber sobre esse livro. Ela sentou-se em frente a Hayes. — Quem é Maggie Cain?

Hayes franziu as sobrancelhas. — É uma escritora — disse ele, lentamente. — Ela estava envolvida com Mark Andrews. — O rosto dele estava sombrio e Carmen reconheceu seu erro. Uma repórter do Times pelo menos teria reconhecido o nome de Cain. — Preciso lhe dizer quem é Mark Andrews, Srta. Leonard?

Carmen disse que não.

— E preciso dizer quem eram Edward e Bebe Cole?

— Eu conheci os Cole — disse ela, com um meio sorriso lembrando-se de como os conhecera.

Hayes terminou o drinque e recostou-se na cadeira. — Todos eles estão mortos — disse ele. — Os Cole mortos por causa do Van Gogh de Bebe, Andrews pisoteado por touros em Pamplona. Talvez todos nós pagaremos no final — disse ele. — Talvez a imunidade prometida pelo governo tenha finalmente acabado.

Ele lançou um olhar a Carmen. — A imprensa adoraria isso — disse ele. — Há anos reclamam de como escapamos facilmente, e talvez estejam certos. Talvez tenhamos nos livrado muito facilmente. — Ele deu de ombros. — Não importa. No final, todos pagaremos pelo que fizemos. Até mesmo você, Srta. Leonard.

Algo no tom de voz dele a deixou alerta. Carmen olhou para ele.

— Quem é você? — perguntou ele. — Você não é do Times e nunca foi indicada para um Pulitzer, eu investiguei. — Ele dobrou os braços. — Talvez possa me dizer o que quer de mim. Talvez possa me dizer por que mentiu deliberadamente essa manhã e pediu essa entrevista.

Era exatamente o que Spocatti temera.

Carmen estava procurando uma resposta quando notou, na manga da camisa listrada de Hayes, um minúsculo ponto de luz vermelha. Enquanto observava, a luz subiu pelo braço de Hayes até o ombro, hesitando na base do pescoço antes de percorrer o queixo e começar a dançar sobre a têmpora direita. *Spocatti*, pensou ela.

— Responda — disse Hayes. — Diga-me o que está fazendo aqui.

O feixe do laser cruzou o rosto de Hayes como um raio escarlate. Enfeitiçada, Carmen observou quando ele desapareceu no cabelo do homem

antes de disparar e aparecer no centro da testa dele. Lá, ele pairou como uma chama.

— Você sempre trai seus melhores amigos, Sr. Hayes?

Hayes, que esperara uma resposta à sua pergunta, olhou para ela como se não entendesse.

Carmen abriu o casaco, pegou a arma e levantou-se. Ela a apontou para ele. — Wolfhagen era um de seus melhores amigos e você o traiu — disse ela. — Contou todos os segredos dele no tribunal, o enviou para a prisão por três anos e nunca se arrependeu. Achou mesmo que ele deixaria que se safasse para sempre?

Hayes endireitou-se na cadeira e olhou para a arma. Ele não parecia assustado nem surpreso. — O que acha que está fazendo?

Carmen deu a volta na mesa e acenou para que ele se levantasse.

Mas Hayes não fez esforço nenhum para se levantar. Ele tinha o dobro do tamanho dela e sabia disso.

— De pé — disse ela firmemente.

Mas Hayes não se moveu. Ele continuou olhando para a arma, estreitando os olhos e duvidando que ela atirasse. Carmen armou o gatilho e pressionou o tambor frio e duro contra a têmpora dele. — Mexa-se — disse ela. — Senão estouro seus miolos.

Hayes, um metro e noventa e cinco de altura, empurrou a cadeira para trás e levantou-se bêbado o suficiente para acreditar que era invencível. Ele olhou para ela e disse: — Você acha que pode entrar aqui e me ameaçar? Acha que pode me intimidar com uma arma? — A voz dele ergueu-se com raiva. — Seu rosto está em todas as câmeras de vídeo deste prédio. Toque em mim e apodrecerá na cadeia pelo resto da vida.

Carmen encostou-se contra a borda da mesa. Ao seu lado, havia um peso de papel do tamanho de uma bola de beisebol. Ela colocou a mão sobre a bola e disse: — Sr. Hayes, já matei traficantes, políticos e líderes religiosos. Ajudei a matar os Cole e Mark Andrews. Faço isso há sete anos, sem medo nem interrupções. Claro, posso fazer o mesmo com um velho como você e sair impune.

Ela balançou o braço e jogou o peso de papel contra o lado da cabeça dele. O golpe tomou Hayes de surpresa e ele caiu no chão, a têmpora esquerda esmagada, o corpo contraindo-se como se ele tivesse sido eletrocutado. O sangue jorrou da boca dele em um jato carmim, as pálpebras tremeram. Sua boca emitiu um som que não era humano.

Carmen guardou a arma, passou por cima do corpo dele e ficou feliz ao ver que o prédio era tão antigo que dava para abrir as janelas. Ela abriu uma delas. O ar estava quente e úmido, com um leve cheiro de sal. Ela olhou para fora, mas

não viu tráfego algum em Wall Street. À noite, essa parte de Manhattan transformava-se em uma cidade fantasma.

Ela olhou para o prédio à sua frente e só viu a servente empurrando o aspirador de pó, sem ter ciência do assassinato que acabara de ocorrer.

Mas Carmen sabia que Spocatti estava observando.

Ela virou-se para Hayes e sobressaltou-se ao vê-lo de joelhos. A boca estava aberta, pingando sangue e saliva no chão de madeira. Os olhos estavam esbugalhados e ele respirava pesadamente. O ruído no peito dele ficava mais profundo. Os pulmões enchiam-se de sangue e ele tentava ficar de pé enquanto estava literalmente se afogando. Ele estava morrendo, mas estava atordoado demais para se dar conta disso.

Carmen teve uma vontade súbita de fazer algo diferente do que planejara com Spocatti.

No bar, havia guardanapos de pano. Ela foi até lá, pegou alguns guardanapos e limpou as impressões digitais da janela. De lá, ela foi até Hayes e ajudou-o a levantar-se. Ele estava confuso e desorientado, olhando para ela como se nunca tivessem se encontrado antes. Ele apoiou-se no ombro dela enquanto ela o levava até a janela. Ela sentiu o cheiro de álcool no hálito dele e de perfume caro em sua pele. Ele murmurou algo que ela não entendeu. O sangue escorria do canto da boca dele. O coração dela batia com força.

Eles chegaram à janela e ela pressionou a ponta dos dedos dele contra o vidro. Ela pegou as mãos dele e as pressionou contra o batente e a trava da janela. Carmen procurou novamente a servente, não a viu e baixou a cabeça cheia de sangue de Hayes para fora. Com um esforço supremo, ela o empurrou.

Ele não fez som nenhum ao mergulhar. Com os braços pendurados e os pés balançando como se estivessem desconectados do corpo, ele simplesmente caiu de cabeça na escuridão.

Não havia tempo de ouvi-lo bater no concreto.

Carmen atravessou a sala correndo, entrou no banheiro particular de Hayes, pegou uma toalha, limpou as impressões digitais do peso de papel de mármore, colocou-o de volta na mesa e limpou o sangue do piso com um fluido especial que trouxera na maleta. O sangue desapareceu e não poderia ser detectado.

Carmen olhou ao redor, sabendo que não tocara em mais nada, deu a volta na mesa e pegou a maleta ao lado da cadeira de couro. Ela a abriu, jogou a toalha ensanguentada sobre grandes pilhas de dinheiro, retirou um par de luvas grandes e as calçou.

Ela foi até o bar. Hayes bebera uísque. Ela pegou a garrafa pela metade e a levou até a mesa. De dentro do bolso do casaco, ela pegou o bilhete suicida que Spocatti escrevera naquela manhã e o encharcou com a bebida, borrando o texto

que fora uma réplica perfeita da caligrafia inclinada de Hayes.

Com um último olhar ao redor, ela colocou o bilhete e a garrafa de uísque sobre a mesa, pegou a maleta e saiu.

O tempo estava acabando.

Com cem mil dólares na maleta, Carmen tinha um guarda de segurança a subornar.

CAPÍTULO 5

Do prédio do lado oposto, Spocatti observou incrédulo quando Gerald Hayes caiu no chão de concreto. Nada disso era parte do plano. Carmen intencionalmente desviara-se dele e ele estava furioso com ela devido ao possível risco que agora estavam correndo.

Ele filmou o homem caindo para a morte, filmou as mãos enormes e os olhos arregalados, filmou seus últimos momentos de vida antes que a cabeça explodisse na calçada, o corpo jogado sobre ela em uma posição desfigurada.

Por causa de Wolfhagen, ele mantivera a câmera apontada para o corpo antes de voltá-la para a janela aberta, onde Carmen movia-se apressadamente na sala apagando os rastros de sua presença.

Por que ela desviara-se do plano? O combinado era deixar Hayes inconsciente, limpar as impressões digitais da arma e, em seguida, colocá-la na mão dele e disparar uma bala em seu cérebro. Era simples. Fora ideia dela. Então, por que ela mudara de ideia? Por que ela se arriscara deliberadamente?

A idiota seria pega.

Ele a observou mover-se rápida e eficientemente, sem perder nenhum detalhe. Quando terminou, ela pegou a maleta e saiu da sala. Trinta e cinco segundos, talvez quarenta. Apesar de odiar admiti-lo, Spocatti duvidava que conseguisse fazer melhor.

Ainda assim, ela tinha que sair do prédio.

Ele ajustou os fones de ouvido e ouviu-a correndo até os elevadores. Com a mente como uma câmera, ele a imaginou entrando no elevador, pressionando o botão "L" e recompondo-se no reflexo das portas espelhadas enquanto descia vinte andares.

— Essa foi para você, Vincent — disse ela no microfone. — Eu o teria beijado antes de levá-lo até a janela, mas não queria deixar você constrangido.

Spocatti não seria convencido. Ela assumira um risco idiota e desnecessário. Se ela não saísse em segurança do prédio, se fosse pega, a polícia saberia que as mortes dos Cole e de Mark Andrews estavam relacionadas, deixando Spocatti com uma tarefa muito mais difícil quando chegasse a hora de matar os outros homens e mulheres na lista de Wolfhagen.

Ele olhou para o relógio, levantou o binóculo pendurado no pescoço e

olhou para a calçada. Hayes estava no chão havia vários minutos e ninguém encontrara o corpo ainda. Spocatti percorreu a Wall Street com os olhos e não viu ninguém nas calçadas desertas, nenhum carro na rua. Ele ouviu as portas do elevador abrirem-se e os saltos dos sapatos de Carmen batendo no piso de mármore.

A respiração dela estava controlada. Havia uma firmeza em seu caminhar que sugeria confiança. — O saguão está vazio — disse ela com a voz baixa. — Só eu e o guarda. Não deverá levar mais de cinco minutos para pegar as fitas e sair daqui.

Mas Spocatti não estava mais escutando o que ela dizia, não podia mais escutar porque, lá na rua, uma mulher movia-se hesitante em direção ao corpo de Hayes.

Ele levantou o binóculo novamente e inclinou-se para mais perto da janela, colocando o rosto dela em foco. Ela era hispânica, tinha cabelos pretos e longos e estava usando um uniforme de trabalho azul desbotado. As mãos estavam apertadas contra o peito. O rosto estava pálido de horror. Ela olhou para cima, para a janela aberta de onde Hayes fora empurrado e tapou a boca com a mão. Apesar de Spocatti não conseguir ouvir, ele sabia que a mulher estava gritando.

E então ele ouviu, à distância, o som das sirenes da polícia.

Ele pressionou um dedo sobre o fone de ouvido e tentou ouvir Carmen, mas a voz dela soava cortada pela estática. Ele bateu no dispositivo, não ouviu nada e verificou o rádio, que era a única ligação entre eles. O visor mostrava zero. Por algum motivo, o microfone dela estava desconectado.

Incrédulo, ele voltou-se novamente para a janela. Com as sirenes soando e as luzes azuis piscando, dois carros de polícia passaram em alta velocidade pela esquina da William Street e estacionaram ao lado de Hayes e da mulher parada ao lado dele. Os policiais saíram dos carros, olharam para aquele que fora um dos mais poderosos financistas de Wall Street e imediatamente pediram ajuda pelo rádio.

Spocatti moveu-se para o rifle semiautomático que estava ancorado na janela a seu lado.

Ele olhou pela poderosa mira telescópica até encontrar um dos policiais, apertou lentamente o gatilho e observou o pequeno ponto de luz vermelha do *laser* aparecer na parte de trás da cabeça do homem. Se a situação saísse do controle e Carmen precisasse de ajuda, Spocatti mataria os policiais e a mulher. Ele abriria cinco pequenos buracos em cinco pessoas abaladas.

Ele não sabia quanto tempo ficara parado na janela.

À medida que a notícia da morte de Hayes se espalhou, a área do lado de fora do prédio gradualmente ficou cheia, com pessoas da imprensa e curiosos.

Estavam tirando fotografias do corpo. A mulher que encontrara Hayes estava sendo levada pela polícia. Dentro do escritório de Hayes, os detetives vasculhavam os restos de uma vida. Não havia sinal de Carmen.

Ele temia o pior quando ouviu um barulho de chave e a porta atrás dele se abriu.

E lá estava ela, com a blusa de seda branca e o casaco preto manchados do sangue de um homem morto. Ela caminhou até o centro da sala e ficou parada, os olhos como luzes viradas para o rosto dele. Ela jogou a maleta no chão, que caiu aberta, expondo a toalha azul ensanguentada, as luvas brancas e as fitas da segurança.

Spocatti estava prestes a falar quando algo na expressão dela fez com que ele parasse. Por um momento, ele esqueceu da raiva e ouviu.

— O livro — disse ela. — Maggie Cain. Todos em nossa lista estão sendo entrevistados por ela. Precisamos telefonar agora para Wolfhagen e avisá-lo.

Mas, quando eles telefonaram para a propriedade dele em La Jolla, ninguém atendeu.

CAPÍTULO 6

Wolfhagen dançou.

Ele chegou em Nova Iorque quando as luzes de Manhattan começavam a brilhar, pegou um táxi no aeroporto de LaGuardia, alugou um quarto no Plaza, cheirou quatro carreiras de pó e pediu vinho.

Ele rodopiou.

Ninguém sabia que ele estava lá, e era assim que queria. Ele viera brincar e causar um pouco de confusão e queria fazê-lo o mais silenciosamente possível, pelo tempo que conseguisse.

Essa era uma viagem importante.

Ele serviu outro copo de vinho — o terceiro — bebeu e foi para o banheiro. Ele estava alto, deliciosamente alto, a droga percorrendo seu corpo como agulhas. Mais cedo, ele acendera velas, várias velas perfumadas, e o banheiro estava repleto dos aromas ricos de baunilha e jasmim.

Ele largou o copo sobre a pia de mármore e começou a tirar a roupa. Pegou o telefone ao lado da privada, discou o número pessoal de Carra e colocou-o de volta no gancho quando ela atendeu. Olhou para o reflexo no grande espelho, observando as sombras que dançavam sobre os braços e o peito.

Ele abriu o kit de barba de couro, expondo a lâmina dourada brilhante, deixou as calças caírem no chão e balançou o pênis de um lado para o outro — *smack, smack, smack*. Flexionou os músculos e soube, naquele momento, que seu corpo era realmente belo.

Ele não queria olhar para o rosto.

Wolfhagen bebeu mais vinho e fez um passo de dança em frente ao espelho. Ele fechou os olhos e respirou fundo, a mente girando e recuperando a memória da merdinha que fora à casa dele em La Jolla naquela manhã para dizer a ele, naquela vozinha estridente idiota: — Sua esposa decidiu vendê-la, Sr. Wolfhagen. Gostaríamos de mostrar a propriedade no início da tarde.

Ele bateu a porta na cara dela e telefonou para Carra, que falou a ele, naquela maldita voz controlada, que, se desistisse daquela ação de pensão ridícula, poderia ficar com a merda da casa e tudo que houvesse nela. — Mas você nunca receberá um centavo do dinheiro do meu pai, Max. Nem um centavo. Não vou deixar que isso aconteça. Ele fez a fortuna dele sem sua ajuda, deixou-a

para mim e ela ficará comigo.

E Wolfhagen dançou.

Ele pegou o telefone e discou novamente. Dessa vez, tocou mais tempo, mas foi Carra quem atendeu, a voz rápida e formal. — O que é, Max?

— Contarei tudo a eles — disse ele. — Vou aos jornais e contarei a todos. Não me importo. Estou em Nova Iorque agora. Não tenho nada a perder. Não ouse vender a minha casa. Não ouse tentar. Arruinarei...

— Você está em Nova Iorque?

— Isso mesmo.

— Por quê?

— Vou acabar com a sua maldita cara.

A linha ficou muda. Wolfhagen apertou o botão de rediscagem, mas, dessa vez, Carra não atendeu. A linha chamou, chamou e chamou, e sua raiva cresceu.

Ele deixou o telefone cair no piso de mármore e voltou ao quarto. Pegou a lata de creme para barbear da mala aberta, jogou-a para o alto, estendeu mãos cegas para pegá-la e riu, riu, riu quando ela bateu em seu ombro, caiu no tapete e rolou em direção à televisão, que estava no canal da CNN sem som algum.

Wolfhagen aumentou o volume.

Ele pegou a lata de creme e caminhou na ponta dos pés até o banheiro. O efeito estava passando, mas ele estava determinado a mantê-lo, a fazer com que durasse. Ele dançou e dançou, movendo os braços e balançando a cabeça, revirando os olhos e arreganhando os dentes. As sombras nas paredes moviam-se com ele em ritmos selvagens.

Mas era inútil, estava acabando. Ele balançou os quadris com mais força, girando em círculos completos, vendo o rosto uma, duas, três vezes no espelho. E foi o fim. A ilusão desapareceu. Ele parou para olhar para o rosto. Aquele rosto. Deus, como ele o odiava. O nariz aquilino, os dentes irregulares, os olhos caídos. Não era ele! Estava errado! Ele era melhor do que aquele rosto!

Antes de tomar banho, ele tinha que se depilar.

O creme de barbear espalhava-se facilmente. Ele o passou nos braços, no peito e na barriga, esfregou-o nas nádegas, nos pelos púbicos e nas pernas, aplicando-o meticulosamente. As mãos moviam-se lenta e cuidadosamente, cobrindo os pelos de dois dias com passadas amplas e cheias de espuma. Há cinco dias, as costas tinham sido depiladas com cera. Ainda levaria mais uma semana antes que tivesse que voltar lá.

Ele lavou as mãos na pia, deixou a água correndo, pegou a lâmina dourada e começou a trabalhar, removendo os pelos que odiava.

Como ele pudera ter nascido desse jeito? Por que Deus fizera isso com ele? Quando ele tinha treze anos, os outros garotos riam dele nos vestiários da escola

por causa dos pelos pretos e densos que lhe cobriam as costas, os braços e a barriga, e que surgiam com a determinação teimosa de ervas daninhas nos picos e nos vales de seu peito. As pernas também eram totalmente cobertas.

Na época, os pais de Wolfhagen eram pobres e não podiam pagar um médico que dissesse a eles que o filho sofria de um desequilíbrio agudo de testosterona. Eles não tinham educação e não podiam saber sobre as cicatrizes psicológicas entalhadas na mente do filho. Mas eles não eram insensíveis. Não eram cegos às falhas da natureza. E, no verão de seu décimo quarto aniversário, alguns dias antes de começar um novo ano escolar, a mãe de Wolfhagen iniciou um ritual que durara a vida inteira: com sabão e água, ela o depilara.

— Dói, mamãe. Pare!

— Fique quieto.

— Mas estou sangrando!

— Ou fazemos isso, ou aqueles idiotinhas da escola pegarão você.

Ao amadurecer, a pele fortaleceu-se junto com a alma. Apesar de o pelo ter desaparecido, as gozações dos colegas continuaram. Eles sabiam que ele se depilava. Eles conseguiam ver os pelos nascendo nas pernas e nos braços durante as aulas de educação física, conseguiam farejá-los como se fossem um odor nojento e repugnante. Eles o chamavam de aberração. Alguns cuspiam nele nos corredores.

Durante o almoço, braços anônimos davam golpes, mãos anônimas davam tapas. E, durante todo aquele tempo, Max aprendeu mais do que qualquer um deles. Ele aprendeu sobre a escuridão no coração humano e a profundidade com que se podia odiar.

Os livros e a literatura tornaram-se sua fuga. Ele encontrou sanidade nas vidas de personagens fictícios, ficou em segundo lugar na turma da escola e ganhou uma bolsa de estudos de quatro anos na Faculdade de Administração de Yale, onde redefiniu-se e tornou-se muito maior.

Ele precisava telefonar para Carra novamente. Sabia que ela estava dando uma festa naquela noite e ele pretendia comparecer. Bastava uma ameaça. Uma ameaça pequena, mas potente. Depois poderia deleitar-se com todos os rostos chocados que o cumprimentariam enquanto ele a humilhava.

Ele estava depilando os pelos do peito, manobrando cuidadosamente em torno do mamilo esquerdo, quando ouviu na televisão a notícia da morte de Gerald Hayes.

Wolfhagen saiu do banheiro, uma mistura de pelos e creme de barbear pingando do corpo no tapete oriental. Ele foi até o centro do quarto e ficou olhando para a televisão.

Hayes estava morto, possivelmente suicídio. Havia uma testemunha ocular,

Maria Martinez, que estava no prédio oposto quando viu Hayes caindo pela janela. A polícia a estava interrogando e faria uma declaração pela manhã. Eles não descartavam assassinato.

Nem Wolfhagen.

Ele olhou para trás em busca de uma cadeira e, em vez disso, viu-se de relance no espelho de corpo inteiro na parede à direita. Um fio fino de sangue corria do peito pelo abdome musculoso, fazendo uma poça na espuma da virilha antes de pingar da cabeça do pênis para o carpete.

Ele olhou para baixo, para os pés descalços, e viu que estavam sujos de sangue e creme de barbear. A visão o abalou. Ele era normalmente muito cuidadoso. Não conseguia lembrar-se de quando fora a última vez em que se cortara. Ao ficar parado, observando, ele sentiu uma torrente súbita e profunda de vergonha.

Ele colocou a mão livre sobre o pênis escorregadio e ensanguentado, e a vergonha transformou-se em raiva.

CAPÍTULO 7

Spocatti caminhou de um lado para o outro.

Ele passou pela janela, por Carmen, voltou até a janela e olhou para o escritório de Hayes. No silêncio, ele observou a polícia vasculhar a mesa, ensacar pastas, fazer anotações, falar muito pouco. Ele viu um dos investigatores pegar o peso de papel de mármore na beira da mesa e pensou novamente se Carmen o havia limpado cuidadosamente.

Ele afastou-se da janela e olhou para ela, que estava sentada com as pernas cruzadas no centro da sala, o MacBook dele no colo, o rosto brilhando com a luz azulada. Ela não olhou para ele, sabia que era melhor não fazê-lo. Os dedos dela corriam sobre as teclas que ele não conseguia ver.

— Qual é o número, Carmen?

— Só mais um pouco.

— Você disse isso há um minuto.

— A rede sem fio desse lugar é uma merda.

Ela digitou mais rapidamente, parou, inclinou-se em direção à tela e leu o número.

Spocatti pegou o celular e discou para seu contato no Primeiro Distrito. Era tarde e ela provavelmente não estaria lá.

Mas a mulher atendeu. — Aqui é Rice — disse a investigadora.

Spocatti sorriu. — Brenda — disse ele. — E eu achei que você estaria em casa, na cama, dormindo nos braços de seu amante.

Silêncio.

— Sabe quem está falando?

— É claro.

— Pode falar?

— Espere um pouco.

Ele ouviu o som de uma cadeira sendo arrastada e da porta sendo fechada. E depois a voz dela, mais baixa do que antes. — Ok — disse ela. — O que quer?

— Preciso de um nome.

— Um nome.

— E um endereço.

— Um endereço.

— E o que mais puder descobrir sobre a mulher que viu Gerald Hayes cair da janela do escritório.

— Certo — disse ela. — Quando?

— Vamos fazer o seguinte — disse Spocatti. — Retorne em vinte minutos com as informações de que preciso e garantirei que dinheiro não seja um problema para você e sua família para o resto da vida.

* * *

Ela levou quinze minutos para garantir seu futuro.

Spocatti atendeu o telefone e escutou. — O nome dela é Maria Martinez — disse Rice. — Mora na rua 145. Tem uma filha, cinco anos. Três passagens por tráfico de drogas, duas por prostituição. Foi viciada em heroína e craque. Isso foi há seis anos. Agora ela se livrou da assistência social e das drogas, tem três empregos, um deles limpando escritórios em Manhattan para a Queen Bee Cleaning. Parece que ela se destacou dentre os membros da sarjeta.

Rice fez uma pausa. — E você vai matá-la.

— Não sei do que está falando — disse Spocatti. — Nunca matei ninguém. Diga-me o que ela sabe.

— Ela não viu nada — disse Rice. — Disse que estava limpando uma janela e, quando olhou para fora, viu Hayes batendo no concreto.

— Ela não viu ninguém no escritório de Hayes?

— Não.

— E o que nosso querido delegado Grindle acha?

— Acha que ela está mentindo.

— Também acho. Qual é o endereço exato dela?

Ela falou.

Ele agradeceu, desligou o telefone e olhou para Carmen, que fora para o outro lado da sala e estava colocando as roupas ensanguentadas em uma sacola. Spocatti observou-a trocar de roupa e colocar calças e camisa pretas. Ela puxou o cabelo para trás, prendeu-o com um elástico e ergueu a perna, colocando a arma em um coldre no tornozelo. — Está esperando que eu peça desculpas? — perguntou ela.

Ele não respondeu.

— Porque não vou pedir — disse ela. — Você teria feito a mesma coisa se estivesse lá.

— Não, não teria.

— Já o vi fazer pior.

— Não vou negar — disse ele. — Mas eu não teria jogado Hayes pela janela. Foi desnecessário. Foi juvenil. Você é orgulhosa demais para admitir isso e é por isso que fico desapontado. — Ele passou por ela. — Mas é por causa de sua idade e, provavelmente, porque é mulher, então posso relevar. Dessa vez.

Ele lhe lançou um olhar de soslaio, os olhos brilhando apesar da sala escura. — Será interessante ver como cuidará de Maria Martinez.

CAPÍTULO 8

A van, um Ford azul que Spocatti conseguira no Queens, soltava pequenas nuvens do escapamento ao percorrer a cidade.

O carro tinha manchas de ferrugem e o para-lamas amassado, mas tinha o motor forte e não chamava atenção nas ruas, o que, Carmen sabia, fora o motivo pelo qual ele o comprara. Ele passou uma série de sinais verdes e encaminhou-se para a rua 145, logo depois do rio Harlem, onde estacionou do outro lado da rua onde ficava o prédio de Maria Martinez, desligou o motor e ficou esperando que a polícia a trouxesse para casa.

Carmen abriu o vidro do lado do passageiro e observou a atividade na rua. Era quase meia-noite e as calçadas estavam cheias de vida com os sem-teto, as prostitutas e os cafetões, os traficantes e os viciados, os rostos encovados ocasionalmente iluminados pelos faróis dos carros que passavam. Os postes estavam escuros. A cidade recusava-se a pagar pelas lâmpadas que eram constantemente estouradas a tiros. Em vez disso, a maior fonte de luz era uma vitrine, onde um casal cheirava cocaína.

— Fique aqui — disse Spocatti.

Ele abriu a porta e saiu. Carmen olhou pelo espelho retrovisor e observou-o caminhar pela calçada até que as sombras e a noite deslizaram pelas costas dele e o envolveram. Ela não sabia aonde ele fora nem o que tinha em mente, mas a confiança dele nela enfraquecera. Isso a afetara muito, o que a deixara surpresa. Ela estava nesse negócio havia sete anos e nunca fora pega. Suas ações eram tão ousadas quanto as deles e sua reputação tinha a mesma solidez que a dele. Ela não tinha nada a provar e, ainda assim, tentara impressioná-lo quando empurrara Hayes pela janela. Por quê? O que ele tinha que a fazia querer ser vista como igual?

E ela?

Ela recostou-se no banco. O que Martinez vira? Alguma coisa? Tudo acontecera tão rapidamente que Carmen não podia ter certeza. Ela reviveu tudo na memória e viu somente um borrão desapontador e mal editado: Hayes ajoelhando-se, a boca sangrando, a cabeça abaixada, caindo no chão. Todo o resto estava perdido na tempestade de adrenalina que a envolvera naquele momento e, então, ela se deu conta de como fora errado ir contra o plano.

Ela o procurou no espelho lateral, mas tudo o que viu foi a calçada escura sumindo na escuridão. Ocorreu-lhe que estar ali não tinha a ver com matar Maria Martinez nem descobrir o que ela vira. Em vez disso, era para que livrasse sua cara, consertasse o passado, recuperasse a fé de Spocatti e prosseguisse com o que foram contratados para fazer. E se ela falhasse? Spocatti talvez calasse sua boca para sempre.

A porta abriu-se e ele entrou. Carmen colocou a mão sobre a luz interna e esperou que ela apagasse. Ela olhou para a mão dele e viu um pequeno saco plástico, uma colher, uma seringa. Ele os jogou sobre o painel e olhou para o outro lado da rua. — Alguma coisa? — perguntou ele.

Ela olhou para o brilho da seringa e balançou a cabeça.

Spocatti pegou o saco e a colher de metal torta com a ponta escurecida. O saco estava cheio de pó branco. Cocaína ou heroína, ela não tinha certeza. Ele o esvaziou dentro da colher e pediu a ela que a segurasse.

Ela a segurou.

Ele aqueceu a colher com um isqueiro. O pó virou líquido e começou a borbulhar. Um fio de fumaça subiu. Ele largou o isqueiro no colo, pegou a seringa e a encheu.

Spocatti entregou a colher a Carmen. — Martinez era viciada em heroína — disse ele. — Hoje à noite, ela viu um homem cometer suicídio. Viu a cabeça dele explodir e viu o que sobrou dele enquanto era interrogada pela polícia. Ela perdeu a fé em Deus e na humanidade. Está cansada. Vive nesse fim de mundo. Tem três empregos e ainda passa dificuldades. Ninguém ficará surpreso se a encontrarem cheia dessa merda.

Carmen assentiu. Daria certo. E então algo — um brilho de luz — captou seu olhar e ela olhou para o outro lado da rua, onde um carro da polícia estava estacionando em frente ao prédio do apartamento de Martinez.

Carmen observou enquanto uma mulher abria a porta do passageiro e saía. Era uma policial e foi imediatamente seguida pelo motorista, um homem alto de uniforme. As pessoas na rua separaram-se e espalharam-se. Maria Martinez, sentada no banco de trás, foi a última a sair do carro. Ela ainda usava o uniforme de trabalho azul claro, e dizia algo que Carmen não conseguiu ouvir.

E então, ela ouviu a voz de Spocatti, baixa e muito mais próxima de seu ouvido do que gostaria: — É simples — disse ele. — Nada além de uma overdose acidental. Não me desaponte de novo.

* * *

Eles esperaram que a polícia fosse embora antes de sair da van e atravessar a rua. Martinez morava no segundo andar. Carmen seguiu Spocatti pelos dois lances de escada e por um corredor escuro. O prédio parecia exausto no calor de agosto, como se as paredes inclinadas e os tetos afundados, desesperados por alívio, estivessem escorando-se uns nos outros em busca de apoio. A temperatura ali era de quase trinta graus e o ar pesado e úmido fedia a azedo.

O apartamento de Martinez era no fim do corredor, na última porta à direita. Spocatti passou por ela e escondeu-se nas sombras. Ele pegou a arma, armou o gatilho e bateu o pé.

Carmen bateu na porta duas vezes e esperou. Houve um silêncio, seguido da voz de uma mulher, tão alta e fina que Carmen ficou imaginando se pertencia à mulher corpulenta que acabara de sair do carro da polícia.

— O quê? — perguntou a mulher. — O que é?

Carmen olhou para o corredor e viu, em um fino túnel de luz, um gato caminhando em sua direção, os olhos dourados brilhando, as patas brancas se movendo, o rabo esticado para cima contra a parede manchada. Nas mandíbulas do gato, havia um rato pendurado, a ponta do rabo cinzento contraindo-se.

— Sra. Martinez?

Silêncio.

— É a polícia, Sra. Martinez. Pode abrir a porta, por favor? Precisamos fazer mais algumas perguntas.

— Volte amanhã.

— Só vai levar um minuto.

— Eu e minha filha estamos cansadas.

Filha...? — Por favor.

Martinez começou a abrir as trancas.

Carmen olhou por sobre o ombro para Spocatti, mas não conseguia vê-lo por entre as sombras. Ela virou-se de costas quando a porta abriu-se, com a corrente de metal ainda presa. Maria Martinez olhou para fora, o rosto gordo e os olhos injetados estampados de fadiga.

Na sala atrás dela, Carmen viu uma garota bonita sentada na mesa da cozinha iluminada. A visão fez com que ela parasse. Ela não sabia que Martinez tinha uma filha. A criança tinha cabelos e pele escuros, nariz fino e constituição delicada, e estava sentada em uma cadeira de encosto reto, os olhos fechados, o rosto sobre a mesa, adormecida. Se Carmen tivesse uma filha, talvez fosse parecida com essa criança...

— Quem é você? — perguntou Martinez. — Você não estava aqui agora há pouco.

Carmen mostrou a Martinez o distintivo que Spocatti lhe dera ao sair da van. — Sou a Detetive Martoli — disse ela. — O delegado Grindle pediu que eu falasse com você. — Ela olhou diretamente para o rosto da mulher e esperou algum sinal de reconhecimento. Não houve nenhum e Carmen perguntou-se se essa mulher já a vira antes. — Posso entrar? — perguntou ela. — Só levará um minuto.

— Seus minutos levam horas. Preciso dormir.

— São só algumas perguntas.

— Já contei a vocês o que eu sei.

— O delegado tem uma nova pista e quer que eu a discuta com você. Prometo que não vai demorar. Três perguntas e vou embora.

Martinez olhou para além de onde Carmen estava, para o lugar exato onde Spocatti estava nas sombras. Ela hesitou, fez menção de falar, mas balançou a cabeça e removeu a corrente de metal, abrindo a porta. Carmen observou o rosto dela, tentando ler sua expressão. Ela vira Spocatti? Se tivesse visto, não teria batido a porta? — Muito bem — disse Martinez. — Mas só um minuto. Tenho que trabalhar amanhã.

Carmen entrou e olhou rapidamente para a criança, que tinha levantado a cabeça, ainda cambaleando, e deitara novamente. Ela parecia não notar a presença de Carmen, como se já estivesse perdida no vago mundo dos sonhos.

* * *

Martinez fechou a porta e caminhou até a filha, movendo-se facilmente, de forma fluida, muito à vontade. — Antes de conversarmos, minha filha vai dormir. — Ela pegou a menina nos braços. — Essa noite foi pior para ela do que para mim.

Carmen assentiu contente. Ela não queria a criança por perto. As coisas seriam mais fáceis sem ela. — Tudo bem — disse ela. — Não se apresse.

Martinez murmurou algo e saiu da sala.

Carmen estava prestes a segui-la, mas mudou de ideia. Martinez não iria longe. Ela botou a mão no bolso da camisa e pegou a seringa cheia de heroína. Era o suficiente para matar Martinez. Mas a criança? De jeito nenhum.

E Carmen estava feliz por isso. Ela nunca o admitiria para Spocatti, mas gostava de crianças. Ela queria ter um filho, um dia. Não havia motivo para que a garota morresse. Carmen tinha certeza de que ela não a vira. A não ser que ela tivesse perdido alguma coisa, a garota parecera estar adormecida o tempo todo.

Será que Spocatti assumiria esse risco? Se ele estivesse aqui, estaria disposto a arriscar ter sido visto pela filha de Martinez nos poucos momentos em que ficaram no mesmo aposento? Provavelmente não. Ele também a mataria.

Mas como a polícia veria isso? Se era para a morte de Martinez parecer uma overdose, ela não teria dado a droga à filha. Portanto, a garota podia viver.

Ela segurou a seringa contra a perna e caminhou até o centro da pequena cozinha, olhou em torno, analisou os detalhes que compunham a vida de Maria Martinez. Fotos dela e da filha decoravam a porta da geladeira; uma miríade de louças sujas estava sobre a pia manchada; um crucifixo grande de plástico estava pregado, ligeiramente torto, na parece sobre a mesa da cozinha; e, no balcão laranja, havia livros empilhados, alguns lidos com tanta frequência que as capas estavam rasgadas ou ausentes.

Carmen escolheu um dos livros e o virou nas mãos. O irmão dela fora um leitor voraz, algumas vezes terminando vários romances em uma semana. Mas, há alguns anos, quando a AIDS destruíra sua visão, era Carmen quem lia para ele, era Carmen quem sentava ao lado da cama dele, era a voz de Carmen que subia e descia junto com o respirador que substituía os pulmões dele. Ela o enterrara havia doze anos, mas ainda sentia muita a sua falta.

Ela largou o livro e caminhou até a geladeira. Em uma das fotos, Martinez ria, o rosto sorridente tão amplo quanto o céu. Ela sabia de alguma coisa que podia arruinar Wolfhagen? Havia alguma coisa que ela não dissera à polícia? Há apenas alguns momentos, ela parecia relutante em deixar Carmen entrar.

Ela vira Spocatti esperando no corredor?

Carmen olhou para o relógio e virou-se para a porta por onde Martinez levara a filha. Dez minutos para colocar uma criança na cama?

Ela colocou a seringa de volta no bolso e saiu da cozinha. A sala de estar era minúscula e escura. O carpete marrom gasto parecia áspero sob seus pés. Havia uma porta à sua frente, outra à direita. Ambas estavam fechadas. O ar era ligeiramente mais fresco aqui, como se uma brisa viesse de algum lugar. Ela não ouviu nenhum som nos aposentos adjacentes, nenhum som de uma mãe confortando a filha, nenhuma voz macia e sussurrante. Somente a brisa.

E Carmen soube.

Martinez soubera quem ela era o tempo todo.

Ela levantou a perna e pegou a arma presa na canela, abriu a porta à direita e viu o banheiro vazio antes de correr para a próxima porta, que estava trancada. Trancada!

Ela bateu o punho contra a porta em frustração, deu um passo atrás e chutou a porta uma vez, duas vezes. Mas a porta não cedeu, não abriu, ela não era forte o suficiente e isso a enfureceu.

Atrás dela, a porta da frente se abriu e Spocatti entrou. Ele gritou o nome dela, entrou na sala de estar correndo com a arma na mão, olhou para ela friamente, puxou a perna para trás e bateu-a com força contra a maçaneta de metal.

A porta abriu-se facilmente, com as lascas de madeira espalhando-se como confete.

Carmen procurou o interruptor e acendeu a luz. O quarto estava vazio, sem vida. Ao lado da cama arrumada, havia uma janela aberta, as cortinas amarelas flutuando, expondo uma escada de incêndio brilhando sob o luar.

Martinez pegara a filha e fugira.

CAPÍTULO 9

DIA DOIS

O telefone tocava sem parar, rasgando o ar no apartamento com a determinação de um alarme que não se cala. Marty virou a cabeça e olhou para o relógio sobre o criado-mudo. Era 6h32 de uma manhã de sábado na cidade de Nova Iorque. Quem diabos estava telefonando uma hora dessas?

Finalmente, a secretária eletrônica atendeu e a voz de Marty instruiu a pessoa a deixar uma mensagem depois do sinal. A voz de uma mulher, alta e clara, apesar do alto-falante minúsculo e deficiente, soou:

— Marty, é a Maggie. Você está aí? É importante.

Ele pegou o telefone. — O que é importante?

— Você viu o Times?

— Normalmente não vejo nada tão cedo.

— Gerald Hayes está morto.

Marty sentou-se na cama. — Quem é Gerald Hayes?

— Ex-associado e ex-amigo de Wolfhagen. Ele ajudou Wolfhagen a fazer sua fortuna antes de se virar contra ele no banco das testemunhas.

— Como ele morreu?

— Caiu da janela do escritório. A polícia acha que foi suicídio.

— Ele deixou algum bilhete?

— Parece que sim. Mas não foi só Hayes. Na noite passada, a juíza Kendra Wood foi encontrada morta na casa dela, na 75 com a Quinta.

Marty fechou os olhos. Ele conhecia Wood, encontrara-se com ela em festas privadas e encontros políticos nos últimos anos. Ela sentenciara Wolfhagen e duas outras pessoas à prisão por fraudes financeiras. — O que aconteceu? — perguntou ele.

— Ela foi decapitada. Alguém invadiu a casa e colocou um machado no pescoço dela.

Ele levantou e começou a caminhar no chão frio. — A que horas ela foi encontrada?

— Logo depois de uma da manhã.

— E Hayes?

— Logo depois das dez da noite.

Por um momento, eles ficaram quietos.

— Então, o que acha? — perguntou Marty.

— Qualquer um poderia ter matado Wood. A mulher tinha a reputação de ser durona, especialmente em se tratando de minorias. Quem invadiu a casa dela poderia ter ficado na prisão por anos esperando a liberdade. Mas a morte de Hayes não bate. Ontem à tarde, telefonei para ele pedindo uma entrevista para o livro. Ele estava de bom humor. Agora isso. Por que ele se mataria? Ele estava começando de novo. As pessoas o estavam procurando novamente. Não faz sentido.

— O que faz?

— Há sete meses, Edward e Bebe Cole morreram no apartamento deles, alguém atirou neles. No mês passado, Mark foi pisoteado por touros em Pamplona. E agora, na mesma noite, Gerald Hayes e Kendra Wood são encontrados mortos. Todos os que morreram, exceto Wood, eram próximos a Wolfhagen. E, ainda assim, eles o traíram. Wolfhagen deve estar furioso.

— Você acha que ele está por trás disso.

— Eu não sei — disse Maggie. — Ele é um filho da puta esperto, não consigo enxergar porque é óbvio demais. Ele seria mais sutil. Ele saberia que, mais cedo ou mais tarde, as pessoas suspeitariam.

— Talvez seja isso que ele queira que as pessoas pensem.

— Por quê?

—Algumas vezes, quando alguma coisa parece óbvia demais, ela pode trabalhar a seu favor. Wolfhagen saiu da prisão há apenas dois anos. O bom senso diz que ele não ia querer atenção desse jeito, mas ainda assim a está recebendo. É algo que ele poderia argumentar se fosse questionado.

— Eu ficaria convencido.

— Quais são as outras opções que temos?

— Continuo pensando em Ira Lasker e Peter Schwartz. Eles eram parceiros de Wolfhagen cerca de um ano antes de tudo desmoronar.

Marty conhecia os nomes, lera sobre eles. Ira Lasker era o jovem banqueiro que Wolfhagen contratara como testa de ferro na Linder, Gleacher e Loeb. Inteligente, mas ganancioso, Lasker se deixara convencer por Wolfhagen a ponto de concordar em vasculhar os arquivos dos parceiros em busca de dicas sobre possíveis fusões.

Peter Schwartz, um banqueiro veterano, com pouco mais de quarenta anos, fizera o mesmo para Wolfhagen na Stein, Goldsmith. Esperando reduzir sua pena, Wolfhagen rapidamente entregara os dois para a SEC antes que eles pudessem fechar acordos de imunidade. Cada um deles cumprira sua pena, como

Wolfhagen.

— Onde Lasker mora agora? — perguntou Marty.

— Em uma cobertura na Quinta.

Ah, olha só o ex-presidiário, pensou Marty. — O que sabe sobre ele?

— Não muito — disse Maggie. — Nunca encontrei com ele. A última notícia que ouvi foi de que ele estava trabalhando de casa como consultor financeiro.

— E o Schwartz?

— Ele mora da 77 com a Quinta. Mark e eu jantamos com ele uma vez. A casa dele é impressionante, parece uma filial do Museu Metropolitano. Dizem que ele está escrevendo a autobiografia.

— Eles foram chamados para testemunhar contra Wolfhagen?

— Sim, e testemunharam.

— E suponho que, como ele os entregou, Wolfhagen também testemunhou contra eles?

— Isso mesmo. E Wood trabalhou em cada um dos casos, e sentenciou todos eles à prisão. Está com o jornal aí?

— Posso pegá-lo.

— Não precisa. Você pode ler a matéria quando terminarmos. Uma servente do Harlem disse que viu Hayes cair da janela do escritório e bater contra a calçada. Talvez ela saiba de alguma coisa que a polícia não contou à imprensa. Você tem como descobrir?

Era o sábado que ele passaria com as filhas. Intencionalmente, ele escolhera um voo noturno para poder almoçar com elas antes de ir para a Califórnia e vigiar Wolfhagen. — Não tenho certeza — disse ele. — Você vai ficar em casa?

— Até o meio-dia. Depois disso, tenho uma série de entrevistas. Será que consegue me dar um retorno antes disso?

Ele ia encontrar Katie e Beth ao meio-dia. Gloria acabaria com ele se cancelasse. — Posso tentar.

— Ok, eu agradeço.

— Farei o possível. — Ele desligou o telefone, foi até a porta da frente e pegou o jornal. Gerald Hayes e a Juíza Kendra Wood estavam na primeira página do Times. Não era a primeira vez, e não seria a última.

Ele concentrou-se na matéria sobre Hayes. Apesar de ser um provável suicídio, assassinato não fora descartado. Marty terminou de ler a história e ficou pensativo, analisando os fatos. Gerald Hayes estava tendo sucesso nos mercados estrangeiros. Os investidores o estavam procurando novamente em busca de conselhos. Ele devia estar cheio de um renovado senso de poder.

Então, por que pular de uma janela do vigésimo andar e acabar com tudo?

Ele leu a matéria sobre Wood. Como suspeitara, a história tinha poucos detalhes úteis. Quando a história fora publicada, ainda não existiam novidades.

Sem problemas.

Marty pegou o telefone e discou para a única pessoa em Manhattan que saberia tanto sobre esse caso quanto a polícia: Jennifer Barnes, do Canal Um.

Ela atendeu no terceiro toque, a voz sonolenta lembrando-o de coisas que era melhor que ficassem esquecidas. — Jennifer, é o Marty. Acho que deveríamos tomar café da manhã juntos.

Houve um silêncio. Ele ouviu a cama rangendo quando ela mudou de posição. — Quem?

— É o Marty.

— Marty?

— Isso mesmo.

— E você quer tomar café da manhã?

— Foi o que eu disse.

— Você só pode estar brincando...

— Não estou brincando.

— Muito bem — disse ela, sonolenta. — Tenho comida aqui, você sabe onde pegar o café.

— Perfeito.

— E do que se trata? Achei que você precisasse de mais tempo.

— Não é sobre nós, Jennifer.

— É claro que não.

— Vejo você em uma hora.

CAPÍTULO 10

Jennifer Barnes morava na rua 67, quatro quarteirões ao sul.

Marty foi até o Sal's, na rua 66, comprou dois copos de café grandes e saiu, lembrando-se de todas as manhãs em que fora ali depois de passar a noite com ela. Fora um caso breve, que durara seis meses e não terminara bem. Mas, de muitas formas, o tempo que passaram juntos fora uma distração necessária de um casamento que fora um desastre.

O porteiro o reconheceu imediatamente.

Marty acenou com a cabeça, cruzou o corredor, entrou na penumbra confortável de um elevador com painéis de mogno e apertou um botão. O Canal Um pagava à sua principal repórter um salário tão alto que a permitia morar no oitavo andar, alto o suficiente para oferecer uma vista do Central Park.

Jennifer o recebeu na porta com uma arma.

Ela a apontou diretamente para o coração dele, deu um passo à frente e o empurrou para dentro. — Eu devia enfiar uma bala em você — disse ela.

Marty passou por ela e colocou o café em uma mesinha lateral. Ele pegou a arma da mão dela, verificou o tambor, viu que estava carregada e a fechou. — Lindo — disse ele. — E se ela tivesse disparado?

— Você provavelmente teria morrido.

— E se isso tivesse acontecido?

— Um imbecil a menos caminharia pelas ruas de Nova Iorque.

— Só um?

— Encontrarei os outros. Eles sempre batem à minha porta.

Ela pegou um dos copos de café e encaminhou-se para a sala de estar, os cabelos loiros balançando. — Não sei por que está aqui — disse ela. — Mas espero que tenha um bom motivo. Ainda não acredito que concordei em receber você, especialmente depois de ler seu blogue e assistir ao filme que recomendou nele. A segunda maior perda de tempo da minha vida.

— Você lê meu blogue?

— Aparentemente, todo mundo lê. As pessoas falam sobre ele no trabalho. É a fonte delas para encontrar um bom filme. Não sou tão fã assim.

— Qual foi o filme que você assistiu?

— "A Fita Branca". Pode me dizer o que tinha fumado quando escreveu

aquela crítica? Foi o filme mais deprimente que assisti em anos. E tinha legendas. Detesto legendas.

Era um filme fantástico, mas ele não discutiria com ela. Com as sobrancelhas erguidas, Marty pegou o copo de café e a seguiu até a sala de estar. Ela estava parada em frente à janela enorme, de costas para ele, o café sobre a mesa lateral, as mãos nos quadris.

Ele adorava esse apartamento. Como em sua casa, livros, revistas e jornais estavam empilhados por toda parte, no chão, encostados nas mesinhas, amontoados em cada ponta do sofá. Não havia nada de pretensioso nele, nada que sugerisse a assinatura de um decorador de interiores. Marty sempre se sentira livre ali, bem acima das ruas congestionadas de Manhattan.

— Por que veio aqui?

Eles tinham se conhecido nove semanas depois de sua separação de Gloria. Ele estava se livrando das teias de aranha de uma depressão profunda quando Paul, um amigo da faculdade, telefonou para convidá-lo para jantar. "Há uma pessoa que eu e Laurie queremos que conheça". O jantar fora íntimo e informal, um grupo eclético de oito pessoas em busca de diversão. Jennifer Barnes sentara-se à sua direita. Seu humor ligeiro e seu sorriso fácil foram como um tônico. Logo, eles estavam envolvidos em uma conversa. Pela primeira vez em anos, Marty descobrira-se flertando.

— Não fique parado aí, Marty. Diga-me por que está aqui.

Por algum tempo, fora bom. Eles encontraram-se regularmente por três semanas antes que Jennifer o convidasse a passar a noite com ela. — Olhe — disse ela. — Tenho trinta e cinco anos, faço o que quero, escolho quem eu quero. Vamos dar esse passo à frente?

Dormir com ela foi como livrar-se dos fantasmas do passado. Diferentemente de Gloria, que raramente gostava de fazer sexo, Jennifer era *sexy* e divertida, desprendida e selvagem, com uma agressão bem-vinda depois do desinteresse de Gloria. Marty nunca conhecera alguém como ela: profissional, saudável, alegre e bem-sucedida, considerando sua posição no Canal Um. E, até hoje, ele se arrependia de tê-la magoado. Ela queria um relacionamento e, naturalmente, ele não. Fim da história.

Será?

— Preciso de sua ajuda — disse ele, depois de um momento. — Um favor.

Ela deu as costas para a janela, as sobrancelhas arqueadas.

— Gerald Hayes e Kendra Wood. Você está cobrindo a história deles?

Ela pegou o copo de café, tirou a tampa de plástico, tomou um gole e olhou para ele, do outro lado da sala. — Então veio aqui a negócios mesmo?

Ele assentiu.

— Não veio aqui por outro motivo?

— Não.

O desapontamento no rosto dela era inquestionável. — Então, você já deveria saber a resposta à sua pergunta. É claro, estou cobrindo o que aconteceu com eles. Não viu minha reportagem ontem à noite?

— Não.

— É claro que não. Provavelmente estava analisando outro filme.

Ela afastou-se da janela e sentou-se no meio do sofá. — Você precisa de um favor? — perguntou ela. — Eu não faço favores. É meu negócio, um favor é uma mercadoria que pode ser trocada no mercado aberto. Mas estou disposta a negociar.

Sempre astuta. Mas ele sabia que isso não seria fácil. — O que quer?

Ela esticou as pernas e recostou-se no sofá. — Obviamente, você está investigando a morte deles para alguém — disse ela. — E, apesar de eu não me importar com quem é essa pessoa, espero que esteja disposto a compartilhar o que possa descobrir durante suas viagens. Você é bom no que faz, Marty. Ambos sabemos disso. Mas também sabemos que Hayes não se matou. Pelo menos, eu sei disso. Especialmente depois do que aconteceu na noite passada. Quanto a Wood, não acha interessante o fato de que a pessoa que cortou a cabeça dela foi embora com ela? Por que alguém faria isso? O que estão planejando fazer com a cabeça cortada de Kendra Wood?

Ela fez uma pausa, com o copo encostado no lábio inferior, ao observar as sobrancelhas de Marty franzindo-se. — Mas vejo que você não sabe disso. Talvez possamos ajudar um ao outro.

Ele seria um tolo se recusasse. De várias formas, os dois tinham muitos contatos, mas em círculos diferentes. — Muito bem — disse ele. — É justo.

Ela sorriu, os olhos brilhando. — Tão sensato — disse ela. — E tão incomum. Estou impressionada. Você é um novo Marty ou ainda é o mesmo Marty que não consegue assumir um compromisso e que vai embora quando as coisas começam a fazer sentido?

— Jennifer...

Ela levantou a mão. — Qual é o favor?

— Wood e Hayes — disse ele. — O que não foi publicado sobre eles no Times?

— Muita coisa.

— Como por exemplo...?

— Como por exemplo o que estava escrito com sangue sobre a cama de Wood. Mas Hines me pediu que não incluísse isso no meu relatório. Você sabe como é, ele me dá informações exclusivas que não comprometerão as

investigações, eu o coloco em frente às câmeras e o transformo em uma celebridade. Blá, blá, blá. Ontem à noite, a única coisa que me deixaram mencionar sobre Wood é que a cabeça dela tinha desaparecido da cena do crime e que o trabalho foi feito profissionalmente, seja lá o que isso signifique. Há regras profissionais para cortar a cabeça de alguém? — Ela deu de ombros. — Apesar do sistema de segurança sofisticado, com uma câmera de vídeo conectada a um DVR e tudo o mais, alguém entrou lá.

Marty sentou-se ao lado dela. O detetive Mike Hines estava obviamente trabalhando no caso de Wood. *Que bom*, pensou Marty. Eles eram amigos. — Alguém conferiu o DVR?

— Isso é tudo o que sei.

— Quem tem acesso ao apartamento além de Wood?

— Até onde eu sei, ninguém.

— Nenhum marido? Ex-marido? Amante? Filhos? Parentes? Amigos?

— Kendra Wood não era próxima de ninguém, Marty. Ela era solitária, protegia muito a privacidade, era consumida pelo trabalho. Vocês dois teriam se adorado. E você devia ter visto a casa dela. Coisas empilhadas por todo o canto, livros amontoados até o teto. Ela nunca foi casada, não tinha filhos, duvido que tenha tido um amante alguma vez na vida. Acho que ela era uma acumuladora.

— Aparentemente, ser acumulador está na moda.

— O que isso significa?

— Nada.

— Está dizendo que eu sou uma acumuladora?

— Não seja ridícula.

— Posso não ser a pessoa mais organizada do mundo, mas não sou acumuladora.

— Eu estava falando do quarto das minhas filhas, que é uma bagunça.

— Que seja. Quanto aos amigos de Wood, onde estão eles agora? Pela aparência da casa, algo me diz que Wood nunca foi próxima de ninguém. Mas esta é a parte mais interessante, talvez a mais esclarecedora: a família dela a detesta. Eles moram no norte do Maine, não têm nada, literalmente nada, e não querem se envolver com Wood nem com as providências para o funeral dela. Parece que Kendra os descartou há anos. Eles não a viam desde 1982 e, com certeza, não se importam de não vê-la de novo.

Marty pensou sobre isso por um momento, sobre a dinâmica do ódio dentro de uma família, e tomou um gole do café. — O que estava escrito sobre a cama?

— Não posso contar a ninguém.

— Mas vai me dizer.

— E perder um contato por causa disso? Nem pensar.

Mais tarde, ele telefonaria para Hines e perguntaria. — Mais alguma coisa sobre Wood?

— Isso é tudo.

— E sobre Hayes? Por que está convencida de que ele foi assassinado? O Times sugeriu suicídio.

— O Times também foi impresso cerca de uma hora antes de Maria Martinez e a filha dela serem encontradas mortas em um terreno baldio na rua 141. — Ela ergueu o rosto. — Você sabe quem é Maria Martinez, não sabe?

Marty imaginava. — Foi a mulher que viu Hayes cair na calçada?

— Isso mesmo.

— Jesus.

— Gerald Hayes não se matou, Marty. O negócio dele estava indo bem. Ele estava voltando, mesmo que fosse por meio dos mercados internacionais. A única coisa que o faria pular seria uma ameaça de falência. Alguém o matou.

Mais cedo, Marty chegara à mesma conclusão. Ele sentou-se no sofá.

— A morte de Martinez é óbvia — disse Jennifer. — Quem jogou Hayes pela janela provavelmente sabia que Martinez era uma possível testemunha. De alguma forma, descobriram onde morava e mataram as duas, ela e a filha. Não sei por que jogaram os corpos em um terreno baldio a quatro quarteirões de distância. Mas uma coisa é certa: quem matou Maria Martinez tem uma testemunha a menos com que se preocupar na morte de Gerald Hayes.

Eles ficaram em silêncio.

Jennifer terminou de beber o café, amassou o copo e o jogou no cesto de lixo cheio ao lado da escrivaninha. Ela bateu no topo da pilha de papel, sorriu, apesar da avalanche de anotações antigas e ideias de histórias ultrapassadas que caíram no chão, e levantou-se do sofá.

Mas Marty permaneceu sentado. — Espere um minuto — disse ele. — Tenho outra pergunta. Edward e Bebe Cole. Você fez a cobertura da morte deles?

— Claro que fiz, mas isso foi há meses.

— Eles foram assassinados por causa de uma pintura, não foi? Uma de Van Gogh.

— Entre outras coisas, mas, sim, o Van Gogh foi o item noticiado na imprensa. Cole pagou quarenta milhões de dólares naquela pintura. Ele e a mulher foram destaque por causa disso. Só Deus sabe onde Boob Manly pretendia vendê-la.

E então Marty lembrou-se.

Robert "Boob" Manly era o escroque que fora julgado e condenado por assassinato em segundo grau nas mortes dos Cole. Depois de inicialmente alegar inocência, ele foi aconselhado por seu advogado a se declarar culpado para

reduzir a pena quando o Van Gogh e a arma do crime foram encontrados em um depósito alugado no nome dele.

Manly manteve a alegação de inocência, dizendo que fora uma armação. Mas quando descobriu que suas impressões digitais estavam na arma e na pintura, e que havia uma testemunha que poderia colocá-lo na cena do crime, ele seguiu o conselho do advogado e, relutantemente, declarou-se culpado, evitando um julgamento caro e um júri que poderia tê-lo mandado para a prisão para sempre. Em vez disso, Manly estava cumprindo a pena de vinte e cinco anos na prisão de Riker, com condicional em oito a doze anos.

Marty estava intrigado. Maggie Cain devia saber que Manly confessara a morte dos Cole, então por que não o mencionada nessa manhã? Por que ela deliberadamente o ignorara para sugerir que Wolfhagen, Ira Lasker ou Peter Schwartz era o assassino? Ela acreditava nas alegações de inocência de Manly? Ela tinha motivo para isso?

Jennifer lançou-lhe um olhar rápido e astuto e disse: — Já entendi. Você está pensando que as mortes estão relacionadas. Na verdade, seria bem razoável. Mas eu cobri o julgamento de Manly, Marty. Eu vi o desgraçado. Manly tinha uma propensão a roubar arte. Ele tinha uma ficha criminal que impressionaria até mesmo você. Ele confessou. Ele era culpado. — Ela fez uma pausa para estudar o rosto dele. — Também pode esquecer Mark Andrews — acrescentou. — Ele foi pisoteado por touros. Milhares de pessoas assistiram. É improvável que tenha sido assassinato.

— A não ser que ele tenha sido empurrado.

Jennifer sustentou o olhar dele. — Ele morreu no mês passado, não foi?

— Isso mesmo — respondeu Marty. — E agora Wood e Hayes estão mortos. Vê o padrão? Houve um momento em que a vida de todos eles colidiram no tribunal de Wood. Agora estão morrendo. Coincidência?

— Mas essas pessoas estão afastadas do olhar público há anos — disse Jennifer. — Se alguém queria acabar com elas, o teria feito há anos. Por que esperar tanto tempo?

— Às vezes, é melhor esperar.

Ela balançou a cabeça. — Não sei. Não parece certo. Em qualquer semana, e não vamos falar de um período de sete meses, eu poderia encontrar alguma coisa que vincularia cinco homicídios inexplicados da cidade, mas isso não quer dizer que uma pessoa cometeu todos os assassinatos. E o Manly? Se você fosse inocente em um caso de assassinato, iria se declarar culpado? Eu não. Eu lutaria até a morte, não importa o que meu advogado dissesse.

Ela ergueu as mãos. — Mas não sei de nada. Se tem alguma coisa que aprendi é que, nesta cidade, qualquer coisa é possível. Mesmo um

pressentimento. Investigue. Talvez alguma outra coisa conecte as mortes. Algo difícil de ser explicado.

Ela o acompanhou até a porta e perguntou:

— Se eu dissesse que senti saudades de você, o que diria?

Inicialmente, Marty não estava certo de que ouvira direito. Ela estava parada na frente dele, as costas contra a porta fechada, o rosto parcialmente escondido nas sombras. Marty podia ver o vislumbre de um sorriso nos lábios dela. Ele disse a verdade: — Eu diria que também senti saudades de você.

— De coração?

— De coração.

— Então você é mais esperto do que pensei.

Ela abriu a porta e estava prestes a deixá-lo passar quando disse: — Vou lhe dar mais uma chance.

Uma parte dele congelou-se.

— Pelo amor de Deus, relaxe. Não tem nada a ver conosco e tudo a ver com um bom filme. É sábado à noite e não tenho nada para fazer. Eu sei, tenho uma vida agitada. Quero assistir a alguma coisa, mas obviamente precisa ser alguma coisa pela internet. O que recomenda?

— O que está com vontade de assistir?

— Agora? Algo sobre um casal condenado.

— Posso indicar um, mas tem legendas.

— Eu disse antes que detesto legendas.

— É porque você só faz reportagens gravadas, não escritas. É claro que você detesta legendas. Envolve leitura.

— Vou fazer de conta que você não disse isso.

— Ótimo. Além disso, o filme compensa. "Deixa ela entrar".

Ela fez uma careta. — Ouvi dizer que é terrível.

— Terrivelmente brilhante.

— Não tem uma versão em inglês?

— Sim, e é boa, mas assista a essa primeiro.

— Está bem — disse ela. — Então será "Deixa ela entrar". — Ela deu um passo para o lado para ele passar. — Vai me telefonar quando tiver alguma coisa?

— Vou.

Ela começou a fechar a porta. — E mesmo se não tiver?

Mais uma vez, ela o pegou desprevenido. Marty estava prestes a falar, mas foi salvo quando ela fechou a porta.

CAPÍTULO 11

Carmen ouviu o rato antes de vê-lo.

Ela estava na casa da Avenida A, encolhida com a bochecha sobre o chão de madeira, e conseguia ouvi-lo. Farejando, vasculhando, abusando da sorte.

Ela abriu os olhos e o viu de lado.

A uns três metros, maior do que ela esperava, ele estava comendo os restos do sanduíche que ela comprara na noite anterior em uma lanchonete no Village. Os bigodes cinzentos tremulando, a mandíbula mastigando, ele estava comendo o café da manhã dela. Sem fazer barulho, Carmen levantou a arma aninhada contra o peito, verificou o silenciador e mirou.

— Ei — disse ela. — Rato.

Os olhos deles se encontraram e, subitamente, o rato virou uma mancha cinzenta e vermelha na parede de tijolos.

Ela sentou-se e olhou em torno da sala vazia, com um piso que tinha um ângulo acentuado o suficiente para causar preocupação até mesmo nos nova-iorquinos mais despojados. A pele dela estava úmida e pegajosa. Os cabelos pretos grudavam-se no pescoço formando teias. Em algum momento, ela tirara toda a roupa, exceto as roupas íntimas, mas isso não ajudara. Apesar dos esforços de desligá-lo, o antigo aquecedor de ferro instalado abaixo da janela aberta continuava a expelir nuvens de vapor.

Será que Spocatti voltara?

Ela levantou-se, vestiu uma bermuda e uma camiseta e foi até o único outro aposento do apartamento, que era pequeno e estava escuro. Nele havia um fogão a gás e uma geladeira, uma pia de metal suja com canos expostos e uma mesa de metal quadrada, sobre a qual estava o computador de Spocatti, uma impressora, um *modem* e um buquê de tulipas vermelhas arrumado em um jarro plástico de água que não estivera lá quando ela fora dormir.

Ela olhou para cima e viu Spocatti pendurado no teto.

Ele parafusara duas barras de metal em formato de U em uma das vigas expostas, e estava se exercitando. Exceto pelo calção de náilon preto que modelava suas nádegas, ele estava nu, com as costas viradas para Carmen. Lascas de madeira caíam sobre ele, acumulando-se nos cabelos e na curva arredondada dos ombros. Os músculos retesavam-se cada vez que ele subia ao

exercitar-se rapidamente e com absoluta facilidade.

Carmen não sabia o que dizer a ele e nem como estavam as coisas entre eles. Na noite anterior, estivera tão furioso com ela que a enviara para lá e saíra para cuidar de Martinez ele mesmo. No tempo que se passara, ela não sabia o que acontecera, nem se ele encontrara Martinez. Ela o esperara acordada até o amanhecer, antes de desistir e dormir.

Ela foi até a geladeira, afastou o saco de vitaminas dele e pegou a caixa de suco de laranja. Retirou a tampa e bebeu enquanto o observava subir, descer, subir, descer. Ela não ficaria surpresa se ele lhe pedisse que se retirasse.

Ele desceu do teto, alongou-se, retirou as lascas de madeira do cabelo, estirou as costas e estalou a espinha dorsal. Spocatti virou-se, acenou com a cabeça para ela, foi até onde Carmen estava e pegou a caixa de suco da mão dela. Enquanto bebia, olhou para ela por sobre a caixa suada. Ela estava quase convencida de que podia sentir o calor do corpo dele pulsando.

— A que horas você chegou? — perguntou ela.

Ele esvaziou a caixa de suco, amassou-a, ergueu as sobrancelhas e não disse nada.

— Encontrou Martinez?

— Fiz mais do que encontrá-la, Carmen. Eu a matei e matei a filha dela. — Ele jogou a caixa no lixo e acenou para o jornal sobre o computador. — Dê uma olhada na primeira página do Times — disse ele. — Há uma matéria que talvez lhe interesse.

Ela foi até a mesa, olhou para o jornal, viu a fotografia de Wood no canto inferior esquerdo e passou os olhos pela história ao lado dela. Wood estava morta. Os detalhes eram superficiais. Carmen sentiu as entranhas se contorcerem. Spocatti fizera o trabalho sem ela. — Você matou Wood? Fez isso sem mim?

— Não tive nada a ver com a morte dela. Achei que você a tivesse matado.

Wood estava na lista deles. — Não fui eu.

— Então quem foi?

— Não faço ideia.

— Ora, isso é intrigante, não é? — Ele abaixou-se até o chão e começou a fazer flexões.

— Wolfhagen sabe que ela está morta? Você falou com ele?

— Ah, eu falei com ele — disse ele. — Essa manhã e ontem à noite. Não conseguimos falar com ele porque ele não estava na Califórnia. Ele está aqui, em Nova Iorque. No Plaza. — Ele colocou um braço nas costas e continuou. — Ele não estava muito feliz com você, Carmen.

— Tenho certeza disso.

Ele trocou de braço. — Você teve uma noite atípica. Tomou algumas decisões erradas. Todos já passamos por isso.

Ele levantou-se e correu a mão pelo torso musculoso, limpando o suor. — De qualquer forma, as coisas mudaram. Wolfhagen quer ir adiante. Ele quer que terminemos a lista até o fim do dia. A polícia já está começando a fazer conexões. Suspeitam que Martinez disse alguma coisa e, provavelmente, estão certos.

Ele fez uma pausa, tirou uma tulipa do jarro, girou-a na mão e levantou a flor vermelha delicada até o nariz. — Mas agora, ela está morta e isso será suficiente para a polícia. Eles saberão que Hayes foi assassinado e o ligarão ao resto. Antes que outros façam essa conexão, Wolfhagen os quer mortos. Será um dia dos infernos, mas eu concordei.

— Mas já discutimos isso — disse Carmen. — Se andarmos rápido demais, a polícia suspeitará dele. Wolfhagen tem motivos. Saberão que foi ele e acabarão com ele.

Spocatti jogou a tulipa para ela. Carmen a pegou com a mão e olhou para ele.

— Wolfhagen conhece os riscos, mas não é tolo. Ele está disposto a assumi-los porque estará bem à vista quando cada morte acontecer. Quando eles morrerem, ele terá álibis. Ele planeja estar com esta pessoa, com aquela, nesse evento público, naquele restaurante. Não é um plano ruim. Desde que permaneça em público quando matarmos os outros, ele estará bem. E, além disso, depois do meu último trabalho aqui, estou cansado de Nova Iorque. Estive aqui por tempo demais. Quero acabar com isso. É hora de fazer algo novo. Ele quer todos eles mortos até o fim do dia? Muito bem. Para mim, serve. E deveria servir para você também.

— Diga-me como vamos fazer isso, sabendo que precisamos avisar a cada um deles por que estão sendo assassinados e filmar tudo?

— Eu disse isso a ele, que está disposto a ser mais tolerante. Se a situação permitir, ótimo. Mas se precisarmos levar um rifle e atirar na nuca de alguém para que as coisas sejam mais eficientes, é o que faremos.

Ele parou sob as barras em U, pulou e segurou-se nelas com força. Para cima, para baixo, para cima. — Mais uma coisa — disse ele. — Maggie Cain? Wolfhagen quer que ela seja a primeira a morrer, mas não antes de encontrarmos todos os traços do que escreveu sobre ele e queimarmos o manuscrito. — Para cima, para baixo, para cima. Os olhos duros estreitaram-se e fixaram-se nela. — Eu cuidarei de Cain. Nesse meio tempo, preciso que você vasculhe o apartamento dela e encontre aquele manuscrito. — Para cima, para baixo, para cima. — Ah, e mais uma coisa, um pequeno detalhe. Preciso também que você

ache um jeito de acabarmos com todos os outros até meia-noite.

CAPÍTULO 12

Mesmo antes de Marty chegar à sala de autópsia, ele podia sentir o cheiro de formaldeído e decomposição. Ao entrar no prédio, ele passara Vick Vaporub sob o nariz, o que ajudara até certo ponto, mas, ao aproximar-se da sala, não havia nada que pudesse fazer sobre o grito assustador da serra que cortava ossos logo atrás das portas fechadas.

Ele estava no escritório do médico-legista na Primeira Avenida. Estava quente lá fora e, aqui dentro, a circulação do ar refrigerado não era tão agradável como seria de esperar. Ela resfriava a área, claro, mas também espalhava o fedor de morte, o suficiente para que o estômago se contraísse.

Ele empurrou as portas, entrou e olhou para Carlo Skeen, o médico-legista cujas mãos enluvadas estavam enterradas no peito de um velho, puxando alguma coisa que não queria se soltar.

Esse lugar era um solo fértil para bactérias e os gases que elas emitiam ao banquetear-se na carne morta de vários corpos na sala eram mais pungentes do que qualquer coisa que Marty já sentira. Era um cheiro com o qual ele nunca se acostumaria. Só de estar lá, já sentia vontade de vomitar.

E ficou pior.

No canto extremo da sala, um estagiário começou a cantarolar ao inclinar-se sobre a cabeça de uma mulher de meia idade. Ele ligou a serra novamente e parecia absorto enquanto a serra aprofundava-se e, algumas vezes, ficava presa em alguma coisa ao deslizar sobre o crânio esbranquiçado.

Nas outras quatro mesas de necropsia, os que estavam na fila esperando estavam sendo drenados do que um dia os mantivera vivos.

Marty concentrou-se em Skeen, caminhou em direção a ele e bateu de leve no ombro dele justamente quando o homem conseguiu soltar um dos pulmões do velho. Típico de Skeen, ele nunca vacilava. Ele estivera consciente da presença de Marty o tempo todo.

— Você nunca se atrasa? — perguntou Skeen.

Marty olhou para o pulmão nas mãos de Skeen: preto, cheio de alcatrão, literalmente fedia a nicotina. Ele sentiu-se nauseado. — Não.

— Gloria nunca o segurou?

Marty observou enquanto ele virava o pulmão nas mãos. A cada vez que

fazia isso, o cheiro se espalhava. — Sim.

— Então, em algum momento, você deve ter se atrasado.

— Dirijo depressa, caminho depressa. Olhe — disse ele acima do som da serra. — Agradeço por me receber. Podemos conversar?

— Claro. — Carlo colocou o pulmão em uma balança ensanguentada e tirou as luvas de látex pesadas. Marty decidiu que não conseguiria mais olhar para o pulmão. Ele olhou para baixo e, com um sobressalto, encontrou-se olhando para o tronco do homem, que estava aberto com os órgãos expostos. Ele virou-se e concentrou-se nas mãos de Skeen. Grandes, rosadas e macias, as unhas cortadas bem curtas.

— Então, por que veio? — pergunto Carlo.

— Preciso de um favor.

— Diga.

— Maria Martinez e a filha dela. Já estão aqui?

— Chegaram essa manhã.

— Você já trabalhou nelas?

Skeen riu. — Você é engraçado, Marty. De verdade. É uma piada.

— Valeu a tentativa.

— Ainda não, na verdade — disse ele. — Mas posso dar uma preliminar. A mãe levou dois tiros na nuca à queima-roupa. O pescoço da garota foi quebrado. É tudo o que tenho.

— E a juíza Wood e Gerald Hayes?

— Eles são diferentes — disse Skeen. — Chegaram ontem à noite e tiveram prioridade. Não é ótimo ter poder e posição? Estamos trabalhando neles agora.

— E o que descobriram?

— Nada em Hayes — disse Carlo. — Ele ainda está sendo drenado. Mas estamos quase terminando com Wood, faltam só alguns resultados do laboratório. Quer dar uma olhada?

Eles atravessaram a sala até a mesa onde a juíza Kendra Wood jazia sob um lençol branco com as pernas erguidas e apoiadas em estribos. Com um gesto rápido, Skeen retirou o lençol, expondo o que sobrara do corpo sem cabeça de Wood. Marty olhou para o Y cortado no peito dela e perguntou-se se queria mesmo olhar.

— Levará algum tempo para ter certeza, mas parece que ela morreu de uma overdose de metanfetaminas e álcool. A hora da morte foi entre três e quatro da tarde de ontem. A decapitação foi aproximadamente nove horas depois.

Surpreso, Marty olhou para o amigo. — Alguém cortou a cabeça dela depois que estava morta?

— Horas depois.

— Por quê?

Skeen deu de ombros. — Isso quem tem que descobrir é você e a polícia. Só posso dizer como ela morreu e o que aconteceu depois da morte.

Apesar de a história no Times não o mencionar, Marty presumiu de suas conversas com Maggie e Jennifer que Wood fora assassinada. — Ela se matou?

— Talvez. Mas, se o fez, provavelmente não foi intencional. Vê essas marcas no braço? E essas aqui na canela esquerda? Ela estava usando alguma droga pelo último ano e meio. E era bastante frequente. É um milagre que não tenha morrido antes.

— O que ela estava usando?

— Ainda não tenho certeza, mas provavelmente heroína.

Heroína, a melhor cura para alguém com baixa autoestima. Uma só dose podia fazer com que a pessoa se sentisse invulnerável, linda, quase um deus. Mas por que alguém na posição de Wood precisava dela? Ela era bonita, tinha poder, era uma celebridade. Era respeitada, até mesmo temida. Marty pensou nas poucas vezes em que a encontrara e lembrou-se de uma mulher confiante, confortável e séria. Ela estivera drogada? Pior ainda, ela estivera drogada ao distribuir sentenças no tribunal?

— Tem mais — disse Skeen, pegando a caixa de luvas de látex na mesa ao lado. Ele removeu um par, calçou-as e disse, enquanto olhava para Marty: — Dessa vez, tenho que me desculpar por isso.

Ele enfiou as mãos entre as pernas de Wood até a área recém-depilada da carne acima da vagina. Os dedos dele abriram-se e separaram os grandes lábios, expondo o clitóris cinzento entre os pedaços de carne exangues.

— Chegue mais perto — disse ele a Marty.

Marty hesitou, deu um passo à frente e inclinou-se sob a luz brilhante. O cheiro de morte, podridão e formaldeído era mais forte ali, ligeiramente mascarado pelo odor cítrico do perfume de Skeen, o que, de certa forma, era ainda pior. Marty prendeu a respiração e observou Skeen pressionar o clitóris para baixo e para a esquerda, expondo uma tatuagem verde profunda com a metade do tamanho de uma moeda de dez centavos.

— É algum tipo de animal — disse Skeen. — Aqui, dê uma olhada.

Ele abaixou a lupa iluminada sobre eles e a posicionou para que Marty pudesse ver a tatuagem, que parecia uma bolha com dois pontos sobre ela. Ele estava prestes a recuar quando notou o minúsculo furo no centro da tatuagem. — O que é aquilo?

Skeen afastou a lupa. — O clitóris dela tinha um *piercing* — disse ele. — Mais cedo, tirei uma pequena argola dourada dele. Foi quando notei a tatuagem. — Ele olhou para Marty. — O furo e a tatuagem têm pelo menos dez anos. Os

mamilos dela também foram furados mais ou menos na mesma época, mas ela deixou que os furos fechassem. — Ele fez uma pausa. — E fica pior. O reto dela foi rasgado. Dilacerado. Na noite passada, depois de a juíza Kendra Wood estar morta na cama há mais de nove horas, alguém fez sexo anal com ela.

Era demais. Marty tinha que sair. Skeen percebeu e o seguiu até a porta. — Vamos tomar um café — disse ele. — No meu escritório.

— Tenho uma ideia melhor — disse Marty, saindo para o corredor. — Por que não damos o fora daqui? Preciso de ar.

* * *

Quando saíram do prédio, um grupo de nuvens espessas, escuras e na altura dos prédios de Midtown, tinham se espalhado por Manhattan, engolindo o sol e dando um alívio necessário contra o calor. Carlo olhou para Marty, fez menção de falar, mas hesitou. — Há mais sobre Wood — disse ele. — Quer ouvir?

Marty assentiu.

— O conjunto de provas físicas dela foi frustrante — disse Carlo. — Eu colhi as amostras, mas não encontrei nada, nenhum resíduo de sêmen. Quem fez sexo com ela usou uma camisinha lubrificada.

— Você não usaria uma em um cadáver?

— Que piada horrível.

— E algum pelo?

Carlo balançou a cabeça. — Encontramos uns poucos que eram consistentes com os dela. Meu palpite é que estamos lidando com alguém familiarizado com o sistema, alguém que se depilou antes, sabendo que qualquer pelo poderia levar a um teste positivo de DNA.

— E a tatuagem e o *piercing*? Fez uma pesquisa?

— Os computadores do centro de informações criminais estão fora do ar — disse Carlo. — Logo eles estarão de volta. Mas hoje de manhã o Jimmy entrou em contato com o VICAP, o Programa de Captura de Criminosos Violentos. No máximo até amanhã à tarde teremos uma resposta deles.

Ele olhou para Marty. — Mas eu não ficaria muito esperançoso. *Piercings* estão muito na moda. Não sei dizer quantos jovens, homens e mulheres, passaram por mim nos últimos meses com argolas nos mamilos e hastes de ouro nos órgãos genitais.

— Eu entendo isso nos jovens — disse Marty. — Mas uma juíza adulta? E a tatuagem no clitóris? Isso a distingue do resto.

— Na verdade, não. Você não vê o que eu vejo diariamente. A pessoa mais pobre pode chegar e não ter nenhuma dessas merdas. A pessoa mais rica pode chegar e ter todas elas. Esse tipo de coisa não diferencia entre as classes sociais, Marty. As pessoas vivem vidas secretas, que você provavelmente vê em cada caso que aceita. Até soubermos o que é aquela tatuagem, você está sem sorte. Enviamos fotos ao VICAP esperando que haja algo correspondente nos arquivos deles. Mas se não houver, não sei o que lhe dizer.

— Você estava lá na noite passada, não é?

— Sim, eu estava.

— O que viu?

Começou a chuviscar, a brisa ligeira jogando a chuva nas costas deles, nos carros parados no meio-fio, nas árvores que enfeitavam a calçada. — Eu poderia lhe dizer, mas não vou, porque não vai adiantar nada. Eu estive lá por três horas ontem à noite. Se tiver estômago, você precisa ver com os próprios olhos.

CAPÍTULO 13

À primeira vista, a mansão na rua 75 East era tão elegante quanto as outras: janelas com batentes estreitos cobertas por cortinas pesadas de renda, vidros chumbados na porta de mogno entalhada, uma aldrava brilhante de latão acima da placa que dizia simplesmente "K. Wood".

Mas, ao examinar mais de perto, podia-se notar rachaduras nos tijolos e na fundação, as barras de ferro preto que protegiam as janelas contra intrusos estavam começando a enferrujar e, no telhado, os pássaros faziam ninhos nos parapeitos brancos.

Marty ficou parado em frente à casa, pensando sobre as vidas secretas da juíza Kendra Wood. Ela fora uma juíza respeitada, acumulara poder e riqueza suficientes para morar ao lado do Central Park e arriscara tudo isso por um mundo mais sombrio do que a maioria poderia compreender.

Ele olhou para os pássaros voando acima dele, observou-os pairar e capturar insetos ao lado da casa de Wood e ficou imaginando quando ela deixara que eles tomassem conta do telhado. Quando ela deixara de se importar?

Uma porta fechou-se atrás dele.

Marty virou-se e viu uma mulher saindo da casa em frente. Ela olhou para ele, depois para a casa de Wood e lentamente para ele novamente, os olhos estreitando-se.

Marty acenou com a cabeça. Os lábios da mulher formaram uma linha apertada que deixou Midtown uns quinze graus mais fria quando ela se afastou. Alta e magra, com o cabelo prateado emoldurando um rosto oval que desafiaria a idade até onde a medicina o permitisse, ela movia-se com a graça e a frieza de uma mulher que só conhecera privilégios na vida.

Ela era tudo o que a ex-mulher dele queria ser.

Uma buzina soou ao seu lado. Marty virou-se quando um Dodge Charger preto parou no meio-fio, a música alta, esguichos de água subindo das rodas enquanto o motorista estacionava em uma zona proibida. Mais cedo, a chuva parara. O detetive Mike Hines, com o rosto angular e bronzeado, olhou pela janela aberta do passageiro.

— Minha nossa, Spellman. Você não come?

Ele desligou o carro, abriu a porta e saiu. Mike Hines claramente comia por

dois. Com quase dois metros de altura e quase cento e cinquenta quilos, ele era um dos homens mais altos e mais em forma que Marty conhecia.

— Obrigado por vir — disse ele.

Hines deu de ombros. — Desde que o trato seja o mesmo, o prazer é meu.

Nem sempre fora tão fácil. Há oito anos, quando Marty abordara Hines pela primeira vez em busca de ajuda, o homem insistira em saber quem contratara Marty e por que, sentindo que, de alguma forma, a pessoa poderia estar conectada com a morte da vítima. Mas Marty recusara-se a dizer, alegando sigilo do cliente. Hines só concordara depois que Marty dissera que divulgaria tudo o que descobrisse em um relatório exclusivo para Hines que, no final, fora fundamental para solucionar o caso. Foi o início da amizade deles.

Hines colocou a mão no bolso do casaco, retirou uma chave presa a uma etiqueta forense amarela e destrancou a porta da frente. Ele a abriu e Marty entrou atrás dele.

A entrada era pequena, escura e abria-se para uma sala maior, com um teto que parecia o de uma catedral. Hines entrou, mas Marty permaneceu parado na porta, olhando em torno, com o ar úmido e parado envolvendo-o como um punho.

— A entrada não foi forçada — disse Hines no saguão. Ele acendeu uma lâmpada e a sala tomou forma, expondo paredes com painéis de mogno e uma escadaria curvada que levava ao segundo andar. Uma camada de poeira cobria tudo. O ar cheirava a livros velhos e couro. — O alarme também não estava com defeito.

Marty olhou para o teclado na parede ao seu lado, viu o botão vermelho piscando que indicava que o alarme não estava sendo usado e olhou para o teto cinzento alto, onde uma câmera de vídeo estava virada para ele. O sistema era um dos melhores do mercado. — Você viu o conteúdo do DVR?

Hines assentiu.

— O que havia nele?

— Somente Wood chegando em casa e desativando o alarme, o que desliga a câmera.

— Ela não o ligou de novo?

Ele balançou a cabeça. — Digamos apenas que ela não estava pensando claramente.

— A que horas foi isso?

— Cinco da manhã — disse Hines. — A data e a hora estão impressas na gravação.

Marty fechou a porta com o cotovelo e caminhou até o saguão. — Ela chegou em casa às cinco da manhã?

— Isso mesmo.

— De onde?

— Não faço ideia. Mas seja de onde for, eu diria que ela se divertiu muito. Deveria vê-la no DVR. Ela mal conseguiu desligar o alarme. Pela aparência dela, eu diria que o efeito da droga que ela tomou estava acabando.

— Posso ver o vídeo?

— Claro. Consigo uma cópia para você mais tarde.

— E os vizinhos? — perguntou Marty. — Alguém viu alguma coisa?

— As pessoas nessa vizinhança prefeririam comer em pratos de papelão a falar com a polícia, Marty. Eles nos ignoram completamente com a baboseira padrão de que não viram nada e não sabem de nada.

Infelizmente, Marty sabia que era verdade. Essa área de Manhattan era um refúgio de dinheiro antigo e segredos mais antigos ainda. Se pudessem evitar, poucas pessoas se envolveriam em qualquer tipo de investigação policial. Ainda assim, ele tentaria. As pessoas tendiam a se abrir para ele.

— E o trabalho dela? — perguntou Marty. — Wood chegou a ir até lá?

— Você me escutou? — perguntou Hines. — Ela não estava em condições de trabalhar. Além disso, ela estava de folga. Eu vi o calendário dela. Ela sempre tirava folga na terceira sexta-feira do mês.

Hines deu um passo em direção à escada, ansioso para ver a reação de Marty com o quarto. Mas Marty não se moveu. Ele olhou para Hines através das sombras. — Quem a encontrou? Se o alarme não estava ligado quando ela voltou para casa, alguém deve ter vindo aqui.

Hines começou a subir a escada, com as costas voltadas para Marty enquanto falava. — Nós dois sabemos quem foi. A mesma pessoa que cortou a cabeça de Wood ligou para a emergência para dar a notícia. Chegamos aqui em cinco minutos, mas a cabeça dela já tinha desaparecido. Se quiser ver o resto, sugiro que me siga.

Marty o seguiu. — A pessoa que ligou para a emergência era homem ou mulher?

— A pessoa que telefonou usou um dispositivo para alterar a voz. Estamos investigando.

O quarto de Wood ficava no topo da escada, à direita da balaustrada e atrás de uma porta que fora deixada aberta. Hines entrou. Marty permaneceu na porta.

O corpo humano contém seis litros de sangue, o suficiente para pintar um apartamento pequeno. No decorrer dos anos e depois de inúmeras investigações, Marty entrara nas casas de estranhos e vira exatamente aquilo: sangue cobrindo as paredes, sangue espalhado no chão, sangue manchando os móveis, sangue por todo lado.

Mas o quarto de Wood era diferente, pois ela morrera horas antes de ser decapitada. O sangue, espesso, frio e empoçado nas nádegas, permanecera em sua maioria no corpo dela. Somente uma pequena quantidade vazara do ferimento no pescoço, criando uma mancha preta quase perfeitamente oval no tapete amarelo.

Mas não foi isso que congelou Marty na porta. Foi o que estava manchado com sangue sobre a cama de Wood que o fez parar e meditar sobre a alma humana e toda a escuridão que havia dentro dela.

5 de novembro de 2007

NUNCA
ESQUEÇA!

Marty olhou para a data e as palavras, imaginando como elas se encaixavam no quebra-cabeça da morte de Wood. Ele olhou para Hines e viu no rosto dele uma variedade de emoções que espelhavam as suas: empatia por Wood, desgosto pela pessoa que violara o corpo dela, irritação por suas próprias limitações como detetive.

— Collins aspirou esse lugar duas vezes — disse Hines, referindo-se a Sharon Collins, responsável pelas impressões digitais. — Ela não encontrou nada, zero. Wood devia ser uma maldita reclusa, ao que parece. Exceto por umas poucas parciais, só existiam as impressões dela.

Marty entrou e balançou a cabeça. — Wood não era uma reclusa — disse ele. — Ela pode ter morado aqui sozinha, pode ter recusado companhia, mas as pessoas não fazem festas sozinhas, especialmente se estiverem usando heroína. Quando você usa essa merda, quer ser visto.

Ele olhou em torno do quarto. Wood devia ter passado a maior parte do tempo aqui quando estava em casa. O computador estava aqui, bem como os livros de direito, uma copiadora, uma impressora e uma televisão de tela plana. Havia dois telefones, uma bicicleta ergométrica e uma pequena geladeira no canto do outro lado do quarto.

— Muito bem — disse Hines. — Diga-me seu melhor palpite.

— Wood gostava desse tipo de perversão — disse Marty. — Sabemos disso pela tatuagem e o *piercing*. Mas aonde ela foi à noite? Por que ela tirava folga toda terceira sexta-feira? Para recuperar-se de toda terceira quinta-feira? Essa é fácil.

— Então ela pertencia a um clube.

— É claro — disse Marty. — Mas qual? Esta cidade é cheia de clubes clandestinos com cardápios que oferecem qualquer coisa que você desejar. Alguns são públicos, outros privados. Alguns aceitam até vale-refeição, mas você não deve frequentá-los. Ou talvez deva. O problema é que a maioria deles é nômade, eles raramente encontram-se no mesmo lugar duas vezes. Alugam um espaço, divertem-se e fecham depois de terminar. Já falou com Vice?

— Ainda não.

— Quando o fizer, mencione a tatuagem. Veja se eles conseguem encontrar algo similar nos arquivos deles. Se conseguirem, talvez você encontre seu clube. — Ele acenou com a cabeça para a mensagem rabiscada com sangue acima da cama de Wood. — E talvez a pessoa que não consegue esquecer 5 de novembro de 2007.

O celular de Hines começou a tocar. Ele o tirou do bolso e atendeu.

Enquanto ele falava, Marty olhou para o tapete ensanguentado que tornara-se a impressão final de Wood no mundo, pensou na tatuagem e no *piercing*, e ficou imaginando como uma juíza do tribunal federal, aquele bastião de moralidade e justiça, envolvera-se em algo tão marginal. Quando o equilíbrio de seu juízo pessoal mudara?

Ele olhou em torno do quarto grande, com as cortinas pesadas de veludo e a cama de ferro, as prateleiras cheias de livros de direito que Wood memorizara ou escrevera, a parede amarelada manchada com a mensagem misteriosa, e ficou imaginando que segredos ele guardava. O que esse quarto sabia sobre a juíza Kendra Wood que o mundo estava começando a descobrir?

Hines desligou o telefone e virou-se para Marty. — Agora as coisas estão ficando interessantes — disse ele. — Era o delegado. Lembra-se de Maximilian Wolfhagen? O cara que foi preso há alguns anos por vender informações privilegiadas? O cara que Wood mandou para a prisão? Adivinha de quem é a cabeça que acabou de aparecer no quarto dele no Hotel Plaza?

CAPÍTULO 14

O Charger de Hines era tão arrumado quanto Marty esperaria de um homem que exigia ordem em tudo. Juntos, eles entraram, fecharam as portas e atravessaram a cidade.

— Muito bem — disse Hines. — Quem mandaria a cabeça de Wood para Wolfhagen? Quem sabia que ele estava no Plaza? Grindle disse que ele chegou na noite passada.

— A que horas na noite passada?

— Um pouco depois das sete.

— Por que ele está em Nova Iorque?

— O delegado não disse.

Marty assentiu e olhou pela janela do passageiro. Ele não se sentia à vontade com nada disso. A investigação já se transformara em mais do que Maggie Cain prometera, em mais do que ele planejara. Mas era mais do que Maggie planejara? Ela sentira, desde o início, que Boob Manly não tivera nada a ver com a morte dos Cole? E, se isso fosse verdade, por que ela continuava calada?

Olhe para os fatos, ele disse a si mesmo.

Nessa manhã, ela soara chateada, não surpresa, quando telefonara a ele para falar de Wood e Hayes. Era como se ela estivesse antecipando a morte deles ou, no mínimo, esperando que mais alguém conectado aos outros aparecesse morto. Novamente, ele ficou imaginando por que ela mentira sobre o relacionamento com Wolfhagen. O que acontecera entre eles que ela estava escondendo?

— O que sabe sobre Wolfhagen? — perguntou Hines. — Vocês dois já se encontraram?

— Não.

— Mas achei que você e Gloria conhecessem todo mundo.

— Gloria conhece todo mundo. Ela só me carregou junto.

Hines acendeu um cigarro. — Wolfhagen vem à cidade e duas pessoas do passado dele aparecem mortas. A primeira, um homem cujo testemunho o mandou para a prisão. A segunda, a juíza que o colocou atrás das grades. Você soube de Gerald Hayes?

— Ia perguntar a você sobre isso mais tarde.

— Por quê?

— Porque também estou interessado na morte dele.

— Acha que há uma conexão?

Maggie Cain certamente achava. — Não sei. Por que Wolfhagen cortaria a cabeça de Wood a enviaria para si mesmo, associando-se diretamente com o caso? Ou ele é o próximo ou alguém está tentando incriminá-lo.

Hines atravessou o Parque. — Se tivesse planos de matar Hayes e Wood, enviar a cabeça de Wood a mim mesmo talvez fosse exatamente o que eu faria.

— Por quê?

— Porque, se eu a tivesse matado, precisaria de um álibi. Enviar a mim mesmo a cabeça que os policiais me acusam de ter cortado fora é o álibi perfeito. Aliás, se isso for mesmo verdade, é brilhante. Wolfhagen não foi pego com a cabeça. Em vez disso, ela foi *enviada* a ele. Uma diferença grande. Faz parecer que ele é um alvo.

Marty meditou sobre isso por um minuto e decidiu que fazia sentido.

Eles viraram na Quinta e pararam atrás de uma das várias vans de transmissão remota das emissoras de TV que estavam estacionadas em frente ao Plaza. A entrada estava repleta de repórteres, dentre eles Jennifer Barnes, que juntou-se ao resto da multidão que envolveu o carro, gritando perguntas que Hines não estava preparado para responder.

Ele saiu do carro.

— Pode nos dar uma declaração?

Protegendo-se da multidão, ele avançou. — Sobre o quê? Nem consegui entrar ainda.

— Dizem que ela morreu de overdose.

— Não posso confirmar isso.

— O que pode confirmar?

— Nada. Agora, por favor, deixem-me passar. Eu darei uma declaração quando souber de algo.

Mas as pessoas não se moveram. Como um ninho de vespas esmagado, eles o envolveram.

* * *

Enquanto Hines enfrentava a imprensa, Jennifer saiu do meio da multidão e colocou a mão no cotovelo de Marty. — Então, talvez seu palpite esteja certo. A presença de Wolfhagen indica isso. As mortes estão conectadas.

— Parece que sim.

Ela aproximou-se dele, a voz um sussurro que ele teve que se esforçar para escutar. — Discutiu isso com mais alguém além de mim?

Ele podia sentir o perfume dela. — Só com Hines.

— O que ele acha?

Marty contou a ela a teoria de Hines sobre o álibi.

— É uma guinada — Jennifer disse. — Mas não estou convencida. Wolfhagen teria que ser louco para enviar a si mesmo a cabeça de Wood. Ele não é burro.

— Foi o que eu disse.

— É claro, provavelmente estamos errados, Hines vai fazer um estardalhaço com esse caso, conseguirá uma promoção e pareceremos idiotas.

— Será bom para a autoestima dele — disse Marty, secamente. — Já estou feliz por ele.

— Você foi à casa de Wood?

Marty assentiu.

— Alguma coisa que eu possa ter perdido?

Apesar do acordo que eles tinham feito mais cedo, Marty ficaria quieto até que soubesse mais sobre o caso de Wood. Ele não diria uma palavra sobre a tatuagem ou o *piercing* até que soubesse mais. — Duvido — disse ele. — Você nunca perde nada. — Ele fez uma pausa. — O que acha da data rabiscada sobre a cama dela?

— Dois dos meus assistentes estão investigando. Um está usando o Google, o outro está percorrendo jornais antigos e registros do tribunal. Antes de isso acontecer, achei que talvez Wood tivesse sentenciado alguém em 5 de novembro. Talvez a pessoa tenha saído da prisão e decidido visitá-la. — Ela deu de ombros. — Ou não. Não sei o que pensar.

— Que bom — disse Marty. — Porque não foi isso que aconteceu.

Ela dobrou os braços. — Então o que foi que aconteceu?

Ele decidiu que podia contar um pouco. — Wood não foi assassinada — disse ele. — Ela morreu de overdose. A cabeça foi cortada cerca de nove horas depois da morte. Quem escreveu aquela data e cortou a cabeça dela a conhecia. Sabemos disso.

Jennifer rabiscou no caderno.

Marty baixou a voz. — Nosso trato é o mesmo — disse ele. — Você não usa nada disso até que eu diga que pode. Se informações erradas forem divulgadas, poderão arruinar a investigação e, depois do que vi hoje, não vou deixar que isso aconteça. Concorda?

— Concordo. Mas não posso ficar quieta para sempre. Todos os repórteres

da cidade estão nesse caso. Se eu achar que alguém está prestes a chegar na minha frente, vou divulgar.

— É justo.

— O que mais você sabe?

Ele olhou para Hines, que estava se aproximando da entrada do Plaza. Se Marty quisesse entrar, precisava se juntar a ele rapidamente. — Estou prestes a descobrir. Telefonarei para você hoje à noite se tiver alguma coisa. — Com Wolfhagen em Nova Iorque, ele não precisaria ir para a Califórnia. Poderia vigiá-lo aqui.

— Tenho uma ideia melhor. Por que não vai à minha casa hoje à noite?

Ele ficou surpreso com o convite. — Lamento — disse ele. — Vou estar ocupado. — Se Wolfhagen saísse, Marty planejava segui-lo, como Maggie Cain esperava que o fizesse. — Terá que ser pelo telefone.

— Então me ligue às oito. Você sabe o número. E tente não se atrasar. Com Wolfhagen aqui em Nova Iorque, talvez eu tenha que sair.

CAPÍTULO 15

No quarto andar do Plaza, um jovem policial acenou com a cabeça para Hines e Marty quando eles se aproximaram do quarto 406. Bronzeado e magro, com um sorriso fácil e uma risada ainda mais fácil, ele estava encostado na porta com uma atitude que sugeria que nada disso o abalava, o fato de que ele estava guardando a cabeça de uma juíza federal em um dos hotéis mais exclusivos do mundo. Ele não conhecia Marty e o fitou abertamente.

— Quem é esse? — ele perguntou a Hines.

Hines olhou para ele, com a paciência ainda curta depois da confusão com a imprensa. — E você lá se importa?

— Preciso perguntar.

— É mesmo? — disse Hines. — Bem, olhe só, você perguntou.

Ele abriu a porta e eles olharam para dentro. Carlo Skeen, o legista, estava parado na outra extremidade do quarto, trocando a lente da câmera com mãos enluvadas. Os olhos dele ergueram-se e encontraram os de Marty. Eles acenaram um para o outro.

— Acho melhor taparem o nariz — o garoto disse com um sorriso. — A situação é bem ruim lá dentro. Ela cheira como se estivesse morta há semanas.

Hines o mediu com o olhar. — Lembre-se do cheiro — ele disse ao passarem pelo policial. — Um dia desses, será você.

Apesar do aviso, nada poderia tê-los preparado para o cheiro. O ar fedia a morte. Hines expeliu o ar pelo nariz. Marty respirou fundo e prendeu a respiração. Ele estava prestes a avançar pelo quarto quando um sargento que ele conhecia há anos aproximou-se para anotar os nomes deles, o horário de chegada e o número do distintivo de Hines no registro da cena do crime.

Ele acenou com a cabeça para Marty. — Como vai, Spellman? Tem tempo que não o vejo.

— Sem ofensa, O'Hara, mas eu poderia ter esperado mais tempo. — Ele olhou para o outro lado do quarto, para Skeen, que tirava fotos da caixa azul grande da Tiffany colocada no centro de uma mesa redonda brilhante. Dentro dela, Marty conseguia ver a parte de cima da cabeça da Juíza Wood.

— A que horas ela chegou? — perguntou Hines.

— Dez e meia — disse O'Hara. — Um entregador a trouxe.

— E aposto como ninguém anotou o número da identidade do entregador.

O homem olhou para ele com as sobrancelhas erguidas. — Você está brincando, não é? Os idiotas da recepção dizem que não sabem de nada. Nem mesmo a cor do cabelo dele. Pode ter sido castanho, pode ter sido preto. Uma garota metida a besta acha que era uma mulher com o cabelo preso em um boné. Quem sabe? Só deixou a caixa para Wolfhagen e saiu pela porta. Eles não são treinados para observar essas coisas, Mike. Eles servem para registrar e liberar os hóspedes. É o trabalho deles. É a vida miserável deles.

— Eles têm câmeras de segurança aqui — disse Hines. — Você pegou o vídeo?

A surpresa nos olhos do homem o denunciou. — Estamos trabalhando nisso.

— Certo. Onde está Wolfhagen?

— No centro, com o delegado.

— Você o viu?

— Fui o primeiro a chegar na cena do crime.

— Então, fale.

— Ele está assustado. Apavorado. Quando cheguei aqui, ele estava parado no meio do quarto, olhando para a caixa como se ela guardasse a verdade de cada um dos pesadelos dele. — Ele apontou para o lado da cama arrumada, onde havia uma mancha escura no carpete. — Ele vomitou depois de abrir o pacote. Tentou chegar ao banheiro, mas não conseguiu. Depois de lavar a boca, ele telefonou para a recepção que nos chamou. Chegamos aqui em dez minutos.

— Junto com a imprensa — resmungou Hines. Ele se encaminhou para onde estava a caixa. Marty e O'Hara o seguiram. — Wolfhagen disse onde ele estava na noite passada? Aonde ele foi? Sabemos que ele deu entrada no hotel perto das sete. Presumo que ele não ficou aqui.

— Ele não ficou — disse O'Hara. — Ele jantou no quarto e saiu para visitar a mulher dele. Ou é a ex-mulher? Eles já se divorciaram?

— Estão se divorciando — disse Marty. Ele olhou para Hines e depois para O'Hara quando o *flash* da câmera de Skeen disparou. Eles pararam perto da cabeça de Wood. — A que horas ele voltou?

— Hoje de manhã — disse O'Hara. — Cerca de meia hora antes de receber o pacote.

— Ele passou a noite com ela?

— Foi o que ele disse.

— Ela confirmou isso?

— Ainda não falamos com ela.

— Não fale — disse Hines. — Eu mesmo falarei com ela. — Ele olhou

para Skeen, que estava parado atrás da mesa, escrevendo em um caderno. — Podemos dar uma olhada, Carlo?

Skeen deu de ombros. — Por que não? Você é quem sabe.

— Uma merda dessas não me incomoda.

— Veremos.

Hines olhou para dentro da caixa. Marty hesitou e fez o mesmo.

O pescoço de Wood fora cortado em um ângulo tão agudo que a cabeça estava inclinada para trás contra o papelão manchado, o rosto arruinado virado para ele. Em um *flash*, Marty viu a curva caída da bochecha direita cinzenta, o nariz torto, os lábios rasgados arreganhados em horror sobre dentes que tinham sido despedaçados.

O crânio de Wood não tinha mais a curva suave dos vivos, ele fora amassado por algo rombudo. Sangue e farelos de osso estavam espalhados sobre o rosto dela. O cabelo loiro claro era agora de um marrom avermelhado profundo com pedaços espessos coagulados. As órbitas estavam vazias — alguém arrancara os olhos.

Marty virou o rosto. Wood estivera morta há nove horas e alguém ainda fizera isso com ela. Ela os impedira de matá-la e, portanto, tinham arrebentado o rosto dela, arrancado a cabeça dela e a sodomizado para satisfazer a fúria.

Fora algo pessoal.

Mas Wolfhagen teria feito isso? O homem tinha motivo, mas ele teria ido tão longe, depois de tanto tempo?

Hines virou-se para O'Hara. — Por que Wolfhagen está em Nova Iorque?

— Ele não disse.

— Você não perguntou?

— Não — disse O'Hara. — Eu não perguntei. O cara não estava lá muito bem quando cheguei aqui.

— Nem Wood — disse Skeen e o jovem policial na porta do quarto deu uma gargalhada.

Hines queria dar um murro no garoto. — Ele achou que a caixa era um presente?

— Ela tinha fitas bonitas. Você não acharia?

— Ele deve ter sentido o cheiro.

— A cabeça estava em um saco plástico — disse Skeen. — Provavelmente para que não vazasse, mas também para esconder o cheiro.

— Quem ele achou que a tinha mandado?

— Ele não sabe — disse O'Hara. — Pessoas como ele estão acostumadas a receber presentes.

— Qual foi a reação dele quando abriu a caixa?

— Já falei — disse O'Hara. — O homem surtou. Ver a cabeça de Wood o aterrorizou.

— E, na sua opinião, a reação dele foi genuína? Não foi ensaiada?

— Por quê? Você acha que ele está por trás disso?

— Não acho nada ainda. É só uma pergunta.

— Não importa o que você acha — disse O'Hara. — Eu conheço as pessoas. Eu sei o que vi. Wolfhagen não me enganou. Ele estava dizendo a verdade. De jeito nenhum ele sabia o que havia dentro daquela caixa.

CAPÍTULO 16

Depois de sair do Plaza e longe da imprensa, Hines ofereceu a Marty uma carona até a casa de Gloria. — Posso tirar você daqui mais depressa do que qualquer táxi.

Eles entraram no Charger. Marty olhou para o relógio. Ele prometera às filhas que estaria lá ao meio-dia para levá-las para almoçar. Eram 12h30. — Eu lhe devo uma.

Hines apertou um botão e as janelas se abriram, deixando o ar quente e os gases de escapamento entrarem no carro ao se afastarem. — Você me deve mais do que isso — disse ele, — mas discutiremos isso depois.

Por um tempo, eles ficaram quietos. Marty fechou os olhos e recostou-se no banco quente. Ele tentou limpar a mente, mas era impossível. Não conseguia esquecer a cabeça de Wood olhando para ele de dentro da caixa azul da Tiffany.

— Até onde posso ver, há três maneiras de encarar essa história — disse Hines. — Uma: Wolfhagen é culpado como o demônio. Ele matou Hayes, arrancou a cabeça de Wood e a enviou a si mesmo para ter um álibi. Dois: estão tentando incriminá-lo. Alguém acha que ele não passou tempo suficiente no buraco e quer que passe o resto da vida apodrecendo lá. Três: Wolfhagen é o próximo. Quem matou Hayes e Wood também quer Wolfhagen morto. Mas vão brincar com ele primeiro, enviar cabeças para deixá-lo aterrorizado, destruí-lo antes que a cabeça dele acabe em uma caixa de papelão.

— Tudo é possível — disse Marty.

— Saberei mais depois de verificar o álibi de Wolfhagen e falar eu mesmo com ele e com Carra. Não posso levar você, mas posso lhe dar uma cópia de tudo o que ele disser a Grindle, junto com uma cópia do vídeo de Wood e do telefonema para a emergência. Amanhã de manhã, pode ser?

— Amanhã de manhã está ótimo, obrigado.

— Sem problemas — disse Hines cruzando a Nona. — É parte do trato, lembra?

Marty se lembrava. Logo, Hines esperaria que Marty entregasse algo relevante para o caso de Wood. Caso contrário, Marty estaria por conta própria.

— Se quiser saber sobre Hayes, terá que falar com o Primeiro Distrito — disse Hines. — O caso é deles.

— Quem está cuidando dele?

— Linda Patterson — disse Hines, sorrindo. — Você a conhece?

Hines sabia muito bem que ele a conhecia. Marty tentara trabalhar com ela no passado no assassinato de Emma Wilcox, a irmã do prefeito, mas o vício de Patterson em cocaína estava tão fora de controle na época, e o trabalho dela tão desleixado, que ele encontrara ajuda em outro lugar e desvendara o caso sozinho. Patterson nunca o perdoara por isso. Aquele caso teria sido a passagem dela para uma promoção.

— Se pedir com carinho, ela talvez o ajude — disse Hines. — Talvez até mesmo diga a você o que aconteceu a Maria Martinez e à filha dela ontem à noite.

Não antes de ajudar a si mesma enfiando a mão na minha carteira, pensou Marty. Diferentemente de Hines, Patterson não ajudava ninguém sem antes receber um cheque. — Prefiro que você me fale sobre Martinez.

Eles passavam pela West End, indo em direção ao centro em uma velocidade que era o dobro do limite permitido. — O pouco que ouvi não vai ajudá-lo, amigão. No momento, a minha vida é Wood e continuará sendo até que eu encontre o pervertido que pegou a cabeça dela. Fale com Patterson. Ela saberá o que aconteceu com Martinez e Hayes. Patterson pode ser baixa, mas é esperta. Se fizer as coisas direito, talvez ela o ajude.

Hines entrou à direita, quase bateu na lateral de uma van de entregas e parou em frente ao prédio de Gloria.

— Obrigado, Mike.

— Sem problema, cara.

Marty saiu do carro e passou pela porta giratória do prédio. O porteiro levantou-se quando Marty passou pela mesa da recepção. — Elas acabaram de sair, Sr. Spellman. Faz uns dez minutos.

Marty sentiu as entranhas se contraindo. Ele prometera às garotas que estaria aqui. Ele sabia o que a ausência dele significaria para elas. — Disseram para onde iam?

O homem balançou a cabeça. — Só que iam sair.

— Estavam sozinhas?

— Estavam com o novo amigo da Sra. Spellman. Saíram no carro dele.

Marty ficou furioso. Ele nunca se atrasara para pegar as garotas. Gloria sabia disso. Ela poderia ter esperado. — Pode deixar uma mensagem para ela, Toby?

— Claro, senhor.

— Diga a ela que estarei aqui no próximo sábado, ao meio-dia, para levar minhas filhas para almoçar.

O homem escreveu a mensagem em um pedaço de papel amarelo. — Mais alguma coisa?

Havia muitas coisas que Marty queria dizer a Gloria, mas seria cara a cara, não pelo porteiro. Ele virou-se para sair. — Basta dizer a ela que não me atrasarei — disse ele. — E obrigado, Toby.

* * *

Em casa, havia duas mensagens na secretária eletrônica. A primeira de uma tal de irmã Mary Margaret pedindo uma doação e a segunda da ex-mulher informando-o de que estava atrasado, mas para não se preocupar, pois Jack as levaria para almoçar. Marty foi até a cozinha, pegou uma lata de Coca *diet* na geladeira, abriu-a e bebeu-a inteira.

Inacreditável.

Ele telefonaria para Mary Margaret para fazer uma doação. Mas, no que dizia respeito a Gloria, ela poderia ir para o lugar que a irmã mais temia.

Ele estava com fome. Foi até a geladeira, pegou os ingredientes para fazer um sanduíche de peru e colocou tudo sobre o balcão. Ele fatiou, picou, espalhou e empilhou, e estava cortando o sanduíche no meio quando o interfone tocou. Ele lambeu a maionese da ponta dos dedos e atendeu. — Carlos — disse ele. — Diga lá.

— Jennifer Barnes está aqui, senhor.

Marty colocou a faca sobre o sanduíche. Ele e Jennifer tinham concordado em se falar às oito. O que ela estava fazendo ali naquele momento? — Muito bem — disse ele. — Mande-a subir. — Ele desligou o interfone e esperou que a campainha tocasse.

Ela não tocou.

Marty ouviu a porta da frente sendo fechada e o som familiar dos saltos percorrendo o corredor. Jennifer parou no batente em arco da porta da cozinha e ficou parada olhando para ele, o rosto corado como se ela tivesse subido as escadas.

— Como? — perguntou ele.

Ela colocou a mão na bolsa e tirou a chave que ele lhe dera em um momento de afeição. Ela a segurou no alto, uma curva de metal. — Eu nunca a devolvi — disse ela. — Só a guardei. Não me pergunte o motivo, eu mentiria. Quer que eu a devolva agora?

— Não sei — disse ele hesitante. — Por que veio aqui? — Ele sabia por

que ela estava ali. Podia ver no rosto dela.

— Ora, Marty — disse ela. — Por que você tem que fazer tantas perguntas?

Ela foi até onde ele estava e beijou-o na boca. Ainda beijando-o, ela puxou a camisa dele e começou a desabotoá-la, os dedos acariciando os mamilos dele, o peito, percorrendo o rastro de pelos castanhos que iam da barriga até a virilha.

Marty fez menção de falar, mas Jennifer colocou o dedo sobre os lábios dele. — Não — disse ela. — Não estrague tudo. Deixe acontecer. Nós dois queremos.

* * *

Mais tarde, na cama, exausto e respirando com esforço, Marty olhou para Jennifer quando ela lentamente saiu de cima dele. — Meu Deus — disse ela. — Os vizinhos devem estar achando que há lobos na cidade. Você não se segurou, realmente se soltou dessa vez.

— Eu estava excitado.

— Não foi isso — disse ela. — Você está diferente. Vi isso essa manhã. Você mudou. Nunca gozou desse jeito.

Marty sorriu para ela. — Estou diferente — disse ele, batendo de leve na barriga. — Uns cinco quilos diferente, na altura da cintura.

— Não é isso — disse ela. — Você está mais relaxado, com a guarda baixa. Parece mais tranquilo. Como se tivesse se livrado de um peso. — Ela tirou o cabelo úmido da testa dele, penteando-o com os dedos. — Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Por que foi embora?

Em algum momento, ele sabia que ela faria essa pergunta, mas ficou surpreso por ter sido ali e de forma tão súbita. — Não sei se consigo responder — disse ele.

— Pode tentar?

Ele devia isso a ela, mas como expressar da forma correta? — Eu precisava me acertar — disse ele. — Quando conheci você, eu ainda estava apaixonado por Gloria. Eu amo minhas filhas. Sinto falta delas todos os dias. Achei que talvez houvesse mais uma chance, mesmo que fosse a terceira. Até que acertasse minha cabeça, decidi que seria cruel manter um relacionamento com você se eu não pudesse entrar nele completamente.

— E como estão as coisas com Gloria?

— Acabou — disse ele. — Já faz um tempo.

— Está apaixonado por ela?

Marty pensou sobre isso, pensou em todos os anos, toda a culpa, todo o amor ganho e todo o amor perdido, e ficou imaginando o significado de tudo isso. Ele era um homem melhor depois de ter amado Gloria? Além das filhas, alguma outra coisa boa tinha resultado daqueles treze anos juntos?

— Eu sempre a amarei — disse ele. — Ela me deu Katie e Beth. Temos uma história que não posso simplesmente apagar. Mas ela transformou-se em alguém que não reconheço. Ela quer ser alguma coisa diferente. Ela quer ser uma celebridade, e não entendo isso. É um tipo de amor diferente que sinto por ela. Não é sexual, é baseado no passado. Fizemos duas garotas fantásticas juntos e foi só o que fizemos de certo. Faz sentido?

Jennifer inclinou-se para beijar os lábios dele. — Eu sempre soube que você era um homem bom. Estava esperando você, sabia?

— Estava me esperando?

Ela deu de ombros. — Eu amo você — disse ela. — Sempre amei. É claro que esperei você. Eu sabia que, em algum momento, você voltaria e tentaríamos de novo. — Ela fez uma pausa. — Se é o que quer.

Marty ficou quieto por um momento. Ele sentiu-se envolvido e grato, mas não confinado. Ele se deu conta de que também a amava. E, pela primeira vez desde que a conhecera, disse isso a ela.

CAPÍTULO 17

Spocatti caminhou pelas multidões na Quinta, com Maggie Cain tão perto que ele poderia esticar a mão e cortar a garganta dela.

Ele a estivera seguindo desde o início da tarde e estava gostando. Ela era atraente, com o cabelo castanho escuro caindo pelos ombros e balançando em ondas. Bermudas verdes, camiseta branca, sapatos verdes no mesmo tom, pernas bronzeadas. O mistério da cicatriz na bochecha o deixou curioso. Ele ficou imaginando o cheiro e o gosto dela. Maggie lhe lembrava da única mulher que ele amara, e que matara dez anos antes com as próprias mãos.

Ele desviou para a esquerda e reduziu o passo para dar um pouco de espaço a ela. Na rua, passou um ônibus com as juntas rangendo como porcos e uma fileira de táxis amarelos em torno dele como um cardume impaciente.

Maggie Cain parou para olhar por atrás do ônibus. O sol bateu diretamente no rosto dela, iluminando seus olhos. Spocatti achou que ela era deslumbrante. Na última hora, ele a seguira a duas livrarias, ao escritório do agente dela na rua 13 e ao correio.

Na primeira livraria, três jovens a reconheceram, pegaram os livros dela nas prateleiras empoeiradas e a rodearam, com a boca aberta e sorrindo. Spocatti a observou enquanto ela dava autógrafos. Ela ouviu, assentiu e riu com elas, mas nada disso era real. Os pensamentos dela estavam em outro lugar, e isso o intrigava.

Mas não tanto quanto a cicatriz.

Ela parou na esquina da Quinta com a Oitava e esperou. O sinal fechou, o trânsito parou, o sinal de atravessar piscou, mas ela não se moveu, não atravessou, e Spocatti não tinha escolha a não ser continuar. Seria óbvio demais se não o fizesse. Ele continuou caminhando e a viu olhando para ele com o canto dos olhos, viu o que parecia ser um sorriso nos lábios dela. Para ele?

Ele foi para o outro lado da rua, perdeu-se na multidão, escondeu-se atrás de um quiosque de cachorro-quente e virou-se para olhar para ela. Agora ela estava olhando em direção ao centro. Ele seguiu o olhar dela e só viu um mar de carros em direção à Washington Square.

Carmen.

Ele pegou o celular e discou o número dela. Dois toques rápidos. A voz

dela: — O quê?

— Já entrou?

— É claro que já entrei.

— Quanto tempo?

— Trinta minutos.

— Algum problema?

— O sistema de segurança dela é bom, mas não tão bom.

— O que encontrou?

— Nada. Nenhum resquício de nada sobre Wolfhagen.

— Nenhum resquício — disse Spocatti. — Certamente, é estranho para alguém que está escrevendo um livro sobre o cara, não acha?

Carmen não achava.

— Talvez ela não esteja escrevendo um livro — disse Spocatti. — Talvez você tenha também entendido isso errado.

— Você ouviu o que Hayes disse, Vincent. Eu não imaginei.

— Não, não imaginou — disse ele, e fez uma pausa. Cain estava olhando para o relógio. — Verificou os telefones dela?

— Apertei o botão de rediscagem em todos os que eu encontrei.

— E?

— Um telefonema para o agente dela, um para a lavanderia, outro para alguém em Los Angeles.

— Quem é esse alguém em Los Angeles?

— Não faço ideia. Ninguém atendeu e não tinha secretária eletrônica.

— Você verificou os números?

— Não, Vincent, eu os ignorei. Jesus, me dê um pouco de crédito. Onde está Cain agora?

— Na esquina da Quinta com a Oitava.

— O que ela está fazendo?

— Não faço ideia. Só está parada lá.

— Você não faz ideia — Carmen repetiu. — Ela viu você?

Ele sorriu. — Talvez.

— Acha que pode cuidar disso, Vincent?

— *Touché,* Carmen.

Ele tirou o telefone do ouvido quando Maggie Cain começou a atravessar a rua. Observou-a colocar a alça da bolsa mais para cima no ombro e retirar o cabelo do rosto. Ela esperou e Spocatti viu o que ela esperava.

Uma limusine preta parou no meio-fio e a porta traseira do passageiro abriu-se. Parecendo tensa, Cain abaixou-se, disse alguma coisa, balançou a cabeça, olhou para ele e entrou no carro.

Spocatti avançou pela rua.

A limusine afastou-se do meio-fio, entrou à esquerda na Oitava e passou por ele. Vincent abaixou-se, mas os vidros eram tão escuros que ele não conseguiu ver a parte de dentro. Ele procurou um táxi na rua, viu um a meio caminho descendo a Oitava e praguejou.

Muito longe, mas ainda assim ele precisava daquele táxi, não podia perdê-la agora. Ele cortou pela calçada, causando uma revoada de pombos, e correu ao som do bater das asas.

* * *

Carmen estava parada do lado de fora da sala de estar de Maggie Cain, olhando para a gata preta deitada sobre o enorme piano, que a encarava, os olhos dourados brilhando furiosos, mas imóveis. Ela trocou o telefone para o outro ouvido e disse impacientemente: — Vincent, você está aí?

Mas ele não estava, tinha desligado.

Ela fechou o telefone e olhou para a gata. Tinha que ser preta. Nesse negócio, a sorte era tão importante quanto a habilidade e Carmen, criada por pais que infundiram nela o medo de espelhos quebrados e assemelhados, era supersticiosa o suficiente para saber com certeza que a sorte dela mudara.

Tempo.

Ela tinha que se mover. Tinha que sair daqui em vinte minutos. Carmen inspecionou novamente a sala de estar, mas não havia nada lá. Voltou para o corredor, pegou a sacola que deixara na porta da frente, jogou o telefone dentro dela e subiu a escada para o segundo andar.

À direita do quarto era o escritório de Cain, um espaço amplo com vista para a rua 19, prateleiras altas cobertas de livros, cortinas pesadas que impediam a entrada do sol, um cilindro de acrílico com peixes tropicais que ia do chão ao teto e lançava sombras azuladas no piso de madeira pálido.

Na outra extremidade da sala havia uma escrivaninha.

Carmen foi até ela e sentou-se na cadeira de couro marrom. Finalmente, o mundo de uma escritora: pilhas de papel e pastas verdes grossas; um computador, uma impressora e um telefone sobre um modem; livros apoiados em outros livros; um cinzeiro cheio de pontas de cigarro amassadas; uma lata de refrigerante meio cheia.

Com mãos enluvadas, Carmen começou a abrir as pastas, folhear os papéis, vasculhar as páginas em busca de alguma coisa sobre Wolfhagen. Mas tudo o

que encontrou foram cartas de fãs, contas que Cain ainda não pagara, várias cartas para o editor dela, três bilhetes da mãe de Cain, uma antiga lista de compras cheia de marcas vermelhas, cupons vencidos.

Ela colocou as pastas no lugar, ligou o computador e, enquanto esperava que inicializasse, olhou em torno da sala novamente. Tinha que haver alguma coisa aqui.

Ela inclinou-se e abriu as gavetas da escrivaninha, encontrou a agenda de endereços de Cain sob uma pilha de folhas brancas, jogou-a sobre a mesa e virou-se na cadeira para verificar os armários atrás dela. Nada. Nem mesmo um arquivo sobre o homem.

Ela levantou-se e vasculhou a mesa próxima ao aquário borbulhante. Verificou a lata de lixo ao lado da prateleira. Havia um armário no outro lado da sala, mas que não continha nada de útil. Por mais que procurasse, Carmen não encontrou nenhuma informação sobre Wolfhagen. Ela entrou no quarto, procurou em todos os lugares, inutilmente.

Cain estava mesmo escrevendo um livro?

Carmen voltou ao escritório, sabendo que não poderia partir sem ter alguma coisa.

Ela foi até a escrivaninha, pegou um *pendrive* da sacola, conectou-o no computador de Cain, transferiu o conteúdo do disco rígido, pegou a agenda de endereços de Cain, memorizando as páginas, e largou-a. Ao fazê-lo, a mão dela encostou no telefone.

E Carmen sentiu uma onda de adrenalina. Ela não verificara esse telefone.

Ela pressionou o botão de rediscagem e ouviu a secretária eletrônica do outro lado atender. Uma voz masculina e profissional disse: — Aqui é 555-2641. Deixe sua mensagem depois do sinal e retornarei o telefonema.

Carmen desligou o telefone e procurou o número do homem na agenda de endereços. Ela o encontrou no final: Marty Spellman, Investigador Particular. A tinta era vermelha e parecia recente. Havia um endereço logo em seguida e o número do celular dele, para o qual ela ligou de seu próprio celular.

— Alô?

Ela desligou.

Um investigador particular, e Maggie Cain estava em contato com ele.

Carmen sorriu.

Bingo.

CAPÍTULO 18

Jennifer estava deitada no centro da cama, nua, e levantou a cabeça do peito de Marty para olhar para o telefone. — Muito bem — disse ela. — Primeiro o telefone, agora o celular. Quem está telefonando e desligando na sua cara? Qual é o nome dela? Partiu o coração dela também?

Ele olhou para o número no celular, mas não o reconheceu. — Muito engraçado.

— Você deve estar saindo com alguém.

— Por que acha isso?

— Porque você é tão atraente — disse ela. — Tão charmoso. Tão inteligente. Tão cheio de dinheiro.

— Tão cheio de merda — disse ele. — E, além disso, não conheço ninguém com coragem suficiente para sair comigo.

Jennifer riu. — Querido, está brincando? Aqui é Nova Iorque. Aqui, as mulheres têm mais culhões do que você.

— Nos lugares certos da cidade, têm mesmo.

Ela colocou o dedo sobre os lábios dele. — Eu realmente não quero saber como você sabe disso — disse ela, movendo-se em direção ao pé da cama. Ela passou a ponta dos dedos no pênis dele, fechou a mão em torno da base e sorriu quando ele começou a endurecer. — Impressionante — disse ela. — Olha como ele cresce. Aposto que o pinto de Brian Williams não faz isso. — Ela piscou para ele. — Nem o de Katie Couric. Se eu tivesse um desses, nunca o deixaria em paz.

Marty observou enquanto ela o masturbava lentamente. — Houve uma época em que eu não o deixava em paz.

— Não vamos falar sobre os meses em que você ficou sem mim.

— Eu estava falando de quando era garoto.

— É claro.

— Estou falando sério.

Ela apertou com mais força. — Tenho certeza que sim. E deixe-me dizer uma coisa, Marty, a ideia de você trancado em um banheiro, com uma revista de mulheres peladas no colo, certamente me deixará mais excitada. — Ela apertou, puxou e pressionou a cabeça do pênis dele contra o queixo. — E que tamanho

tem essa coisa?

— Que tamanho tem uma milha?

— Muito mais do que isso. — Ela passou a língua bem na ponta. — Eu diria que tem uns bons oito centímetros. Talvez dez.

Ele deu um tapinha nas nádegas dela. — Você é uma doçura. Quer que eu tente adivinhar seu peso?

— Estou com seus ovos na mão. Quer mesmo entrar nesse assunto?

— Provavelmente não.

Ela continuou a brincar com o pênis dele. — É grande — disse ela.

— Seu peso ou meu pau?

— Que esperto.

Ela colocou a boca sobre a cabeça e esticou a mão para beliscar o mamilo dele. A língua dela estendeu-se e curvou-se, provocando sensações que o fizeram gemer. Ele largou o celular e posicionou-se em cima dela. Ele notou que essa era a terceira vez em menos de uma hora e meia que eles fariam amor.

E notou novamente o quanto sentira falta dela.

* * *

— Eu deveria estar na edição — gritou Jennifer do banheiro. — Meu produtor vai me matar.

Ela saiu do banheiro e foi até a cama, onde havia deixado as roupas, e começou a se vestir. Inclinou-se, beijou a testa de Marty, depois os lábios dele, o nariz e as bochechas. A pele dela estava sem maquiagem e brilhava por causa do calor do banho. O cabelo, solto sobre os ombros, estava úmido e com o perfume do xampu.

— Narrações? — perguntou ele.

— *Ad nauseam*.

Ela saiu do quarto. Marty vestiu-se e seguiu-a até o vestíbulo.

— Falo com você às oito — disse ela, abrindo a porta e saindo para o corredor. — Aí você pode me contar tudo.

Quase tudo, pensou Marty. Ele não contaria a ela sobre a tatuagem e o *piercing* até que descobrisse mais.

* * *

Depois que ela saiu, ele tomou um banho, escovou os dentes e vestiu-se com roupas limpas. Ele não sabia aonde o relacionamento com Jennifer chegaria nem o que as últimas horas tinham significado, mas sabia que não devia adivinhar. No momento, ele estava simplesmente feliz por tê-la de volta em sua vida. Não importava o final.

Ele foi até o escritório.

Maggie Cain pedira a ele que telefonasse ao meio-dia, mas eram 15h30. *Hora de se concentrar.* Ele tentou o telefone dela, a secretária eletrônica atendeu e ele deixou um recado dizendo que telefonaria de volta assim que pudesse.

Ele sentou-se, abriu a agenda de endereços e procurou o ramal de Linda Patterson no Primeiro Distrito. Marty não queria telefonar para ela, não queria lidar com ela, mas não tinha escolha. Pegou o telefone e discou. Ela atendeu no terceiro toque. — Patterson.

— Linda — disse ele. — É o Marty Spellman. Como vai?

— Ocupada.

— Ocupada demais para um drinque? Eu pago.

— Para isso, eu precisaria sentar com você.

Vindo de qualquer outra pessoa, Marty teria se sentido insultado. Mas Patterson era uma ruína tão grande, tão perturbada, que ele achou o sarcasmo dela divertido. E devolveu na mesma moeda, relembrando o passado em que ela fora presa por uso de drogas. — Estou telefonando porque acabei de saber por um amigo que a corregedoria vai prendê-la por tráfico. Só queria pagar um drinque antes que finalmente a expulsem da polícia. Uma espécie de presente para compensar a pensão que você vai perder.

— Vá se foder, Spellman.

— Encantadora como sempre, Linda.

— Vá tomar no cu.

— Não consigo.

Ela bateu o telefone na cara dele.

Marty telefonou de novo. — Acha que podemos nos comportar como adultos agora? Ou não tem nenhuma chance?

Ela não respondeu.

— Só quero fazer algumas perguntas.

— E por que diabos eu deveria perder meu tempo falando com você?

— Acho que ambos sabemos a resposta para essa pergunta, Linda.

Ele a ouviu empurrando a cadeira para trás e fechando a porta do escritório. — Que perguntas? — perguntou ela.

— Pelo telefone, não — disse Marty. — Pessoalmente. Que tal às 16h00?

— Esqueça — disse ela. — Estou trabalhando em um caso grande. Tem que ser aqui. Tem que ser agora.

Ele não tinha tempo para isso, precisava ser direto. — Não posso entregar um cheque a você pelo telefone e nem em seu escritório, não é, Linda?

Ela ficou em silêncio por um momento e, então pigarreou. — Não sei do que está falando — disse ela. — Meu aniversário é só no mês que vem. Mas que seja. Não almocei, então vai ser o jantar mais cedo que Nova Iorque já viu. Aonde quer ir?

* * *

O Tarot Café ficava no porão dividido de um velho depósito na rua Prince, cujas proprietárias eram três irmãs médiuns de Flatbush, e servia cafés importados e chás de ervas, extratos de ginseng e cogumelos, sobremesas exóticas e pães, sopas e sanduíches exóticos. Elas também liam o futuro dos clientes.

Gloria apresentara a Marty esse local estreito e escuro, que frequentemente tinha aroma de óleo de patchuli, e fora Gloria que o apresentara às três irmãs Buzzinni: Roberta, Carlotta e Gigi.

Marty não era um homem supersticioso e passara a ver os poderes mediúnicos das irmãs Buzzinni como um truque que se transformara em uma carreira confortável de folhas de chá e cartas de tarô, leitura de rostos e análises de personalidades. Gloria, no entanto, acreditava nelas. — Elas são boas — dissera ela depois da primeira visita. — Uma delas segurou minha mão e me disse que tenho duas filhas. A outra leu as cartas e descobriu que eu pinto. Elas dizem que serei famosa.

Agora, era Gloria quem dizia isso.

Roberta Buzzinni, sua favorita dentre as três irmãs, assumira o comando do restaurante, enquanto Carlotta e Gigi trabalhavam para abrir a nova filial na rua Christopher.

Ela estava sentada na parte de trás do restaurante vazio embaralhando cartas quando ele entrou. Ela olhou para ele com sobrancelhas erguidas e imediatamente cortou o baralho, retirou a carta de cima e segurou-a na altura da cabeça. — Esse — disse ela sorrindo — é o seu futuro. — Ela olhou para a carta e o sorriso murchou. Retirou a carta seguinte e o sorriso desapareceu.

Sorrindo, Marty atravessou o aposento, passando pelas várias mesas cobertas e fios de fumaça azuis de incenso. Hoje, o restaurante cheirava a sopa

de tomate e mirra. — É tão ruim assim? — perguntou ele.

Roberta colocou as cartas na parte de baixo da pilha e guardou o baralho. — Que diabos eu sei? — disse ela. — Sou só uma médium. — Ela levantou-se e o abraçou com os braços pesados. — Onde esteve? — perguntou ela. — Sentimos sua falta.

— Trabalhando — disse ele. — Onde mais?

— Consigo sentir seus olhos — disse ela, apertando-o. — Você não está comendo, está muito magro.

— São só músculos, querida.

— É — disse ela, dando um passo atrás. — Parecido comigo.

Ele a beijou na testa e inalou o perfume doce de ameixa nos cabelos pretos e crespos dela. — Lamento que tenha sido há tanto tempo — disse ele. — Mas eu vim aqui há três domingos. O lugar estava fechado.

— Tivemos um pequeno incêndio na cozinha — disse Roberta ao se sentarem. — Carlota sabia disso duas semanas antes de acontecer, mas não conseguiu dizer a data exata. Gigi e eu tentamos descobrir, mas nossa super estrada da informação estava vazia. Estática demais no verão, almas demais entrando e saindo de nossas vidas. Mas o incêndio foi ótimo. Ninguém se machucou e ganhamos uma nova cozinha, cortesia dos Seguros Fabrizzi. Gigi está no céu. Não temos mais ratos!

Marty riu. — E como está o novo restaurante?

— Abrirá no mês que vem. E espere até vê-lo. Os espíritos conversam com você. O lugar está cheio de energia.

— Tome cuidado, não vá dizer isso para qualquer um.

— Do que está falando? Vou contar para todo mundo.

— Como você está?

— Mais gorda do que nunca, mas muito feliz. É com você que estou preocupada. Onde esteve? Não o vejo há dois meses. Gigi perguntou por você um dia desses. Disse a ela que não sabia de nada, o que surpreendeu a todas nós, você sabe, costumo saber as coisas sem saber por quê. Gloria desapareceu há anos, mas você, você continuou firme. Veio nos ver. Você se importou. E então, puf! Também desapareceu. — Ela deu de ombros. — Não importa. Está aqui agora, então vai comer. Vou alimentá-lo. Lotta fez uma sopa de tomate hoje cedo que vai deixá-lo em lágrimas. É por minha conta.

— Traga lenços de papel.

— Você precisará deles.

Ela levantou-se com algum esforço. Era uma mulher larga, com quadris do tamanho de um barril e seios tão pesados que deixavam suas costas arredondadas. Ela passou de lado pelas portas de empurrar da cozinha e voltou

um momento depois com sopa, pão e chá de ervas em uma bandeja de madeira. — Aproveite — disse ela, colocando a comida em frente a ele. — Tem mais lá dentro.

Ele não discutiu. Começou a comer e notou que ela o estudava.

— Você está emanando uma quantidade absurda de energia, querido, e isso significa que encontrou alguém ou está trabalhando em um novo caso. Eu acho que são os dois, mas vamos começar com o novo caso.

Marty tomou uma colherada de sopa e evitou o assunto. — Eu pretendia contar que vou encontrar uma pessoa aqui.

— Eu sabia disso — disse Roberta, sentando-se na cadeira em frente a ele. — Agora, dê-me sua mão.

— Não vamos começar com isso, Roberta.

— Dê-me sua mão — disse ela. — Eu tive um mau pressentimento quando você entrou. Preciso conferir algumas coisas.

— Não sou supersticioso.

— Nem eu — disse ela. — Só tenho um dom. Então, faça isso por mim. Alguma coisa está errada.

Relutantemente, Marty deu-lhe a mão. Roberta segurou-a por um momento e virou-a para que a palma ficasse virada para o teto coberto de tapeçarias. Ela fechou os olhos e massageou o centro macio com o polegar e o indicador. Ficou em silêncio por um momento antes de falar. — Esse novo caso — disse ela. — Não é o que está pensando.

Marty tomou um gole de chá.

A testa de Roberta franziu-se, as sobrancelhas uniram-se. — Você está envolvido até o pescoço. Alguém está mentindo para você. Está em perigo e nem sabe disso. Alguém não é o que parece.

— Poucas pessoas são — disse Marty. — Veja Gloria, por exemplo.

— Não — disse Roberta, olhando para ele. Os olhos dela estavam sérios. — Não seja leviano. Eu tirei a carta da Morte quando você entrou. Está em perigo. Tenho certeza disso. Pelo menos uma vez na vida, me escute. É possível que você não saia dessa vivo.

Marty tentou puxar a mão, mas Roberta a segurou.

— Três mulheres — disse ela. — Uma delas o ama, outra tem ressentimentos, a terceira está guardando segredos de você. Elas também estão em perigo, mas somente uma delas sabe disso e não se importa. Ela tem a morte no coração. Quer que alguém morra. Não sei se é você, mas você está envolvido. Talvez ela o mate.

Ela soltou a mão dele.

— Você precisa me ouvir — disse Roberta. — Isso é real.

Naquele momento, a porta da frente se abriu e Linda Patterson entrou.

CAPÍTULO 19

Linda Patterson não era a mulher de dois anos atrás de quem Marty se lembrava.

Vestida casualmente com calças de linho bege e uma camisa branca, os cabelos loiros na altura dos ombros, ela caminhou em direção a Roberta e Marty com ar profissional, o que era uma diferença radical comparado à última vez em que ele a vira.

Onde estava a policial viciada e endurecida que ele pegara um dia vendendo cocaína nos fundos de um apartamento na Avenida C? Onde estavam as bochechas vermelhas, o cabelo ruivo quebradiço e as roupas gastas que faziam com que ela parecesse mais velha? A Linda Patterson de hoje não se parecia em nada com o passado e, em vez disso, dava a ilusão esperta de sofisticação. Até que ela abrisse a boca.

— Ah, perfeito, Spellman — disse ela, olhando em torno. — Um salão de massagem tibetana. A última vez que senti cheiro de incenso foi em 1969, e Mama Cass ainda nem tinha engasgado com o ossinho da sorte.

— Você e suas lendas urbanas. Foi um sanduíche de presunto.

— Que seja. Você e seus lugares esquisitos. Presumo que também goste de medicina holística caseira. Acupuntura. Aromaterapia.

— Boas maneiras.

— Respostas imbecis.

Roberta lançou um olhar a Marty, que a olhou de volta e levantou-se. — Linda — disse ele. — Quero que conheça Roberta Buzzinni. Ela é uma das donas do restaurante.

Inabalada, Patterson virou-se para Roberta e pestanejou. — Você é médium ou algo parecido?

Roberta assentiu.

— E você admite — disse Linda. — Interessante. — Ela disse "interessante" como se fosse a coisa menos interessante no mundo. Ela colocou a bolsa de couro brilhante sobre a mesa e botou as mãos na cintura. — Muito bem — disse ela. — Estou dentro. Diga-me o meu futuro.

Roberta ergueu a sobrancelha para Marty, empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Srta. Patterson — disse ela, — algo me diz que você não

aguentaria ouvir.

— Sou policial na polícia de Nova Iorque há oito anos — disse Linda. — Antes disso, era assistente do médico-legista. Você não faz ideia do que consigo aguentar. Tente.

O rosto de Roberta ficou sem expressão. Era o rosto de uma mulher falando com uma criança problemática. Marty viu tolerância nos olhos dela, mas também algo mais. Travessura? — Muito bem — disse ela. — Dê-me sua mão.

Linda estendeu a mão, que Roberta pegou e, rapidamente, soltou. — Você não viverá para ver seu aniversário de cinquenta anos. Levará um tiro mortal nas ruas, um buraco bem no meio dessa testa cheia de botox. O número de pessoas que aparecerão em seu funeral revelarão como viveu sua vida de forma cruel. — No silêncio que se seguiu, Roberta pediu licença e foi para a cozinha. Marty ouviu-a dando uma gargalhada ao sentar-se novamente.

Patterson sentou-se em frente a ele. — Que espécie de mulher é essa? — disse ela, furiosa. — Não vou passar dos cinquenta. Como ela ousa dizer uma coisa dessas? Tenho quarenta e nove, pelo amor de Deus. Meu aniversário é daqui a alguns meses. Ela está dizendo que estarei morta? — Ela balançou a cabeça. — Não me surpreende que esse buraco esteja vazio.

— Não consegue aguentar, Linda?

— Eu queria ouvir alguma coisa agradável — disse Linda. — Queria ouvir algo bom, como todo mundo. Eu não precisava ouvir aquela besteira. Aquela mulher é corajosa.

— Eu acho que ela poderia dizer o mesmo de você. Você a insultou e xingou o negócio dela.

Patterson ignorou o comentário e colocou a mão dentro da bolsa, unhas vermelhas chocando-se, até encontrar um maço amassado de cigarros. Ela tirou um, acendeu-o com um fósforo e inalou, segurando a fumaça antes de soprá-la acima da cabeça. — Olhe — disse ela. — Eu estava falando sério quando disse que estava ocupada. Vou dar a você quinze minutos. O que quer de mim?

Ele olhou para o cigarro. — Aqui é proibido fumar.

— Sou policial.

— Não importa.

— Veremos. Estou buscando informações.

— Grande surpresa. Sobre o quê?

— Algumas coisas. Mas vamos começar com Maria Martinez e a filha dela.

Patterson deu uma tragada no cigarro e ficou olhando para ele, sem revelar nada nos olhos nem no rosto. — Maria Martinez? — perguntou ela. — E desde quando você se interessa pelo bem-estar das mães do mundo, Marty? Martinez não vivia em uma cobertura na Quinta. Ela não é uma socialite assassinada. Por

que você, de todas as pessoas, se interessaria por ela e a filha dela?

— Eu faço as perguntas, Linda.

— Pode ser — disse Linda. — Mas eu que decido se respondo, certo? — Ela deu outra tragada no cigarro e fez uma pausa. O rosto dela endureceu, a mandíbula apertou-se, as engrenagens giraram. — Ouça — disse ela. — Não vou dizer merda nenhuma enquanto não me entregar o cheque que prometeu.

Marty retirou o cheque do bolso da camisa e empurrou-o virado para baixo para o outro lado da mesa.

Patterson o pegou, olhou rapidamente para o valor e o enfiou na bolsa. — É menos do que da última vez — disse ela. — Você está ficando pão-duro. Mas, já que só tenho mais dois meses de vida, vou ficar com ele. O que quer saber?

— Para começar — disse Marty, — eu gostaria de saber sobre as pessoas que viram quando elas foram jogadas naquele terreno baldio na rua 141.

Patterson começou a morder o lábio inferior, um hábito nervoso que adquirira na clínica de reabilitação. — Você é esperto, Marty. Como descobriu sobre isso?

— Eu me viro.

— É — disse Linda. — Como um pião.

A porta da cozinha se abriu e Roberta apareceu com uma xícara de chá fumegante em uma bandeja de metal. Ela colocou a xícara e o pires em frente a Linda, tirou o cigarro da mão dela e disse, com os olhos erguidos para o teto. — Isso ajudará até mesmo você. É minha mistura especial. Eu sugiro que o beba enquanto produz pensamentos positivos, se é que isso é possível. Não vai custar nada. E não fume aqui dentro de novo. — Sem mais uma palavra, ela voltou para a cozinha. Linda olhou para a xícara de chá, que tinha um leve aroma de amônia, fez menção de pegá-la, mas, em vez disso, empurrou-a para longe. — Ela levou meu maldito cigarro.

— É porque é contra a lei fumar aqui dentro.

— Que seja. Sobre Martinez. Somente uma pessoa se apresentou. A outra desapareceu.

— Presumo que estamos falando de uma prostituta?

— Presumiu corretamente.

— E o cara que estava com ela sumiu.

— Você não sumiria?

— Quem é a prostituta?

— LaWanda Jackson — disse Patterson. — Vinte e sete anos. Está nas ruas desde os quinze e tem raiva do mundo por causa disso. Até a noite passada, ela morava atrás daquele terreno baldio. Tinha um colchão manchado de sangue, cheio de coisas rastejantes. Agora não sei o que acontecerá com ela.

— O que ela viu?

— Muita coisa.

— Pode entrar em detalhes?

Linda deu de ombros. — Você pagou, eu vou falar. Jackson disse que estava fazendo o melhor boquete da vida dela em um cara engravatado quando Martinez e a filha correram pelo beco, seguidas de um homem armado. Antes que Jackson pudesse reagir, o homem já tinha jogado Martinez contra uma parede e colocado duas balas no cérebro dela. Ele a jogou no chão e quebrou o pescoço da garotinha. Jackson disse que nunca viu coisa igual na vida, o que eu duvido. Em sessenta segundos, o homem matou duas pessoas e jogou os corpos em um terreno baldio. E ele não parou de correr um segundo sequer.

— Como ele era?

— Jackson não viu o rosto dele — disse Linda. — Escuro demais.

— Ela não viu nada? — perguntou Marty. — Ora, vamos, Linda. Ela deve ter visto alguma coisa. Nem que seja a cor dos cabelos do homem.

— Ela não viu nada, Marty. Zero. Eu acredito nela.

E você é uma mentirosa filha da puta. — Como posso entrar em contato com ela?

Patterson riu. — Está falando sério, Spellman? Você ouviu alguma coisa que eu acabei de dizer? Jackson mora na rua, não naquelas coberturas da Park Avenue com que você está acostumado. Consegue ver a diferença? Ela é uma prostituta sem teto. Eu teria sorte se conseguisse encontrá-la novamente.

Subitamente impaciente, ela olhou para o relógio. — Olhe — disse ela. — Eu lhe dei seus quinze minutos. Eu contei o que sei sobre as Martinez. Tem mais alguma coisa que quer perguntar? Porque, se não tiver, vou dar o fora.

— Então vamos falar sobre Gerald Hayes.

Patterson reclinou-se na cadeira quando Roberta atravessou as portas da cozinha com um ramo de sálvia. Ela botou fogo no ramo e passou pela mesa entre nuvens de fumaça. — Serve para tirar a energia negativa — disse Roberta. — Eu deveria fazer isso melhor, mas não quero interromper, então serei rápida.

Ela murmurou alguma coisa e sacudiu o ramo perto de Linda. Então, com uma sacudida final que soltou uma nuvem de fumaça, ela saiu.

— Que diabos de lugar é esse? — perguntou Linda. — Agora estou fedendo a jantar de ação de graças.

— Podemos falar sobre Hayes, por favor?

Linda balançou a cabeça. — Não, Marty, isso é algo que não vou dar a você. Achou mesmo que eu não sabia aonde isso ia chegar? Achou mesmo que eu daria a você qualquer coisa sobre Hayes depois de foder com a minha cara no caso de Wilcox?

Ela sorriu para ele. — Eu achava que você era idiota, mas isso é ridículo. Você me queimou uma vez. Eu dei a você tudo o que sabia sobre Wilcox e você foi a público com o assassino dela. Você quebrou sua promessa. Disse que me entregaria o filho da puta, e não entregou. Vou até o fim com esse caso. A morte de Hayes foi uma bênção de Deus. Vou conseguir a minha promoção com esse caso.

— Duvido que consiga — disse Marty. — Mas estou curioso. Se você sabia o tempo todo que eu estava rodeando o caso de Hayes, porque me falou sobre a Martinez? As mortes deles estão obviamente relacionadas. Você ajudou mais do que imagina. Então por que falou?

Patterson bateu de leve na bolsa. — Porque eu queria o dinheiro — disse ela levianamente. — Pura e simplesmente. E, além disso, o que eu contei a você não vale merda nenhuma comparado com o que eu sei sobre Hayes. Certamente nada que você possa descobrir sem mim. Então, foram dois mil fáceis. Sorte a minha.

Ela levantou-se da cadeira, com suas curvas sedosas, pegou a bolsa e olhou de cima para ele. — Só mais uma coisinha, Spellman, um pequeno conselho. Se você interferir nesse caso de qualquer forma, se atravessar o meu caminho, vou prendê-lo por obstrução. Esse caso é da polícia de Nova Iorque. Entendeu? — A voz dela estava absolutamente calma. — Você não é policial. Você não tem autoridade. Se estragar meu caso, vou conseguir uma ordem judicial que vai fazer você entrar pelo cano.

Marty sorriu para ela. — Que doce, Linda. De verdade, vou lembrar-me disso. Mas sou um investigador particular registrado e isso também me dá direitos. Antes de sair, há algo de que deveria saber. Aquele cheque que lhe dei? Não está assinado. Eu lhe dei um cheque sem assinatura. Você fez exatamente o que eu sabia que faria. Só olhou o valor. Nem pensou em verificar a assinatura. Gananciosa demais. Previsível demais. Muito parecida com a antiga Linda. Portanto, a não ser que falsifique minha assinatura, o que eu não aconselharia porque é um crime, parece que quem entrou pelo cano foi você.

* * *

— Não gosto daquela mulher, Marty. Ela é perversa. Ela não é boa. E não é porque ela insultou meu restaurante. Ela tem uma escuridão dentro dela da qual nem mesmo eu quero me aproximar. Por que convive com gente como ela? Elas azedam sua alma.

Marty pegou o celular no bolso e discou para o número de Hines na rua 19. Roberta, ocupada fazendo chá para o grupo de cinco pessoas que acabara de entrar, olhou para ele de soslaio. — E vou dizer mais uma coisa — disse ela. — Minha previsão está certa. Aquela mulher vai estar morta no aniversário de cinquenta anos. Espere e verá.

— Eu gostaria que não falasse desse jeito, Roberta. Também estou na sua lista.

— Mas você pode fazer alguma coisa a respeito — disse Roberta. — Pode desistir do caso agora, antes que vá mais adiante. Você poderia me escutar.

— Roberta, se eu a escutasse, não teria um centavo. Já se deu conta de que, sempre que pego um caso novo, você me diz que vou morrer?

— Dessa vez, talvez morra.

— O que aconteceu com o otimismo?

— Ora, vamos — ela riu. — Está falando sério? Quando legalizarem a maconha, eu serei otimista.

Hines atendeu. — Não posso falar — disse ele. — Acabei de prender o bandido em outro caso. O filho da puta enfiou estacas na mulher e nos filhos. Achou que eram vampiros. Admitiu tudo. Disse que Stephanie Myers o mandou fazê-lo. Estava lá, sorrindo para mim, como se fosse fazê-lo de novo se pudesse. Ligue mais tarde.

— Duas perguntas — disse Marty. — Só isso.

— Pergunte depressa.

— Onde está Wolfhagen?

— Não está no Plaza — disse Hines. — Saiu de lá hoje à tarde. Disse que o lugar lhe dá arrepios.

— Onde ele está hospedado?

— Na casa da mulher dele.

— Na casa da mulher dele? — perguntou Marty. — Então o álibi dele confere? Ele estava com ela ontem à noite?

— Ele estava em uma festa dela ontem à noite — disse Hines. — Uma festa importante que foi até duas da manhã. Trinta pessoas podem e vão atestar a presença dele. Falei com Carra Wolfhagen pessoalmente e ela confirmou tudo. Disse que ele passou a noite com ela e que não há nada que eu possa fazer. Agora, preciso ir. Ligue mais tarde. Você sabe, quando tiver alguma coisa.

A linha ficou muda.

Marty desligou o telefone e viu o olhar preocupado de Roberta. Ela estava parada ao lado dele, cortando um limão, adicionando as fatias amarelas ao bule de chá fumegante.

Fatia, fatia, fatia.

— Vai ficar tudo bem — disse ele.

Mas Roberta, cujo rosto agora refletia uma tristeza que ele nunca vira antes, balançou a cabeça. — Não, Marty, dessa vez não.

CAPÍTULO 20

Spocatti estava parado entre o calor de duas vans paradas em fila dupla olhando para o prédio de tijolos encardidos no qual Maggie Cain acabara de entrar. Ele estava na parte mais miserável do sul do Bronx, Hunts Point, onde a névoa de pobreza e decadência era tão forte que entranhava nas roupas e dificultava a respiração.

Ele conhecia essa vizinhança.

Quando era garoto, vários membros da família moravam ali. Naquela época, o pai dele era dono de um restaurante de sucesso em Little Italy e, como tinham dinheiro, era a família de Spocatti que ia ali aos domingos para visitar os parentes. Spocatti sentava-se perto do pai e ouvia os dois tios discutirem esperanças e sonhos de encontrar empregos melhores para tirar as famílias daquele lugar.

Isso não aconteceu. Apesar de desejarem um futuro melhor, o alcoolismo e o vício em drogas dos tios impediu-os de terem sucesso.

Isso fora há trinta anos. E apesar do esforço de revitalizar o lugar nos anos 1980, a tentativa não tivera sucesso. Olhando em torno, Spocatti achou que parecia pior do que nunca, particularmente depois da recessão.

Mesmo agora, perto do pôr-do-sol, travestis e prostitutas trabalhavam nas ruas e nas esquinas, o tráfico acontecia em quartos escuros, clubes privados fervilhavam em porões sombrios e as doenças se espalhavam com facilidade.

Com o distrito dos frigoríficos agora cheio de butiques e restaurantes muito frequentados, o sul do Bronx, de certa forma, tomara o lugar dele entre as áreas da cidade onde a marginalidade podia florescer. Você é um caminheiro em busca de um boquete? Venha para Hunts Point. Homem de negócios procurando um pouco de perversão? Venha para Hunts Point. A área estava se transformando cada vez mais no submundo corrupto que algumas pessoas buscavam.

Spocatti achou divertida a forma como se sentia confortável aqui.

Ele olhou para o relógio. Cain estava lá dentro havia três minutos. A pessoa que a deixara fora embora. No outro lado da rua, duas travestis com pouquíssima roupa caminharam em direção ao prédio e ele as observou descerem os degraus estreitos. Elas bateram em uma porta que ele não conseguia ver, gritaram algo acima do rugir súbito de música e entraram.

Festa particular.

Protegida por senha.

Ele conhecia isso. As pessoas que organizavam essas festas davam a todas as travestis e prostitutas dessas ruas uma senha que permitia a entrada. Se o negócio estivesse lento, elas podiam ir a uma festa, distrair os convidados, ganhar um jantar. Talvez até mesmo um pouco da droga que circulava naquele dia.

Então, por que Maggie Cain fora a esse?

Ele saiu de seu esconderijo de metal e foi até o meio-fio, observando os caminhões barulhento passarem. Na esquina, quatro travestis estavam inclinadas contra uma Mercedes preta. Elas bateram no capô, sacudiram as nádegas em frente às janelas escuras, inclinaram-se para jogar beijos, deram voltas e fizeram poses. Uma delas olhou para Spocatti e sorriu.

Spocatti sorriu de volta.

A maneira mais fácil de entrar no prédio era de braços dados com ela.

* * *

Ela disse que seu nome era Diva Divine.

Era mais alta que ele e negra, o cabelo loiro platinado preso em um coque. As luvas brancas longas que subiam pelos braços emaciados escondiam as veias arruinadas pelas agulhas, mas a maquiagem pesada e derretida por causa do calor úmido de agosto não escondia a barba de um dia que manchava o rosto dela. Spocatti achou que ela tinha a aparência exausta e decadente de alguém que vira todas as podridões duas vezes, e lembrava-se delas.

Ele a levou para trás de um caminhão grande e escutou enquanto ela falava.

— Você pegou a rainha mais feroz da cidade, querido. Mais feroz. A Diva vai levá-lo aos céus.

Ela usava um vestido branco curto e apertado, com a bainha desfiando, manchado de comida e suor. Os saltos de doze centímetros — vermelhos como o batom, mas com a cor mais uniforme — precisavam de conserto. Ela estalou os dedos sobre a cabeça e cambaleou de leve, como se estivesse bêbada. Mas ela não estava bêbada. O efeito da droga estava terminando. Os olhos dela pareciam-se com os do irmão dele logo antes de acabar o efeito da droga: painéis de vidro castanhos e brilhantes.

Ele apontou para o prédio em que Maggie Cain entrada. — Preciso entrar naquele prédio — disse ele. — Agora. Você consegue?

Divine afofou a peruca com unhas pretas longas. — Se tiver dinheiro suficiente, a Diva D pode levar sua bunda gostosa a qualquer lugar que quiser.

— Quanto? — perguntou ele.

— Muito.

— Seja específica.

Ela inclinou-se contra o caminhão e botou a mão dentro do vestido tubinho, batendo os cílios enquanto coçava algo que ele não conseguia ver.

Uma limusine parou em frente ao prédio. Spocatti virou-se e observou um casal bem vestido sair do carro e descer os degraus de cimento correndo. Uma batida na porta, uma trovoada de música, silêncio.

Dez minutos haviam se passado. Maggie Cain podia estar em qualquer lugar.

Ele agarrou o braço de Divine. — Quanto?

Sobressaltada, ela recuou.

— Quanto?

Havia medo real nos olhos dela, que se encolheu afastando-se dele. — Não sei, me larga, está me machucando!

Ele deu a ela cem dólares.

* * *

A porta era grande e sólida, sem janelas, pintada de preto. Spocatti conseguia ver a luz vermelha piscando pelas rachaduras nas bordas. Do outro lado, ele podia ouvir a batida de música industrial. O ar ali tinha cheiro de algo estragado, como se o próprio prédio, juntamente com seus habitantes, estivesse apodrecendo sob o calor do verão.

Divine bateu duas vezes, esperou, bateu de novo. A porta se abriu, presa por uma corrente pesada de metal. Música e luzes inundaram a escada. Divine enfiou o rosto na abertura de poucos centímetros e gritou: — Sou eu, Frankie! Tenho um convidado!

— Festa particular, Divine. Sem convidados.

— Deixa de putaria comigo, Frankie. Me deixa entrar!

— Sem convidados.

— Ai, pelo amor de Deus, ele não é policial!

— Você conhece as regras.

— Quer a droga da senha?

— Não vai ajudar.

— Então acho que sei o que você quer. — Ela virou-se para Spocatti, os olhos subitamente concentrados e alertas. — O filho da puta quer dinheiro, me dá mais cem.

Spocatti moveu-se para a direita e olhou para o perfil de Frankie pela abertura de dez centímetros. Ele era alto e musculoso, calças pretas de couro, camisa preta de couro, máscara preta de couro com um zíper aberto no lugar da boca. Os mamilos tinham *piercings*, hastes prateadas brilhantes. O tronco e os braços eram cheios de tatuagens coloridas. Ele inclinou-se para puxar as botas.

Ele estava sozinho.

Spocatti colocou a mão na bolsa presa na cintura e agarrou a arma. — Não tenho mais cem — disse ele.

— Então me dá o que você tem.

Ele conferiu o silenciador, retirou a proteção, olhou em torno. Ninguém. Mas Divine, que não perdia nada nessas ruas, viu a arma e colocou a mão sobre a dele. Ela balançou a cabeça, colocou a mão dentro do sutiã, retirou a nota de cem que ele lhe dera e enfiou-a pela abertura. Frankie a pegou.

— Satisfeito agora, Frankie? — gritou ela. Os olhos dela não se desviaram dos olhos de Spocatti. — Feliz agora, querido? Agora pode comprar remédios para uma semana e Deus sabe que sua bunda infectada provavelmente tá precisando. Vagabundo maior que eu.

Ela empurrou a arma de volta para dentro da bolsa. — Não — disse ela a Spocatti. — Não.

Spocatti ergueu uma sobrancelha. — Está me dizendo o que fazer?

— É assim que eu como, querido. É isso o que faço. Não preciso de confusão. Fica frio, vou colocar você para dentro.

E ela o fez.

A porta fechou, abriu novamente e Frankie ficou parado, dobrando a nota em um quadrado. Ele sorriu para Spocatti e deu um tapa nas nádegas de Divine. — Bem-vindos ao Céu — disse ele.

* * *

Para chegar ao Céu, bastava descer uma escada que fazia uma curva à esquerda.

Luzes piscavam e deslizavam pelas paredes pretas, dando a ilusão de movimento dentro de sombras escuras demais para julgar sua profundidade. O chão tremia com a batida da música. Ali o ar estava mais fresco e tinha cheiro de

suor e madeira podre. No topo da escada, Divine virou-se para ele. — Tenho amigos aqui — ela gritou por sobre a música, enquanto recuava pela escada, os dedos enluvados deslizando pelo corredor. Ansiosa para afastar-se dele. — Preciso vê-los. Vai ficar bem sozinho? Só uns minutos?

Spocatti desceu a escada atrás dela. — Essa é a única saída?

Ela assentiu.

— Tem certeza?

— Sim, querido. Por quê?

Ele olhou por sobre o ombro dela e viu, no súbito ricochete de luzes, luas e planetas fitando-o na escuridão da escada, somente para desaparecer e reaparecer novamente em uma ordem diferente. Era como se o universo estivesse se realinhando, desvendando-se. Ele pegou o braço de Divine e a empurrou pela escada. — Mulher alta — disse ele no ouvido dela. — Trinta e poucos anos. Cabelos pretos na altura dos ombros. Cicatriz na bochecha esquerda. Linda. O nome é Maggie Cain. Encontre-a e receberá seu dinheiro de volta, mais mil.

— Mais mil?

Eles pararam no pé da escada e olharam para a esquerda. O porão era cavernoso e cativante. O teto baixo tinha luzes giratórias, colunas espessas e apodrecidas subiam em ângulos estranhos do chão sujo, uma multidão de pessoas nuas dançava com a música.

Em uma das doze gaiolas de metal que cobriam as paredes, alguém com uma máscara de Bush estava ao lado do irmão gêmeo de Obama. À frente deles, um trem de homens passou, a identidade deles manchada e distorcida pelo plástico que envolvia os rostos sorridentes. Um momento antes de afastar-se de Divine, Spocatti olhou para ela e viu em seu rosto o muro que vinha sendo construído desde a infância. Raiva. Desespero. Ressentimento. Uma vulnerabilidade surpreendente. Ela nunca suspeitara que isso se tornaria a vida dela, mas lá estava.

Uma sorte de merda.

Ele moveu-se pelo mar de corpos em movimento e viu Maggie Cain quase imediatamente. Ela estava do outro lado do aposento, o rosto pressionado contra as barras de uma gaiola de metal. Dentro da gaiola, uma mulher corpulenta usando nada além de uma mordaça com uma bola na bola e uma fita cor-de-rosa no cabelo andava em volta de um velho deitado de costas, nu, as pernas magras erguidas e presas em estribos. Cain falava com o homem, que parecia não se interessar pelo que ela dizia.

Spocatti estava interessado.

Ele avançou até estar a uma distância em que podia escutar, mas chegou tarde demais. Maggie Cain já estava se afastando. — Você é um tolo, Alan,

como todos os outros.

Quando Maggie se virou, Spocatti também virou-se, ficando de costas enquanto ela deslizava pela multidão. Ele esperou até ter certeza de que ela não estava indo em direção à saída antes de virar-se para olhar para o homem na gaiola. Ele pressionou um inalador de cocaína contra a narina e fez barulhos de beijos para a mulher enquanto cheirava a droga. Ele riu e gargalhou e Spocatti, que nunca esquecia um rosto, o reconheceu das fotografias que Wolfhagen enviara há alguns meses, quando o trabalho foi proposto e aceito.

Ele era Alan Ross, outro dos capangas de Wolfhagen que testemunhara contra ele em troca de imunidade pessoal. Ele roubara informações confidenciais para Wolfhagen, mas não passara um dia na prisão pelos milhões que tirara das mãos do mundo. Ele estava na lista de Wolfhagen e seria assassinado junto com o resto deles.

Maggie Cain viera aqui para avisá-lo?

Ele olhou em torno, viu que ela conversava com um homem no bar. Spocatti sabia que, se ela tivesse avisado Ross, ele não poderia deixar o homem sair dali vivo.

Ele também sabia que, se não agisse rapidamente, ele a perderia.

Ele caminhou até a parte de trás da gaiola de Ross e abriu a porta. A mulher olhou em torno e grunhiu uma ameaça para Spocatti quando as luzes do clube diminuíram até se apagarem. Ross ergueu a cabeça. — Quem está aí? — sussurrou ele.

Spocatti deu um passo à direita, sem tirar os olhos da mulher.

— Mama?

As luzes novamente, todas elas, indo do chão ao teto.

— Diga-me que é você.

Spocatti inclinou-se e agarrou a mulher pelo pescoço. — Saia daqui. Agora. Eu vou foder o cara, não você.

A mulher começou a rir, mas Spocatti a fez calar-se com um tapa no rosto, o que a sobressaltou e agradou. Ele viu que ela estava drogada, deu outro tapa, dessa vez com tanta força que a mordaça soltou da boca dela e, por um instante, os olhos dela ficaram claros. — Saia.

A mulher saiu de quatro.

Spocatti inclinou-se e segurou o rosto de Ross nas mãos. Ele retirou o cabelo branco suado que cobria a testa do homem e passou o dedo pelos lábios dele. Ele beijou Ross, sentiu a língua dele deslizando por seu lábio inferior, sentiu na respiração dele o cheiro do ódio de si mesmo, sentiu que ele relaxava e tomou consciência das formas e sombras que se aproximavam para ver melhor o homem vestido beijando a aberração. Um por um, partiram desinteressados.

Spocatti esperou até que, finalmente, as luzes diminuíram. Ele pegou o iPhone no bolso, ajustou-o para gravar e discretamente colocou-o perto de Ross, ocultando-o com o corpo abaixado para que ninguém o notasse. A câmera do celular estava virada para a cabeça de Alan Ross.

Ele afastou os lábios e falou em um volume alto o suficiente para que Ross e a câmera o escutassem: — Você mandou Wolfhagen para a prisão e ele mandou matar você. Diga-me como se sente com isso, Alan.

O homem piscou em reconhecimento ao ouvir o nome de Wolfhagen. Os olhos dele viraram-se para Spocatti, depois para o iPhone, onde as luzes do aposento faziam com que uma tempestade eletrificada explodisse no centro do painel de vidro do telefone.

— Quem é...?

Spocatti segurou a cabeça do homem e, em um segundo, a torceu. O som dos ossos do pescoço quebrando foram abafados pela música alta. Mas Spocatti ouviu. Ao repousar gentilmente a cabeça de Ross de volta sobre a mesa, ele colocou o iPhone no bolso e afastou-se no momento em que o homem perdeu o controle sobre a bexiga e o esfíncter.

Com as luzes ainda fracas, Spocatti afastou-se da gaiola e misturou-se com a multidão. Ele olhou para trás e viu, empoçada no chão, a vida podre que deixava Ross.

Ele ficou olhando por um momento, sabendo que, nessa multidão, essa oportunidade não seria desperdiçada. Ela atrairia um animal de um tipo diferente.

CAPÍTULO 21

No Céu, o perfil desfigurado de Maggie Cain, capturado pelas luzes giratórias do teto, piscou nas paredes negras em um milhão de sombras que nunca se encaixariam se fossem reunidas.

Ela estava cheia desse lugar. Revoltada.

Maggie olhou para a mulher pendurada acima dela no trapézio preto e sentiu vontade de cortar as malditas cordas. Mas por que se incomodar? Essa mulher não sentiria nada se caísse. Os olhos dela eram como janelas abertas que mostravam quartos vazios. As coisas que ela vira, os segredos que conhecia, estavam estampados nas linhas do rosto.

Idiota.

Maggie olhou para o relógio e novamente em volta. Ele não viria, apesar de ter mandado o motorista pegá-la e trazê-la aqui. Ela estava desapontada, mas não surpresa. Quando falou com ele, ela o avisou sobre o que estava acontecendo, mas não respondeu às suas perguntas. Ela queria encontrá-lo pessoalmente para contar o resto, para tentar fazê-lo entender a gravidade da situação antes que fosse tarde demais. Apesar de ter dito a ela que vinha aqui todos os sábados nesse horário, obviamente ele recuara.

Algo macio e carnudo encostou em sua perna.

Sobressaltada, olhou para baixo e viu uma mulher absurdamente gorda passar por ela de quatro, parando ao lado de um homem com um chapéu que tinha um copo com um canudo. Maggie o viu bater de leve na cabeça da mulher, virou-se e olhou na direção de onde a mulher viera.

Ela o viu quase imediatamente, o homem da rua. Ele estava saindo da gaiola de Ross, fechando a porta atrás de si, deslizando ao longo das paredes ao encaminhar-se em sua direção, atravessando raios de luz vermelha e Maggie notou, assustada, que olhava para ela. A boca dele apertou-se, seus olhares se encontraram, o dela se desviou.

Ele a estava seguindo.

Ela o vira na livraria, na agência do correio, no escritório de seu agente na rua 13. Ela o ignorara achando que era um fã curioso.

Maggie recuou para as sombras. Ele não era do FBI, não tinha a aparência certa. Quem, então? E por que ele estivera na gaiola de Alan Ross?

Sessenta metros e uma parede de corpos os separavam. Ela afastou-se do bar em direção à saída, onde uma travesti negra e alta, com uma peruca loira, virou-se para olhá-la com interesse.

Os lábios da travesti abriram-se no que só podia ser uma expressão de reconhecimento e, agora, o medo real queimou na garganta de Maggie. Ele bloqueara a única saída com uma prostituta de rua, que se empertigou e olhou rapidamente além de Maggie antes de descer o último degrau e olhar firmemente para o rosto dela.

As luzes do Céu diminuíram até a escuridão.

A multidão arrastou-se para a direita em uma onda de carne e Maggie sentiu mãos em seu corpo, quadris e ombros batendo contra ela. Ela começou a correr de volta quando uma das mãos agarrou-lhe o braço, prendeu-o em um aperto mortal, empurrou-a para a frente e segurou-a firmemente. Maggie torceu-se, lutou contra o homem e estava prestes a gritar quando a voz profunda dele sussurrou em seu ouvido: — Cale a boca, idiota. — Era a travesti. — Se quiser viver, é melhor dar o fora daqui agora. Nesse minuto. Ouviu? Tem um maluco aqui que quer matar você.

* * *

Spocatti soube, no momento em que Divine inclinou-se em direção ao ouvido de Maggie Cain, que ela estava dizendo a Maggie que corresse. E, então, ele correu pela multidão, pulando por sobre a mulher gorda que fingia ser um cachorro e uma dúzia de outras pessoas que agiam como cachorros enquanto disparava em direção à saída.

Mas, no labirinto selvagem das luzes piscando e dos corpos que se contorciam, ele não conseguia ver com clareza, não conseguia avançar sem que alguém ficasse em seu caminho e o atrapalhasse. Com uma frustração cada vez maior, ele viu Cain olhar por sobre o ombro, localizá-lo e, com medo no rosto, subir correndo as escadas, que levavam ao ar fresco e à liberdade.

Spocatti correu em direção à luz branca da saída, viu o olhar gelado no rosto de Divine quando ela se escondeu nas sombras e desapareceu. Mas não havia tempo para procurar aquele rosto e acabar com ele. Ele chegou à escada no momento em que Maggie Cain passou correndo pelo porteiro Frankie e saiu pela porta. Ele viu rapidamente os cabelos pretos dela no súbito clarão do sol e soube que ela era dele.

Mas Frankie, um idiota com a valentia de um drogado, estava parado em frente à porta. Ele tirou a máscara de couro e dobrou os braços sobre o peito

musculoso em um esforço para criar algum tipo de intimidação.

Spocatti correu em direção a ele, a arma em sua mão explodindo quase ao mesmo tempo que a cabeça de Frankie, que caiu à sua frente. Mas Spocatti não perdeu o impulso. Ele passou pela porta, subiu a escada e chegou à rua. Com o coração martelando no peito, os olhos cegos pela luz do sol, ele viu somente caminhões brilhantes passando e três prostitutas caminhando na calçada.

Ele girou, dando uma volta completa.

Maggie Cain desaparecera.

* * *

Wolfhagen estava parado no topo da escada, ouvindo.

Lá embaixo, na biblioteca, Carra estava arrumando as cadeiras, movimentando-se, querendo ser ouvida. Os únicos tapetes da casa eram antiguidades bordadas que valiam uma fortuna e ela os pisoteava sem dó.

Ele a imaginou parando em frente aos espelhos e notando a fúria em seu rosto. Ele a imaginou xingando-o e amaldiçoando sua presença na casa dela.

Ele a imaginou morta.

Ela foi para o corredor. Depois, para a sala de estar. Clique, clique, clique, o som dos sapatos dela. Wolfhagen inclinou-se por sobre o parapeito e olhou para baixo, para a entrada iluminada, remodelada com o dinheiro dele enquanto ele estava na prisão. O ar-condicionado central zunia, mas não abafava o som daqueles saltos. Será que ela nunca iria embora?

Finalmente, os saltos dela no corredor, sua sombra alongando-se, Wolfhagen recuando, as tábuas do piso rangendo, a porta se abrindo, a porta sendo batida.

Ele entrou correndo no quarto dela, foi até a janela com vista para a rua 68, abriu a cortina pesada e olhou para fora. Na calçada, Carra estava se aproximando da limusine preta que a esperava no meio-fio. Ela usava um chapéu largo que ocultava o rosto e um vestido vermelho feito sob medida que mostrava as pernas. O motorista abriu a porta e ela entrou no carro. Wolfhagen não sabia aonde ela estava indo ou quanto tempo levaria, mas ele a ameaçara e ela saíra. Se era para ver o DVD, teria que ser agora, antes que ela voltasse.

A maleta dele estava sob a cadeira grande de ferro do outro lado do carro.

Wolfhagen abriu a maleta, retirou o disco que estava sob uma pilha de roupas dobradas, virou-se para o armário, abriu as portas de madeira clara e ligou a televisão e o aparelho de DVD. Ele inseriu o DVD, pegou o controle

remoto, caminhou até a cama, sentou-se, apertou o botão de reprodução e ficou observando enquanto a tela ficava preta.

O tempo passou. O disco girava. Ele ficou completamente imóvel enquanto via Gerald Hayes girar no ar e cair na calçada. Wolfhagen ficou chocado com a violência do ato, mas não enojado. Ele viu a cena várias vezes, impressionado com a frieza da mulher ao esmagar um lado da cabeça de Hayes, levá-lo até a janela aberta e jogá-lo para fora.

E, é claro, as palavras da mulher, de novo e de novo, as palavras da mulher: — Wolfhagen era um de seus melhores amigos e você o traiu. Contou todos os segredos dele no tribunal, o enviou para a prisão por três anos e nunca se arrependeu. Achou mesmo que ele deixaria que se safasse para sempre?

Wolfhagen assistiu ao DVD pela quinta vez. Hayes acabara de ser jogado pela janela do escritório quando a porta do quarto fechou-se com um estrondo.

Assustado, Wolfhagen virou-se.

Carra estava no outro lado do quarto, olhando para a televisão, os lábios pintados arreganhados, o corpo rígido. Ele estivera tão concentrado na morte de Hayes que não a ouvira entrar.

Imediatamente, ele levantou-se e desligou a televisão. O quanto ela vira? Por que ela voltara? A mente dele disparou. — Alguém me mandou isso — ele disse. — Veio na caixa com a cabeça de Wood. Havia um bilhete que dizia que eu deveria assistir. Alguém está tentando me incriminar.

Carra segurou o chapéu nas mãos e recuou um passo.

— É a verdade — disse ele.

Os olhos de Carra diziam que não e ela balançou a cabeça firmemente. Ela era uma mulher conhecida pela compostura, e não a perdera então.

Ela estendeu o braço e agarrou a maçaneta da porta. — Eu estava bem aqui — disse ela. — Eu ouvi o que aquela mulher disse. Você matou Gerald. Você matou Wood. Você matou cada um deles.

* * *

O rosto de Carmen brilhou com a luz do computador.

Ela estava na casa segura na avenida A, lendo as informações que baixara do computador de Maggie Cain. Os olhos dela percorriam as informações que Cain compilara desde a morte do amante, Mark Andrews.

Quando terminou, ela recostou-se na cadeira. Em todos os anos nesse negócio, ela vira muitas coisas doentias, normalmente criadas por suas próprias

mãos, mas isso era muito pior. Seria o suficiente para Wolfhagen. Cain e o investigador particular dela podiam se considerar mortos.

Carmen pegou o celular e discou o número de Spocatti. A linha tocou, mas ele não atendeu. Ela desligou o telefone e abriu outro arquivo, chamado "Marty Spellman". Carmen leu rapidamente e parou em um parágrafo. Ela o leu de novo, e de novo.

Será que era verdade?

Novamente, ela tentou telefonar para Spocatti e, dessa vez, ele atendeu. Ela contou o que sabia e Spocatti disse onde encontrá-lo. — O nome dele é Marty Spellman?

— Isso mesmo.

— E ele está trabalhando com Cain?

— Eles estão investigando Wolfhagen. E já envolveram a polícia.

— Investigue-o. Descubra onde ele mora.

— Eu já sei.

— Muito inteligente, Carmen, bom para você. O que recomenda?

— Não é mais só a Cain. Vamos acabar com os dois. Agora.

— Concordo. Vou telefonar para Wolfhagen e dizer que nossas prioridades mudaram.

CAPÍTULO 22

A luz em Manhattan mudara para o brilho profundo do fim de tarde quando Marty saiu do restaurante de Roberta. O sol descera além do horizonte recortado e sombras profundas cobriam a cidade, dedos grossos esticando-se, talvez em busca de uma brisa.

Ou um pescoço.

Ele andou em direção ao parque da Washington Square como se estivesse com o piloto automático ligado, a própria sombra dançando à sua frente. Observou pessoas que não conhecia caminharem sobre ele, carros passarem sobre sua cabeça, um ônibus cortá-lo ao meio, um garoto em um *skate* arrancar suas pernas. Sua sombra invencível colidiu com Nova Iorque inteira, sem hesitar ou recuar. Ela simplesmente continuava avançando, insensível, deslizando sobre as ruas, crescendo lentamente.

Wolfhagen.

Era uma reviravolta interessante. Marty teve que sorrir. Talvez o homem não estivesse de fora, no fim das contas. Ele colocou as mãos nos bolsos e atravessou a área ampla de cimento rachado do parque. Wolfhagen realmente voara três mil milhas para ir a uma festa dada pela mulher que ele estava processando por causa de milhares de dólares da pensão alimentícia?

Marty leu o *Post*. Como o resto de Nova Iorque, ele sabia que os Wolfhagen estavam no meio de uma guerra amarga de divórcio. Carra lutava com ele com uma equipe de advogados determinados a não dar a ele nem um centavo da fortuna pessoal que ela herdara. Ela falara publicamente contra ele. Os editores continuavam a publicar a história com manchetes que exigiam atenção. Será que eles chegaram a algum tipo de reconciliação nos dias que se passaram desde que ele lera a última reportagem? Pouco provável. Mas, se tivessem, Carra realmente o teria convidado a cruzar o país para ir a uma das festas dela? Para passar a noite na casa dela? Ele não conseguia acreditar nisso.

Ele saiu do parque e começou a subir a Quinta, deixando os pensamentos vagarem em torno das possibilidades. Se Carra não convidara Wolfhagen para a festa, por que ele voara para Nova Iorque? Para confrontá-la, cara a cara, sobre o divórcio? Era uma possibilidade. Mas, se fosse esse o caso, por que Carra deixara que ele ficasse na casa dela?

Ela tivera escolha?

Ele virou na Oitava. À frente e à direita, a loja Click Click Camera mostrava sua cara feia para o mundo. Marty entrou nela.

Jo Jo Wilson, sem camisa, olhou para cima quando Marty caminhou em direção ao balcão. Ele largou o pano que segurava e fez uma careta, os lábios rachados abrindo-se em protesto. — Espero que não seja sobre a câmera — disse ele. — Eu a mandei para você, como pediu.

— Tudo certo com a câmera — disse Marty. — Preciso usar o seu telefone.

— Você precisa usar o meu o quê?

Ele continuou caminhando pela loja pequena e estreita e colocou as mãos sobre o balcão de vidro empoeirado. Jo Jo inclinou-se para trás no banquinho de metal enferrujado. — Seu telefone — disse Marty. — Preciso usá-lo. Meu celular está quase morto.

A mão de Wilson deslizou para a esquerda, por trás de uma pilha de caixas que tinham as palavras "VENENO" e "CUIDADO - ANIMAIS VIVOS!" em vermelho, e trouxe um telefone sem fio sujo e cinzento que fora bege um dia. Ele o entregou para Marty, que discou o número de Maggie Cain. Novamente, a secretária eletrônica atendeu. Ela ainda não estava em casa. Ele deixou outro recado, dessa vez pedindo a ela que telefonasse imediatamente para o celular dele. Ele desligou o telefone e ficou parado, tentando imaginar onde ela estaria. Marty precisava falar com ela. Maggie conhecia os Wolfhagen.

— Tentando falar com alguém? — Jo Jo perguntou.

— Nossa, que esperto, Jo Jo. Como você é inteligente.

— Tenso como sempre?

— Não estou tenso.

— Certo. E eu não estou sentado aqui bem à sua frente. — Ele fez uma pausa para respirar. Até mesmo a conversa mais curta o deixava sem fôlego. Ele olhou para o tanque de oxigênio ao lado e colocou a mão sobre a máscara. — Então, qual o problema? A ex-mulher enchendo o saco de novo?

— Pode-se dizer que sim.

— Lamenta ter se divorciado dela?

— Ela pediu o divórcio, Jo Jo. Duas vezes. Lembra-se? E não, não lamento. Na verdade, hoje estou particularmente feliz.

— Sente falta das garotas, não é?

Marty olhou para ele.

— É isso, não é? Você sente falta das garotas.

Como esse homem grotesco e insensível podia ser tão intuitivo? Não fazia sentido, mas era um dos motivos pelos quais Marty viera aqui nos últimos quinze anos. De vez em quando, Jo Jo Wilson recuperava alguma experiência

que tivera na vida e conseguia enxergar sua alma, chegando ao coração do que o incomodava. Mas Marty não queria conversar sobre isso. — Acho que você precisa de um pouco de oxigênio, Jo Jo.

Jo Jo não deu ouvidos. — Vou mostrar a você do que preciso. — Ele estendeu a mão e pegou a garrafa de uísque pela metade de dentro da gaveta aberta a seus pés e colocou-a entre eles sobre o balcão. — Quer um trago? — Ele tirou a tampa da garrafa e a colocou no balcão. — Garanto que essa belezinha cuidará de todos os seus problemas.

Por um momento, Marty acreditou que sim. Mas, nesse momento, ele precisava manter a mente lúcida e recusou. — Não, obrigado — disse ele.

— Essa merda é boa.

— Não quero.

— Tem certeza?

— Confie em mim.

— Confiar em você? Spellman, se há alguém que precisa de um drinque agora, esse alguém é você. Você parece um lixo. E eu conheço essa expressão. Eu a vejo no rosto da minha mulher sempre que ela olha para mim. É como se tivesse acabado de ver um filme de terror. Mas é você quem sabe.

E Jo Jo, um homem raramente generoso, não ia oferecer novamente. Em vez disso, ele pegou um copo sujo escondido atrás da pilha de caixas, pegou a garrafa de uísque e começou a servir, a mão instável e magra derramando um pouco do líquido âmbar. Ele bebeu com goles curtos, arquejando e embaçando o copo.

— Depois a gente se vê, Jo Jo.

— Claro, amigão.

* * *

Ele saiu da loja, pegou o metrô na rua 4 em direção à 53 com a Terceira. Enquanto o trem disparava, ele pensou na juíza Wood e seu vizinhos empertigados na 75 com a Quinta.

Mesmo que ninguém tivesse visto Wood sendo deixada em casa ontem pela manhã, não era provável que, no decorrer dos anos, alguém tivesse visto algo incomum no comportamento dela? Wood saindo tarde da noite em toda terceira quinta-feira? Wood voltando para casa totalmente drogada na manhã seguinte?

Marty sabia. Era Nova Iorque. Ali, olhos atentos nunca perdiam nada, sabiam de tudo, coletavam informações como um computador. Se pelo menos as

bocas falassem... Mas como fazer com que elas falassem?

Pense.

Quem ele conhecia na 75 que morava perto de Wood? Tinha que haver alguém, Gloria teria se assegurado disso. Ela cultivava amizades na Sutton, na Beekman, na Quinta e na Park. Ela era a maior esnobe em se tratando de endereços, uma alpinista social. Mora em uma cobertura na Quinta? Vamos tomar um drinque. Tem um apartamento com vista para o parque? Vamos jantar. Marty nunca conseguira entender.

Gloria.

No momento, ela era a última pessoa com quem ele queria falar. Mas não havia dúvidas de que ela conheceria um ou dois vizinhos de Wood. Não havia dúvidas de que ela ainda era amiga daquelas pessoas e poderia apresentá-lo.

A influência dela podia fazer toda a diferença.

Ele precisava telefonar para ela. Ele pegou o celular no bolso da calça. A bateria estava no fim, mas, se fosse rápido, talvez fosse o suficiente.

Gloria atendeu no quarto toque, a voz fria totalmente diferente da mulher que ele um dia amara.

Gloria, seu contato mais recente.

Gloria, ajudando-o em um caso.

Meu Deus.

* * *

— Você quer que eu faça o quê? — perguntou Gloria.

— Um favor — disse Marty. — Quero que me faça um favor.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse Gloria. — Você perdeu do almoço com as suas filhas e quer que eu faça um favor? Ah, que lindo, Marty. Perfeito.

— Eu não perdi o almoço — disse Marty. — Eu me atrasei alguns minutos.

— Você atrasou trinta minutos.

— Não tive como evitar.

— Não tem desculpa. Obviamente, suas desculpas não acabam nunca.

Ela fez uma pausa e Marty podia sentir a mente dela trabalhando.

— Por que se atrasou? Teve a ver com Maggie Cain?

Ele não podia mentir para ela. Gloria saberia. — Sim — disse ele. — Ela é também o motivo pelo qual preciso de sua ajuda agora.

— Ela está encrencada?

— Talvez.

— Você sabe que ela é minha escritora favorita. Você sabe que amo o que ela faz com as palavras. Ela pinta com as palavras. Ela cria paisagens, murais, arte. Ela tem uma capacidade de gerar campos inteiros de personagens envolventes. As tramas dela são algo a ser estudado e admirado.

Marty não disse nada.

— Você nunca me pediu ajuda antes — disse ela com suspeita. — Por que agora?

— Porque você é a única pessoa que pode me ajudar. — Não era exatamente a verdade, mas também não era exatamente uma mentira. Em casa, Marty tinha uma lista de nomes e endereços de todos os amigos e conhecidos deles. Ele poderia ter ido até lá, percorrido a lista em busca de alguém conhecido na 75, telefonado e rezado para que a pessoa concordasse em recebê-lo.

Mas era um risco grande demais. Aquelas pessoas adoravam Gloria e sua estrela ascendente. Eles a tinham colocado em um pedestal e a aplaudido antes que o resto do mundo artístico o fizesse. Ele fora o marido ausente, que escrevia críticas insignificantes sobre filmes e falava mal de pessoas ricas como eles. Ele era conhecido por isso: era contratado pelos ricos para acabar com os ricos. Se ele quisesse penetrar nessa multidão, precisaria da influência dela.

— O que quer de mim? — perguntou ela.

Ele disse.

— Nem pensar.

— Vamos, Gloria.

— Eles não gostam de você, Marty. Nenhum dos meus amigos gosta de você. Não vou arriscar minha reputação por sua causa.

— E Maggie Cain?

— Isso a ajudará?

— Talvez mude tudo para ela. Talvez a salve.

— A situação é tão perigosa assim?

Ele foi direto. — É pior.

Fez-se silêncio. Marty podia senti-la pesando as opções.

— Muito bem — disse ela. — Mas com uma condição.

É claro. — Qual?

— Quero as garotas no Natal.

Ele quase desligou o telefone.

CAPÍTULO 23

Carra Wolfhagen estava parada à direita da janela do quarto no terceiro andar, uma faixa da cortina vermelha pressionada contra o rosto ao observar a rua lá embaixo, onde a imprensa e os curiosos estavam agrupados tentando vê-la e ao ladrão assassino que era seu marido.

O que estavam pensando, sabendo que ele estava aqui com ela? Que ela mudara de ideia, o apoiara, o recebera em sua casa e o aceitara de volta?

Se pelo menos ela tivesse a coragem de contar a eles o que mantivera em segredo por anos.

Ela afastou-se da janela e olhou para a porta trancada do quarto. O medo que sentia dele a prendera aqui. Ela pensou na arma a três metros de distância, na gaveta de cima do armário, e soube que, se pudesse matar Max naquela hora e sair impune, ela o faria. Ela o encontraria nessa casa e tiraria a vida dele, em troca da vida que ele continuava a roubar dela.

Onde ele estaria? No quarto de hóspedes? No telefone com os advogados? Ou talvez estivesse assistindo àquele DVD.

Aquele DVD. Se ela telefonasse agora para a polícia e eles viessem, ela sabia que, de alguma forma, Max acharia um jeito de destruir o DVD antes que o pegassem. Ele poderia queimá-lo, esmagá-lo, quebrá-lo e jogá-lo na privada. Ele acharia um jeito de se livrar dele. Ainda assim, em algum momento, ela teria uma oportunidade. No momento certo, e quando se sentisse segura, ela pegaria o disco, entraria em contato com a polícia e se livraria dele para sempre.

Mas naquela hora, ela só queria sair do quarto.

Ela foi até a porta e colocou o ouvido contra ela. Como não ouviu nada, destrancou a fechadura e abriu a porta. Ela olhou para os dois lados do corredor e só viu a gata, Sasha, passando perto da escada.

Carra foi até o animal e pegou-a nos braços, escutando. A casa estava quieta. A gata ronronou contra o peito dela.

Atrás dela, uma porta abriu e fechou.

Apesar de o corredor ser generosamente largo, Carra pressionou as costas na parede quando o marido, nu exceto pelo creme de barbear que escorria pelo corpo, saiu do banheiro com a lâmina dourada na mão.

Ele estava com os mamilos sangrando, mas não parecia notar. Furioso

demais e drogado demais para notar. Ele deu um passo de dança no meio do corredor e girou duas vezes, olhando friamente para ela, balançando os braços e quase derrubando de uma mesinha lateral um vaso caro que ela comprara em um leilão com o dinheiro roubado dele. Com os braços ainda abertos, ele foi até onde ela estava, parou e passou a gilete na extensão da barriga. Com a cabeça inclinada, ele sacudiu a lâmina com força, jogando uma mistura de pelos, creme de barbear e sangue no rosto dela.

Carra virou o rosto e arquejou.

Ela soltou a gata, passou a mão no rosto, manchando o batom com a fria espuma cor-de-rosa. Sentiu o gosto do sangue dele nos lábios e pensou em HIV ao limpar freneticamente com a manga a linha apertada em que sua boca se transformara.

Furiosa, com repulsa, ela levantou a mão para bater no rosto dele, mas ele conseguiu agarrar o pulso dela antes disso. Ela tentou bater com a outra mão, mas ele largou a lâmina e a segurou. Ele encostou o rosto no dela. As pupilas dele eram pequenas ilhas de areia negra afogando-se em águas azuis. As pálpebras tremiam por causa dos nervos que ele fritara com as drogas. Não havia nada que ela pudesse fazer enquanto ele estivesse desse jeito. Só lhe restava rezar para que ele não a espancasse, como fizera no passado.

Os lábios dele arreganharam-se, expondo os dentes amarelos irregulares que ele nunca arrumara, pois sabia que eram intimidadores. — Lembre-se — disse ele. — Tenho um vídeo de você também, Carra. Se me jogar no fogo, todos nessa cidade saberão quem é a verdadeira Carra Wolfhagen.

— Tire suas mãos...

— O que disse?

— Você está me machucando...

— O que disse?

Ela lutou contra ele, que só apertou os pulsos dela com mais força, cortando a circulação das mãos e machucando-a ainda mais.

— Eu não fiz nada! — gritou ele.

— Você matou os Cole! Você matou Gerald!

— Estão armando para cima de mim!

— Você mandou matá-los! — gritou ela. — Está naquele disco! Você matou antes! Você sabe que eu sei disso. Como pensou que eu conseguiria esquecer aquela noite? Como pensou que alguém esqueceria o que você fez? Você matou...

O primeiro soco a jogou no chão. O chute no estômago a deixou à beira da inconsciência. A cabeça dela caiu para o lado e ela viu, pelo redemoinho de moscas negras que obscureciam a visão, que faltava o dedo do meio em cada um

dos pés dele. Ele os mandara remover.

Agora, os pés dele pareciam cascos.

— Se eu sou responsável — disse ele, furioso, falando perto do ouvido dela enquanto creme de barbear e sangue pingavam no nariz, na bochecha e nos lábios dela, — pode ter certeza de que você é a próxima.

Com isso, ela girou o corpo violentamente, colocando as pernas entre as dele e jogando-o no chão, onde ele caiu de rosto no piso de mármore.

A única chance dela era correr.

Ele era mais forte do que ela, mas, naquele momento, não estava se movendo. Ela levantou-se quando ele rolou de lado. A boca dele sangrava por causa de um corte no lábio inferior. Ele piscou confuso e colocou a mão sobre a boca em um esforço de estancar o sangue, que estava criando uma poça no chão.

Atrás dele, no quarto que ele estava usando, estavam o disco e um telefone. Ele estivera se depilando e os teria mantido por perto. Deveriam estar no banheiro da suíte.

A juventude a deixara há muitos anos, mas ela mantivera a forma. Ela saltou sobre ele, mas não alto o suficiente. Ele ergueu a mão quando ela pulou, derrubando-a. Ela caiu com força, deslizando pelo chão.

Por um momento, ela ficou atordoada, mas a adrenalina era tão poderosa quanto o som dele esforçando-se para levantar. Ela olhou por sobre o ombro e o viu ficar de pé e encostar-se na parede. Ele estava nu, sangrando e vulnerável, mas a fúria era mais forte, impulsionando-o na direção dela.

Tão depressa quanto podia, ela ficou de pé.

Wolfhagen estendeu o braço tentando golpeá-la na cabeça. Ela sentiu os dedos dele raspando em seus cabelos quando abaixou-se em direção à mesa a seu lado.

Sobre a mesa, estava uma de suas posses mais valiosas, um vaso Lalique Bacchantes de cristal original que poderia pagar a aposentadoria de cinquenta nova-iorquinos. Ele era grosso e pesado, mas Carra conseguiu agarrá-lo e quebrá-lo em minúsculos pedaços em frente a ele, enquanto ele avançava em sua direção. Mas, no momento em que os cacos de vidro entraram na pele dos pés nus dele, Max parou por causa da dor, olhando para ela com incredulidade. Em toda à sua volta, havia um círculo de cacos afiados. Ele estava preso e sabia disso.

— Vou acabar com você — disse ela, recuando em direção ao quarto dele. — Agora você está fora da minha vida.

Ela correu para dentro do quarto, entrou no banheiro, viu o disco sobre a pia e pegou-o, juntamente com o telefone sem fio na parede, levando-os para o corredor. Carra segurou o telefone sobre a cabeça, pronta para bater nele, caso a

estivesse esperando.

Mas ele não estava, não se movera. Ainda estava parado sobre a poça crescente do próprio sangue.

Com o sangue pingando da boca, os restos de creme de barbear ainda grudado no corpo e o pelo grosso que ainda não depilara, ele parecia um monstro para ela. O que, é claro, ele era. A voz dele estava engrolada ao falar, mas ele estava tão estranhamento calmo que ela conseguia entendê-lo apesar do lábio machucado.

— Você não vai ganhar — disse ele. — Eu gravei tudo o que fizemos naquela época. Há uma caixa de depósito segura com cada uma das fitas. Se alguma coisa acontecer comigo, meus advogados têm acesso a todas elas e têm ordens de liberar as fitas para a imprensa. O mundo então saberá a verdade sobre você.

— Não estou preocupada com as fitas, Max.

— Pois deveria.

— Por quê? Não apareço nelas.

— Eu a vi nelas.

— Não, não viu. Pensei sobre isso hoje de manhã, depois de me ameaçar com elas ontem à noite para que pudesse vir para a festa e ficar aqui. Você não tem nada contra mim. Eu sabia onde as câmeras estavam escondidas e sabia onde não podia ficar. Mas se acha que estou errada e que tem alguma coisa contra mim, ainda assim vou arriscar.

— Como está fazendo com a polícia? Eles vão me interrogar de novo, Carra. E vão perguntar o que aconteceu com o meu rosto e os meus pés.

Ela olhou para os pés dele. — Vai mostrar a eles seus cascos, Max? É isso? Ora, vamos. Eis o que eu sei sobre você: quando eu sair, você vai tirar os cacos dos pés e ajeitará o lábio. Você é vaidoso demais para não fazer isso. E se contar à polícia o que aconteceu aqui hoje, tenho a minha própria versão. Tivemos uma briga e você me atacou. Adivinha quem perdeu? — Ela manteve os olhos nele, ligou o telefone e discou.

— Eu não ligaria para a polícia, Carra.

— E quem disse que eu vou? Hoje, estamos tratando de negócios e você não vai a lugar algum. — Ela inclinou a cabeça em direção ao quarto quando o telefone começou a tocar. — É lá onde você vai ficar de agora em diante. Não terá acesso ao telefone, nem ao disco, e não poderá pedir ajuda. O que terá são quatro homens de guarda do lado de fora da porta. Faça um movimento sequer quando eles chegarem aqui e será o último.

— As pessoas podem ser compradas, Carra.

— Não esses homens, Max.

— Você não sabe nada sobre dinheiro nem pessoas.

— Então prove que estou errada. Veremos quem está certo. — Ela levantou o dedo. — Mas, se você tentar, saiba que eles terão ordens de matá-lo.

— A morte não me assusta.

E lá estava, a maior mentira que ele dissera. Pela primeira vez desde que ele voltara à sua vida, ela sentiu-se em vantagem e atacou. — Mentira — disse ela. — Eu acho que você realmente pensa que tem uma chance de voltar ao topo e, por causa disso, acho que teme a morte mais do que odeia seu corpo, mais do que odeia sua infância e mais do que odeia sua maldita existência miserável.

LIVRO DOIS

CAPÍTULO 24

17h52

Quando Marty chegou na rua 75 East, não ficou surpreso de ver a imprensa estacionada em frente à casa de Wood. Era quase seis da tarde, horário do jornal da noite. Se Nova Iorque inteira ainda não estava falando sobre esse caso, logo estaria. A fama que Kendra Wood tivera em vida estava prestes a catapultá-la a novas alturas na morte.

Ele saiu do táxi, olhando em torno da confusão de câmeras, cabos, vans e pessoas em busca de Jennifer, e sorriu quando a viu lendo anotações em frente à barricada da polícia. Em volta do pescoço, ela usava o colar que ele lhe dera quando namoraram pela primeira vez.

O táxi foi embora e Jennifer olhou para cima, mas não para ele. Ela disse algo para o operador de câmera, riu com ele e ergueu o rosto para as dezenas de pássaros que sobrevoavam a área, de árvore em árvore. Ele a ouviu dizer: — Se um deles cagar em mim, juro por Deus que vou esfregar a merda naquela vadia da Fox 5.

Marty chamou o nome dela.

Jennifer o viu no meio da multidão e acenou. — O que está fazendo aqui? — perguntou ela, sorrindo. — Achei que íamos nos falar às oito.

— Íamos — disse Marty. — Mas preciso falar com você agora. Tem um minuto?

— Não sei. — Ela olhou para o câmera, um homem baixo de cabelos brancos, com quase o dobro da idade dela. — Quanto tempo?

— Sete minutos e seu rosto bonito estará sorrindo para metade de Nova Iorque.

Ela tocou no braço do homem. — Que simpático — disse ela. — Meu rosto bonito. Se eu tivesse um fã-clube, Bob, você seria o presidente.

— Se você tivesse um fã-clube, eu estaria trabalhando em outro lugar.

— Ora, vamos. Você me enviaria uma mensagem no Twitter se pudesse.

— Só se você fosse para a clínica municipal. — Ele ergueu um dedo antes que ela pudesse falar. — Cuidado. Você não iria gostar se eu continuasse, garota.

Jennifer beijou a bochecha dele e seguiu Marty até o outro lado da rua. — Ele não é ótimo? Você não acha cinismo como o dele em qualquer esquina. Eu o adoro. — Ela apertou a mão de Marty. — O que está fazendo aqui? Algo me diz que não veio aqui só para me ver.

— Você está certa — disse Marty. — Não é. Apesar de ser uma surpresa boa. — Ele apontou para fileira de casas atrás deles. — Emilio DeSoto e Helena Adams. Vou entrevistá-los.

Os olhos de Jennifer arregalaram-se. — Como conseguiu?

— Você não quer saber.

— Claro que quero.

— Foi a Gloria — disse ele.

— Gloria?

— Acabei de falar com ela no telefone.

— Mas achei que estivesse furioso com ela.

— E estou — disse Marty. — Mas eu sabia que ela poderia me botar lá dentro, mandei tudo pro inferno e telefonei para ela.

— Ela realmente conhece todo mundo, então.

— Ela faz com que seja da conta dela — disse Marty. — É o que ela faz.

— Acha que eles viram alguma coisa?

— É o que espero.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Na verdade, sim — disse Marty. — O que vai fazer mais tarde?

— O Bob ia me pagar um drinque, mas posso recusar — disse ela. — É moleza, e ele me ama.

— O suficiente para mandar uma mensagem no Twitter?

— Ora, vamos. Ele me mandaria um monte de mensagens se fosse hétero.

Marty sorriu. — Eu não precisava saber disso. Se ele estiver disposto a adiar, talvez você possa ir até a casa de Carra Wolfhagen e ver como está o marido dela. Ele está ficando na casa dela.

Era o suficiente para Jennifer. Ela segurou o braço dele e o levou mais adiante, longe dos outros repórteres. — Wolfhagen está lá? — perguntou ela em voz baixa. — Mas eles não se suportam.

— Você acha?

— Por que ela o deixaria ficar lá? Ela está pedindo o divórcio. Todos sabem o que eles sentem um pelo outro. Era de se esperar que ele procurasse outro lugar para ficar.

— Interessante, não é?

— O que mais você sabe? Está me escondendo alguma coisa, eu sei.

— Conto tudo a você mais tarde — disse ele. — Mas só se o vigiar para

mim.

— É claro, vou vigiá-lo.

Eles caminharam de volta em direção à multidão de repórteres.

— Leve o celular — disse Marty. — Ligue no meu celular e siga-o se ele sair. Não sei quando vou poder encontrar você, mas uma hora chegarei lá. — Ele olhou para ela. — Tudo bem para você?

Ela fez uma careta. — Ora, vamos. Até parece que nunca vigiei ninguém antes. Lembra-se do Gotti?

Como ele podia esquecer? Naquele ponto no início da carreira, ela podia ter sido uma jovem repórter, mas seguira o chefão da máfia por três semanas sem ser pega. Ela disfarçara-se e saíra com o filho dele para extrair informações sobre a família. Ganhara o prêmio Peabody pela reportagem, que expôs lados de Gotti que ele nunca quisera levar a público. E a transformara em uma estrela.

Ela apertou a mão dele. — Vejo você depois da entrevista com DeSoto e Adams. Será divertido, como nos velhos tempos. — Ela piscou para ele. — E faça-me um favor. Use aqueles *jeans* apertados que adoro, aqueles que mostram sua bunda. Nunca se sabe. Talvez você tenha sorte de novo.

Com isso, ela atravessou a rua, parou em frente à câmera, conferiu as anotações e respirou fundo quando as luzes da câmera se acenderam. Bob apontou o dedo para ela e Jennifer começou a falar para metade de Nova Iorque, da mesma forma que os outros repórteres.

* * *

Marty virou-se para o prédio atrás dele.

A casa de Emilio DeSoto era alta e estreita, pintada de branco: a porta branca, os tijolos brancos, os toldos brancos sobre as janelas brancas. Os degraus eram pintados de branco, o acabamento era branco, a cerca de ferro que envolvia o terreno era pintada de branco. A única coisa de cor diferente estava na porta, o número "21" em cinza pérola. Marty bateu duas vezes e esperou. A experiência dizia que entrar nessa casa poderia levar algum tempo.

Em, como Emilio era conhecido no círculo de arte de Nova Iorque, era um dos principais artistas minimalistas de Manhattan. Amigo íntimo de Gloria, sua mera presença na primeira exibição que ela fizera dera à carreira dela um impulso que todo artista debutante deseja. Ele comprara a menor das pinturas dela, quase um minúsculo selo postal em meio às enormes telas, e sussurrara no ouvido dela a noite inteira. Quando a imprensa perguntou o que ele achara do

trabalho da nova artista, Em os surpreendeu ao responder com uma frase completa: — O trabalho dela é impressionante.

O trabalho dela é impressionante. Essas cinco palavras ajudaram Gloria e a galeria a vender mais de um milhão de dólares antes do fim da noite.

A porta abriu-se lenta e cuidadosamente, finalmente expondo a visão de Em vestindo um pijama de seda branca, chinelos de cetim branco, a cabeça e as sobrancelhas raspadas. Ele era um homem muito magro e com a pele tão pálida que parecia translúcida. Eles só tinham se encontrado uma vez, aqui, para tomar chá com Gloria, mas Em não falara com ele, somente o encarara quando Marty fizera um comentário sobre as pinturas do homem.

Agora, Marty ficou pensando como diabos faria com que o homem conversasse com ele sobre a Juíza Wood e o que poderia ter visto durante os anos em que fora vizinho dela. Mas Gloria prometera que ele falaria. — A morte o fascina — dissera ela. — É uma grande força no trabalho dele, especialmente durante o período negro da carreira, que coincidiu com o meu. E ele é diferente quando está sozinho. Ele é diferente quando não tem um público. Você verá. Não conseguirá fazê-lo calar a boca.

Mas, ao ver Em observando-o, fazendo uma careta por causa de todas as cores das roupas de Marty, ele não tinha tanta certeza. — Obrigado por me receber, Em — disse ele. — Eu sei que você é ocupado e realmente agradeço.

Em não disse nada. Ele olhou além de Marty, para a casa de Wood, fez menção de falar, mas apertou os lábios em uma linha fina pálida e não disse nada. Ele abaixou o olhar e, com uma inclinação quase imperceptível da cabeça, convidou Marty a entrar.

Um longo corredor branco estendia-se à frente deles como um túnel de neve. Luzes estrategicamente posicionadas estavam escondidas no teto, destruindo algumas sombras e lançando outras. Não havia móveis, nenhuma pintura nas paredes, nenhum sinal de vida presente ou passada. Em trancou a porta atrás deles e, sem uma palavra, virou-se para percorrer o corredor brilhante.

Intrigado, Marty o seguiu.

Como esse homem pequeno e peculiar sobrevivia em Nova Iorque? Era tudo uma atuação, como Gloria sugerira, ou era algo mais profundo, alguma perturbação inexplicada que ele nunca resolvera?

Ao avançarem, Marty observou o homem inclinar-se para a esquerda, depois para a direita. Eles chegaram ao fim do corredor e o ombro de Em bateu no batente da porta. O golpe o pegou de surpresa e ele encolheu-se, quase caindo, mas endireitando-se no último momento.

Ele atravessou a sala de estar tropeçando, bateu em uma das poucas

cadeiras brancas dispostas no centro da sala, que caiu, e continuou avançando em direção à mesa ao longo da parede branca do outro lado.

Marty não sabia dizer se o homem estava doente, bêbado ou simplesmente não conseguia enxergar as sombras sutis que definiam onde estava essa cadeira, aquele sofá, aquela mesa. Ele ficou parado na porta e observou Em pegar a pequena urna branca na ponta de uma mesa. Ele tirou a tampa, colocou a mão dentro dela e retirou um pequeno bastão branco.

O bastão era um baseado. Marty entrou e observou Em acendê-lo com o isqueiro branco. Ele fechou os olhos e inalou profundamente, a fumaça azul subindo em pequenas nuvens espessas. Só depois de exalar, ele finalmente olhou para Marty e disse em uma voz fina e exasperada: — Glaucoma. — Ele suspirou e, por um momento, Marty achou que o entendia.

— Preciso fazer algumas perguntas — disse ele. — Mas se não for uma boa hora, posso voltar quando estiver se sentindo melhor.

Em franziu o rosto e deu outra tragada, tossindo e levando a mão ao peito, onde bateu de leve.

Marty olhou para as unhas da mão dele. Com exceção do polegar, que tinha a unha cortada bem curta, as unhas dos outros quatro dedos eram longas, finas, curvadas e amarelas. Ele olhou para as unhas da outra mão e viu que todas estavam roídas até a carne.

E Em deu mais uma tragada.

— Você conhecia Kendra Wood? — perguntou Marty.

Em terminou o baseado, colocou a ponta em um cinzeiro de vidro limpo e botou um dedo na ponta do nariz estreito. Os olhos dele estavam enevoados e sem foco. O corpo dele ocupava espaço, mas sua mente estava bem longe. Ele tossiu novamente e olhou para Marty, do outro lado da sala. O lábio superior dele tremeu.

Marty não tinha certeza se o homem o escutara. — Você é vizinho dela há seis anos. Seria útil se pudesse me dizer qualquer coisa que saiba sobre ela.

Em virou a cabeça e passou o dedo ao longo da tampa branca curvada da urna. Ele não deu qualquer indicação de que iria responder.

— Talvez eu deva ser mais direto — disse Marty, evitando deixar que a voz mostrasse sua frustração. — Na noite passada, a juíza Wood foi encontrada morta no quarto dela. A cabeça dela foi cortada e, até hoje de manhã, estava desaparecida. As provas sugerem que ela vivia duas vidas separadas. Eu gostaria de saber se você viu algo incomum no comportamento dela durante esses anos.

— Sim — disse Em.

Finalmente, pensou Marty. — Pode me contar? — perguntou ele. — O que você viu?

— Coisas — disse Em.

— Como por exemplo...? — perguntou Marty.

— Pessoas — disse Em.

— Quem? — perguntou Marty.

— Roedores — disse Em.

E aquilo fez com que Marty parasse.

Ele observou uma onda de perturbação percorrer o rosto de Em, que estava ainda mais pálido do que antes. O ar na sala parecia retorcer-se. Marty podia senti-lo ficando mais pesado. — Preciso que seja mais específico — disse ele. — Pode fazer isso por mim?

— Não.

— Ela foi decapitada, Em.

— A vida corta cabeças.

— Por favor, me diga o que sabe.

— Sei que vão procurar um novo juiz.

— E eu sei que sua rotina é uma atuação.

Em encolheu-se.

— Gloria me disse que você era um homem bom. Ela me disse que você me ajudaria. Ela me disse que a morte o fascina.

— A vida é a nova morte.

— O que quis dizer com "roedores"?

Os olhos de Em ergueram-se para encontrar os dele. — Roedores comem os filhotes.

— O que isso significa?

— Roedores comem os seus.

— Está dizendo que a juíza Wood era um roedor?

— Sim.

— Quem a comeu, Em?

Mas Em gastara suas palavras. Como uma criança, ele deu as costas a Marty, dobrou os braços sobre o peito e comportou-se como se não fosse oferecer mais nada.

Mas Marty não ia engolir. Ele não deixaria que Emilio, o minimalista, balançasse uma cenoura em frente à sua cara e a escondesse em seguida.

— A polícia virá aqui, Em. Kendra Wood era uma juíza federal e eles vão interrogar todo mundo nesse quarteirão. Eles interrogarão você e não serão tão compreensivos quanto eu. Eles o assediarão. Eles o farão falar. Eles saberão que está escondendo alguma coisa e o forçarão a contar o que sabe. Eles o humilharão. Eles conseguirão mandatos. Eles trarão o FBI. Eles o chamarão de aberração. Tudo vazará para a imprensa. Será um circo. Você terá que falar com

todo mundo.

Em ergueu a cabeça em direção ao teto.

Marty abaixou a voz. — Mas se me contar o que sabe e eu solucionar o caso, você nunca precisará lidar com a polícia. — O que era uma mentira, mas o tempo era curto e Marty precisava de respostas.

— Você não me conhece — disse Em.

— Não preciso — disse Marty.

— Você não é um artista.

— O que isso tem a ver com uma mulher morta?

— Artistas veem as coisas de forma diferente.

— Você provavelmente está certo.

— Eu e você não podemos nos comunicar.

— Acho que estamos nos comunicando agora.

— Comunicação não é assédio.

— Ninguém o está assediando.

— A vida me assedia.

— Estou tentando solucionar um crime.

Em virou-se para ele. — Não foi um crime.

— O que isso significa?

— Roedores comem roedores.

— Chega de besteira, Em.

— É verdade.

— Diga-me o que sabe.

— Eu sei que você era um mau marido.

— Você está escondendo alguma coisa.

— Eu escondo tudo.

Marty pegou o celular. — Um telefonema e sua vida muda.

— Um telefonema para Gloria e a sua também.

Ele discou o número de Hines.

— É isso o que eu sei.

Ele ouviu o telefone chamando.

— Eu sei que você magoou sua família.

Ele recusou-se a deixar o homem provocá-lo.

— Sei que suas filhas nunca terão uma vida normal.

A secretária eletrônica de Hines atendeu.

— Sei que você é um crítico de merda.

Marty concentrou-se na voz de Hines.

— E sei que você precisa sair da minha casa.

Marty desligou o telefone. — Você vai se arrepender disso, Em.

— Eu nunca me arrependo da verdade.

— Dê uma boa olhada em si mesmo e me diga.

— Eu digo uma coisa. Estou incubando. Hoje à noite, eu mudarei.

E, sem mais uma palavra, Em foi até uma das cadeiras brancas no centro da sala e sentou-se. Ele colocou o rosto nas mãos e posicionou o corpo de tal forma que os membros encolheram-se, fazendo com que parecesse ainda menor. As linhas do corpo dele encurtaram. Sua vontade de desaparecer rapidamente tornou-se a declaração mais forte que ele fizera.

Nada mais sairia dele.

Marty virou-se para sair. Mas, ao chegar à porta, a voz de Em ergueu-se e percorreu o corredor. — Aqueles roedores vão comer você também, Spellman.

CAPÍTULO 25

18h26

A casa de Helena Adams ficava quatro casas à esquerda da de DeSoto e quase diretamente à frente da casa de Wood. Eram três andares de tijolos e janelas brilhantes, venezianas pretas com heras, uma porta de mogno entalhada com vitrais e reforçada, Marty suspeitava, com pelo menos cinco centímetros de aço.

Ele olhou em direção ao Parque, que ficava perto do fim da rua, e observou dezenas de pessoas caminhando apressadas na calçada, subindo e descendo a Quinta. Ele apertou a campainha e esperou, tentando tirar da mente a cena que tivera com DeSoto.

— *Aqueles roedores vão comer você também, Spellman.*

Ao recapitular a conversa, uma parte de Marty agora pensou que DeSoto contara a ele mais sobre Wood do que achara originalmente. O homem falara em código. Quem eram os roedores?

Uma jovem asiática atendeu a porta.

— Sr. Spellman? — perguntou ela. Pela roupa azul cara, Marty supôs que ela era a secretária de Adams.

— Sim — disse Marty.

— Sou Theresa Wu, assistente pessoal da Sra. Adams. Estamos tomando chá na biblioteca. A Sra. Adams gostaria que se juntasse a nós lá.

Ela deu um passo ao lado para que ele pudesse passar, fechou a porta e acenou para que ele a seguisse por um corredor fresco, com mesinhas antigas delicadas e pinturas nas paredes. Marty olhou para as mesinhas e viu, sem surpresa, as fotografias preto e branco em porta-retratos de prata de estrelas de filmes de outra era. A maioria estava autografada com frases de amor ou afeição, e nenhuma delas era fotografia de estúdio. Elas eram da coleção pessoal de Adams. Em algum lugar, um ar-condicionado central resfriava o ar do aposento.

Eles viraram à direita no fim do corredor e entraram em uma biblioteca cujas paredes estavam cheias de livros, do chão ao teto.

No outro extremo do aposento, onde a luz a favorecia, estava Helena Adams. Ela levantou-se da cadeira para cumprimentá-lo. — Marty — disse ela.

— Nossa, que bom ver você. Por favor, entre.

Exceto pelo cabelo grisalho, com um corte mais curto e elegante que envolvia o rosto famoso, ela não parecia em nada diferente da mulher com quem ele passara uma noite, há dois anos, em uma festa beneficente para a pesquisa da AIDS. Alta e esguia, ainda impressionantemente bela aos oitenta anos, ela tinha o tipo de graça e elegância que só podia ser natural, não aprendido nem ensaiado. Ele pegou as mãos dela e apertou-as gentilmente. — Obrigado por me receber.

— Eu não tive muita escolha — disse Helena. — Gloria me disse que era importante. Alguma vez você conseguiu dizer não para aquela mulher? Terrível. Todo aquele silêncio tenso. Eu não tenho mais essa coragem.

Mas é claro que ela tinha, e ambos sabiam disso. Na década de 1940, Helena Adams estrelara em quase três dúzias de filmes, dois dos quais a renderam um prêmio da Academia de Melhor Atriz e a transformaram em uma lenda. Hollywood, de vez em quando, a cortejava, mas Helena dera as costas a eles há quarenta anos para se casar com Cecil Chardbourne, o investidor bilionário. Nas poucas entrevistas que dera desde então, ela nunca explicara por que desistira de uma carreira tão promissora e tão poderosa.

— Theresa — disse Helena, virando-se para a assistente. — Pode servir a esse jovem gentil um pouco de chá, por favor?

— É claro.

Helena sorriu para Theresa e eles a observaram quando ela saiu da sala. — Ela é uma super garota — disse Helena. — Eu estaria perdida sem ela. — Ela virou-se para Marty e pediu que se sentasse na cadeira bordada à sua frente. — Estou ditando minha autobiografia para ela — disse ela casualmente, tomando um pouco de chá. — Agora que Cecil se foi, posso finalmente contar tudo. Estamos quase terminando e posso dizer uma coisa, Marty, a minha vida foi fantástica.

— Acho que ninguém questionará isso, Helena.

Mas Helena balançou a cabeça. — Você não entende — disse ela gravemente. — Eu fiz coisas que ninguém sabe. Eu sei coisas sobre Hollywood e a sociedade de Nova Iorque que todos questionarão, especialmente o FBI. — Ela levantou as mãos. — Mal posso esperar até que coloquem as patas gananciosas nesse livro. Será um dia especialmente difícil. Mas estou velha e não me importo. Guardar segredos pode ser um fardo terrível, não acha?

Ele assentiu.

— Sim, em seu ramo, achei que sim. Pode acabar com você, fazer com que desista de seus sonhos, jogar fora uma vida por uma que não importa. Pode até mesmo fazer com que case com alguém que você odeia. Estou terminando esse

ciclo agora. Estou contando a verdade sobre as duas cidades. Estou queimando as pontes e adorando. É algo que devia ter feito há anos. É a minha liberação dos anos 1960, com cinco décadas de atraso. Nunca mais almoçarei em nenhuma das duas cidades.

Ela sorriu para ele, misteriosa como sempre. — Você terá que ler meu livro para saber do que estou falando, querido. Estou sendo vaga de propósito. Parte do meu charme, dizem, é ser vaga. Cecil me disse isso logo antes do acidente.

Ela o encarou abertamente e Marty ficou imaginando. Cecil Chadbourne morrera por causa de um tombo no fim do inverno passado. Quebrou o pescoço ao escorregar no gelo de Nova Iorque. Helena, a viúva, estivera triste demais para ir ao funeral do marido. Afinal de contas, bem à sua frente, ela observara Cecil sangrar pela cabeça fraturada, dar os últimos suspiros e morrer. Os amigos entenderam sua ausência, especialmente quando a imprensa dos negócios e do entretenimento começaram a acampar em frente à sua casa. Em um esforço de afastar-se deles, ela voara para Paris e escondera-se nos confins luxuosos do apartamento deles com vista para o Sena.

Theresa voltou com um serviço de chá de prata, colocou a bandeja na mesa entre Marty e Helena, serviu uma xícara de chá fumegante, ofereceu a ele leite e açúcar e perguntou se Helena gostaria de mais uma xícara.

Mas Helena balançou a cabeça e fez um gesto amplo com a mão. — Estou bem, querida, bem. É sério, você parece mais uma enfermeira atenciosa do que uma assistente. Por que não se senta conosco? O Sr. Spellman aqui está prestes a me pedir ajuda com algo importante, posso ver isso no rosto dele, e estou curiosa para saber o que é.

Theresa sentou-se na cadeira ao lado de Marty e cruzou as pernas. Ela era uma bela distração, com cabelos logo abaixo dos ombros e um rosto que refletia inteligência e algo mais. Um leve flerte? Ela inclinou a cabeça e sorriu para ele, os olhos abaixando-se levemente.

Helena endireitou-se. — Então? — disse ela. — Vamos, Marty, você sabe que detesto suspense. Do que se trata? De alguma forma, você conseguiu envolver Gloria, portanto deve ser algo muito bom para ter feito isso. Está fazendo a crítica de um dos meus filmes? Quer uma entrevista exclusiva? É isso que está buscando?

Marty desviou o olhar da Theresa Wu sorridente e disse: — Na verdade, é sobre a juíza Wood. Você a conhecia?

Helena tocou no broche de diamante preso ao bolso da blusa de seda branca e pareceu desapontada. — É sobre aquela mulher?

Marty assentiu.

— Mais nada?

— Receio que não.

— Nem mesmo sobre um dos meus filmes?

— Você sabe que adoro seus filmes.

— Obviamente, não o suficiente para escrever uma crítica sobre eles. Eu leio o seu blogue, sabia? Os jovens que deixam todos aqueles comentários entusiasmados deveriam conhecer meu trabalho, não concorda?

— Concordo — disse ele. — "Um Caso Secreto" vai sair em Blu-ray no mês que vem e pretendo falar sobre ele.

— Seria ótimo. E sabe de uma coisa? É um filme muito bom. Eu fui indicada por ele, é claro, mas perdi para aquela vadia da Crawford quando ela começou uma campanha difamatória contra mim. A pessoa mais cruel que já conheci, e lá estava ela, recebendo o prêmio por ter levado um tapa no rosto daquele delinquente em "Alma em Suplício". Davis e eu costumávamos falar sobre ela por horas. Tínhamos raiva dela. Bette dizia que queria pegar a careca dela, seja lá o que isso significava, mas acho que tinha a ver com o fato de que Crawford tinha *trailers* cheios de perucas. — Ela balançou a mão novamente. — Mas isso tudo está no livro e, obviamente, a minha carreira não é o motivo de sua visita. Por que está interessado em Wood?

— Não posso dizer, Helena.

— Nem para mim?

— Nem para você.

Ela deu de ombros. — Bem — disse ela. — Valeu a tentativa. Não acha, Theresa, querida? Sempre tente. Mas acho que não importa, porque não sei nada sobre essa mulher. Já disse isso à polícia hoje de manhã. Um detetive muito alto com os olhos mais azuis que já vi na vida veio aqui me interrogar. Lindo. Qual era o nome dele, Theresa?

— Hines.

— Isso mesmo. Hines. Aqueles ombros dele eram *incroyable*. Eu queria inventar coisas só para que ele ficasse, mas isso teria sido ilegal e já infringi leis suficientes na minha vida, como você descobrirá em breve. Portanto, fui esperta e contei a verdade a ele. Eu não a conhecia.

E você também não queria envolver-se em uma investigação, pensou Marty. *Especialmente uma dessa magnitude*. Ele tomou um gole de chá, pensando na melhor forma de conduzir a conversa. Nesse meio tempo, Theresa inclinou a cabeça para o outro lado e cruzou novamente as pernas.

— O que me disser será mantido em segredo — prometeu ele. — Você nunca será responsabilizada. Só será conhecida como uma fonte. Eu lhe dou a minha palavra, Helena.

— Tenho certeza disso — disse Helena. — Mas não muda nada. Ainda

assim, eu não conhecia aquela mulher. Como todo mundo em Nova Iorque, ela era reservada. Ah, houve um tempo em que tentei conhecê-la, mas isso foi há anos, depois que ela ficou famosa por sentenciar aqueles homens à prisão por fraude. Mas não deu em nada.

— Pode me falar sobre isso?

Helena deu de ombros. — Foi Cecil — disse ela. — Ele falou sobre aquela mulher todos os dias, por três semanas. Quando Wood tornou-se popular, ele me pediu que a convidasse para jantar. O idiota estava fascinado por ela, tinha uma queda por ela, queria saber tudo sobre ela. Mas ela nunca retornou meus telefonemas nem respondeu aos meus convites. A mulher não queria nada conosco. Nada. Era como se não fosse... nós. Você não imagina como Cecil ficou chateado com isso. Ele não estava acostumado a ouvir um não e resmungou por dias.

— Você alguma vez notou algo de incomum no comportamento de Wood?

— Como o quê?

— Vocês eram vizinhas — disse Marty. — Você deve tê-la visto entrando e saindo em algum momento.

— Bem, é claro, eu vi — disse Helena. — Mas não era algo que eu via todos os dias.

— Não importa — disse Marty. — Você a viu. Você era capaz de tirar conclusões, mesmo que não tivesse ciência disso na época.

Helena desviou o olhar e terminou de beber o chá. Ela segurou o broche e não disse nada. Theresa Wu lançou um olhar preocupado a Marty, que a ignorou. Como Emilio DeSoto, Helena sabia de alguma coisa. Ele viu isso no momento em que ela desviou o olhar.

— Vamos, Helena — disse ele. — Isso é importante. Você alguma vez viu algo incomum? Wood saindo tarde da noite? Ou talvez chegando bêbada na manhã seguinte?

— Agora você está descrevendo metade de Nova Iorque — disse Helena, mas sem uma convicção real. Ela virou-se para a janela a seu lado e olhou para o outro lado da rua. Os repórteres estavam guardando os equipamentos e saindo da casa de Wood. Helena os observou ir embora e seus ombros magros e estreitos caíram um pouco. Ela suspirou. — Ah, está bem, Marty — disse ela. — Estou velha demais para isso e você é muito bom. Sim, eu sei de alguma coisa. Até mesmo considerei colocar isso no livro, mas desisti. Vou contar para você.

Ela olhou para ele, os olhos súbita e surpreendentemente duros. — Mas isso não sai daqui. Se alguém me perguntar, vou negar e fazer com que você pareça um idiota. As pessoas acreditam em velhas como eu. É uma das poucas vantagens de ter a minha idade, essa crença universal de que velhinhas são doces

demais para mentir. E apesar de eu não ter participado de nenhum filme em décadas, não perdi o jeito. Ainda sou uma excelente atriz. Entendeu?

Marty entendeu.

— Quando Cecil morreu, eu tinha problemas para dormir. Ele era um homem grande em todos os sentidos. Essa casa virou um vácuo sem ele e eu não estava acostumada com o silêncio. Eu caminhava pela casa o tempo todo. Lia, telefonava para amigos na Europa ou assistia à televisão. Algumas vezes, eu ligava o rádio e ouvia música enquanto pensava sobre o passado e tudo do que desisti por causa de um homem. Uma noite, cerca de um mês depois da morte de Cecil, eu estava parada na janela do meu quarto, pensando sobre aquele pedaço de gelo que o matara, quando vi um carro parar na frente da casa de Wood. Era um carro grande, preto e caro, o tipo de carro que você esperaria ver nessa vizinhança, o tipo de carro que Cecil teria comprado.

— A que horas foi isso? — perguntou Marty.

— Tarde — disse Helena. — Depois das três.

— Da manhã?

— Sim. Era inverno e estava frio.

— Você conseguiu ver quem estava dentro do carro?

— Deixe-me falar, Marty.

Ele ouviu.

— Não — disse ela. — Eu não vi quem estava dentro daquele carro. Mas quando Wood saiu correndo da casa e abriu a porta do passageiro, eu vi, por causa da luz de dentro do carro, que ele estava cheio de gente. — Ela abaixou a voz. — Todos estavam nus, e Wood também.

Theresa pediu licença e saiu da sala.

Marty observou-a sair e sentiu o momento se estender. Em princípio, ele não tinha certeza se ouvira direito o que Helena dissera, mas é claro que sabia que tinha. Ele pensou na tatuagem de Wood, na data escrita com sangue sobre a cama dela, na cabeça desaparecida e ficou imaginando novamente aonde isso tudo levaria. — Ela saiu da casa nua? — perguntou ele.

Helena assentiu.

— Tem certeza disso?

— Acho que sei o que é uma mulher nua quando vejo uma, Marty. Kendra Wood não estava usando nem uma peça de roupa. E nem ninguém dentro daquele carro.

* * *

Mais tarde, quando Marty estava indo embora, foi Theresa Wu quem o parou na entrada.

Ela colocou um envelope pardo na mão dele e disse, em um sussurro rápido e nervoso: — Ontem pela manhã, enquanto a Sra. Adams ainda dormia, eu vi essa mulher saindo da casa da juíza Wood. Tenho certeza de que era ela. Eu a reconheceria em qualquer lugar.

— Quem é?

— Você verá. E não pode dizer a ninguém que lhe contei isso. Vou negar, como a Sra. Adams. Nenhuma de nós quer um escândalo agora. Nenhuma de nós pode estar ligada a isso de forma alguma. Mas você vai investigar, não vai? Eu acho que ela pode estar envolvida no que aconteceu com a juíza Wood. Ela estava carregando uma caixa grande quando saiu daquela casa. Ela parecia estar com medo. Aterrorizada. Mas havia mais alguma coisa no rosto dela. Raiva, eu acho.

Wu abriu a porta e pediu a Marty que saísse. — A Sra. Adams não pode saber... — ela começou a dizer, mas Marty não ouviu o resto. Naquele momento, ele já abrira o envelope e tirara o livro que Wu colocara dentro dele.

Ele o virou e olhou para a fotografia na capa de trás. E, quando o fez, sentiu um arrepio.

O rosto familiar de Maggie Cain, com a cicatriz na bochecha, sorria para ele.

CAPÍTULO 26

18h49

Maggie Cain.

Ela mentira sobre seu relacionamento com Wolfhagen. Ela estava sob investigação do FBI. Ela devia saber que Boob Manly declarara-se culpado da morte dos Cole e, ainda assim, o ignorara em favor de Wolfhagen, Lasker e Schwartz. E agora isso. Agora, Marty tinha uma testemunha ocular que a colocava na casa de Wood no dia da morte dela. Uma testemunha ocular que a vira sair com uma caixa grande o suficiente para conter uma cabeça. Uma testemunha ocular que vira medo no rosto dela. E raiva.

Maggie Cain era o maior mistério nessa investigação.

Apesar de ter inúmeras perguntas sobre Wood, Gerald Hayes, as Martinez, os Cole e Mark Andrews, seu pensamento retornava sempre para Maggie e tudo o que ela não estava contando. Ela o contratara para fazer a pesquisa para um livro sobre Wolfhagen? Ou tinha outros motivos?

Ele pensou em Roberta e o aviso dela sobre as três mulheres. Maggie Cain era a mulher com assassinato no coração? Ou era Linda Patterson?

Ele olhou para a casa de Wood do outro lado da rua.

A multidão de repórteres se fora e agora só restavam os pássaros, dúzias deles, nos ninhos sobre os parapeitos brancos, voando em grupos de dois ou três para pegar insetos nas copas das árvores que faziam sombra sobre a rua.

Apesar de todas as luzes da rua e dos vizinhos, e sabendo que poderia ser vista, Kendra Wood saíra de casa nua, juntara-se aos amigos nus no carro escuro e saíra no meio da noite. Mas para onde tinham ido? A qual clube?

Todos eles tinham a mesma tatuagem?

Marty pegou o celular e telefonou para o número particular de Skeen no consultório do médico legista. Era tarde e provavelmente ele não estaria mais lá.

Mas Carlo atendeu. — Skeen.

— É o Marty. Tem um minuto?

— Para você, tenho três. Do que precisa?

— Gerald Hayes. Já terminou?

— Terminei há duas horas.

— Diga-me que ele tinha uma tatuagem. Diga-me que era igual à de Wood.

— Ele tinha uma tatuagem. Era igual à de Wood.

Marty fechou os olhos. — Onde ficava a dele?

— Na cabeça do pênis.

As mortes estavam ligadas. As coisas estavam andando. Patterson e Hines compariam anotações, consultariam Vice para obter uma lista de possíveis clubes. — Qual era o desenho da tatuagem, Carlo?

— Meu melhor palpite?

— Seu melhor palpite.

— Eu acho que era um touro. E tinha uma argola minúscula dourada bem no centro, como a de Wood.

Marty abaixou o telefone. Carros passavam pela rua. Ele olhou para trás e viu, na esquina, um homem em uma cadeira de rodas, jogando beijos para o céu. — Preciso que você me faça mais um favor.

— Diga.

— Edward e Bebe Cole. Você vez a autópsia deles?

Skeen ficou em silêncio por um momento. — Quando foi isso? Oito, nove meses atrás?

— Sete.

— Acho que não — disse Carlo. E então, lembrando-se, disse: — Não, eu sei que não. Eu estava em uma conferência quando eles foram assassinados. Foi Hatlen.

— Ok — disse Marty. — Pode olhar o arquivo deles? Ver se eles tinham a mesma tatuagem?

— Claro.

— Obrigado, Carlo.

— Não precisa agradecer.

Ele desligou o telefone, caminhou até o meio-fio e fez sinal para um táxi. O motorista era do terceiro mundo, com um turbante vermelho brilhante enrolado na cabeça e uma barba preta que descia do rosto em ondas grossas. Marty deu ao homem o endereço de sua casa, repetiu-o e torceu para chegar lá antes do anoitecer.

Ele olhou pela janela lateral e ficou observando a cidade passar. Skeen estava certo. Apesar de mal feita, a tatuagem de Wood era a de um touro. O que parecia uma mancha com dois pontos em cima era, na verdade, um touro com chifres. O pequeno furo ficava no focinho dele.

Um touro de Wall Street.

Marty reclinou-se no banco e pensou em Gerald Hayes. Houve um tempo em que ele fora um dos homens mais prominentes de Wall Street. Uma época em

que o hedonismo e a ganância tinham marcado uma era. Nesse tempo, os touros de Wall Street não tinham limites. Eles tinham roubado, fraudado e enganado uma nação. Então, por que não ir além da bolsa de valores, do índice DOW e provar seu valor em outro lugar? Foda-se os fundos especulativos. Por que não especular com a própria vida, levar as coisas adiante e criar o clube supremo, onde o preço da iniciação era uma tatuagem, uma pequena argola dourada e sabe Deus o que mais?

Mas os membros não eram exclusivamente aqueles que controlavam o dinheiro em Wall Street. O envolvimento de Wood provava isso. O que levou Marty a acreditar que esse clube tinha mais a ver com poder do que com qualquer outra coisa. E que símbolo de poder era melhor do que um touro?

Então, quem mais estava envolvido? Wolfhagen, Lasker e Schwartz? Quantas pessoas em quantas posições de poder diferentes?

O táxi parou em um sinal vermelho e Marty olhou para fora pelo vidro da frente. A multidão nas esquinas estava começando a atravessar. Seu olhar passou pelo perfil de pessoas que ele não conhecia enquanto suas entranhas se contraíam.

O caso era maior do que ele. As pessoas envolvidas neste clube obviamente estavam cientes dos assassinatos e do envolvimento da polícia. Eles sabiam que o disfarce estava ameaçado e Marty sabia que fariam qualquer coisa para protegê-lo. Era o tipo de caso que destruía carreiras.

Era o tipo de caso em que as pessoas matavam para manter os outros em silêncio.

* * *

Em casa, ele largou as cartas que pegara na caixa de correio e o romance de Maggie na mesa da cozinha e verificou a secretária eletrônica, que não tinha nenhuma mensagem. Foi até a geladeira, pegou uma maçã na prateleira de cima e pensou em Maggie. Com o sistema de segurança de Wood desativado, ela pudera entrar com facilidade na casa.

Ele foi até o escritório, sentou-se, pegou um bloco de papel e uma caneta e começou a enumerar os fatos como os conhecia.

Wood chegara em casa ontem às 5h00. Hines dissera que ela estava um desastre e se esquecera de ligar o alarme. Depois, em algum momento, ela subira a escada até o quarto, tomara uma overdose de metanfetamina e morrera na cama entre três e quatro da tarde. Theresa Wu vira Maggie saindo da casa de Wood

naquela manhã, mas não dera um horário específico.

Marty deu uma mordida na maçã. Ele abriu a agenda, procurou o número do telefone de Helena Adams e discou. Foi Theresa Wu quem atendeu. — Theresa, é o Marty Spellman. Posso perguntar uma coisa?

— Se for rápido.

— A que horas você viu Maggie Cain saindo da casa de Wood?

— 6h30.

— Você parece estar bem certa da hora.

— É porque estou. Eu corro todas as manhãs nesse horário. Se eu perder a hora, como hoje, corro à noite. Eu estava saindo quando a vi.

— Ela estava de carro?

— Estava. Colocou a caixa no porta-malas e foi embora. — Wu fez uma pausa e abaixou a voz. — O que acha que tinha naquela caixa?

— É o que estou tentando descobrir — disse Marty. Ele agradeceu e desligou o telefone.

Muito bem. Wood estava viva quando Maggie foi à casa dela. Mas por que ela fora até lá? Para uma entrevista para o livro? Marty descartou a ideia. Wood nunca teria agendado uma entrevista tão cedo. Ela saberia que chegaria em casa drogada. Então, Maggie deve ter aparecido sem avisar. Mas por que tão cedo? O que estava querendo? Encontrar Wood com a guarda baixa?

Marty terminou de comer a maçã, voltou à cozinha, jogou o miolo no lixo e pegou uma lata de refrigerante na geladeira.

Maggie sabia sobre aquele clube. Ele podia sentir isso. Ela sabia sobre o envolvimento de Wood e fora à casa dela naquele dia específico e naquela hora específica para que a pegasse na pior forma possível. Ela queria estar em vantagem. Precisava de alguma coisa de Wood e saíra de lá com essa coisa dentro da caixa.

Marty estava tentando imaginar o que seria quando o telefone tocou.

Ele atendeu, achando que fosse Jennifer, mas era Maggie Cain. — Estou sendo seguida — foram as primeiras palavras dela.

Havia medo na voz dela, um traço de pânico.

— Onde está? — perguntou ele.

Ela não respondeu. — Isso foi um grande erro — disse ela. — Eu nunca devia ter envolvido você. Eu não tinha ideia de que tantas pessoas estariam envolvidas. — A voz dela estava instável e Marty podia sentir que ela estava tremendo. — Kendra Wood se suicidou por minha causa, Marty. Foi por minha causa.

Marty sentiu um mundo de perguntas surgindo dentro da cabeça, mas as ignorou. Agora não era o momento de fazer perguntas. Primeiro, ele tinha que

levá-la a um lugar seguro. Depois disso, conversariam.

Ele procurou pistas no silêncio. Ela não estava na rua, não havia som de tráfego. Era um lugar quieto. *Isso é bom*, pensou ele. *Ela não está na rua*. — Posso ajudar você — disse ele, calmamente. — Mas terá que confiar em mim. Pode fazer isso?

Silêncio.

— Maggie?

— Eu não sei.

— Vai tentar?

— Não sei o que vai pedir.

— Não vai dar certo de nenhum outro jeito. Você terá que confiar em alguém. Eu estou de fora, sou imparcial. Acho que foi por isso que me contratou.

Ela levou um momento para responder. — Muito bem — disse ela. — Vou confiar em você.

— Quem está seguindo você?

— Um homem.

— Você o despistou?

— Não sei — disse ela. — Acho que sim, mas não tenho certeza.

— Diga-me onde está. Eu vou até você.

Silêncio.

— Diga-me onde está, Maggie.

— Eles mataram mais alguém — disse ela.

Marty sentiu um arrepio subindo pela espinha.

— Estou parada ao lado do corpo.

CAPÍTULO 27

19h52

Marty foi até o escritório, pegou a arma, uma Walther PPK de aço inoxidável, na gaveta de cima da escrivaninha, carregou-a e colocou-a no coldre, que vestiu junto com um casaco leve.

Ele colocou o celular no bolso, saiu do apartamento, chamou um táxi e deu à motorista o endereço que Maggie Cain lhe dera. Ele fez tudo com uma eficiência automática. O táxi percorreu a cidade, mas ele não prestou atenção alguma. Ele não estava ciente de nada além das palavras de Maggie, ainda soando como um alarme em sua cabeça: — O sangue dele está por toda parte.

O prédio ficava na rua 77, perto da Quinta. Grande e cinzento, com degraus amplos de pedra que levavam à porta preta pesada, o prédio refletia riqueza, segurança, estabilidade.

Apesar de o sol ter se escondido sob o horizonte de Manhattan, não havia uma luz no prédio, nem um sinal de que uma mulher assustada o esperava lá dentro. O táxi passou em frente ao prédio três vezes e Marty não viu ninguém na calçada, ninguém nos carros estacionados no meio-fio, nada que sugerisse que Maggie Cain estava sendo vigiada ou seguida. Ele pediu que a motorista o deixasse perto da esquina, entregou uma nota de dez e saiu do carro.

A calçada à sua frente tinha vários sacos pretos grandes de lixo empilhados entre as árvores esguias. O ar estava pesado e azedo, fedendo a podre e fumaça de escapamento, tão rançoso que era quase nauseante. Apesar de ser uma das áreas mais elegantes de Manhattan, no dia de coleta de lixo não tinha como escapar do fato de que a cidade era igual para todos, independentemente de classe.

Exceto pelo som dos aparelhos de ar-condicionado nas casas por onde Marty passou, a rua estava quieta. Ele manteve-se à esquerda na calçada, observando cada sombra, cada escada, qualquer lugar onde uma pessoa pudesse se esconder. O crepúsculo descia sobre Nova Iorque, lançando seu brilho surreal sobre tudo.

Ele avançou rapidamente, com a cabeça ligeiramente abaixada.

Quando chegou ao prédio, observou as calçadas discretamente, não viu

ninguém o vigiando por alguma janela das casas vizinhas e subiu a escada. Ele bateu uma vez na porta, mas ela não se abriu. Maggie não o estava esperando. Ele sentiu uma pontada de raiva, tentou girar a maçaneta, descobriu que estava destrancada e entrou em um vestíbulo escuro e gelado. Não havia sinal de Maggie, somente formas em ambos os lados, objetos que ele não conseguia distinguir.

Ele fechou a porta e escutou. Não conseguiu ouvir nada além do zumbido insistente dos aparelhos de ar-condicionado que não podia ver. A casa parecia um congelador. O odor metálico inconfundível de sangue estava por toda parte.

Ele pegou a arma e chamou o nome de Maggie, não obteve resposta, chamou-o mais alto, não ouviu nada e ficou imaginando se chegara tarde demais. O cheiro de sangue era dela também?

Ele colocou a mão no bolso da calça, retirou a pequena caneta de luz presa ao chaveiro, um presente de Katie, ligou-a, iluminando o corredor estreito à sua frente e viu uma mesa caída, do final do século XVIII, os lados lindamente entalhados, pés com patas de tigre no final das pernas com curvas suaves. Um buquê de rosas murchas estava caído em meia-lua em torno da mesa, com as pétalas vermelhas repousando não em água derramada, mas em cacos de vidro.

O coração de Marty bateu um pouco mais forte. Ele sabia que devia telefonar para Hines, sabia que, só de estar aqui, estava destruindo a cena do crime, mas ele estava envolvido demais. Sabia que, se chamasse a polícia naquela hora, teria que procurar Hines de novo em busca de informações. E não estava disposto a fazer isso. Ainda assim, ele conhecia o protocolo e, colocando a mão no bolso, retirou capas de papel para os sapatos. Ele as colocou e calçou luvas de borracha.

Ele olhou em torno, viu o console do alarme na parece à direita e notou, pela luz vermelha piscando, que estava desarmado. Novamente, ele chamou o nome de Maggie, mas não houve resposta, nada que sugerisse que ela estava na casa.

Ele avançou lentamente pelo corredor, mantendo a luz na mesa caída, tentando ouvir pistas no escuro. À esquerda, havia uma porta arqueada que se abria para uma sala com vista para a rua 77. Marty passou por cima da mesa, das rosas e do vaso quebrado, apontou a luz novamente para o corredor, viu a escada que levava ao segundo andar, a extremidade enrolada do corrimão marrom e, silenciosamente, entrou na sala.

Um aparelho de ar-condicionado soprava ar frio e o cheiro de algo podre na janela à frente dele. Lá fora, na calçada, os postes de luz acenderam-se, lançando raios dourados na sala escura.

Marty parou logo depois da porta e escutou, segurando a arma firmemente.

Ele não sabia exatamente o que esperar, mas estava pronto. O cheiro de sangue e podridão era mais forte ali. Ele percorreu a sala com a pequena lanterna, mas foi inútil, a luz não era forte o suficiente. Tudo o que conseguiu ver foi vislumbres de tecidos e cores, a borda de algo sólido, sombras na luz. Uma van aproximava-se na rua e Marty esperou que ela se afastasse.

Ele teria que acender uma luz.

O abajur Tiffany na mesa ao seu lado lançou arco-íris de azul, roxo e verde no rosto dele e nas paredes com painéis. Ele virou-se para observar a sala e viu o corpo de Peter Schwartz sentado no sofá ensopado de sangue, as pernas cruzadas na altura dos joelhos, as mãos dadas sobre o colo como se estivesse rezando, a cabeça jogada para trás, expondo a enorme ferida na garganta.

Exceto pela cueca de borracha preta e as botas de couro preto até os joelhos, ele estava nu. A pele estava esverdeada e injetada de sangue. Quando Marty caminhou até ele, notou com repulsa os vermes rastejando para dentro e para fora do nariz e da boca aberta do homem.

O cheiro era terrível, como carne de porco cozida que estragara. Ele respirou rapidamente pelo nariz, mas não adiantou. Ele nunca esqueceria aquele cheiro. Marty fechou os olhos e tentou evitar a náusea. Uma mosca passou zunindo por ele, indo direto para Schwartz, onde mergulhou na boca aberta do homem e desapareceu em sua garganta, onde plantaria mais ovos.

Schwartz não pareceu se importar.

Olhando para o homem e os vermes que o consumiam, Marty sentiu repulsa, mas não estava surpreso. Era pleno verão em Nova Iorque. No lado de fora, nas calçadas, as pilhas de lixo apodreciam sob o calor de agosto. As moscas tinham entrado na casa e botado milhares de ovos nos olhos, no nariz e na boca de Schwartz. Os ovos haviam eclodido e as larvas devoravam os tecidos apodrecidos de um homem morto. Quando um entomologista forense chegasse à cena, gemeria de prazer.

Se quisesse fazer isso, ele teria que ser como Skeen, seguir o conselho dele: olhar para Schwartz como se não fosse mais do que um objeto. Resoluto, Marty empurrou o cano da arma sob a mão direita do homem. Ela ergueu-se com facilidade, não havia rigor, o que era de se esperar, pois Schwartz, obviamente, estava morto havia algum tempo.

Ele guardou a arma e pressionou a parte de dentro de seu pulso contra o braço do homem. A carne estava fria e úmida, como se Schwartz estivesse suando. Com o ar-condicionado ligado no máximo, era difícil dizer há quanto tempo ele estava morto, mas Marty aprendera o suficiente com Skeen para ter um palpite razoável. A cor da pele, a presença de insetos alimentando-se em seu corpo, o cheiro de podre e a falta de rigor sugeriam pelo menos 48 horas,

provavelmente mais.

Ele olhou para o homem morto e viu, sob a camada de sangue, o que a família e os amigos veriam em algum momento: Schwartz como um belo cadáver.

Ele era um homem pequeno e forte, que nunca se casara. Sua beleza era aparente mesmo na morte. O rosto, que fotografara tão bem para os jornais na época em que ele fora processado pelo SEC, agora seria jovem para sempre: o maxilar firme, o nariz estreito, as bochechas altas, o cabelo preto crespo um pouco grudado na testa por causa do sangue. Marty olhou para a pose cuidadosa dele, com as mãos dadas e as pernas dobradas, a cueca de borracha e as botas altas pretas e soube, sem sombra de dúvida, que Schwartz teria aquela tatuagem, aquela imagem de um touro impressa no pênis, com aquela mesma argola dourada brilhante no focinho.

Ele olhou o corpo mais de perto e para todas as inconsistências que tinha. Schwartz não usava essas roupas quando fora assassinado. A carótida fora cortada. Esguichos de sangue manchavam o chão e o sofá, cobriam os braços, o tronco e as pernas do homem. Mas a cueca e as botas estavam limpas, sugerindo que tinham sido colocadas após a morte.

Após a morte.

Schwartz não morrera nessa posição. Ele não teria morrido sem lutar. Alguém o matara no sofá, o vestira e o colocara naquela pose. Alguém queria que ele fosse encontrado com essas roupas.

O celular dele tocou, explodindo no silêncio com três toques ensurdecedores. A intrusão súbita assustou Marty e ele recuou um passo, afastando-se de Schwartz. Ele pegou o aparelho, olhou para o número piscando e soube quem era antes de ouvir a voz de Maggie Cain.

— Onde você está?

— A três quarteirões.

— Por que não está aqui?

Ela estava sem fôlego, as palavras entrecortadas por causa da falta de ar. — O que você acha? Eu estava assustada. Não sabia quanto tempo você levaria para chegar. Eu saí daí. — Ela fez uma pausa e Marty ouviu os carros passando por ela. Buzinas soaram à distância. — Encontrou o corpo?

— Sim.

— Há quanto tempo ele está morto?

— Não sei — disse ele. — Talvez dois dias, talvez mais.

— Só hoje, foram três pessoas, Marty.

Ele caminhou até o abajur Tiffany e o desligou. Na escuridão, o zumbido das moscas e o zunido do ar-condicionado pareceram ficar mais altos. Ele olhou

mais uma vez para Schwartz e viu o rosto dele brilhando no escuro. Parecia estranhamente separado do corpo, congelado sob a luz da rua.

O corpo dele, ensanguentado. Exceto pelas roupas.

E Marty ponderou.

— Foi você, não foi, Maggie?

— Do que está falando?

— Schwartz. Ele não foi morto usando aquelas roupas. Não tem sangue nelas e Deus sabe que deveria ter. Alguém o vestiu depois de morto. Quero saber se foi você.

— Está dizendo que eu o matei?

— Matou?

Ela deu uma risada. — Está falando sério? — Ela não esperou a resposta. — Não, Marty, eu não o matei. Eu o encontrei. Que diabos há de errado com você?

— Nada. Só estou cansado de mentiras. Por que veio aqui?

— Eu tinha uma entrevista marcada com ele — disse ela, tensa. — E o que quer dizer com estar cansado de mentiras?

Marty ignorou a pergunta. — Schwartz estava morto quando você chegou aqui. Quero saber como entrou.

— A porta estava destrancada. Eu toquei a campainha duas vezes e depois tentei a maçaneta. Chamei o nome dele, mas ele não respondeu. O ar fedia. Vi a mesa caída de lado e soube que alguma coisa estava errada. Eu o encontrei na sala de estar. Telefonei para você e, logo depois, o telefone dele começou a tocar. Aí eu me assustei e saí.

— Você fez mais do que isso — disse Marty. — De jeito nenhum você veio aqui e não olhou por aí. Você é mais esperta do que isso. Estava atrás de alguma coisa. Diga-me o que encontrou.

— Não encontrei nada. Eu saí daí.

— Você disse que Wood se matou por sua causa. Eu sei que esteve na casa dela no dia em que ela morreu. Tenho uma testemunha ocular que a viu saindo da casa dela com uma caixa. Obviamente, você a ameaçou. Quero saber com o quê.

— Falaremos sobre isso mais tarde.

— Qual é o seu relacionamento com Wolfhagen?

— Falaremos sobre isso também.

— Qual é a importância do dia 5 de novembro de 2007?

Silêncio.

— Fale comigo ou juro por Deus que estou fora.

Uma van passou na rua com as lanternas vermelhas brilhando. Marty saiu

da sala de estar e voltou ao corredor frio, os sapatos esmagando o vidro quebrado. Ele tirou as capas de papel dos sapatos, balançou-as e guardou-as no bolso. Depois de um momento, Maggie falou.

— Muito bem — disse ela. — Vou contar tudo a você. Mas não pelo telefone. Eu vou até aí.

— Quando?

— Agora. E, enquanto espera, olhe no quarto de Schwartz. Empurre as roupas no armário dele e veja por si mesmo o que estamos enfrentando. Você não tem ideia, Marty. Nenhuma. Está perto da verdade, mas não sabe tudo. Olhe naquele armário e veja o que suspeitei por anos.

CAPÍTULO 28

20h19

Marty guardou o telefone no bolso, ligou a luz do corredor e subiu a escada até o segundo andar. Olhou para a direita e viu a porta do quarto de Peter Schwartz pendurada nas dobradiças, como um maxilar quebrado. Lascas de madeira estavam espalhadas em semicírculos dentro e fora do quarto, como se estivessem espalhadas não pela força, mas por uma mão cuidadosa.

Imóvel, ele ficou parado na porta do quarto olhando para dentro dele.

Raios de luz amarela entravam pela janela do outro lado do quarto, refletindo-se em cacos brilhantes de um espelho de parede como um lago congelado no centro do tapete bordado. Aqui também havia o cheiro de morte. Ele estendeu a mão e ligou o interruptor.

Tentou ligá-lo.

Ele moveu o interruptor para cima e para baixo, mas nada aconteceu. Nenhuma luz acendeu.

Ele escutou, ouvindo apenas o ar-condicionado, o ondular suave de uma cortina que não podia ver, e tirou a pequena lanterna do bolso. Ao varrer o quarto com a luz âmbar, viu um abajur na mesinha próxima à janela. Ele foi até lá e o acendeu.

Na parede à sua frente, havia duas cômodas, com as gavetas abertas como grandes línguas ressecadas. Cada uma delas fora esvaziada para inspeção e o conteúdo jogado de volta. A cama grande desarrumada, ao seu lado, tinha postes altos até o teto, lençóis cor de creme amassados e travesseiros sem fronhas. A porta que levava ao banheiro adjacente estava aberta. O *closet* ficava logo ao lado dela, com as portas duplas fechadas.

Marty avançou até ele e abriu as portas.

Duas fileiras de ternos, camisas e calças dobradas em cabides estavam penduradas nas barras superiores e inferiores. Marty empurrou a pilha de roupas de cima para o lado. Uma súbita brisa trouxe o cheiro leve e inconfundível de couro e borracha, e ele soube. Ele separou os ternos na parte de baixo e viu uma porta, da altura da cintura, pintada de vermelho na parede escura. Ele abriu uma área larga o suficiente para que pudesse dar um passo, girou a maçaneta preta e

empurrou.

Na rua, o alarme de um carro disparou.

Sobressaltado, ele olhou por sobre o ombro, em direção à janela, e ficou ouvindo a sirene. Ela vinha de um dos carros parados no meio-fio, e ele praguejou. Os vizinhos de Schwartz olhariam para fora e notariam a janela iluminada.

Ele precisava sair, mas não antes de descobrir o que Maggie Cain já sabia. Marty abaixou a cabeça e passou por baixo da barra. A porta abriu-se com facilidade. Uma luz acendeu automaticamente, assustando-o a ponto de fazê-lo pegar a arma. O quarto era estreito e fundo, o piso pintado de preto, o ar pesado e parado.

Marty guardou a arma e endireitou-se.

Ao longo da parede à esquerda, estavam penduradas máscaras de couro com zíper no lugar da boca, roupas de borracha de corpo inteiro, correntes pesadas de metal, algemas brilhantes, um nó de forca, ramos de bétula, grampos para mamilos, penas, pênis de borracha, facas. Em outra investigação, ele vira algo parecido antes. Mas, na época, Marty nunca vira facas exibidas para o prazer sexual. E, agora, ele mal podia imaginar o que Peter Schwartz fizeram com elas. Ou o que elas tinham feito a ele.

Ele avançou pela sala, que era surpreendentemente ampla e bem equipada.

Na parede à direita, havia arquivos, uma mesa com um computador, um telefone e uma secretária eletrônica. Na parte de trás, havia um centro de entretenimento completo, com uma enorme televisão de tela plana, um aparelho de DVD, uma filmadora e pilhas de DVDs em ordem decrescente de acordo com o mês e o ano. Marty olhou as datas, que começavam no outono de 2001, e observou com interesse que não havia um DVD de novembro de 2007. O último DVD era de julho, apenas um mês antes.

Marty o pegou, foi até a televisão, ligou-a, colocou o DVD no aparelho, encontrou o controle remoto e apertou PLAY.

A tela brilhou com um tom de cinza mais claro e, subitamente, ele estava olhando para uma fileira de homens brancos bem nutridos, com braços macios e torsos ainda mais macios, sentados nus em um longo banco de madeira, os rostos escondidos atrás de capuzes de couro.

Acima deles, uma única lâmpada, pendurada em um fio preto, lançava sombras e luzes. A câmera moveu-se para a esquerda e Marty viu o objeto do desejo deles: em uma gaiola de metal grande, uma mulher estava deitada nua sobre uma mesa de autópsia de metal brilhante. Ela era jovem, bonita e atraente. Enrolando-a em fita adesiva, estava um homem mais velho e forte, os braços cabeludos girando-a, levantando suas nádegas, passando a fita por toda parte

com firmeza. Os lábios da mulher moviam-se e a cabeça dela balançava devagar. Ela levantou a cabeça e pareceu gritar, mas não havia som no disco, somente silêncio.

Marty apertou o maxilar quando a câmera moveu-se para a esquerda.

O espaço era amplo, aberto, industrial. Paredes, piso, teto pretos. Sem janelas. Fumaça no ar. Luzes estroboscópicas piscavam na parte de trás da sala, capturando brevemente o movimento irregular dos outros corpos, todos usando o mesmo capuz de couro, todos nus e dançando. Ele pensou na juíza Wood, nos amigos nus dela e no carro preto, imaginando onde estavam nessa multidão.

A câmera moveu-se, parou e aproximou o zoom em várias pessoas sentadas no bar provisório. E, finalmente, Marty viu rostos. Ele inclinou-se para a frente e viu *rostos*. Os capuzes de couro tinham sido retirados e as pessoas estavam sentadas em bancos de madeira. O *barman* usava um avental de borracha preta e nada mais, balançando os quadris e abrindo cervejas. Ele ria ao servi-los.

Marty ficou chocado ao descobrir que conhecia o homem, vira o rosto dele inúmeras vezes na televisão e nos jornais. Era Jackie Diamond, o senador de Arkansas, um homem bem conhecido, de direita, que citava a Bíblia, que fizera fortuna com o petróleo, que valia milhões, centenas de milhões, e que lá estava, usando borracha preta e servindo latas de cerveja para um grupo de homens e mulheres nus, provavelmente tão ricos e tão poderosos quanto ele.

A câmera subiu e Marty viu a imagem de um touro pintada de verde na parede sobre o bar. Ele apertou o botão de pausa e a imagem congelou. O touro era enorme e inclinava-se sobre o ombro de Diamond com olhos salientes e narinas abertas, como se estivesse prestes a despedaçá-lo, se tivesse a oportunidade. Havia uma argola dourada em seu focinho. A fileira de refletores presos no teto iluminavam-no em uma meia-lua. A cabeça era uma réplica exata da tatuagem que Marty vira em Wood.

Marty desligou a televisão, ejetou o disco e colocou-o de volta na pilha. As mãos dele tremiam. Ele estava começando a entender tudo agora. Esse clube não era só de Nova Iorque, era do país inteiro e ele estava bem no meio dele.

Ele e Maggie Cain.

O alarme do carro parou. Marty olhou para o relógio, foi até os arquivos e abriu uma das gavetas. Vazia. Ele ligou o computador e procurou arquivos. Nenhum. Eles tinham sido apagados, o disco rígido reformatado, o que não era um problema, pois as informações ainda estavam lá dentro. Presumindo que a pessoa não era profissional e não sabia como limpá-lo.

Ele abriu a gaveta da mesa e encontrou pastas vazias, canetas, lápis, uma pilha de folhas brancas, coisas comuns. Mas o que estivera naquelas pastas? E por que deixar os DVDs para trás? Ele repensou. Por que deixar todos os DVDs

para trás, exceto aquele marcado com novembro de 2007? Não era coincidência do fato de que o disco tinha desaparecido. 5 de novembro de 2007 fora a data escrita com sangue acima da cama de Wood. Ele sabia o que havia nele: mais do que acabara de ver no DVD de julho. Quem o levou obviamente aparecia nele. E não queria ser visto.

Fora Maggie Cain? Ela estivera aqui logo antes. Mas, há pouco tempo, a pessoa que matara Schwartz também estivera aqui. Então, quem o levara?

Ele olhou para o relógio. Quarenta minutos tinham se passado e ela ainda não chegara, apesar de ter dito que estava a apenas três quarteirões. Ele não podia esperar, já estivera aqui por tempo demais. Então, desligou as luzes, saiu pela portinha do *closet* de Schwartz e foi para o quarto.

E, quando chegou lá, foi forçado a recuar.

Duas pessoas o encaravam, um homem e uma mulher.

Marty tentou pegar a arma, mas a mulher moveu-se com tal velocidade, que ele não teve tempo. Ela dobrou o braço dele atrás das costas e o homem avançou. Ele tirou a arma do coldre de Marty, revistou-o e acenou com a cabeça para a mulher, que o soltou e disse: — Se você se mover, nós o mataremos.

Ela tinha um sotaque. Espanhol? Ele olhou para o homem. Italiano? — Quem são vocês?

O homem inclinou a cabeça. — Sr. Spellman, nós somos o fim da sua vida.

CAPÍTULO 29

20h37

Para Spocatti, Spellman era só o começo de uma longa noite.

Ele avaliou o homem parado à sua frente e podia sentir que ele estava tentando calcular uma forma de sair daquela situação. Spellman era sólido e forte, e Spocatti tinha a sensação de que, provavelmente, ele era muito rápido. Mas agora, sem a arma, ele estava indefeso. — Sente-se ali.

— Em que cadeira?

— Naquela bordada — disse Spocatti. — Você não conseguiria arrastar a poltrona.

Ele observou Spellman caminhar até a cadeira e sentar-se.

— Antes que eu o mate, você vai responder a algumas perguntas.

— Antes de me matar, não vou responder nada.

— Acho que não. — Ele olhou para Carmen, parada atrás dele com as mãos na cintura. — Dê o telefonema.

Ela pegou o celular e Spocatti viu Spellman inclinar-se para a frente enquanto ela discava. Ela colocou o telefone no viva-voz e eles ouviram o toque. E então a filha de Spellman, Katie, atendeu.

— Alô?

Spocatti pegou a arma, apontou-a para a cabeça de Spellman e colocou o dedo sobre os lábios. — É a Katie?

— Quem é?

— Um amigo do seu pai.

— Que amigo?

— É o Mark — disse ele. — Nós nos conhecemos há mais ou menos um ano, na festa de aniversário de sua irmã. Posso falar com a sua mãe?

— Ela saiu.

— Ah — disse ele. — Sabe se ela vai demorar?

— Ela está com o esquisito — disse Katie. — E disse que chegava às dez. Eu apostaria meia-noite.

— Vai demorar várias horas — disse ele, desapontado. — E eu e minha

esposa vamos sair da cidade. Escute só, seu pai está em um caso e quer que eu entregue uma coisa a você depressa. Ele disse que era importante. Se passarmos aí a caminho do aeroporto, pode atender minha esposa para que ela a entregue a você?

Ela hesitou. — Não posso fazer isso.

— Pode telefonar para sua mãe e perguntar?

— Só posso telefonar para ela se for uma emergência.

Spocatti permaneceu imperturbável. — Entendi — disse ele. — Bem, não é uma emergência.

— Então não posso ajudá-lo.

Ele sustentou o olhar de Spellman. — Olhe — disse ele. — Eu não devia falar nada, mas estamos com pouco tempo e precisamos pegar o avião. Pode guardar um segredo?

— Acho que sim.

— Nossa cachorra teve filhotes há algumas semanas e seu pai comprou um deles para você e sua irmã. Ele queria levá-lo hoje à noite, mas ficou preso e pediu que nós o levássemos. Ele sabe que vamos sair da cidade por algumas semanas e não queria que vocês tivessem que esperar.

— Papai comprou um cachorro? — A empolgação na voz dela era inconfundível.

— Comprou.

— Que raça?

— Não posso contar tudo — disse ele, com uma risada. — Podemos passar aí? Então você poderá ver a raça. Eu ficarei no carro, mas Michelle, minha esposa, levará o cachorro até você.

No momento em que Katie concordou, Carmen desligou o telefone. Spocatti ignorou a tensão no rosto de Spellman e olhou para Carmen. — Você sabe o endereço. Vá até lá e espere. Eu telefonarei se ele não cooperar.

— Eu vou cooperar.

Eles viraram-se para Spellman.

— O que querem de mim?

— É simples — disse Spocatti. — Queremos Maggie Cain. Sabemos que ela contratou você e que há uma investigação. Diga-nos onde ela está.

— Eu bem que queria saber.

— Resposta errada.

— É a única que eu tenho. Não sei onde ela está.

— Então telefone para ela e peça que o encontre aqui. Diga a ela o que aconteceu a Peter e que precisa dela aqui imediatamente. Diga que é muito importante.

— Quer pegar meu celular ou quer que eu o pegue?

Carmen caminhou até ele quando ele se levantou, colocou a mão no bolso da calça dele e pegou o telefone, mas não sem antes passar a mão nele. Ela olhou para Spocatti. — Sei onde atirar primeiro, você não vai errar.

— Entregue o telefone a ele, Carmen.

Ela entregou.

— Ela está em casa ou na rua?

— Eu não sei.

— Telefone primeiro para a casa dela — disse Spocatti. — Coloque o telefone no viva-voz. Se ela atender, faça o que eu lhe disse para fazer.

Eles o observaram discando. No lado de fora, na rua, eles ouviram o som distante de uma ambulância.

O telefone tocou. Parados lá, no escuro, eles ficaram escutando, enquanto as luzes da ambulância começaram a iluminar a rua. Ela não estava visível, mas a sirene estava ficando mais alta. Spocatti acenou com a cabeça para Carmen, que foi até a janela do outro lado do quarto e olhou para fora. Ela esticou a cabeça em uma posição estranha e disse: — Não consigo ver.

A secretária eletrônica de Maggie atendeu. A voz dela quase não podia ser ouvida acima do alarme da ambulância. "Aqui é a Maggie. Deixe uma mensagem".

Spocatti estendeu o braço e desligou o telefone. — Ligue para o celular dela.

Ele olhou para Carmen e viu as luzes vermelhas da ambulância passarem pelo rosto dela. — O que está acontecendo, Carmen?

— Consigo ver as luzes, mas não vejo a ambulância.

— Avise-me quando conseguir.

— É a cidade, Vincent. Relaxe. Pessoas morrem toda hora.

— Não diga.

A sirene da ambulância ficou ainda mais alta.

— Consigo vê-la agora — disse ela.

Spellman estendeu o telefone quando ele começou a chamar.

— Ela não vai parar aqui, está indo depressa demais. Vai virar na Quinta.

E, naquele momento, quando a ambulância passou em alta velocidade pela janela com as sirenes gritando, Carmen Gragera desabou no chão em frente a eles.

* * *

Para Marty, os próximos momentos vieram em ondas.

Da porta perto da janela, Maggie Cain rolou para dentro do quarto, chutou a arma da mulher pelo chão, levantou a própria arma e começou a atirar no homem chamado Vincent, mas não antes que ele derrubasse Marty e o jogasse por cima de uma cadeira. Marty caiu sobre o celular que deslizara pelo chão.

Ele estava deitado de costas.

Marty olhou para cima com os sons de tiros disparados com silenciador e viu raios de luz reverberarem contra as paredes. Maggie Cain estava avançando pelo quarto, a arma apontada à frente, a determinação no rosto dela capturada a cada disparo.

Com a surpresa em seu lado, ela atirava repetidamente no homem, mas sem acertar. Ele também atirava nela, sem acertar. O quarto era grande demais e estava muito escuro para que os tiros fossem precisos, mas, apesar da chance propícia de morte, o espaço ficava claro com os disparos.

Marty pegou o telefone sob o corpo, tentou ligar para a emergência, mas não conseguiu. Ele quebrara o telefone ao cair.

Houve outro disparo e, dessa vez, o homem recuou, com a arma na mão direita protegendo um ferimento no braço esquerdo.

Maggie aproximou-se ainda mais. Ela atirou novamente e, dessa vez, uma parte da parede atrás dele explodiu em pedaços de reboco. O homem estava parado no centro de um véu branco que caía sobre ele, a cabeça virando para a porta à direita.

De trás deles, veio um gemido.

A mulher chamada Carmen estava tentando erguer-se em frente à janela, mas estava sem equilíbrio. Sob a luz da cidade, Marty pôde ver sangue na cabeça dela, confusão em seus olhos. Ela estava segurando a barriga, erguendo-se por instinto.

Enquanto ela esforçava-se para levantar, o homem saiu correndo do quarto, a mão sobre o braço, Maggie Cain correndo atrás dele, ainda atirando enquanto ele avançava depressa pelo corredor, descia as escadas e saía da casa.

Marty estava prestes a correr até Carmen e começar a interrogá-la quando Maggie Cain voltou correndo para o quarto.

— Deixe-a — disse ela. — Esse lugar está prestes a ficar cheio de policiais e não posso ser associada a nada disso. Preciso que se mexa, Marty, agora!

* * *

Longe da casa e mergulhado nas sombras, onde se escondera atrás de um SUV Mercedes, Spocatti viu a porta da frente do prédio de Peter Schwartz abrir-se lentamente antes que Spellman saísse correndo, com Maggie Cain logo atrás. Ele podia ver as armas que seguravam e sabia que atirariam se fossem provocados.

Eles desceram as escadas abaixados. Ao chegarem à rua, jogaram-se de costas, intencionalmente, em um dos carros estacionados. O alarme disparou, Spocatti viu as pessoas vindo às janelas ou fechando as cortinas e, quando olhou novamente, Spellman e Cain já estavam correndo perto do fim do quarteirão.

Ele os viu chamarem um táxi, conseguirem um na segunda tentativa e partirem rapidamente pela noite.

Spocatti não perdeu tempo.

Ele atravessou a rua correndo, entrou no prédio de Schwartz, subiu a escada para o segundo andar. Ele chamou o nome de Carmen e ficou frente a frente com ela ao entrar no quarto onde a deixara. Quando a viu, ela estava de costas para a janela, a arma levantada e apontada para o rosto dele.

— Por que me deixou para trás?

Ele aproximou-se dela, sabendo que não tinham muito tempo e que precisavam partir. — Eu não tive escolha, ela atirou em mim e saiu correndo atrás de mim atirando. Eu tive que correr, senão teria sido morto. Você teria feito o mesmo.

Ela olhou para o braço dele, viu o que devia ter sido um ferimento superficial, dada a ausência de muito sangue, mas ainda assim manteve a arma apontada para ele.

— O que ela fez com você?

— Ela atirou um apoio de livros que acertou no meu rim e eu caí.

Ele continuou avançando na direção dela. — Por que há sangue na sua testa?

— Eu caí, Vincent. Adivinha o que bateu no chão primeiro.

— Abaixe a arma — disse ele.

— Preciso explodir sua maldita cabeça.

— Abaixe a arma.

— Eu deveria acabar com você por me deixar aqui.

— Não deixei você para trás, eu voltei. Não posso fazer isso sozinho.

— Mentira.

Talvez, pensou ele. Mas o que ouviu na voz dela não era raiva, era ego, e foi o suficiente para ele. Ele continuou avançando em direção a ela quando, à distância, as sirenes abafadas da polícia começaram a soar.

— Precisamos sair daqui — disse ele. — Aquelas sirenes são para nós. — Ele estendeu a mão e abaixou a arma. — Temos que confiar um no outro. Se não fizermos isso, estaremos mortos. — Ele colocou a mão no lado do rosto dela. — Eu não precisava voltar. Você viu o que aconteceu. Não sei onde ela aprendeu a atirar daquele jeito, mas não é amadora. Não podemos esquecer disso.

E, com isso, Carmen guardou a arma no coldre. — Há outras pessoas na nossa lista hoje à noite — disse ela. — Vamos considerar isso um trabalho fracassado e prosseguir. — Ela passou rapidamente por ele. — A não ser que queira ser pego, sugiro sairmos daqui. Preciso limpar seu braço e fazer um curativo antes de começarmos de novo.

Eles correram para fora do quarto, desceram a escada e saíram do prédio. Do lado de fora, mais adiante na rua, um carro de polícia aproximava-se em alta velocidade, as sirenes misturando-se com o som do alarme do carro. Juntos, eles caminharam até a esquina, fizeram a curva e continuaram andando.

— Quem é o próximo? — perguntou ela.

Ele disse.

— Ótimo — disse ela. — Preciso de um pouco de teatro.

CAPÍTULO 30

21h14

No táxi, Marty pediu ao motorista que os levasse ao Tarot Café na Prince. Em seguida, reclinou-se contra o banco e ficou em silêncio enquanto o carro percorria a Quinta.

Ele precisava telefonar para quatro pessoas, começando com Katie ou Beth, mas o telefone dele não funcionava. Ele perguntou a Maggie se poderia usar o celular dela, que o entregou a ele. Marty discou e ouviu o toque do telefone. Maggie olhou para a cidade, a arma no colo, o lado da cabeça contra a janela. Ele colocou a mão sobre as dela e fez um sinal para que ela escondesse a arma. Ela a escondeu.

Beth atendeu no terceiro toque, com uma música alta em segundo plano.

— Alô?

— É o papai. Desligue o rádio.

— Rádio? Nossa, como você é velho. É o meu iPod.

— Não importa, desligue-o, preciso falar com você.

Ela desligou a música.

— Sua mãe já chegou em casa?

— Ela não vai chegar antes da meia-noite. Ela disse dez, mas sempre diz dez. Será à meia-noite. E então eles vão gemer a noite inteira, como sempre, o que me dá vontade de vomitar. Katie falou alguma coisa sobre um cachorro. Vamos ganhar um?

— Hoje não — disse ele. — Houve uma confusão, mas que vai se resolver em breve. Preciso que me escute.

— Você precisa que eu o escute depois de dar uma notícia dessas?

— Beth — disse ele. — Isso é importante. É mais importante do que qualquer outra coisa que eu já tenha lhe dito e preciso que faça o que vou dizer, e rápido.

Talvez ela tenha sentido a urgência na voz dele, ou talvez estivesse obedecendo para ganhar um cachorro, mas houve um silêncio antes que falasse novamente, com um tom sério. — Estou ouvindo.

— Os Moore estão em casa?

— É claro que estão em casa. Eles nunca vão a lugar algum. Terminei de assistir a um filme com Andrea há mais ou menos uma hora. Por quê?

— Preciso que você pegue a Katie, desça e fique com eles. Preciso que telefone para sua mãe e diga a ela uma palavra: azul. Você não precisa saber o que significa, mas ela saberá e é o que importa. Telefone para ela agora, pegue a Katie, tranque o apartamento e desça para a casa dos Moore imediatamente. Diga a mesma palavra para eles. Eles também saberão o que significa. E depois, preciso que os ouça e faça o que eles disserem.

— Estamos com algum tipo de problema?

— Não se fizer o que eu disse.

— Então, estamos com problemas. Por que está me assustando? Por que está agindo esquisito?

— Não estou tentando assustar você.

— Então qual é o problema?

Ele não podia responder sem alarmá-la mais do que já o fizera. E se mentisse para ela agora, que tipo de pai seria? — É complicado — disse ele.

— Tem a ver conosco — disse Beth. — Isso é óbvio. Acho que temos o direito de saber.

Ela era parecida com a mãe e também herdara a tenacidade de Gloria. Ele fechou os olhos e tentou manter a voz calma. — Eu preciso muito que coopere comigo agora, ok? Pode fazer isso por mim? Preciso que esteja fora do apartamento em cinco minutos.

Houve uma longa hesitação antes que ela concordasse.

— Eu amo você — disse ele.

— Também amo você, papai.

— E sinto muito se eu a assustei.

— Espero que esse cachorro seja fofo.

Ela cortou a ligação e Marty ficou olhando para o telefone. Ele estava com medo, mas, há muito tempo, ele e Gloria tinham feito um plano para manter a família segura em situações como essa. Gloria e as garotas moravam em um prédio grande. Se Beth fizesse como ele pedira, elas estariam seguras.

Dessa vez, foi Maggie quem esticou a mão. Ela desligou o telefone e colocou a mão sobre a dele. — Você está bem?

Ele afastou a mão. — Você e eu conversaremos quando chegarmos ao restaurante. — Ele abriu o celular e discou o número de Jennifer Barnes.

— Alô?

— Sou eu.

— Aqui diz Maggie Cain.

— Peguei o telefone dela emprestado. Está na casa de Carra Wolfhagen?

— Desde as oito, quando marcamos de nos encontrar. Por que não está aqui?

— Depois eu conto tudo, mas posso dar uma exclusiva agora. Peter Schwartz está morto. A garganta dele foi cortada e agora o corpo dele está cheio de coisas que você não quer ver. Se quiser o furo de reportagem, eu correria para pegar o noticiário das onze antes que alguém mais o faça. Você o encontrará na casa dele. Ele está morto há algum tempo, então esteja preparada. Espere a polícia chegar antes de chegar perto da casa.

— Deixe comigo.

— Você me ouviu?

— Não vou chegar perto da casa. Vou esperar a polícia.

— Prometa.

— Eu prometo.

— Uma última coisa: os Wolfhagen estão em casa?

— Carra saiu há mais ou menos uma hora. Uma limusine chegou e ela saiu com um jovem muito bem apessoado. Há alguns minutos, vi Wolfhagen andando para lá e para cá em frente a uma das janelas do andar de cima.

— Preciso que saia daí agora — disse Marty.

— Não precisa pedir duas vezes.

— O que Carra estava vestindo?

— Que pergunta bizarra.

— As coisas estão ficando bizarras. Espere até dar uma olhada em Schwartz.

— Ela estava usando um vestido de festa preto.

— Mais nada?

— Ainda está quente como o inferno e muito úmido, Marty.

— E o amigo dela?

— Um terno preto.

— Chame um táxi — disse ele. — Tome cuidado. Falo com você mais tarde.

— Tenha cuidado também — disse ela.

— Vou tentar.

— Eu amo você.

— Também amo você.

Ele desligou o telefone, pensou por um momento e decidiu telefonar para Linda Patterson em primeiro lugar, Hines em segundo.

Dessa vez, ele discou *67 para esconder a identidade e para que não soubessem para quem trabalhava. Ele contou a eles sobre Schwartz, deixou claro que devia uma dica a cada um, mas que não contaria nada a mais ninguém.

Agora, era por conta deles ver quem chegaria primeiro na cena e decidir quem assumiria o caso de Schwartz.

Apesar de Marty estar feliz por Hines, ele estava torcendo por Patterson. Hines era um amigo que Marty ajudara inúmeras vezes no decorrer dos anos, normalmente de formas que acabavam em promoções no departamento.

Mas, nesse caso, que talvez fosse o maior da carreira de Marty, ele sabia que precisava ser esperto. Cair nas boas graças de Patterson depois de tê-la enganado no caso dos dois mil era essencial. Com os contatos dela e a capacidade de conseguir informações, tê-la ao seu lado poderia ser o fiel da balança de que precisaria à medida que o caso avançasse.

* * *

Quando eles chegaram ao Tarot Cafe, Marty ficou aliviado ao ver que estava aberto. Eram quase 21h30 e o letreiro de neon do restaurante, uma carta de tarô mergulhada em uma xícara de café, lançava um círculo de luz vermelha na noite e no rostos das pessoas na rua.

— Estaremos seguros aqui — disse Marty.

Como ela guardara segredos desde o início, ele esperava que ela começasse uma briga, o que não aconteceu. Em vez disso, ela assentiu e eles saíram do táxi. Marty foi até o motorista, entregou o dinheiro e eles entraram no restaurante. Roberta estava do outro lado do aposento cheio de tapeçarias penduradas, posicionadas de tal forma que difundiam a luz e criavam um clima aconchegante.

Logo após a porta havia um incenso aceso. Velas queimavam nas mesas de madeira. Marty passou o olhar pelo lugar e viu que somente algumas das mesas estavam ocupadas. Uma música marroquina tocava baixinho. O olhar dele encontrou o de Roberta e ele viu imediatamente a preocupação no rosto dela.

— Duas vezes em dois dias? — perguntou ela. — Deixe-me pegar um chá. Sentem-se na parte de trás, não na frente. A energia é melhor lá.

Eles foram para a parte de trás e sentaram-se na mesa privativa. Marty escolheu a cadeira virada para a porta. Maggie sentou-se em frente a ele e olhou em torno do restaurante. — Nunca vim aqui — disse ela.

Ele não estava com paciência para conversa furada. Ele pegou o celular e o examinou. Fisicamente, ele parecia inteiro. Ele o bateu com força contra a palma da mão e testou-o. Nada. Marty o bateu com mais força, dessa vez contra o lado da mesa, e ele funcionou como mágica. Ele devolveu o telefone de Maggie. —

Vamos ao que interessa — disse ele. — Se minhas filhas não estivessem envolvidas, eu cairia fora.

— Sinto muito — disse ela.

— Por qual das coisas?

— Por tudo. Pelo primeiro dia em que nos conhecemos. Pela noite de hoje. Por mentir para você. Por tudo o que aconteceu. Tomo cuidado há anos. Não sei em quem posso confiar. Eu os vi entrando no prédio hoje à noite. Chamei a ambulância como distração para que pudesse entrar sem ser ouvida. Eles o machucaram?

— Estou bem. Mas vamos terminar isso juntos e você vai me dizer o que sabe. Quem eram aquelas duas pessoas?

— Não sei, assassinos?

— Wolfhagen os contratou?

— Não sei ao certo.

— Por que não?

— Porque uma coisa ainda não faz sentido para mim. Wolfhagen não teria enviado a cabeça de Wood a si próprio. Eu o conheço. Ele não teria apontado o dedo para si mesmo.

— Nem mesmo para ter um álibi?

Ela fez uma pausa. Era óbvio pela expressão em seu rosto que não tinha considerado essa hipótese. À medida que a expressão dela mudava, ele viu agora como fazia sentido para ela.

— Ele faria isso pelo álibi?

— Talvez. Forçar a atenção para si mesmo funcionaria a favor dele se ele contratou isso tudo. É assim que ele pensa.

— E Lasker?

— É uma possibilidade.

— Onde ele mora?

— Na Quinta.

— Você não está escrevendo um livro, está?

— Não.

— Então, o que está fazendo?

— Tentando expor Wolfhagen. Tentando fazê-lo pagar pelo que fez.

— Ele já esteve na prisão, Maggie.

Ela o encarou. — Correto. Por fraude.

— O que mais ele fez?

Naquele momento, Roberta chegou com duas xícaras de chá fumegantes, com aroma de canela. Quando ela entregou uma para Maggie, Marty notou que ela intencionalmente passou o lado do polegar ao longo da curva da mão

esquerda de Maggie. Os olhos dela encontraram-se com os dele, mas ela manteve a voz leve. — Então, quem é essa?

— Roberta, essa é Maggie.

Roberta estendeu a mão, que Maggie apertou. — Você parece familiar — disse Roberta, ainda segurando a mão de Maggie. — Já nos encontramos antes?

Maggie olhou para a mão. — Acho que não.

Roberta apertou-a de leve antes de soltá-la. — Eu a vi em algum lugar — disse ela. — Vou lembrar.

Maggie sorriu, o que realçou a cicatriz em seu rosto.

Os olhos de Roberta passearam pela cicatriz antes que ela se virasse para Marty e se abaixasse para beijar a testa dele. — Estou feliz que esteja aqui, porque isso está me matando. Lembra-se daquela piada que contei no outro dia sobre as três mulheres?

Ele olhou para ela por um momento e lembrou-se. Não fora uma piada, fora um aviso. Era a forma dela de se fazer entender sem falar abertamente. Ele lembrou-se das palavras dela. *"Três mulheres. Uma delas o ama, outra tem ressentimentos, a terceira está guardando segredos de você. Elas também estão em perigo, mas somente uma delas sabe disso e não se importa. Ela tem assassinato no coração. Quer que alguém morra. Não sei se é você, mas você está envolvido. Talvez ela o mate."*

— Sim, eu lembro — disse Marty e, na mente, viu Maggie rolando para dentro do quarto de Schwartz, com a arma à frente e atirando. Nenhum amador se movia daquele jeito. Onde Maggie Cain aprendera? Ele precisou de toda a força para não olhar para ela. — Mas, como sempre, você esqueceu de contar o final.

— É porque estou velha. E a pior parte é que nem é engraçado como eu achava. Mas eu lembrei. Quer ouvir?

— Por que não? Uma piada vai bem.

Ela manteve o olhar de Marty e, apesar de tentar mascarar as emoções, não conseguiu. Nos olhos dela, ele viu medo e tristeza. — A terceira mulher o matou.

CAPÍTULO 31

21h27

Com as filhas envolvidas, a única forma de sair dessa era ir até o fim. Para tanto, ele precisava de Maggie. Não havia outra opção. Ela mentira para ele antes. Marty sentia então que não fora por malícia, mas porque ela se sentira ameaçada pelo que estava acontecendo.

Ela estava assustada e tentando se proteger. Ele achava que ela finalmente fora honesta. Ainda assim, se ela achava por um segundo que o medo o impediria de proteger as filhas, estava muito enganada. Sua família estava em perigo. Para acabar com isso, ele faria o que fosse preciso.

Ele observou Roberta voltar para a cozinha. — Muito bem — disse ele. — Continue.

— Preciso que entenda uma coisa — disse ela. — Se meu nome for ligado a isso, estarei morta em uma semana.

— Você não sabe.

— Eu sei.

— Então manteremos seu nome fora disso. Por que você foi à casa de Wood?

— Como você sabia que eu tinha ido lá?

— É o que faço.

— Ela tinha uma fita de vídeo que eu queria. Ela tinha arquivos sobre Mark. Depois que ele morreu, não havia mais ninguém que pudesse proteger a memória dele contra aquela fita e aqueles arquivos, a não ser que alguém os destruísse. Então, telefonei para ela e a ameacei. Tirei dela o que ela nunca deveria ter tido.

— Em que condições ela estava quando você chegou lá?

— Ela estava alta, mas pelo menos estava com a caixa pronta. Fiquei lá por cerca de dez minutos. Saí com o que queria.

— Por que o FBI tem um arquivo sobre você?

— Já discutimos isso. Eles acham que estou com o dinheiro que Mark roubou, mas não estou. É o único interesse deles em mim.

Marty sabia a resposta, só queria ver se ela daria a mesma resposta, o que

ela fez. — Quem quer matar você?

— Quem você acha? Você viu os DVDs.

— Eu vi um DVD.

— Ok, você viu um. É o suficiente. — Ela ergueu uma sobrancelha para ele. — Reconheceu alguém naquele vídeo, Marty?

— O senador Diamond, de Arkansas.

— Mais ninguém?

— Todos os outros estavam usando máscaras de couro.

— Então você escolheu o DVD errado.

— Quem mais eu deveria ter visto?

— Diamond foi suficiente — disse Maggie. — Tire aquelas máscaras de couro e você teria visto mais senadores. Mais pessoas com poder. Pessoas que poderiam comprar e vender você centenas de vezes.

— Wolfhagen começou esse clube?

— Sim.

— Era um clube de sexo?

— Era o que eles queriam que fosse. Um clube de sexo. Um lugar para relaxar. Um palácio de depravação. Um lugar para beber e usar drogas servidas *à la carte*. Você podia participar ou assistir. Era qualquer coisa que você quisesse, porque era o que a multidão exigia. Qualquer coisa que quisessem. A admissão não era gratuita. Cada um pagou milhões para entrar.

— Quem fazia parte?

— Todos os touros que importavam em Wall Street e, depois, ele cresceu para incluir outras pessoas.

— Dê-me nomes.

— Lasker — disse ela. — Schwartz. Wood. Os Cole. Gerald Hayes. Todos os que testemunharam contra ele no tribunal e muitos outros.

— E Boesky? Milken? Levine?

Ela ergueu uma sobrancelha. — O que acha?

— Fale sobre o envolvimento de Mark. Ele participava?

Subitamente, criou-se um ar protetor em volta dela. — Sim — disse ela. — Mas não por opção. Mark estava tentando agradar Wolfhagen, apesar de não ter nada a ver com ele. Zero. Wolfhagen queria rodear-se de dinheiro e poder. Dinheiro real e poder real. Mark não tinha nenhum dos dois. Ele era um peão para fazer o que Wolfhagen queria.

— Estive no legista. Eu vi a tatuagem. Mark tinha uma?

— Não faço ideia.

— Mas vocês eram amantes.

— Isso mesmo.

— Então, como podia não saber? O touro tinha uma argola no focinho. No mínimo, você teria sentido.

— Claro, se fizéssemos amor. Mark terminou comigo cerca de uma semana depois de entrar para o clube, que é onde eles iniciavam as pessoas com a tatuagem e o *piercing*. Ele voltou para o apartamento dele. Disse que não podia mais ficar comigo. Wolfhagen estava por trás disso. Ele queria Mark para si, e conseguiu. Ele levou a única pessoa com quem me importei na vida e eu o quero morto por isso. Mark telefonou uma semana antes de ser assassinado em Pamplona. Disse que queria conversar comigo. Pediu desculpas pelo erro que cometera. — Ela reclinou-se na cadeira. — E depois o mataram.

— Por que acha que ele foi assassinado, se foi pisoteado por touros? Houve testemunhas que disseram como ele morreu. Ele pode ter caído. Acontece todos os anos lá. Por que assassinato?

— Por que não? Por que a morte dele seria diferente do que aconteceu com os Cole, Wood, Hayes e Schwartz? Alguém pode tê-lo empurrado e ele caiu. Alguém pode tê-lo feito tropeçar enquanto corria. Estou convencida de que ele foi assassinado.

— Você pertencia a esse clube?

— Nem pensar.

— Mark não a levou?

— Mark me amava. Ele foi sugado, mas garantiu que eu nunca seria um membro.

— Você não respondeu à minha pergunta. Ele a levou ao clube?

Ela ficou em silêncio por um momento antes de responder e, quando o fez, o medo que estava tentando reprimir surgiu com toda a força. Era óbvio que ela nunca falara com ninguém sobre isso. — Sim — disse ela. — Ele me levou. Uma vez.

— Quando foi isso?

— Há anos.

— Deixe-me adivinhar. Três?

— Como sabe disso?

— Havia uma data pintada sobre a cama de Wood. Foi você?

— Que data? Do que está falando?

Era a resposta certa. Eles nunca tinham falado sobre isso e ainda não chegara à imprensa. Se ela dissesse sim ou não, teria revelado que sabia sobre a data. Ela estava falando a verdade.

— Alguém escreveu uma data sobre a cama de Wood com o sangue dela. Alguém fez sexo com ela depois de ter sido decapitada. Alguma ideia de quem foi?

— Qual era a data?

— 5 de novembro de 2007.

Ela fechou os olhos. — Pode ter sido qualquer pessoa. Havia dúzias de pessoas que testemunharam o que Wolfhagen fez naquela noite. Até mesmo os doentes, os verdadeiros pervertidos, acharam que ele foi longe demais. Eles também o querem de volta na prisão.

— O que aconteceu naquela noite?

Ela olhou para Roberta quando ela passou pela porta da cozinha.

— Eu preciso saber.

Ela esperou que Roberta fosse até uma mesa ocupada antes de falar.

— Assassinato — disse ela.

* * *

— Comece do início.

Ela afastou o cabelo do rosto e olhou para o teto. Era quase imperceptível, mas, na luz, ele podia ver que os olhos dela estavam se enchendo de lágrimas. Quanto mais ele descobria sobre ela, maior era a ligação que sentia entre eles. Quando se conheceram, ele pensara que ela era rígida. Agora, tudo o que via era uma mulher sendo privada de seus segredos porque não tinha outra opção além de compartilhá-los com ele. Aquilo exigia um nível de confiança que ele tinha quase certeza de que ela só tivera uma vez na vida, com Mark Andrews.

— Eu queria um cigarro.

— Quer um drinque?

Ela balançou a cabeça. — Acho que a noite vai ser longa e preciso estar com a cabeça no lugar. — Ela passou o dedo rapidamente sob um dos olhos. — Você quer um drinque?

— Eu daria um dedo por um, mas concordo com você. Fale-me sobre o assassinato.

Ela respirou fundo. — Mark e eu estávamos separados havia dois meses e eu sabia que Wolfhagen era o responsável. Quando telefonei perguntando se me receberia, ele concordou, mas no horário que pudesse, que era à meia-noite daquele dia.

— Ele só podia à meia-noite?

— Não tinha nada a ver com disponibilidade. Tinha a ver com poder. Eu queria vê-lo, ele não iria facilitar as coisas. Meia-noite no escritório dele ou ele não me receberia. Ponto. Mas, quando cheguei, Wolfhagen estava vestindo o

casaco. Disse que um amigo precisava vê-lo. Eu poderia conversar com ele na limusine ou nunca mais falar com ele sobre Mark novamente. Eu sabia que ele não me daria outra chance, estava desesperada e o acompanhei. — Ela o encarou. — Alguma vez esteve tão apaixonado por alguém que faria qualquer coisa para ter a pessoa de volta? Absolutamente qualquer coisa?

Seis meses depois do primeiro divórcio de Gloria, ele começara a procurar psicólogos, analistas, conselheiros. Contara a eles todas as coisas podres que aconteceram em sua vida em um esforço de descobrir se conseguiria lidar com o passado para manter um relacionamento saudável no presente. Não funcionara, mas pelo menos ele tentara.

Ele ergueu as sobrancelhas para Maggie e sorriu.

— Então você sabe — disse Maggie. — Eu amava tanto Mark que estava disposta a fazer qualquer coisa para tê-lo de volta. Até mesmo arriscar a conversar com Wolfhagen sozinha. E era um risco — disse ela. — Eu sabia que o que dissesse a ele poderia chegar aos ouvidos de Mark, provavelmente de forma deturpada. Mas eu não me importava. Eu tinha uma coisa contra aquele filho da puta e planejava suborná-lo para que deixasse Mark em paz.

— Como?

— Antes de marcar o encontro, contratei um investigador particular que seguiu Wolfhagen por duas semanas. Eu tinha fotografias dele andando pelo distrito dos frigoríficos na época em que era muito mais do que só o distrito dos frigoríficos. Tinha fotos dele às três da manhã trepando com jovens na parte de trás da Mercedes, fotos dele saindo do The Eagle com homens velhos o suficiente para serem pais dele. Eu tinha isso tudo e planejava divulgar se ele não deixasse Mark em paz.

Mas quando ela mostrara as fotos a Wolfhagen, a reação dele não era a fúria ou o medo que ela esperava, e sim prazer ao folheá-las de forma casual.

— Ele me perguntou de qual eu gostava mais — disse ela. — Ele me olhou nos olhos e perguntou qual seria a melhor para a primeira página do Post, a foto dele chupando o velho com roupas de couro ou aquela em que ele empurrava a prostituta nua para fora do carro.

Ela tomou um gole do chá. — Achei que pudesse intimidá-lo. Achei que as fotografias seriam suficiente, mas estava errada. Ele armou para mim. Queria que eu entrasse naquela limusine por um motivo, dizendo que, se eu fosse julgá-lo, deveria estar preparada para julgar Mark também, pois eles eram iguais.

— O que ele fez com você, Maggie?

— Ah, comigo nada, Marty. Pelo menos não ainda.

Aquilo capturou a atenção dele. — Então a Mark.

— A limusine tinha uma televisão e um aparelho de DVD. Wolfhagen

pegou o controle remoto e me disse para observar a tela. — Ela olhou para ele com uma tristeza e uma fúria profundas, com o rosto rígido. — E lá estava Mark — disse ela. — Nu, no meio de todas estas pessoas. Wolfhagen aumentou o volume, tentou fazer com que eu ouvisse o que estavam fazendo com ele, mas tudo o que consegui fazer foi sentar, tentando imaginar como diabos ele sobrepusera o rosto de Mark no corpo de outro homem.

A vulnerabilidade que ele sabia que ela raramente mostrava estava de volta e intensa. — Como você conseguiu essa cicatriz?

— Wolfhagen.

— Ele cortou você?

— Na verdade, ele jogou minha cabeça contra a janela da limusine.

Apesar de ficar chocado com a violência, ele continuou pressionando sem parar, sem querer perder o momento. — Por quê?

— O vídeo estava na tela. Toda a esperança que eu tinha desaparecera. Eu levara uma arma como proteção, mas, quando fui pegá-la, Wolfhagen foi mais rápido e bateu minha cabeça contra a janela. — Ela parou ao lembrar-se do ocorrido. — Eu devo ter desmaiado porque, quando acordei, não estava no carro. Estava no clube dele e Wolfhagen tinha acabado de matar um homem.

— Quem?

— Eu não sei.

— Viu o rosto dele?

Ela balançou a cabeça. — Ele estava amarrado, com a testa presa contra a mesa. Eu mal podia ver o perfil dele e havia muita confusão.

— O que Wolfhagen fez com ele?

— Cortou a garganta dele.

— E por que ele faria isso?

— Porque ele era Wolfhagen. Porque, naquele momento, ele estava tão alto, que estava delirando. Ele literalmente achava que era um deus.

— Do que mais você se lembra?

— Gritaria. As coisas saindo do controle. Pessoas gritando. Mas eu perdera muito sangue e minha memória não é tão clara quanto deveria. Eu acho que estava perdendo a consciência e voltando.

— Quem estava lá?

— Um monte de gente. Quando cheguei em casa, anotei os nomes de que consegui me lembrar. Acho que alguns deles pensam que eu vi o assassinato e outros que não. Mas eu vi. Wolfhagen teria me matado também se Peter Schwartz não o tivesse tirado de lá. Ele teria me matado. E sabe em que continuo pensando depois de todos esses anos? Sabe com o que vou para cama todas as noites? Uma parte de mim preferia que ele tivesse.

— Por que não foi à polícia?

— Porque eu estava assustada. Achei que viriam atrás de mim. Sempre achei isso. Foi por isso que fiz um curso de autodefesa. Foi por isso que fiz um curso de tiro. Há pessoas demais que sabem que eu sei o que aconteceu. Achei que ia morrer há anos. Foi por isso que eu disse a você que não posso ser conectada a esse caso de forma alguma, porque eles virão atrás de mim. Estou surpresa de ainda estar viva.

— Wolfhagen filmou tudo o que aconteceu naquele clube, não foi?

— Sim, mas só algumas pessoas sabiam. O clube inteiro foi montado para fazer chantagem. Foi por isso que ele foi criado. Foi uma das formas pelas quais Wolfhagen conseguiu informações privilegiadas. Quando ele queria um favor de um senador ou do presidente de uma corporação, algumas informações com as quais pudesse fazer uma fortuna nas ruas, só o que precisava fazer era convidá-lo para o clube. Ele colocava alguma coisa no drinque da pessoa, que fazia algo errado e isso era gravado na fita. Depois, na hora de cobrar, ele pegava o telefone, convidava a pessoa para almoçar no escritório dele e, se ela se recusasse o favor, ele mostrava a fita com o que a pessoa fizera. Talvez estivesse trepando com uma prostituta. Talvez fazendo algo muito pior.

— Como você descobriu sobre as fitas?

— Mark. Quando eu estava naquela mesa, ele jogou uma toalha sobre o meu rosto. Eu a tirei, Mark colocou-a de volta e falou no meu ouvido que havia câmeras, dizendo para não remover a toalha.

— Mas já era tarde demais, você já tinha sido filmada.

— Isso mesmo — disse ela. — Foi por isso que peguei o disco marcado como Novembro de 2007 do quarto escondido de Schwartz hoje à noite.

— Onde ele está?

— Eu o destruí. Há outros em algum lugar, tem que haver, mas pelo menos peguei um deles. Pelo menos isso.

O telefone dele tocou, assustando-os. Maggie passou a mão pelos cabelos enquanto Marty atendia. Havia estática na linha e movimento do outro lado. — Alô? — disse ele.

A voz de um homem. — Coloque Maggie Cain na linha.

O coração de Marty bateu mais depressa. Alguém sabia que eles estavam aqui? Ninguém entrara no café desde que eles chegaram, mas isso não significava que não havia ninguém os esperando do lado de fora.

Ele olhou para Maggie, que o observava atentamente, o corpo esbelto tão rígido que ele quase podia sentir a tensão. — Não há ninguém aqui com esse nome — disse ele irritado. — Quem é?

— Coloque-a na linha, Spellman.

— Quem é você?

— Coloque-a na linha.

— Só depois que me disser quem é você.

— É o Mark Andrews — disse o homem. — E sei que ela está com você. Se vocês querem ter alguma chance de acabar com isso, faça o que eu digo e entregue o telefone a ela agora.

CAPÍTULO 32

21h38

Na casa segura na Avenida A, Carmen pegou uma mochila de suprimentos, seguiu Spocatti até o banheiro minúsculo e rasgou a camisa dele. Ela não deu atenção aos botões que saltaram e ricochetearam nas paredes descascadas, pois estava com pressa. Eles precisavam se apressar.

Ela podia sentir Spocatti observando-a.

— Excitada? — perguntou ele.

— Cale a boca, Vincent.

— Porque eu bem que gostaria de foder você — disse ele. — Liberar um pouco da tensão desnecessária entre nós. Considere isso como um pedido de desculpas por deixá-la para trás. — Ele pegou na bunda dela, mas ela foi rápida. Com a mesma rapidez, ela agarrou a virilha dele e apertou, com tanta força que ele tirou a mão e, com a dor, colocou a mão sobre a dela, apertando também. — Que tal isso? — perguntou ele. — Grande o suficiente para fazê-la esquecer que teve um dia ruim?

Ela afastou a mão dele. — Não preciso de sua trepada de caridade, Vincent.

— Não seria de caridade.

— Deixe-me ajeitar seu braço.

Ele colocou a mão dela de volta sobre a virilha e ela ficou surpresa ao ver como o pênis dele crescera. — O que me diz? — perguntou ele. — Eu trepo com você, você cumpre seu dever de enfermeira e voltamos ao trabalho?

Ela estaria mentindo se disse que não sentia atração por ele, mas não era assim que fazia as coisas, e sabia que ele também não. Ele a estava testando, como sempre.

Ela colocou a mão no ombro dele. — Você é um amor, Vincent. E tem um pacote bem grande aí embaixo. Seu pai ficaria orgulhoso. Mas vou limpar seu braço agora, você vai deixar que eu o faça e depois vamos sair novamente. Sabe por quê?

Ele tinha um olhar divertido no rosto. — Diga-me — ele disse.

— Por que, se não terminarmos esse trabalho logo, teremos fracassado. A polícia está nos cercando. Maggie Cain e o detetive dela também, que sabe com

certeza que estamos trabalhando para Wolfhagen. Se isso não estiver na primeira página dos jornais amanhã, estará depois de amanhã. E todas aquelas pessoas que testemunharam contra Wolfhagen e que ainda não morreram saberão que estarão mortas em breve. E fugirão.

— Schwartz não vai fugir.

Spocatti o matara dias antes de Carmen chegar da Espanha. Havia dois outros na cidade sentados em salas de estar geladas, exatamente na mesma posição que Schwartz, mortos há mais tempo. — Não — disse ela. — A não ser que aqueles vermes criem asas.

Ela terminou de tirar a camisa dele. Ele não perdera muito sangue, pois o tiro de Cain o acertara de raspão. Ainda assim, se ela não a limpasse e desse alguns pontos, a ferida infeccionaria e eles teriam um problema. Por causa do histórico deles, nenhum hospital os atenderia.

Ela tirou um vidro de álcool da mochila e ensopou um pano limpo com ele. Pressionou-o contra o braço dele e não ficou surpresa por ele não se encolher. — Não vou perder um bônus de dez milhões por sua causa, Vincent.

— Não espero que o faça. Eu só estava oferecendo meu pau, Carmen. Francamente, estou ofendido com a sua recusa.

Ela olhou para ele e estava prestes a falar quando o olhar em seu rosto a fez parar. Não havia o menor rastro de humor. Estava de volta o homem frio, de olhos duros e boca apertada, que a relembrou de que nunca deveria confiar nele.

Ele pegou o vidro de álcool da mão dela, derramou-o sobre a ferida, deixou que escorresse sobre a pia, guardando metade para a limpeza final e o entregou novamente para ela.

— Pegue uma agulha — disse ele. — Costure logo, já passa de nove e meia. Quero sair daqui em quinze minutos. Temos quatro pessoas na lista e vamos pegá-las hoje à noite.

Ela ficou surpresa. — Achei que eram cinco.

— Eram — disse ele. — Mas eu tive a chance de matar Alan Ross mais cedo. — Ela estava prestes a falar quando ele levantou a mão. — Não vou explicar a você o que aconteceu. Mais tarde, se quiser, assista à gravação para ver como foi. Costure meu braço para que possa cuidar do ferimento em sua testa e ficar bonita de novo. Conhecemos a rotina de Yates. Ele chegará àquele bar em vinte minutos.

* * *

Quando saíram do prédio, Carmen era outra mulher.

O rosto dela estava limpo e maquiado, os cabelos penteados escondendo o arranhão. Ela usava um vestido preto curto que revelava um busto farto e pernas longas e esguias. Os cabelos pretos desciam em ondas pelas costas e balançavam quando ela caminhava. Nas orelhas, usava diamantes negros falsos que escondiam minúsculos microfones. O broche era uma câmera em miniatura camuflada. Ela estava linda e sabia disso, o que se refletia na maneira confiante como se movia.

Ela usava saltos altos pela primeira vez em meses e, apesar de detestá-los, sabia o quanto eram importantes. O próximo trabalho dependia da ilusão. Sua aparência bela e *sexy*, sem exageros, era somente uma ferramenta para gerar interesse em um homem.

Spocatti estava à frente dela, entrando na van parada no meio-fio. Carmen foi até a porta do passageiro e entrou. Ela abriu a pequena bolsa preta enfeitada que trouxera, conferiu a arma para ter certeza de que estava carregada, procurou a seringa que Spocatti enchera com uma dose letal de cloreto de potássio e, satisfeita, fechou-a.

Eles foram até o centro em silêncio.

Ao chegarem em um clube privativo chamado The Townhouse, perto do Parque na rua 67, e no qual Wolfhagen tomara providências para que Carmen entrasse, Spocatti parou na esquina para deixá-la.

— Siga o plano — disse ele. — Não vá fazer como fez com Hayes.

Ela abaixou o espelho iluminado para conferir a aparência mais uma vez. — Aprendi a lição, Vincent. Não se preocupe.

— Yates é gordo, solitário e velho. Vai ser fácil. Espero que saia de lá em vinte minutos.

— Ele também vale bilhões, o que apaga a idade e o peso. Não faço ideia do que vou enfrentar nem que tipo de atriz vagabunda estará tentando encantá-lo quando eu entrar. Mas serei rápida. E sou mais bonita do que a maioria. Você terá notícias minhas em quinze minutos.

— Não use a arma.

Ela estava começando a ficar cansada dele. Era tão boa quanto ele, e Spocatti sabia disso. Passou uma última camada de batom, fechou o espelho e abriu a porta. Carmen tirou o cabelo do rosto e olhou para ele. A voz dela estava firme quando falou. — Pare com essa atitude condescendente idiota ou vai ter que terminar esse trabalho sozinho.

A rua estava quieta. Era uma vizinhança residencial, em sua maioria, mas havia vários restaurantes e, claro, o clube The Townhouse, que ficava a dois terços do quarteirão à direita.

Carmen caminhou pela calçada como se estivesse flutuando.

Ela ainda sentia dor por causa do apoio de livros que Cain batera contra suas costelas, mas, diferentemente da maioria das pessoas, Carmen não se importava com a dor, que só fazia com que se concentrasse ainda mais na tarefa que tinha que realizar. Portanto, ela continuou andando com a confiança dos ricos, o vestido preto balançando no mesmo ritmo dos cabelos, enquanto se aproximava do tapete vermelho na entrada do prédio.

No degrau superior, havia um homem de meia idade em um terno de negócios caro. As mãos dele estavam nas costas e ele sorriu quando ela se aproximou. — Bem-vinda — disse ele quando ela subiu os degraus. — Bela noite, não é?

Ela sorriu para ele.

— Está aqui para se encontrar com alguém?

— Não — disse ela. — Estou na cidade essa semana e sou convidada de um dos membros do clube.

— Posso perguntar quem?

— George Redman.

— Seu nome?

— Sophia Bianchi.

Ele puxou um iPad que segurava atrás das costas. Carmen observou enquanto ele o ligava e, no brilho refletido no rosto, mover o dedo pela tela até encontrar o nome dela, no qual clicou. — Perfeito — disse ele, dando um passo para o lado e abrindo a porta de bronze e vidro. — Já esteve no The Townhouse antes?

— Não, é a primeira vez.

— Você encontrará um grupo animado no primeiro nível, um novo talento impressionante apresentando-se no segundo e o salão no terceiro. Há garçons em todos eles, então não ficará sem um drinque. Mas se quiser relaxar com um coquetel antes de talvez encontrar alguém que conheça, recomendo primeiro o salão.

Ela passou por ele e, girando sobre os saltos, parou logo antes de entrar no aposento cheio. — Na verdade, espero encontrar um velho amigo hoje. Sabe me dizer que Ted Yates já chegou?

— Você o encontrará no salão.

* * *

Quando se tratava de ter uma vida em público, Carmen sabia o que estava fazendo.

Ela cortara gargantas na Sicília durante óperas ao ar livre, quebrara pescoços em Paris enquanto comprava sapatos no Marais, descera os Alpes e fizera com que um homem especialmente difícil batesse contra uma árvore e, em um trabalho em Viena, matara um padre pedófilo (e mais alguns desafortunados que estavam lá em busca de absolvição para seus pecados) ao envenenar o vinho oferecido na comunhão.

Agora, ao entrar em uma sala decorada com um clima de outra época — painéis de mogno escuro que iam até o teto alto, janelas Tiffany e luminárias que espalhavam suas cores nas paredes, discretas o suficiente para agradar a multidão bem-vestida — ela sentiu-se subitamente carregada com a vida que estava prestes a tirar.

Ted Yates ganhara seus bilhões graças a Wolfhagen e, em troca, Wolfhagen ganhara pelo menos parte de sua fortuna graças a Ted Yates. Com seus contatos, conhecimento e informações sobre os mercados nacional e internacional, sem falar na habilidade de Wolfhagen de obter informações privilegiadas, eles tinham sido um time imbatível. Até que Wolfhagen foi indiciado, julgado e teve que ficar frente à frente com Yates quando ele decidiu testemunhar.

Por causa disso, ofereceram imunidade a Yates, como a todos os outros. Como castigo, tudo fora tirado dele, exceto o apartamento na Quinta e o dinheiro que ele conseguira esconder em contas na Suíça. No final, ele perdera quase um bilhão em dinheiro, títulos e propriedade, o que era apenas uma pequena parcela do que ele tivera à disposição. As pessoas presumiam, sem nunca ter certeza, que Ted Yates estava entre os homens mais ricos do mundo.

E hoje ele morreria.

— Pode me ouvir? — ela perguntou a Vincent ao virar a cabeça para mexer em um dos brincos.

— Sim, posso ouvir.

— E o broche? Pode ver tudo?

— Você está bem, Carmen. Mexa-se.

Na extremidade do salão estava a escada que levava aos outros dois níveis, bem como um elevador à esquerda dela. De relance, ela viu que era o elevador original do prédio — essa multidão não aceitaria que fosse diferente — e que, provavelmente, seria lento demais para as necessidades dela.

Portanto, ela caminhou pela multidão sorridente, chegou à escada e subiu para o nível onde uma jovem cantava "The Memory of Your Face", o que era irônico o suficiente para colocar um sorriso no rosto de Carmen. A mulher era muito boa e Carmen queria ficar para ouvir, mas não havia tempo. Ela subiu

rapidamente o último lance de escada e chegou ao salão, que era dominado por um enorme bar de mogno e tão cheio quanto os níveis abaixo.

Um homem parou ao lado dela com uma bandeja de prata. — Champanhe?

Ela olhou para as taças rasas com pés borbulhantes e não pôde negar que queria uma. Ela olhou para ele e também não pôde negar que, com aqueles cabelos pretos ondulados, ombros largos e aparência grega clássica, não se importaria de tê-lo também. — Prefiro um martíni.

— Terei prazer em pegar um para a senhorita.

— Você é muito gentil — disse ela, percorrendo o bar com o olhar e sem encontrar Yates. — Mas acho que vou ficar no bar, se conseguir encontrar um lugar.

— A senhorita não encontrará lugar aqui — disse ele. — Mas há lugar do outro lado.

Outro lado?

Carmen o seguiu pela multidão e até a parte traseira do bar, onde havia uma entrada em arco que levava a outro salão, que estava um pouco mais silencioso. A decoração era a mesma e havia um bar idêntico, no qual Yates estava sentado, sozinho, exatamente como disseram que ele estaria.

Os lugares à direita dele estavam ocupados, mas, à esquerda, havia dois lugares vazios. Carmen foi até o lugar mais afastado dele. O jovem puxou a cadeira, ela sorriu para ele por sobre o ombro ao se sentar e o ouviu pedir um martíni ao *barman*. Ele olhou para ela ao mesmo tempo em que Yates também olhou. — Simples?

— Com três azeitonas.

— Belvedere?

— Prefiro Goose.

Yates ergueu seu próprio martíni em um brinde divertido ao comentário dela, e Carmen sabia por quê. Esse era o drinque dele, que sempre o tomava com Grey Goose.

Ela olhou para ele. — Acho que é uma maneira estranha de fazer um martíni.

— Os franceses a adorariam por isso.

— Os franceses ficariam felizes por eu estar comprando a vodca deles.

— Os franceses sabem fazer um martíni.

— Os franceses quase me transformaram em uma expatriada.

Ela cruzou as pernas e colocou a bolsa sobre o bar. Yates, que realmente era gordo e estava perto dos oitenta anos, olhou para as pernas bronzeadas dela antes de tomar outro gole do drinque. — Nunca a vi aqui antes — disse ele. — Sou Ted Yates.

— Sophia Bianchi.

— Uma italiana bebendo vodca francesa?

— Considere-me uma pessoa não conformista.

— Não conformista. Expatriada. No que acredita?

— Liberdade.

Ele deu uma risada. — Eu teria pensado que você escolheria Uvix.

Carmen fez um gesto de desdém com a mão. — A vodca nunca deveria ser feita de uva.

— Ela até que é boa.

— Tanto quanto a Goose?

— Provavelmente não tão boa.

Ela sorriu. — Foi o que pensei.

O *barman* veio com o drinque dela e ela observou Yates olhando em torno do salão, que estava começando a encher. O burburinho estava ficando mais alto e, em breve, a cadeira entre eles seria ocupada. — Veio encontrar alguém? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça e comeu uma azeitona. — Não tenho companhia. Estou na cidade essa semana e um amigo, que é membro, achou que eu gostaria de vir até aqui para tomar um coquetel.

— O que achou até agora?

— É adorável — disse ela. — E obviamente popular.

— Como está a azeitona?

Ela pegou outra e segurou-a perto da boca. — Perfeitamente ensopada de vodca francesa.

Naquele momento, um homem de meia idade puxou a cadeira entre eles e fez menção de se sentar. Carmen viu o desapontamento que cruzou o rosto de Yates e, olhando para ele, deu de ombros, como se não soubesse o que fazer. O homem percebeu o gesto e perguntou se o lugar estava ocupado. Carmem aproveitou a oportunidade.

— Na verdade — disse ela — estávamos começando a conversar. Importa-se se eu sentar nesse lugar e você ficar com o meu?

— Nem um pouco.

Ela sentou-se na cadeira ao lado de Yates e abaixou a bolsa sobre o colo. Carmen abriu a fechadura. O *barman*, sem perder nada, pegou o martíni e o colocou à sua frente. Carmen tocou o copo no de Yates em um brinde, enquanto ele novamente percorria as pernas dela com o olhar. — É uma surpresa agradável — disse ele. — Ninguém conversa comigo aqui.

— Coisa curiosa de se dizer. Você jogou um drinque no rosto de alguém?

— Não — disse ele, sorrindo. — Mas, algumas vezes, tenho vontade. Sou

só um velho gasto e não sou mais tão popular.

— Algumas vezes, não ser popular na multidão errada não é tão ruim assim. Mas se isso o incomoda, por que vem aqui?

— Por vários motivos — disse ele. — Moro aqui perto. Já passei momentos incríveis aqui, especialmente quando minha esposa estava viva. E ainda gosto de me divertir, mesmo que as pessoas não queiram a minha companhia.

— Agora você está criando um mistério.

Ele fez sinal para o *barman* para que trouxesse mais dois drinques. — Deixe-me aprofundar o assunto. Sou um homem no fim da vida que cometeu seu quinhão de erros.

— Em quem não os cometeu?

— Foram erros públicos.

— Acho que você provavelmente é mais do que isso — disse ela. — Olhe esse lugar. — As palavras deram a ela a desculpa de olhar em torno do salão. As pessoas conversavam próximas umas das outras, mas falando alto em um esforço de serem ouvidas. O salão estava quase cheio, o que a beneficiava. Na ponta direita do bar, vodca e vermute estavam sendo sacudidos com gelo. Carmen notou que, nesse lado do bar, só havia um *barman* trabalhando.

Com a distração a seu favor, ela colocou a mão dentro da bolsa e pegou a seringa. E então, como sempre acontecia quando estava prestes a matar alguém, ela sentiu uma onda de ansiedade percorrer-lhe o corpo. — Eles não deixam qualquer um entrar aqui.

Ele ergueu as mãos como se tivesse sido derrotado.

Ela esticou o lábio inferior e pegou uma das mãos dele na sua, movendo-se até ficar atrás dele, com a seringa na outra mão. Ela olhou para o rosto dele e para os olhos azuis líquidos e não sentiu nada ao ver esperança, luxúria e vergonha refletidas neles.

— Além do mais — disse ela, inclinando-se de forma que somente ela, ele e os microfones podiam ouvir. — Você é Teddy Yates. Você poderia comprar e vender todas essas pessoas. Ambos sabemos disso, como ambos sabemos que Maximilian Wolfhagen um dia o faria pagar por mandá-lo para a prisão. Hoje é o dia do pagamento.

As sobrancelhas de Yates franziram-se e, logo em seguida, seus olhos se arregalaram com reconhecimento quando ele viu o que estava prestes a acontecer.

Mas Carmen foi rápida. Ela inclinou-se para a frente, como se fosse beijá-lo no pescoço, mas, em vez disso, com os cabelos espalhados ocultando a mão, ela enfiou a seringa na carótida dele e pressionou com tanta força que o conteúdo foi direto para o coração dele.

Em segundos, estava terminado. Os olhos deles se arregalaram ainda mais, Yates colocou a mão no pescoço e tentou falar, mas não conseguiu. O coração dele estava parando.

Carmen afastou-se dele e posicionou o corpo de maneira que seus últimos suspiros fossem registrados pela câmera. Ela colocou a seringa dentro da bolsa, soprou um beijo para ele e abaixou a cabeça ligeiramente ao deixá-lo para trás e percorrer a multidão entusiasmada.

Não levou muito tempo.

Atrás dela, Carmen ouviu o barulho de uma cadeira caindo no chão, mulheres gritando, homens berrando para que alguém telefonasse para a emergência. Ela chegou na escada, passou depressa pela cantora, que agora entoava um *jazz* no segundo nível, e entrou no primeiro nível, onde a multidão era ainda maior do que antes.

Ela deslizou por entre as pessoas. Ao aproximar-se da porta e do porteiro que encontrara mais cedo, ela estava totalmente composta.

— Já vai embora, tão cedo? — perguntou ele.

— Receio que sim — disse ela. — Meu limite é um drinque. Meu voo parte bem cedo amanhã. Mas foi bom encontrar Teddy, apesar de ele não estar se sentindo muito bem. — Ela passou por ele e desceu os degraus. — Boa noite.

Ele acenou com a cabeça para ela, que percorreu a calçada em direção a Vincent. Ele a esperava na van estacionada no fim da rua. Ela entrou e ele pisou no acelerador. — Quanto tempo levou? — perguntou ela.

— Um pouco mais de vinte minutos.

Ela não conseguiu reprimir o desapontamento que a invadiu. Ela prometera a ele quinze minutos e não conseguira cumprir.

Spocatti virou a direção e eles foram em direção ao próximo alvo. Carmen foi para a parte de trás da van, onde trocou o vestido preto por roupas confortáveis e verificou o conteúdo de uma mochila grande que estava no centro da van. Estava tudo lá. Com uma inquietação desconhecida, ela voltou ao banco do passageiro e sentou-se.

Estava tudo no lugar.

Spocatti quebrou o silêncio. — Matar Yates não foi fácil — disse ele. — Mas você conseguiu, fez um bom trabalho.

Ela puxou os cabelos para trás e amarrou-os em um rabo de cavalo. — Estou preocupada com o próximo — disse ela.

— Concordo, mas precisamos da distração.

— Há outras maneiras de criar uma distração.

— Você é apenas uma mulher dando um passeio. Está muito bem para que alguém saiba o que mais pretende fazer. Sei que será discreta.

Ela puxou o nó com força, prendeu o cabelo em um coque e estendeu o braço para pegar a sacola a seus pés. Dentro dela, havia um boné com um rabo de cavalo loiro preso na parte de trás. Ela o colocou na cabeça e conferiu no espelho. — Lá moram pessoas poderosas. Deve haver algum nível de proteção naquela rua que não estamos considerando. Tem alguma câmera?

— Não.

— Como sabe disso?

— Porque eu verifiquei. — Ele virou-se para ela. — Não vou colocar nenhum de nós dois em perigo por causa de Wolfhagen, Carmen. Não me importo nem um pouco com ele. Mas, como você, eu fui pago. Fiz o meu trabalho e verifiquei aquela rua. Ela está limpa. Agora nós seguimos o plano. Caminhe com um passo normal. Ao se abaixar, faça-o rapidamente. Vou estar logo atrás.

— Eu quero aquele bônus, Vincent.

— Eu também e nós vamos consegui-lo.

A van percorreu as ruas acompanhando o tráfego. Spocatti viu uma fileira de luzes verdes e encaminhou-se em direção à rua 75 East. Ele não disse mais uma palavra a Carmen, e ela sentiu que o conhecia bem o suficiente para saber o motivo. O que eles estavam prestes a fazer era crítico, não só porque matariam a única mulher que dera o depoimento mais importante contra Wolfhagen, mas também porque isso causaria um enorme pânico na cidade inteira. E isso possibilitaria que eles completassem as tarefas da noite e terminassem de vez com esse trabalho.

Mas o problema estava além de sua compreensão, e era terrível demais para que conseguisse imaginar, como quando Spocatti tivera a ideia. Se eles tivessem sucesso — e, dado todo o planejamento e toda a preparação que fizeram para esse trabalho particular, não havia motivo para achar que não teriam — centenas de pessoas inocentes poderiam morrer e prédios cairiam quando parte de Manhattan fosse varrida para sempre de Nova Iorque.

CAPÍTULO 33

21h38

Enquanto Carmen estava ocupada costurando o braço de Spocatti e se preparando para matar Ted Yates, Maggie Cain preparava-se para falar com um homem morto.

Marty entregou o celular a ela, mas manteve o dedo sobre o microfone para que não fosse ouvido. — Não sei o que está acontecendo aqui ou se essa pessoa é que diz que é, mas preciso que tenha calma. Ou ele é real, ou estão armando alguma coisa para nós. Eu nunca ouvi essa voz antes. Você saberá imediatamente se é ele.

Ela balançou a cabeça. — Do que está falando?

Ele colocou o dedo sobre os lábios e tirou o dedo do microfone. Maggie pegou o telefone. — Alô? — disse ela.

— Maggie, é o Mark.

Um calafrio a percorreu. Não podia ser ele. Ela olhou para Marty em negação, mas, apesar da ligação ruim, ela tinha quase certeza de que era a voz de Mark.

— Preciso de sua ajuda.

Houve um barulho de estática na linha, um zumbido de interferência. Ela colocou a mão livre sobre o outro ouvido e tentou se concentrar na voz dele, com o coração disparado. Maggie observou Marty pegar um guardanapo e começar a escrever algo. Por um momento, ela não conseguiu falar. O mundo dela estava desmoronando e, então, havia somente a verdade à sua frente. Ela a observou por um momento e avançou.

— Como pode ser você? — perguntou ela. — Eu fui ao seu funeral. Estava com seus pais quando o corpo chegou da Espanha. Vi quando abaixaram seu caixão e o enterraram.

— Mas você não *me* viu, Maggie.

Aquilo a atingiu. Ele estava certo, ela não o vira. O corpo chegara em um saco preto. Somente os pais tinham permissão de vê-lo. — Mas seus pais o viram — disse ela. — Seus pais teriam me dito se não fosse você.

Marty empurrou o guardanapo à frente dela. Ela olhou para baixo e leu:

"Faça com que ele revele algo que só vocês dois saberiam".

— Meus pais sabem o que está acontecendo, desde o início. Wolfhagen está matando todos os que testemunharam contra ele. Quando eu estava correndo em Pamplona, fui esfaqueado por um americano. Ele tinha os cabelos pretos, talvez de descendência italiana ou espanhola. Antes de me esfaquear, ele me disse que Wolfhagen queria agradecer por eu ter arruinado a vida dele.

Alguma coisa estava errada. A voz não estava certa. Soava como ele, mas havia alguma coisa diferente. Algo áspero. — Não é você, essa não é a voz do Mark.

— Passei por várias cirurgias, uma delas na laringe. Ainda estou me recuperando, Maggie, ainda não estou muito bem.

— Responda uma pergunta.

— Qualquer coisa.

— Qual o nome da minha gata?

— Baby Jane.

Qualquer um poderia saber disso. O teste real era responder a próxima pergunta corretamente. Se o fizesse, não haveria dúvidas na cabeça dela de que era realmente Mark, pois era a piada particular deles. — Mas como você a chamava?

Ele não hesitou. — Blanche — disse ele. — Ela sempre foi Blanche para mim.

Ela colocou a mão sobre a boca.

— Ela nunca foi durona como você acha. Ela é uma covarde, sempre foi. Você errou, devia ter dado a ela o nome de Blanche.

Quantas vezes ele disse exatamente a mesma coisa para ela? Ela olhou para Marty e assentiu. — É ele — disse ela. — É ele.

— Descubra onde ele está.

O corpo dela inteiro começou a tremer. — Onde você está?

— Eu estive em um hospital espanhol por uma semana antes que conseguisse falar com o FBI e contar o que aconteceu. Estou sob proteção desde então. Os médicos deles estão me tratando há várias semanas.

— Você está bem?

— Eu ficarei bem. No momento, estou uma merda, cheio de pinos de aço. Tenho joelhos novos. Tiveram que reconstruir meu nariz. Tenho um longo caminho à frente, Maggie.

Ela estava lutando contra as lágrimas. — Quando poderei vê-lo?

— Hoje à noite — disse ele. — Mas rapidamente. O FBI sabe que você está trabalhando com Marty Spellman nisso e quer que os dois venham conversar e contar o que sabem. Pode fazer isso? Preciso que o faça.

Ela falou para Marty, que assentiu.

— Onde você está?

Ele deu a ela as instruções, mas elas não faziam sentido.

— Por que está aí? — perguntou ela. — Por que não está em um hospital?

— Você não está pensando claramente — disse ele. — Eu devia estar morto. Se me colocarem em um hospital, a imprensa descobrirá e meu disfarce será descoberto. O FBI tem casas seguras por toda Nova Iorque e me colocaram em uma delas. É importante que pareça que estou morto. É importante que ninguém me veja até que isso tenha terminado.

Fazia sentido.

— Em quanto tempo chegará aqui?

Ela perguntou a Marty.

— Uma hora — disse ele.

Ela pareceu confusa. Eles estavam a apenas vinte minutos de distância. Estava prestes a falar quando ele levantou a mão. — Uma hora — disse ele, firmemente.

— Estaremos aí em uma hora.

— Por que tanto tempo?

Marty passou a mão pela garganta, sinalizando que queria que ela encerrasse a conversa. Mas Maggie não queria. Queria continuar falando com ele. Mas ela prometera a si mesma que confiaria em Marty essa noite e faria o que ele dissesse.

— Peter Schwartz foi morto — disse ela. — Nós o encontramos na sala de estar da casa dele e precisamos garantir que não estamos sendo seguidos antes de sair. Dê-nos uma hora. Faremos o possível para chegar nesse tempo.

— Eu amo você — disse ele.

A garganta dela se fechou ao som daquelas palavras. Ela nunca pensara que as ouviria dele novamente. Nunca pensara que falaria com ele novamente. Era maravilhoso e, ainda assim, surreal. Ela lutara esse tempo todo para encontrar respostas, para, de alguma forma, acabar com Wolfhagen por causa do que ele fizera. O fato de que ele não conseguira matar Mark a encheu de uma alegria indescritível. — Também amo você. Você não sabe pelo que tenho passado, como tem sido difícil.

— Está quase no fim — disse ele.

— Preciso acreditar nisso.

— Acaba hoje à noite.

— Pode me prometer isso?

— As informações que você e Spellman reuniram são importantes. Os federais estão prontos para agir, mas precisam saber o que vocês sabem. Vocês

precisam contar tudo a eles. E depois precisam ficar aqui comigo, em segurança. Vejo você em uma hora.

Antes que ela pudesse responder, a linha ficou muda. Ela segurou o telefone por um momento e, em seguida, o desligou. Ela olhou para Marty, que a estava encarando intensamente. — Ele está vivo — disse ela.

— Tem certeza de que era ele?

— Somente uma pessoa saberia como ele chamava minha gata, e essa pessoa sou eu. Era uma coisa nossa, uma piada nossa.

— Ele nunca a chamou de Blanche na frente dos seus amigos?

— Não. — Ela pensou por um momento e balançou a cabeça. — Não sei, como poderia saber?

— Não pode — disse ele. — Esse é o problema.

— Por que esperaremos uma hora? Por que não vamos agora?

— Porque preciso dar uns telefonemas. Preciso de cobertura. Não sabemos se era ele mesmo e não vamos sozinhos.

Ela olhou para o outro lado do aposento, onde Roberta limpava copos no bar. Ela olhava diretamente para ele, com a preocupação cobrindo seu rosto como uma máscara. Ela pegava cada copo, limpava-o cuidadosamente e o pendurava de volta na prateleira. Estava lá parada, mas não estava realmente lá, ela estava lendo Marty. Ele conhecia aquela expressão, sabia dizer quando ela se afastava. Limpa, limpa, pendura, pendura. Os olhos dela mergulhados nos dele. Ele acenou para que se aproximasse e ela parou ao lado da mesa.

— Vou dizer um nome — falou ele.

— É o nome da pessoa com quem ela estava falando no telefone?

— Sim.

— Então me dê o telefone.

Ele o entregou para Roberta, que o virou nas mãos e o levou ao peito.

— Qual é o nome? — perguntou ela.

— Mark Andrews.

Ela fechou os olhos. Quando os abriu novamente, a derrota era patente. — Você vai me perguntar o que vi, Marty, mas é a mesma coisa. Nada mudou. É a mesma coisa que vi quando esteve aqui da última vez. É a mesma coisa que vi quando toquei na mão dela mais cedo. É tão terrível, não posso dizer nada sobre Mark Andrews. Tudo o que vejo é a sua morte. De novo e de novo, é só o que vejo. Estou próxima demais a você para ver qualquer outra coisa. Atendo aos clientes e vejo você desaparecer. Limpo copos e vejo você sumir. Enquanto esteve sentado nessa mesa, vi seu espírito indo embora. Vi alguém matá-lo.

Ela virou-se para Maggie. — É ela.

CAPÍTULO 34

22h12

Theresa Wu correu.

Ela correu pela rua 82 East, pelo Centro das Celebridades da Igreja de Cientologia, avançando quando viu que o farol à frente estava verde e que poderia atravessar.

Ela passou correndo pela avenida Madison, pelas Galerias Adelson e continuou correndo até chegar à Quinta Avenida e ao Museu de Arte Metropolitano, que lançava um belo brilho dourado na escuridão do Central Park.

Fez uma curva à esquerda e desceu a Quinta correndo, os cabelos pretos balançando loucamente atrás dela em um rabo de cavalo ao desviar das poucas pessoas na calçada. O ar da noite estava tão úmido que ela estava encharcada de suor, mas a corrida era excelente, principalmente a essa hora da noite quando as ruas laterais estavam quietas. Era só ela e a cidade que tanto amava.

A Quinta Avenida era outra história. O trânsito ali movia-se rapidamente para o centro, mas ela o acompanhava. Ela passou pela rua 79, pelo Instituto Ucraniano da América e olhou para o relógio. Pressionou um botão que iluminou o mostrador. Ela estava indo bem, mas não tão bem, portanto, correu mais depressa, determinada a superar seu melhor tempo.

Mais cedo naquela manhã, ela tivera que fazer muitas coisas para Helena antes do almoço para poder aproveitar sua reunião com Marty Spellman. Theresa, então, tivera que adiar a corrida até então. Mas Helena estava dormindo e Theresa estava livre.

E ela se sentia livre, o que era uma sensação muito boa. Ela poderia sair com as garotas mais tarde, e talvez aproveitasse a oportunidade. Fazia semanas que não saía. Havia uma nova boate no centro sobre a qual as pessoas estavam comentando. Seria bom tomar alguns drinques e soltar o cabelo, soltar-se na pista de dança. Na semana passada, ela fizera uma extravagância e comprara um vestido novo na Prada, então por que não aproveitar?

Ela decidiu que aproveitaria.

Ela correu para a esquerda novamente, dessa vez entrando na rua 76.

Movendo-se depressa e com facilidade, ela cruzou a Madison novamente e continuou correndo até a curva final que a levaria de volta à 75 e para casa. Estava correndo havia cinquenta minutos. Quando corria pela manhã, ela gostava de correr pelo menos noventa minutos, mas estava tarde. Pelo menos, exercitara-se um pouco. Se não o fizesse, dadas as exigências frequentes de Helena, não teria como ficar em forma.

Quando virou na rua 75, ela notou, do outro lado da Madison, que uma van estava estacionada no meio da rua, perto da casa de Helena, em frente à casa da juíza Kendra Wood. Os faróis estavam ligados. Apesar de não conseguir ouvir a essa distância, ela presumiu que o motor estivesse ligado em ponto morto.

Uma mulher saiu do carro pelo lado do passageiro com uma mochila grande nas costas e caminhou até o lado esquerdo da calçada enquanto a van se afastava. Theresa ficou parada na esquina da Madison com a 75 East, correndo no lugar até que o farol abriu.

Enquanto isso, ela observou a mulher caminhar pela calçada. Viu quando ela botou a mão dentro da mochila, quando tirou algo de dentro dela que Theresa não conseguia ver e mergulhar na sombra lançada por um dos vários carros estacionados no meio-fio. Ela reapareceu novamente, colocou a mão dentro da mochila e abaixou-se ao lado de um dos carros. Em um instante, ela estava de pé novamente e caminhando casualmente.

Ela fez o mesmo no próximo carro.

Depois do que acontecera com Wood, Theresa não se arriscava nessas ruas, não importa o quão exclusivas fossem, e especialmente quando algo tão peculiar estava acontecendo. A van chegou ao fim da rua e estava prestes a entrar na Quinta. Ficou parada por um momento, manobrou na esquina e deixou a mulher que se abaixava, botava a mão na mochila, levantava, continuava.

Ela estava prendendo alguma coisa naqueles carros.

O farol ficou verde, mas Theresa não atravessou. Em vez disso, olhou para a esquerda, não viu ninguém na 75 e começou a correr em direção à rua 74, chegando a tempo de pegar o sinal verde e atravessar a Madison. Ela percorreu a 74 em um ritmo mais lento, a mente tentando processar o que acabara de ver, o coração batendo forte na garganta ao ver a van entrar na 74 e começar a se mover em sua direção.

Theresa manteve um ritmo estável, exercitando os braços. A van aproximou-se, os faróis altos piscaram. Theresa levantou a mão para proteger os olhos, continuando a correr. A van estava ao seu lado. Quando ela começou a passar do veículo, manteve o foco à frente, apesar de ser difícil enxergar. Ela virou-se para olhar para o motorista irritada e absorveu os detalhes. Homem, quarenta e poucos, bonito, cabelos escuros, virando-se para olhar para ela pela

janela aberta do motorista. Eles cruzaram um pelo outro.

E então, em um choque de luzes vermelhas que iluminaram os prédios em volta, ele pisou no freio.

— Com licença — gritou ele.

Nenhuma mulher, a essa hora da noite, pararia com um grito daqueles. Theresa apressou o passo enquanto o homem a chamava novamente. — Só preciso de uma informação.

Ela não respondeu. Em vez disso, começou a correr ainda mais rápido enquanto, atrás dela, as luzes do freio ficaram brancas e o motor da van rugiu.

Ele estava dando marcha a ré.

Theresa disparou em direção à Quinta, pulou sobre um gato que andava entre dois carros estacionados e saltou para a calçada. Ela voou por sobre ele, que olhou para ela e se afastou assustado.

O homem pisou mais fundo no acelerador. Ao senti-lo apressando-se atrás dela, olhou por sobre o ombro e viu que ele estava inclinado para fora da janela, olhando para trás ao diminuir a distância entre eles. Mas Theresa era uma atleta e nada a pararia, exceto sua resistência. Ela apertou o passo ainda mais ao voar pela esquina e cortar à direita, quase se jogando sobre os carros que passavam.

As buzinas berraram.

Theresa endireitou-se e correu em direção à 75.

Atrás dela, um carro tentou sair da Quinta e entrar na rua 74, mas a van bloqueava o caminho. Mais buzinas. O homem na van não tinha escolha a não ser parar e andar para a frente. Ela tinha certeza de que o encontraria novamente, dessa vez em alta velocidade na 75.

Havia pessoas na Quinta. — Ligue para a emergência! — ela gritou ao passar por elas. — Diga a eles para virem para a 75 com a Quinta!

Ela parou perto da esquina, com as costas pressionadas contra um prédio. Lentamente, olhou em torno e não viu nada, nenhum sinal da mulher nem da van. Olhou para o carro estacionado ao seu lado e viu o que parecia ser um tijolo branco de tamanho médio preso na parte de trás, perto do tanque de combustível. Por um momento, Theresa não conseguiu de mover. Cada parte de seu corpo gritava que aquilo era um explosivo.

Com o coração batendo forte, ela pesou as opções. Poderia sair daqui, salvar-se, mas não podia. Helena significava tudo para ela e sua casa ficava a apenas cinco prédios dali. Se conseguisse chegar lá antes que a van ou a mulher aparecesse de novo, poderia chamar a polícia, levar Helena para o porão onde Cecil tinha uma adega reforçada, bem longe da rua. Elas poderia se esconder lá. As paredes eram tão grossas que estariam seguras contra invasores e explosões.

Ela botou a mão no bolso, pegou o chaveiro, ficou com a chave certa pronta

e olhou para a esquina novamente.

Nada.

Dessa vez, ela observou cuidadosamente o quarteirão, mas não havia movimento. A mulher se fora. E, até agora, não havia sinal da van.

Theresa Wu, então, arriscou a sorte e correu.

Correu mais rápido do que nunca. O medo a impulsionava à frente. A cada carro que passava, ela fazia um esforço e olhava para baixo pra ver se o mesmo tijolo estava preso no para-lama traseiro. Pelo que conseguia ver a essa velocidade, na maioria dos casos, ele estava lá. A mulher enchera a rua de explosivos, estava planejando algum tipo de ataque terrorista.

Mas por que aqui?

Foco. Somente mais duas casas. Ela disparou. Mas então, como o gato fizera há alguns momentos, a mulher que vira mais cedo saiu de entre dois carros, levantou-se, foi até a calçada e parou em sua frente, bloqueando o caminho. Nas mãos, ela tinha uma arma com um silenciador. Ela levantou a arma enquanto que, no fim da rua, faróis fizeram a curva e brilharam contra as costas da mulher. Era a van. O motor rugiu.

Theresa estava correndo depressa, mas não depressa demais que não pudesse pensar. Em um instante, ela se jogou com força no chão e rolou em direção aos pés da mulher. Surpresa, a mulher atirou e a bala enterrou-se no concreto da calçada. Ela fez um esforço para pular, mas Theresa foi mais rápida. Ela colidiu com a mulher, que caiu como um saco, caindo com força sobre o peito.

Theresa levantou-se rapidamente. Ela só precisava subir os degraus à direita para entrar na casa de Helena. Na mão, ainda segurava a chave. Mas a van estava quase sobre ela agora. E a mulher tinha levantado, mas um olhar foi suficiente para que Theresa visse que ela estava tonta e obviamente machucada, apesar de não estar machucada o suficiente para evitar que erguesse a arma.

Abaixando-se, Theresa correu para a casa de Helena, subiu os degraus e colocou a chave na fechadura no momento em que o cano da arma foi pressionado contra sua nuca.

Era o homem da van. Ela podia sentir o hálito dele. Acabou em um instante. Houve um clique, um adeus suave. Um solavanco súbito quando uma bala atravessou o cérebro e deixou parte do rosto dela grudado na porta de Helena. Mas as moléculas ainda funcionavam, ainda faziam um esforço para se conectarem. Ela estava ciente de si mesma caindo para trás nos degraus, viu os tijolos erguerem-se à sua frente, as árvores e o céu girando.

Quando a cabeça dela bateu na calçada, fez um barulho horrível e, então, Theresa Wu viu outras luzes.

CAPÍTULO 35

22h18

Em sua casa na rua 75 East, Emilio DeSoto admirou-se no espelho de corpo inteiro da parede e se deu conta de que, finalmente, criara sua obra-prima.

Ele era agora uma peça retrô de arte viva. O minimalismo morrera. Em seu lugar, havia uma severidade clássica e uma beleza expressa com a força impulsionadora da alta costura.

Ele abriu os braços e os abaixou, deixando que o tecido de poliéster flutuasse em belas ondas. Repetiu o gesto e virou-se de tal forma que o ar passou pela roupa, criando uma ilusão de leveza. Ele fumara um baseado mais cedo e o glaucoma estava tolerável. Apesar de ter somente visão em túnel, se olhasse diretamente para si mesmo, podia ver o reflexo, e ficou emocionado com o que viu.

Depois de meses de trabalho em sua peça mais recente — que usara seu próprio corpo esguio e angular como catalisador — ele agora personificava duas formas de arte, cada uma delas com um vínculo enfeitiçado separados por séculos.

Quando aquela pessoa chamada Spellman saíra, ele começara a fazer os movimentos finais para reunir as influências. E funcionara. Como soubera há meses que aconteceria, quando a ideia surgira, e que logo o minimalismo não mais definiria quem ele era como artista ou como pessoa.

Depois de uma longa gestação de incubação artística, chegara o dia.

Ele sempre fora uma criatura diferente de todas as outras — era por isso que o amavam e o celebravam — mas, agora, levara seus talentos a um novo nível de grandeza.

O rosto dele era um escudo de maquiagem *kabuki* que consumia-lhe as feições, não havia mais traços delas. Apesar de a pele sempre ter sido pálida, estava pintada de puro branco. A única outra cor era vermelho brilhante, que ele aplicara aos cantos dos olhos e às pálpebras inferiores, em um esforço de fazê-las parecer como se o sangue estivesse prestes a escorrer.

Os lábios tinham o mesmo tom de vermelho, pintados de tal forma que boca parecia estranhamente pequena, e seria uma surpresa se ela conseguisse formar

alguma palavra. Naturalmente, alguns críticos olhariam para a boca e veriam conexões com seu trabalho de natureza morta. Alguns pensariam que sua aparência minúscula era uma menção ao minimalismo, mas estariam errados. Alguns penderiam para o grande artista *kabuki*, Tamasaburo, e veriam isso como uma espécie de homenagem, mas estariam errados. Era, na verdade, uma declaração pós-apocalíptica projetada para honrar o passado e confundir o que DeSoto acreditava ser um presente distópico.

Ele virou-se novamente em frente ao espelho, ergueu os braços e gostou da maneira como o caftan Halston se movia em sincronia com o corpo. Ele pertencera a Barbra Streisand e DeSoto o comprara anonimamente em um leilão quando ela vendera várias coisas no Christie's, em 1994. Ele o vestia em vez do vestido *kabuki* tradicional que a maioria esperaria que usasse, dado o estilo inconfundível da maquiagem *kabuki*.

Na cabeça, usava um turbante branco, também de Halston, que remetia aos dias de Emilio no Studio 54, onde usara cocaína nos cubículos e no chão dos banheiros com outras celebridades e dançara com uma liberdade que lhe fora roubada quando se entregara à arte morta do minimalismo.

Completando o traje — e cruzando fronteiras, mas não continentes — havia os calçados de gueixa altos de madeira que beliscavam e machucavam os pés. Ele caminhou pela sala, clique, clique, clique, enquanto mergulhava a cabeça e fazia o caftan flutuar ao levantar os braços atrás de si, quando um dos cliques soou como um estouro.

Ele estava parado em frente a uma janela alta com vista para a rua 75 e olhou para baixo para ver se tinha quebrado um dos sapatos. Quando o fez, ele captou um movimento na rua lá embaixo. Na calçada, havia um par de pernas no chão entre dois carros. Elas era esguias e pareciam pertencer a uma mulher. Enquanto Emilio observava, elas foram subitamente puxadas e desapareceram.

Com aquela mulher Wood assassinada, o instinto fez com que se movesse para o lado da janela para que não ficasse exposto. Ele estava confuso e parcialmente assustado. Havia uma van parada no meio da rua, com a porta do motorista aberta. A luz da van iluminou a rua, onde um homem e uma mulher, abaixados, saíram do lugar onde aquelas pernas tinham desaparecido. Eles correram para a van, entraram e partiram em alta velocidade em direção à Quinta.

E Emilio DeSoto, que raramente fazia a coisa certa, a não ser que o beneficiasse, permaneceu verdadeiro à sua natureza. Havia assassinos na vizinhança. Os roedores que Wood trouxera ali tinham acabado de tirar outra vida. Não havia motivo para acreditar que não tirariam a dele.

Tirando os sapatos, Emilio esticou as mãos à frente para que não tropeçasse

em nada e correu para fora da sala. Ao descer cuidadosamente a escada curva e correr para o telefone da sala de estar, o caftan flutuou atrás dele, como deveria. Ele pegou o telefone e discou para a emergência.

Um operador atendeu. — Qual é a sua emergência?

— Alguém vai me matar — disse ele.

— Como sabe disso, senhor?

— Porque os roedores acabaram de matar mais alguém.

— Que roedores, senhor?

— Os roedores de Wood.

— Você terá que ser mais específico. Está em perigo agora?

Ele foi até a janela, olhou para a rua e viu aqueles pés mortos entre os dois carros. — Sim — disse ele. — Estou em perigo. Ouviu? Estou em perigo.

— Por causa de quem?

E Emilio explodiu. — Como diabos vou saber? — gritou ele. — O que mais precisa que eu diga? Acabei de dizer que estou em perigo! Eles vão me matar, assim como a mataram.

— Senhor...

— Eles vão me matar porque não me encaixo no molde deles. Eles vão me matar porque sou diferente. Porque sou magnífico.

— Senhor...

— Eles vão me matar porque estou destinado à grandeza. Eles vão me matar por todos esses motivos e, se não vier aqui agora, serei mais um maluco morto pelos mesmos roedores que vocês idiotas não conseguem pegar.

* * *

Spocatti dirigiu até o fim da rua 74, parou em um sinal vermelho e estava prestes a perguntar a Carmen se ela estava ferida quando uma van da NBC passou por eles. Ela estava indo depressa — depressa demais — e eles se viraram para vê-la subir a Madison e entrar à esquerda na rua 77, onde Peter Schwartz morava.

— A notícia se espalhou — disse ele.

— Literalmente.

— Os policiais estarão lá.

— E mais deles virão. Precisamos nos mexer, é hora de acabar com isso.

O sinal ficou verde, Spocatti pisou no acelerador, dirigiu por três quarteirões para o leste como proteção e voltou para a 75. Havia uma vaga no

meio da rua. Surpreso, ele encaminhou-se para ela, mas viu o hidrante ao se aproximar. Não importava. Os policiais estavam ocupados e, logo, ficariam mais ocupados ainda. Ele estacionou na vaga e desligou o motor.

— Por que paramos tão longe?

— Digo a você em um minuto. Está machucada?

— Vou sobreviver.

— Ela era durona.

— Deus está dizendo isso a ela agora.

Uma mulher com um cachorro virou a esquina e começou a caminhar na direção deles. Ela era jovem, em torno dos vinte e cinco anos, com um gingado no caminhar e um sorriso no rosto. Ela disse alguma coisa para o cachorro e riu quando ele latiu. Eles esperaram que ela passasse antes de falar.

— Não tem como errar aqui — disse ele. — Vamos recapitular. O que vem primeiro?

— Você na rua com a câmera.

— E depois?

— Eu no telefone com Pamela Dean para garantir que ela esteja em casa, que já sei que está porque a vi passar pela janela no segundo andar da casa dela. Mas vou conferir.

— O que ela estava vestindo?

— Basta dizer que ela não vai sair.

— Se alguém mais atender e você precisar pedir para falar com ela, qual é o seu nome?

— Rebecca Stiles. Pamela e eu trabalhávamos juntas com Wolfhagen. Ela era uma das informantes dele e o ajudou a ganhar bilhões nos mercados externos.

— Se o marido dela atender e não souber quem você é?

— Ele não precisa me conhecer. Pamela e eu almoçávamos juntas uma vez por mês. Mas faz anos que não nos falamos. Perdemos contato depois que Pam testemunhou contra Wolfhagen. Estou na cidade. Ouvi falar sobre Wood. Sei que ela mora perto e quero saber se ela está bem.

— Como você é gentil.

— Rebecca é esse tipo de pessoa.

— Faça a voz dela.

Uma das habilidades de Carmen era a imitação. Pouco depois que Wolfhagen fora mandado para Lompoc, Pamela contara sua história para o "60 Minutes". Wolfhagen enviara a eles a fita. Carmen a estudou. E imitou a voz dela.

— Ótimo — disse ele, e fez uma pausa. — Preciso que esteja ciente de uma

coisa. Você viu o Escalade preto quando estava colocando os explosivos?

— Aquele no fim da rua? Logo antes da Quinta?

— Isso mesmo.

— Como poderia não notar? Aqueles carros são enormes. Por quê?

— Sabe o que McVeigh usou para explodir o prédio federal em Oklahoma?

Ela não respondeu. Uma parte de seu cérebro congelou.

— É isso que está dentro do Escalade.

— Mas isso acabará com vários quarteirões.

— Na verdade, não sabemos o que ele fará. Usamos somente um quarto do que McVeigh usou. Eu sei que derrubará alguns prédios, o que será distração suficiente, mas não sei quantos. Quando tiver certeza de que Dean está em casa, quero que detone aquelas bombas.

— Quem colocou o Escalade lá?

— Tenho amigos na cidade inteira, Carmen. Não importa quem foi. O que importa é que ele conseguiu. — Ele esticou o braço para trás, pegou a câmera e segurou-a na altura do rosto para ver se conseguia aproximar o *zoom* adequadamente na rua. Perfeito. Com uma lente tão poderosa, ele poderia focalizar nos eventos à medida que acontecessem, o que deixaria Wolfhagen contente. E era tudo o que importava.

— Vamos — disse ele.

— Espere um minuto. Você disse que não sabe o que acontecerá quando o Escalade explodir. Mas olhe para nós, estamos virados para aquela direção. Qual é o plano para nos tirar daqui?

Ele deu um tapinha no joelho dela. — É simples. Vamos correr como o diabo na direção oposta. Tenho um carro nos esperando a quatro quarteirões daqui. Cuidei de tudo, Carmen. Você só precisa correr.

— De uma explosão dessa magnitude? Estamos essencialmente em um túnel, Vincent. Uma bola de fogo rolará por essa rua e nos incinerará.

Ele saiu do carro com a câmera e foi até a esquina. Por sobre o ombro, ela o ouviu dizer: — É por isso que precisa correr bem depressa.

* * *

Emilio DeSoto pegou os sapatos de gueixa de madeira no segundo andar, espremeu os pés doloridos para dentro deles na área de estar do primeiro andar e olhou novamente para as pernas que estavam entre os dois carros do lado de fora da casa dele.

Já fazia quinze minutos que telefonara para a polícia e não havia sinal de que chegariam logo. Nenhuma sirene. Nenhuma luz piscando. Nada.

Duas vezes ele fora até a porta e a abrira, esperando ouvir alguma coisa, esperando não ser atacado. Mas nada acontecera, os roedores tinham ido embora. E, cada vez mais intrigante, toda vez que ele abria a porta, podia ver aqueles pés, que incendiaram nele uma curiosidade impossível de reprimir.

A quem eles pertenciam? Quem fora assassinado e por quê? Era alguém de quem ele não gostava? Ele esperava que fosse alguém de quem ele não gostava.

Ele foi até um espelho e verificou a maquiagem *kabuki*. Impecável. Abriu os braços e deixou que o caftan Halston flutuasse e caísse suavemente contra o corpo. Brilhante. Ele colocou as mãos no turbante e moveu-o ligeiramente na cabeça. Perfeito.

Se tivesse tempo, ele teria colocado roupas diferentes e removido a maquiagem, mas o tempo era curto e, se não agisse naquela hora, perderia o momento. Naturalmente, a polícia apareceria em algum momento — provavelmente em breve —, o que significava que ele tinha pouco tempo para ir até a calçada e ver quem estava preso àqueles pés mortos antes que a vizinhança fosse invadida novamente por policiais.

De maneira desajeitada, ele afastou-se do espelho, clique, clique, clique, até a mesa do outro lado da sala e tirou o revólver carregado que mantinha lá como proteção.

Ele a segurou ao lado, como Joan Crawford fizera em seu filme preferido, "Johnny Guitar", e fez o esforço supremo de atravessar a sala até a porta da frente, o que não era uma tarefa fácil por causa dos sapatos que usava.

Ainda assim, de jeito nenhum ele usaria outra coisa que não fosse esses sapatos. Se alguém o visse na rua — se os *papparazzi* estivessem lá para tirar fotografias, o que sabia que podia acontecer a qualquer momento, pois ele era uma celebridade — precisava ser visto em sua nova criação da maneira como ela devia ser vista. Nada mais serviria.

Movendo-se furtivamente, ele abriu a porta.

Ele olhou para os dois lados da rua, não viu ninguém e olhou para aqueles pés caídos entre os dois carros. Com a mão livre segurando o corrimão de ferro, ele desceu os poucos degraus que levavam à calçada e ficou parado escutando. À sua frente, por sobre os prédios e a alguns quarteirões de distância, ele podia ouvir sirenes, mas estavam paradas e não ficaram mais altas. Estavam em outra rua.

Emilio fez uma careta, imperceptível por causa da maquiagem dos lábios *kabuki*. Essa era uma das melhores vizinhanças de Manhattan. No que ela estava se transformando? Há anos, quando era um jovem artista morando no Village,

ele se sentira mais seguro no cubículo do sexto andar do que sentia-se ali.

Com o revólver na mão, ele concentrou-se na visão em túnel e clicou com os saltos adiante, com os pés instáveis, pronto a atirar se alguém se aproximasse, pronto a matar se fosse preciso.

Uma brisa bateu em seu rosto e levantou o caftan, fazendo com que voasse atrás dele de uma forma que lhe deu novas ideias sobre como o apresentaria oficialmente no momento certo. Ele usaria ventiladores. Usaria também gelo seco por causa do clima retrô e porque capturaria aquela vibração do Studio 54 que ele buscava.

Ao ficar parado lá, ondulando, ele pensou em Diana Ross soprando beijos sob a monção do Central Park. Com os braços abertos, a arma apontando para a casa do outro lado da rua, ele deixou as asas voarem ao avançar e parar ao lado dos pés mortos.

Como não conseguia ver direito, ele precisou inclinar-se quase diretamente sobre o corpo para ver o rosto. E quando o vez, viu o rosto arruinado daquela bela asiática que trabalhava para Helena Adams. Parte da cabeça dela fora arrancada. Emilio colocou as costas da mão sobre a boca e olhou mais de perto. Um lado do rosto dela estava faltando e ela estava deitada sobre o próprio sangue coagulado.

Ele sentiu-se nauseado. Violado. Isso tinha acontecido na rua dele? Os sapatos de gueixa deram vários passos para trás. A única outra vez na vida em que ele confrontara a morte fora durante seu período negro, quando olhara para dentro de si e a explorara com sua própria visão.

Mas não era nem parecido com isso.

Ele clique, clique, clicou até o carro ao lado, fez a volta e abaixou-se novamente para que pudesse ver melhor o rosto da jovem oriental. Mas não conseguiu ver nada, estava jogando sombra sobre ela. Ele estava prestes a se mover ligeiramente para o lado quando, subitamente, o rosto dela ficou laranja à medida que os carros na extremidade da rua começaram a pegar fogo em uma série de explosões rápidas.

Emilio mudou de posição, ficando virado diretamente para o centro da rua, e viu tudo. E o que viu era um *show* de horror. Os carros saltavam no ar, sendo jogados contra os prédios nos dois lados da rua. Vidros explodiam, bolas de fogo subiam ao céu e, no vácuo criado pelas janelas quebradas, ele viu o fogo sendo sugado para dentro dos prédios. Logo eles estariam em chamas.

O revólver caiu a seus pés. Quando um carro explodia, fazia com que o carro à frente explodisse. E assim por diante. Estava acontecendo depressa — depressa demais — e vinha em sua direção.

Em virou-se em direção à Quinta Avenida e correu.

Ou tentou correr. Por causa dos sapatos, quase caiu. Ele tentou se livrar dos malditos sapatos, mas estavam apertados demais. Os pés tinham inchado dentro deles. Ele tentou removê-los, mas era impossível. Ele saltou e mancou, os braços erguidos para os lados para tentar se equilibrar enquanto que, atrás dele, o inferno ficava cada vez pior, com a rua 75 sendo esmagada e queimada além da razão.

Ele tentou gritar para pedir ajuda, mas tudo o que saía dos lábios *kabuki* era um grito esfarrapado. Do nada, a porta de um carro voou por sobre a cabeça dele, caindo na rua à sua frente. Era como um cometa em fogo transformado em alguma outra coisa pela atmosfera em chamas.

Emilio olhou por sobre o ombro e viu a morte se aproximando. Olhou para a frente, onde o tráfego recuava para a direita, colidindo na Quinta. As pessoas saíam dos carros. Nas calçadas, outras pessoas corriam.

Ele estava quase lá, ia conseguir. Emilio esforçou-se ainda mais. Clique, clique, clique! Clique, clique, clique! Outro carro explodiu. E mais um. O som era ensurdecedor. Ele podia ouvir os carros subindo aos ares atrás de si. Houve um ruído alto quando metal torceu-se contra metal, derretendo no calor cada vez maior.

Algo capturou seu olhar. Ele olhou para baixo, para os braços estirados e viu que o caftan, antes branco, agora era de um laranja brilhante com as chamas que subiam. Ele estava se transformando de mariposa em borboleta espetacular e não estava tão fora de si que não pudesse ver a terrível beleza que oferecia.

Ele chegou à Quinta, onde multidões corriam pela avenida para o que esperavam ser um lugar seguro. Ele chegou ao meio da rua e estava prestes a virar para a esquerda quando um pneu em chamas bateu com força no chão a seu lado, jogando chamas líquidas em seu rosto antes de saltar na calçada e voar como uma abóbora demoníaca de *halloween* para dentro do Central Park.

As pessoas corriam a seu lado. Ele tentou acompanhá-las, mas não conseguiu. O calor estava ficando insuportável. Mancando, mancando, mancando. Clique, clique, clique. Ele viu que elas observavam seu rosto *kabuki* e o que viu nos olhos cheios de terror não era o que esperava. O olhar era inconfundível. O que viu foi pena.

E então Emilio explodiu em uma esfera de luz.

O pneu também jogara o fogo no caftan e agora era ele que estava pegando fogo. Em questão de segundos, o fogo subiu pelo corpo, envolveu as pernas, incendiou as bordas do tecido e correu em direção às asas abertas.

Ele ficou parado no meio da rua enquanto as chamas o consumiam. O caftan de poliéster derreteu sobre ele, fritando a pele ao mergulhar em direção aos ossos. Ele tentou tirar o caftan por sobre a cabeça, mas não conseguiu —

agora era parte dele. A arte que criara era, literalmente, parte dele.

Os carros ainda explodiam, ainda giravam no ar, ainda destruíam as fachadas dos prédios nos dois lados da rua. Mais destroços caíram do céu. Alguma coisa bateu em sua cabeça e o turbante ficou em chamas. Ele bateu na cabeça com as mãos, mas o poliéster grudou nas palmas, destruindo-as.

O calor fez com que a maquiagem *kabuki* derretesse. Ele estava ciente das pessoas que se aproximavam em um esforço de ajudá-lo, mas, no momento em que viam seu rosto, a boca delas se abria em horror e elas continuavam correndo. — Lamento — diziam elas. — Lamento. — Enquanto via as pessoas correndo dele, os sapatos prenderam-se em um bueiro e ele caiu de rosto no chão. Com os braços esticados para os lados, agora ele parecia uma cruz em chamas.

— AUU! — gritou ele quando as chamas queimaram a garganta. — MADA!

Alguma coisa pesada bateu em suas costas. Ele soltou o ar em um jato e conseguiu virar a cabeça. Ele estava preso sob o capô de um carro em chamas. Ele contorceu-se como um inseto preso. Vidros explodiram na rua. No nível em que estava, só o que conseguia ver eram pés correndo. Por que não o ajudavam?

— COOORRU! — gritou ele.

E, então, enquanto o poliéster continuava a queimar e penetrar em sua carne, fazendo com que ela derretesse por causa do calor do capô em chamas, Emilio DeSoto, que fora um dos artistas mais reverenciados de Nova Iorque, deu-se conta, em meio à dor, de que ele se tornara cada expressão artística que sempre odiara.

Enquanto o corpo dele assava, sua mente estava ciente de que ele deixara para trás todo tipo de impressionismo, pós-impressionismo e realismo. Agora, ele era uma bolha abstrata sangrenta e fervente, o que provava, mais uma vez, como a vida podia ser cruel e que Deus não existia.

Ele estava flutuando, flutuando. Pessoas pisavam nele e gritavam em meio à fúria do caos. E então, logo antes da vida deixá-lo, ele viu a maior explosão de todas, vinda de um veículo parado no fim da rua.

Mas não era uma simples explosão. Era mais como uma bomba e a força dela foi suficiente para arrancar o capô de cima dele. Com a visão esmaecendo, ele viu pessoas sendo jogadas para o alto e flutuando no ar. Outros foram vaporizados no funil feroz de chamas. E então, alguma coisa mais, algo que ele mal podia ver.

À sua volta, os prédios estavam desmoronando.

CAPÍTULO 36

22h37

Wolfhagen olhou para o relógio, ligou a televisão, afastou-se dela e observou Nova Iorque queimar.

Ele passou pelas estações de notícias e viu a mesma coisa em todas elas: parte do Upper East Side fora destruída. Dezenas de prédios tinham desmoronado ou estavam gravemente danificados. Pessoas corriam pelas ruas. Os comentaristas diziam que era um ataque terrorista, mas todos se perguntavam por que alguém teria essa seção de Manhattan como alvo, pois era uma área residencial, o que não fazia sentido.

Enquanto escutava, descobriu que a explosão tinha acabado com uma parte da rua 75 East, atingindo a 76 e partes da 73. A estimativa era de que centenas de pessoas tinham morrido. Havia uma cratera na esquina da 75 com a Quinta que sugeria que uma bomba poderosa fora usada depois que duas fileiras de carros estacionados explodiram da 75 com a Madison até a 75 com a Quinta, a oeste.

Wolfhagen desligou a televisão. Essa não era mais a cidade dele. Ela e seu povo tinham-se virado contra ele há anos. Ele não se importava nem um pouco com os danos ou com os mortos.

Além disso, aquela era uma noite de muitos finais.

Mais cedo, ele retirara os cacos de vidro dos pés. O vaso era grosso demais para causar algum dano real. Se fosse mais delicado, ele estaria em apuros, pois o vidro teria cortado mais fundo na carne. Doía para caminhar, mas ele fizera curativos nos pés da melhor forma possível. Como a dor no lábio partido, que ele conseguia aguentar.

Ele foi até a sala de vestir e colocou algo casual — calças cáqui, camisa pólo azul, tênis confortáveis. Perfeito para correr se fosse preciso, mas, dada a condição dos pés, esperava que não fosse necessário.

Entrou no banheiro, penteou os cabelos e pegou um pequeno pote de maquiagem da bandeja de prata à sua esquerda. Passou um pouco sob os olhos para que parecesse mais jovem e menos cansado e afastou-se, estudando o rosto. Ele odiou o que viu e reduziu as luzes. Foi como mágica e dez anos desapareceram de seu rosto. A barba já estava começando a crescer, apesar de ter

se barbeado mais cedo, mas era tolerável.

Nas últimas horas, Carra o mantivera preso na suíte. Eles tinham brigado mais cedo — certamente uma das piores brigas, mas nada como a que tiveram há anos em Paris, quando ele batera nela com tanta força com um cinto no Ritz que, por um momento, pensara que ela estava morta. Ele tentou se lembrar do motivo daquela briga, mas não conseguiu. Como tantas coisas em sua vida, a memória não servia para quase nada. Ele tinha dificuldade de lembrar-se de elementos do passado, o que, provavelmente, não era tão ruim, dado seu peso sufocante. Mas não importava.

Para Wolfhagen, só o que importava era o presente.

Ele saiu do banheiro e foi para o quarto. A porta do outro lado estava trancada. Antes de sair, Carra chamara a equipe de segurança e, agora, quatro homens com corpos gigantescos e cérebros do tamanho e da consistência de cocô de coelho estavam de olho para que ele não saísse.

Quando ela saíra mais cedo, ele sabia aonde estava indo, pois Carra fizera questão de que ele a ouvisse no telefone só para deixá-lo furioso. Ela estava na cidade com Ira Lasker, um homem a quem Wolfhagen um dia confiara tudo, como o fizera com Peter Schwartz, Hayes e o resto. Em algum momento no ano passado, Carra e Ira começaram a sair juntos.

Trepar, pensou ele. *Eles começaram a trepar.*

Como todos os outros, ele vira fotografias deles na Vanity Fair, na Page Six, no Times, em todos os tabloides. Normalmente, eles estavam com a cabeça jogada para trás, rindo daquele jeito que os ricos riem quando a única segurança que têm é dinheiro e poder, que podem desaparecer a qualquer momento. Portanto, eles riam para a câmera, sustentando a ilusão de uma vida que os outros queriam ter, mas não podiam.

Ele lera artigos sobre o trabalho filantrópico dela, o que era, na verdade, bem esperto da parte de Carra, porque a quantidade grotesca de dinheiro que ela distribuía aumentava seu perfil de uma forma que a distanciava dele. Ela era a maior contribuinte de todos os tempos para a fita rosa do câncer de mama. Ela era a pessoa que mais apoiara a Sociedade Protetora dos Animais nos últimos cinco anos, indo a extremos de pousar quase nua porque Deus sabe que, quando se tratava de salvar animais, Carra preferia ficar nua a usar uma roupa de pele. A forma como ela reconstruíra a imagem fora genial. Ela encontrara formas corretas e prominentes de retribuir. Tem uma doença obscura que precisa de financiamento e atenção? Basta chamar Carra!

Ultimamente, em todos os artigos escritos sobre ela, Carra sempre dava um jeitinho de mencionar Ira, que traíra Wolfhagen como tantos outros — incluindo Carra — ao testemunhar contra ele. Aquelas pessoas estavam sendo mortas e

Wolfhagen não sentia nada por elas.

Ele passou a mão pelo cabelo e pensou novamente na cabeça cortada de Wood. Ele ainda podia ver os olhos mortos congelados, sem ver nada, o rosto azulado rígido com a podridão da morte impressa e os lábios ensanguentados curvados como se tivessem sido mergulhados em *catchup* estragado. A imagem o deleitava. Ela fora uma das pessoas mais hipócritas que ele conhecera, o mandara para a prisão por três anos, apesar de ter sido um dos membros mais entusiásticos de seu clube. O carma acabara com ela. O carma a pegara pela garganta e acabara com ela. Ele não pôde evitar um sorriso.

Talvez ela ainda tenha uma chance, pensou ele. *Talvez ela não queime no inferno. Talvez Deus tenha misericórdia e a transforme em um de seus anjinhos.*

Com uma risada, ele foi até a porta e bateu. Ouviu passos, resmungos e, então, a porta se abriu para revelar um dos quatro valentões. — Quê? — disse ele.

Wolfhagen o mediu de cima a baixo. Há anos, quando ele estava no topo e o mundo ficava de joelhos para servi-lo, muitas vezes literalmente, ele de vez em quando dormia com homens para apimentar as coisas. Ele gostava de sexo. Para ele, um corpo era um corpo, e esse era exatamente o tipo de corpo que ele costumava contratar para fodê-lo a noite toda.

O homem era alto, por volta de trinta anos, masculino, forte. Como os outros, ele também usava um terno preto, porque Carra o exigira. Nesse caso, ele concordava com ela. Ele adorava um homem de terno. Ele adorava quando usava um. Use as roupas certas do estilista certo e, se conseguir tirá-las, portas se abrirão.

— Vou sair — disse Wolfhagen.

— Não, não vai.

Ele colocou a mão no bolso da calça e tirou quatro cheques que tirara mais cedo do talão enterrado no fundo de uma das malas. Os valentões se aproximaram. — Sim, eu vou.

O bonitão olhou para os cheques. — Não pode nos subornar, Sr. Wolfhagen.

Wolfhagen não deu bola. — Mas tenho um milhão para cada um de vocês.

O bonitão ergueu a sobrancelha para ele. — A Sra. Wolfhagen nos paga bem. Ela oferece um emprego fixo bom. Por que não pegamos os cheques e batemos a porta na sua cara?

— Porque estariam se privando de mais — disse Wolfhagen. — E todo mundo quer mais. É disso que o mundo é feito: querer mais. Morrer por mais. Querer ser mais. E, além do mais, só vou ficar fora por duas horas. Só isso. Carra não saberá. Serei rápido. Quando eu voltar, cada um de vocês receberá outro milhão pelo incômodo. E o segredo ficará entre nós.

— Por que precisa sair?

— Não posso dizer, sinto muito. Montes de segredos, alguns deles vou levar para o túmulo. Mas o tempo é curto. Carra é do tipo que volta tarde. Se bem que, vamos ser sinceros, ela está ficando velha e duvido que consiga ficar acordada até tão tarde quanto costumava. Portanto, para minimizar o risco, preciso sair agora para voltar antes dela.

Ele estendeu as mãos e cada um dos homens olhou para os cheques não assinados. Depois, olharam para ele. — Só preciso do carro de um de vocês, um celular e duas horas. Só isso. Se concordarem, assinarei esses cheques sozinho no carro, entregarei cada um deles a vocês e sairei.

Eles se entreolharam.

E os ombros de Wolfhagen caíram em frustração. — Ora, não fiquem tão tensos, seus idiotas. Vocês me verão de novo. É tudo parte do maldito plano.

* * *

O carro que ofereceram era surpreendentemente bom, um Audi TT preto. Ele sentiu-se excitado ao entrar nele. Apertado, mas confortável, lindo e feito especificamente para a juventude perdida do dono. Ele ainda não tinha certeza, mas apostava que era rápido, perfeito para o que precisava.

— Tem uma caneta? — perguntou ele.

Os valentões estavam esperando do lado de fora do carro. O bonitão colocou a mão no bolso do casaco para pegar a caneta e Wolfhagen viu a arma guardada no coldre sob dobras de tecido.

— Posso pegar emprestada?

— O quê?

— Sua arma.

— Não vou emprestar minha arma.

Wolfhagen começou a assinar os cheques sobre o volante. — Qual é o nome de vocês?

Eles falaram.

— Preciso dos nomes verdadeiros de vocês.

— São esses.

Ele escreveu cada nome com um floreio e parou no último cheque. Ele olhou para o bonitão e desejou poder esticar a mão e ver se ele era bem-dotado. Mas não seria educado. — Quinhentos mil pela arma. Isso é duzentos e cinquenta mil por hora, mais um milhão. Um bom dinheiro, se quer a minha

opinião. Seus filhos poderão ir para a universidade.

— Não tenho filhos.

— Então pense em sua mulher.

— Também não tenho uma mulher.

— Então eu e você precisamos conversar. Mais tarde. No meu quarto. Quando estivermos só nós dois e correias de couro.

O homem fechou a cara e os valentões se entreolharam. O mais alto deles disse baixinho para o bonitão: — Se você não for, eu vou.

— Ok — disse o bonitão. — Faça um cheque de um e meio.

— É claro. — Ele piscou para o homem. — E que senso de negócios. Você tem uma cabeça e tanto. Gosto disso. — Wolfhagen preencheu o valor e, virando-se ligeiramente para a janela, disse: — Primeiro a arma.

O homem hesitou, mas a entregou.

Familiarizado com armas, Wolfhagen verificou se estava carregada. Estava. Ele entregou os cheques aos homens, fechou o vidro para que não tentassem nenhum truque, entrou no tráfego e partiu para o lugar onde sabia que Carra estaria.

Era sábado à noite. Ela estaria na versão dela do The Bull Pen. O clube que ele criara havia anos estava de volta à ativa e aparentemente fervendo. As poucas pessoas que permaneceram amigas dele durante sua terrível briga com o mundo eram membros. Eles disseram a ele que Carra e Lasker iam lá uma vez por mês, em uma noite de sábado. Apesar de terem mudado o clube para um novo prédio depois que os federais o pegaram, Carra e Lasker continuaram frequentando em sua ausência, obviamente pelo dinheiro que trazia, mas, mais provavelmente, pelas conexões que oferecia.

Wolfhagen ficou imaginando se filmavam a multidão como ele costumava fazer. Se o faziam, certamente estavam sentados em cima de muitos favores.

O endereço que lhe deram o levaria à rua 83 West, o que lhe dizia tudo o que precisava saber. Apesar de o local ter mudado, o que acontecia dentro daquele clube não mudara. Aquelas pessoas precisavam de diversão, mas também precisavam que fosse em um lugar seguro, chique, insuspeito e onde pudessem fazer qualquer coisa em privacidade completa. Ele duvidava que o clube fosse tão extremo quanto na época em que ele mandava — Carra era uma vadia conservadora. Mas ela também era esperta e ele sabia que não seria burra o suficiente para mudar o que funcionara tão bem no passado.

O Bull oferecia certas expectativas.

Essa noite, veria aquelas expectativas aumentarem quando ele matasse Carra e Lasker em frente aos que estivessem lá. Alguns ficariam excitados. Outros ficariam imaginando o porquê. E uns poucos ficariam enojados.

Isso, é claro, se houvesse alguém lá. Não eram nem onze da noite ainda. Talvez apenas algumas pessoas aproveitassem o espetáculo, porque, como a maioria dos clubes sombrios em Nova Iorque, a movimentação só começava por volta das 03h00, o que, para Wolfhagen, servia muito bem. Nesse caso, quanto menos pessoas, melhor.

Para ter sucesso, ele precisava de ajuda. Ele pegou o celular que os valentões tinham lhe dado e discou um número. Enquanto o telefone chamava, ele abriu o vidro e acelerou, com a brisa morna fazendo com que seu cabelo esvoaçasse. À distância, ele via o brilho alaranjado das chamas sobre o Upper East Side.

Em se tratando de assassinato, Wolfhagen tinha a melhor ajuda na cidade.

CAPÍTULO 37

22h42

Para Carmen e Spocatti, o tempo foi esmagado pelo caos do que tinham criado.

Com o relógio correndo contra eles, agora precisariam chegar antes da imprensa, que logo divulgaria conexões que tinham se tornado óbvias, e que começaria o que temeram o tempo todo — uma corrida de touros quando os antigos touros de Wolfhagen deixassem a cidade.

E, quando acontecesse, isso os impediria de terminar o trabalho e de receber os milhões de bônus prometidos.

Portanto, eles continuaram. Tinham sua distração, tinham pessoas para matar e não tinham tempo a perder.

Estavam então a quatro quarteirões a leste da 75 com a Quinta, onde o Escalade explodira e derrubara os prédios próximos. Com uma rápida exceção, eles não tinham parado de correr, quando Spocatti reduziu a velocidade, parou ao lado de um carro que Carmen não reconheceu e abriu o porta-malas.

Havia sons de sirenes por todo lado. A noite estava pesada com umidade e a fumaça das explosões se espalhava, deixando o ar difícil de respirar.

Carmen olhou para a esquina da 75 com a Quinta, onde os prédios tinham caído sobre as ruas. Ela viu incêndios, helicópteros circulando, pessoas que passavam correndo em direção à destruição em um esforço de ajudar as pessoas que provavelmente tinham ficado presas sob os destroços.

Ela estava ciente dos gritos das pessoas e de seu próprio coração batendo rápido, enquanto ouvia a palavra "terroristas" em meio a uma cacofonia de medo e fúria. Carmen viu quando Spocatti ligou a câmera para oferecer a Wolfhagen uma imagem final da devastação. Nesse momento, ele era tudo o que ela não era: um autômato. Ele estava concentrado e composto.

Mas e Carmen? Ela estaria mentindo se dissesse que não estava abalada.

Spocatti ficou parado próximo a ela na calçada. A câmera de vídeo estava à frente dele, apontada para a rua. Ela olhou para ele e podia jurar ter visto a sombra de um sorriso em seu rosto. Ele estava fazendo valer o dinheiro de

Wolfhagen, mas precisavam partir antes que as ruas fossem fechadas. Ela daria a ele trinta segundos.

Mais cedo, quando Carmen telefonara para Pamela Dean, a mulher fizera exatamente o que eles esperavam que fizesse: atendeu o telefone, confirmando que estava em casa. Pela última vez na vida, ela dissera "alô" e ouvira Carmen transmitir os cumprimentos de Wolfhagen. — Você sabia que esse dia chegaria, Pamela. Arruinou a vida dele, que agora está tirando a sua. Ele ouvirá essa conversa. Quer dizer a ele como se sente?

Antes que Dean pudesse responder, mas não tão rapidamente que não pudesse processar o que estava acontecendo, os carros estacionados no meio-fio foram jogados para o alto em uma sequência de fogo. Como dominós, um carro explodia, causando a explosão do próximo, um após o outro.

Era tão envolvente que eles não queriam partir. Hollywood deveria ter estado lá, nem que fosse para entender que fazia de errado todas as vezes. Era assim que devia ser. Ainda melhor, no meio de tudo isso, eles viram uma pessoa vestida com um caftan branco transformar-se em um funil de chamas ao tropeçar em direção à Quinta. Uma chuva de destroços em chamas caiu sobre ele e as pessoas que corriam. Quando ele caiu, os dois viraram-se para correr, sabendo que o Escalade estava prestes a explodir, transformando a área ao redor em um vazio.

Eles correram em direção à Madison, viraram a esquina e encostaram-se em um prédio no momento em que as ruas ficaram brancas, os prédios tremeram e, em algum lugar atrás deles, outros prédios caíram. Houve uma onda de vento quente e, em seguida, a bola de fogo que Carmen mais temera passou por eles, descendo a rua e incinerando os que estavam em seu caminho. Depois, sem um túnel de ar para impeli-la, ela flutuou no meio da Madison, subiu no espaço aberto e evaporou.

Não havia dúvidas de que Dean estava morta. Portanto, eles continuaram a correr, dessa vez cortando pelo tráfego até chegarem ao carro preparado para a fuga.

Ela cutucou Spocatti. — Pronto, vamos sair daqui.

Ele desligou a câmera e a guardou na mochila que estava no porta-malas. Ela deu a volta no carro enquanto ele pegava a chave e destrancava as portas. — Quem é o primeiro?

— Cohen está mais perto. Ele, depois Dunne e depois Casari. — O celular dele vibrou dentro do bolso da calça. Ele o pegou e olhou para o número, que não reconheceu. Spocatti hesitou, mas atendeu mesmo assim. Wolfhagen.

— Ajudaria se me avisasse que tem um celular novo, Max. Quase não atendi.

— Sinto muito. Onde está agora?

— Acabamos de terminar com Dean. Estamos nos aprontando para pegar os outros.

— Eles precisarão esperar.

— Isso é um erro.

— Preciso de sua ajuda com duas outras pessoas primeiro.

— Não temos tempo para duas outras pessoas. Você viu o noticiário? Olhou para fora da janela? Nós lhe avisamos que isso aconteceria hoje à noite. Vão bloquear as ruas. A imprensa fará as conexões e as divulgará, se é que já não o fez. E, quando fizerem isso, o resto fugirá. Se os quer mortos, temos muito pouco tempo para que isso aconteça.

— E você conseguirá, pois nunca falha, Vincent. Foi por isso que contratei você e sua doce *conchita*. E, além do mais, esse aqui será rápido, tem que ser feito por motivos críticos e não vou conseguir sem você.

— Você vai estar lá?

— Isso mesmo — disse Wolfhagen. — Finalmente, iremos nos conhecer.

— Você não pode participar. É um risco grande demais. Nós cuidaremos de tudo.

— Lamento dizer que sinto muito mesmo quando não é verdade — disse Wolfhagen. — Aquela velha comichão está de volta e, com esses dois, estou com vontade de assistir o que acontece quando alguém é burro o suficiente para tentar me foder, tentar se atravessar em meu caminho e pensar que não vou fazer nada a respeito.

CAPÍTULO 38

21h45 - 22h42

Na hora que se passara desde que Maggie falara com Mark Andrews, Marty dera uma série de telefonemas, começando por Gloria, que já falara com as meninas e com os Moore e estava a caminho para encontrá-las quando ele telefonou.

— Você está bem? — perguntou ela.

Ele ficou surpreso com a preocupação na voz dela. — Eu ficarei bem.

— Está em segurança?

— Essa é uma questão totalmente diferente.

— Não sei do que se trata — disse ela. — Mas sei que tem a ver com Maggie Cain. Não sei no que ela o meteu, Marty, mas não vale sua vida. Você precisa saber disso. Pode recuar disso agora, basta se afastar e ficar em segurança. As garotas precisam do pai. Nós estamos divorciados e temos nossas diferenças, mas isso não significa que não preciso de você também.

— Então, é só você, eu, Jack e as garotas?

— E quem mais entrar na sua vida. Podemos fazer dar certo. Se chegou a esse ponto para proteger suas filhas, sei que está em alguma encrenca feia. Estou pedindo que saia dela.

Mas ele não sairia. Não era assim que ele trabalhava e ela sabia disso. Cada trabalho era um risco. Sempre fora assim e sempre seria assim. Ele olhou para Maggie, do outro lado da mesa, e viu que ela olhava para Roberta. Momentos antes, Roberta dissera, na cara de Maggie, que ela o mataria. Apesar de amar Roberta, ele nunca acreditara que ela tinha poderes psíquicos. Ele sempre acreditara que isso fazia parte de uma encenação para atrair clientes, outra forma de ganhar dinheiro.

Mas agora as coisas eram diferentes. Outra parte dele não podia negar o que ele vira no rosto dela: um medo genuíno, uma preocupação real, um tipo de premonição, se é que isso era possível. Não havia dúvidas na mente dele de que Roberta acreditava no que dizia. Ela acreditava que Maggie ia matá-lo.

— O que as garotas disseram a você?

— Elas estão assustadas — disse Gloria. — Não entendem o que está acontecendo.

— Em quanto tempo você chega lá?

— Dez minutos?

— E não vai sair da casa dos Moore?

— Eu sei o que fazer.

— Telefono para você mais tarde.

— Você não precisa fazer isso.

Era como se ele estivesse falando com a antiga Gloria novamente. Para variar, ela deixara cair a fachada idiota de artista e estava simplesmente conversando com ele. — Fique de olho nas garotas — disse ele. — Leve Jack com você. Nada vai acontecer no lado de vocês. E vou garantir que isso também seja verdade no meu lado. — Ele fez uma pausa. — E obrigado.

— Pelo quê?

— Você sabe.

Marty encerrou a ligação e, depois de tentar absorver o que acabara de transpirar entre ele e Gloria, com quem não tivera uma conversa civilizada em meses, telefonou para Jennifer Barnes. A essa hora, ela estaria na casa de Peter Schwartz com uma equipe completa e logo entraria no ar com a história. Ela atendeu no segundo toque.

— Sou eu — disse ele.

— Ted Yates está morto.

Marty passou a mão pelo cabelo.

— Ouvi no rádio da polícia há alguns minutos. Ele estava tomando um drinque no clube Townhouse e teve um colapso no bar.

Marty conhecia o The Townhouse. Ele e Gloria foram membros durante um tempo depois da insistência dela. Ele estava prestes a contar a Maggie quando Jennifer disse: — Tem mais. Alan Ross foi encontrado em um beco no South Bronx há trinta minutos. O pescoço dele estava quebrado.

Marty viu o olhar interrogativo no rosto de Maggie e contou-lhe as notícias.

— Eles testemunharam contra Wolfhagen — disse ela.

Marty ergueu a mão. — Como Yates morreu, Jennifer?

— Acham que foi um ataque cardíaco.

— Eu acho muita coincidência. Yates e Ross testemunharam contra Wolfhagen. Yates estava com alguém?

— Isso é tudo o que sei. Tem certeza de que eles testemunharam?

— É para o seu relatório?

— Sim.

— Então você está prestes a divulgar o furo do ano. Tenho certeza. Comece

a fazer as conexões. Mencione os Cole, Andrews, Ross, Yates, Schwartz, todos eles. Pesquise no Google quem mais testemunhou e ainda está vivo. Divulgue tudo. Se tiver que ir ao site do Canal Um para relatar isso primeiro, vá, para que a AP pegue a história. Se derem a você um plantão no noticiário para um relatório especial, melhor ainda. Será transmitido para o país inteiro. Você estará em todos os lugares. Esteja preparada.

— Devo uma a você.

— Não, não deve.

— Você está bem?

Ele olhou para Maggie, que o encarava intensamente. — Não sei — disse ele. — Mas vou descobrir em breve. Hines e Patterson estão na cena?

— Estão aqui, ao meu lado.

— Eles estão trabalhando juntos?

— Pense dessa forma: eles concordaram em aparecer juntos na câmera.

— O fim da guerra fria.

— Eu não iria tão longe. Quer que eu dê algum recado a eles?

Sempre a repórter astuta. — Não — disse ele. — Preciso falar com eles pessoalmente.

— Não está escondendo nada de mim, está?

Ele não queria que ela soubesse sobre Mark Andrews nem sobre a casa segura até ter certeza de que eram legítimos e de que ninguém estava armando para ele e Maggie. — Há mais coisas nessa história, mas ainda não posso contar a você.

— Por quê?

— Porque pode ser perigoso.

— E daí? Eu namorei o filho do Gotti, pelo amor de Deus. O que mais você sabe?

— Eu quis dizer que pode ser perigoso para mim. — Ela começou a pedir desculpas, mas ele continuou. — Você tem uma excelente história. Vamos divulgá-la com as exclusivas que tem. Quando eu souber de mais coisas, você também saberá. Essa história é nossa, toda ela, mas preciso que me dê um pouco de tempo. Se eu lhe der as informações erradas, você parecerá uma tola. Eu telefonarei no momento em que souber de alguma coisa.

Ela era extremamente competitiva. Passou-se um silêncio, durante o qual ele esperou que ela disse alguma coisa. Mas ela não disse.

— Ok?

— Vou esperar seu telefonema — disse ela. Mas, pela forma como o dissera, ele já sabia que ela não esperaria, que procuraria outros ângulos, que tentaria alguma coisa. — Falo com você mais tarde. E, por favor, tenha cuidado.

Preciso de você por perto, ok?

— Jennifer...

A linha ficou muda.

Ele telefonou para Roz, seu contato no FBI, esperando que ela estivesse em sua mesa, trabalhando até mais tarde. Ele tentou o celular dela, sem resposta. Telefonou para a casa dela. Nada. Ele queria perguntar a ela se sabia alguma coisa sobre Andrews e uma casa segura, mas obviamente ela estava fora e não estava recebendo chamadas. Portanto, telefonou para Skeen para saber se ele tinha feito a autópsia de Andrews. Ele estava em casa.

— Quando foi isso? — perguntou Skeen. — Há uns dois meses?

— Há um mês e pouco.

— Eu não fiz, deve ter sido outra pessoa.

— Pode descobrir para mim?

— Posso dar um telefonema.

— Eu agradeço, Carlo.

— Está tarde — disse ele. — Preciso de um pouco de tempo. Telefono para você quando descobrir alguma coisa.

— Na semana que vem, eu pago o almoço.

Ele telefonou para Hines.

— Schwartz estava bonito hoje — disse Hines.

— Achei que você gostaria daquilo.

— Eu dispensaria os vermes, a roupa de borracha e o cheiro, mas obrigado pela dica. — Ele abaixou a voz. — E vá se foder por ter compartilhado também com a Patterson.

— Isso é grande — disse Marty. — Preciso de vocês dois.

— Sim, sim.

— É muito maior do que você pensa, Mike.

— O que isso quer dizer?

— Chame Patterson. Preciso que ela ouça isso também.

— Jesus.

— Chame-a, por favor.

Ele ouviu Hines dizendo algo a Patterson e soube que Jennifer estava certa: eles estavam trabalhando juntos. Ela devia estar parada bem ao lado dele.

— Ela está aqui. Presumo que não queira que eu coloque no viva-voz.

Não com Jennifer e os outros ouvindo. — Podem ir para o seu carro?

— Podemos, sim.

Eles foram até o carro. Marty ouviu as portas sendo abertas e fechadas.

— Coloque no viva-voz.

— Pronto.

— Olá, Linda.

— Spellman.

— Somos amigos novamente?

— Nós nunca fomos amigos.

— Estamos nos falando de novo?

— Depende do que tem para servir.

— Vou deixar que decida se serve. Mark Andrews pode estar vivo.

— Então está servindo coisa podre — disse Patterson. — Andrews está morto, todos sabem disso.

— Quem é todo mundo? Ele foi pisoteado por touros em Pamplona. Supostamente foi mandado para os Estados Unidos com isso escrito e pendurado no dedão do pé. Nunca foi tratado como homicídio e, por causa disso, você não foi envolvida de forma alguma.

— O homem foi enterrado. Saiu em todos os jornais. Eu li as histórias, vi as fotos. A mãe dele até concordou em aparecer no noticiário da noite. Ela estava arrasada. O filho querido dela. Ela chorou tanto que parecia ter torneiras abertas nos olhos enquanto eu jantava. Foi nauseante. Quando perguntaram a ela como aguentaria viver sem ele, ela começou a uivar como uma loba. Eu desliguei a merda da televisão.

— É interessante que tenha dito que ela concordou em aparecer nos jornais. Você teria?

— É claro que não.

— Por quê?

— Você é idiota? Porque meu filho estava morto. Fora pisoteado até a morte. Você sabe o que isso faria a uma mãe? Você tem ideia de como isso é uma coisa pessoal... — E então Linda Patterson ouviu a si mesma, processou o que estava dizendo e a voz dela morreu.

— Entendeu, Linda?

— Entendi.

— A família de Andrews tem dinheiro antigo. Há um protocolo lá. Ela não teria aparecido nas câmeras. Se tivesse, teria sido indecoroso.

— Mas, se precisasse, ela o faria para ajudar o filho.

— Isso mesmo.

Hines novamente. — O que aconteceu, Marty?

— Alguém alegando ser Mark Andrews acabou de me telefonar. Ele disse que, pelas últimas quatro semanas, esteve na cidade. Disse que está em uma casa segura dos federais. Que estão cuidando dele. Minha cliente esteve envolvida com ele durante anos. Ela está comigo agora e falou com ele. Está convencida de que era ele. O problema é que eu não estou.

— Por quê?

— Eu não sei. Talvez estejam armando para nós. Talvez alguém saiba que estamos chegando perto de descobrir quem está acabando com aqueles que testemunharam contra Wolfhagen. Wolfhagen saiu de Lompoc há dois anos, tempo suficiente para ficar nas sombras e para que as pessoas esquecessem dele. Agora essas pessoas estão caindo mortas. Inicialmente, fizeram as coisas do jeito certo. Começaram devagar. Há seis meses, os Cole foram assassinados e, supostamente, há um mês, Andrews foi assassinado. Mas agora, em apenas dois dias, temos Schwartz, Ross, Yates. E sabe Deus quem mais. Acho que podemos concordar que provavelmente há outro Schwartz congelando em algum lugar.

— Onde é a casa segura?

Marty falou.

— Uma excelente vizinhança.

— É o imposto que você paga mostrando serviço.

— Ele pediu que você fosse até lá?

— Pediu à minha cliente que fosse. Vou levá-la.

— Dois pelo preço de um — Hines disse, e fez uma pausa. — Se não era Andrews no telefone, por que estariam atrás de você?

— De alguma forma, descobriram que estou trabalhando no caso. E me querem fora do caminho para que possam terminar o que começaram.

— Sem ofensa — disse Patterson. — Mas você é apenas um investigadorzinho de merda, Spellman. Se sabem que você está no caso, então sabem que nós estamos também. Por que você, e não nós?

— Sem ofensa, Linda, mas não saberia o tanto que sabe sem um investigadorzinho de merda como eu entregando Schwartz a você e, agora, possivelmente Andrews. Nem você, Mike.

— Seria mais fácil de lidar com a sua morte — disse Hines. — Com a nossa não. Talvez seja você primeiro. Tiram você e sua cliente do caminho, depois o resto das pessoas que testemunharam contra Wolfhagen e, nesse meio tempo, preocupam-se conosco.

— Está mesmo bancando o advogado do diabo? — perguntou Patterson.

Hines a ignorou.

— Muito bem — disse Patterson. — E se isso for verdade, Spellman? E se era mesmo Andrews no telefone? E se ele estiver mesmo vivo?

— Então todos saímos ganhando. Mas até vê-lo pessoalmente e saber que está em segurança, prefiro achar que não é ele.

— Quando vai sair para encontrar Andrews? — perguntou Hines.

— Agora — disse Marty. — Mas não posso ir sozinho. É parte do mesmo caso. Se vocês querem mesmo o caso e se querem levá-lo até o fim, preciso que

os dois estejam lá.

Mas antes que Hines pudesse responder, Marty ouviu Patterson gritar.

Confuso, ele ouviu um som abafado e, em seguida, o que parecia ser portas se abrindo, o telefone batendo em algo duro e depois caindo sobre algo macio. Ele chamou o nome de Hines, mas não houve resposta, apesar de Marty conseguir ouvi-lo gritando com alguém. E então Marty ouviu o som inconfundível de algo mais: explosivos.

Maggie inclinou-se para a frente. — Qual é o problema?

— Quieta.

Ele pressionou o telefone com mais força no ouvido e sentiu um calafrio subindo pelas costas. Não era só Patterson gritando agora, muitas pessoas gritavam. Ele podia ouvir explosões, podia sentir um caos crescente. Ele levantou-se e foi até a cozinha, afastando-se da música marroquina.

Maggie o seguiu. Roberta estava do outro lado do aposento, colocando alguma coisa no forno, e virou-se para olhar para ele. O vapor subia em ondas em frente ao rosto dela. Ela largou a espátula que segurava e aproximou-se de Marty.

Ele levantou a mão, olhou em torno e viu um rádio. — Ligue o rádio.

— Em que estação?

— 880.

Ela mudou para a afiliada local da CBS e aumentou o volume. Estavam fazendo um resumo do dia. O mercado de ações tinha fechado em baixa. O Presidente ia viajar para a China. O Oriente Médio estava em tumulto novamente. Marty estava escutando o rádio ao mesmo tempo em que ouvia a tensão aumentando no outro lado do telefone. O locutor passou para a previsão do tempo. Céu claro. Calor aumentando. Tempestades na terça-feira.

E então, no telefone, ele ouviu a maior explosão de todas. Ele deu um passo para trás com a força dela e gritou o nome de Hines. Roberta estendeu a mão para colocá-la no braço dele, mas, no momento em que o tocou, recuou-a com força como se tivesse levado um choque.

O telefone ficou mudo. Marty abaixou-o e estava prestes a contar a elas o que ouvira quando Roberta, com a mão sobre a boca, disse: — Coitadas daquelas pessoas.

Maggie estava parada ao lado das portas da cozinha. — Que pessoas? — perguntou ela. Nenhum dos dois respondeu. — O que está acontecendo?

O noticiário começou e eles se viraram para o rádio.

Terroristas tinham atacado a cidade de Nova Iorque. Bombas tinham arrasado uma parte da 75 e da Quinta. Os prédios caíram na rua. A maior parte

do estrago ia da 73 East até a 76 East. Partes da rua 77 East também tinham sido afetadas. Temia-se haver centenas de mortos. Marty imediatamente discou o número de Jennifer, mas só conseguiu um rápido sinal de ocupado, o que dizia a ele a última coisa que queria saber.

Pelo menos em parte, o ataque terrorista também a atingira.

CAPÍTULO 39

22h45

Marty passou correndo pelas portas da cozinha, com Maggie e Roberta atrás dele. Ele foi até a saída, sabendo o que precisava fazer. Ele tinha que chegar até Jennifer, tinha que ter certeza de que ela estava segura.

— Isso é só o começo — disse Roberta. — Não vá. Eles já terão começado a bloquear as ruas. Você não conseguirá chegar perto. Não há nada que possa fazer.

Ele sabia que ela estava certa. As ruas estariam bloqueadas. Ele já conseguia ouvir as sirenes da polícia movendo-se para o norte. Logo os federais estariam lá. Depois, a Guarda Nacional. Ele nunca conseguiria passar. Marty virou-se para ela. — Preciso que faça uma coisa para mim.

— Qualquer coisa.

Ele apontou para a televisão sobre o bar. — Ligue no Canal 1. Se Jennifer Barnes aparecer ao vivo em uma reportagem, preciso que ligue para o meu celular imediatamente. Se houver dois detetives com ela, Mike Hines e Linda Patterson, preciso que me avise também.

Ela assentiu.

— Você sabe o nome deles.

— Sei.

— Quando tocou em mim lá dentro, o que você viu?

— Fogo — disse ela. — Pessoas queimando. Pessoas morrendo.

Ele agarrou o braço dela. — Jennifer Barnes — disse ele, estudando o rosto dela. — Você a conheceu. Estivemos aqui juntos. Lembro-me de você dizendo como tinha gostado dela. Você me disse que era ela. — Ele olhou para a mão. — O que vê agora?

— Nada — disse ela.

— Como assim, nada?

— Escuridão — disse ela.

— O que a escuridão significa para você?

— Morte — disse ela. — Só o que vejo é morte.

— Morte de quem?

— A sua — disse ela. — É a sua morte. Por que não me escuta? Por que não acredita em mim? — Ela apontou para Maggie, que estava parada ao lado de Marty. — Ela vai matá-lo e você não me escuta.

Maggie estava prestes a intervir, mas nada podia impedir Roberta.

— Eu vi o fogo — disse ela a Marty. — Eu estava certa e você ainda não me escuta. Se sair daqui agora, se for com ela, ela vai matar você. Tenho tanta certeza disso quanto qualquer outra coisa na minha vida. — Ela olhou para Maggie, cujo rosto ficara pálido com o calor das palavras de Roberta. — Você vai matá-lo.

Maggie ergueu a mão. — Ouça — disse ela. — Eu fiquei de boca fechada desde que você começou essa campanha contra mim. Tentei ser educada porque ele é seu amigo, mas para mim chega. Pare de dizer isso agora.

— Não vou parar. Eu sei o que vi.

— Não importa o que você viu. Isso é ridículo. Eu não vou matá-lo.

— Sim, você vai. — Roberta estendeu a mão e tocou na parte de trás da mão de Maggie Cain. Derrotada, ela deixou a mão cair. — Você vai atirar nele, meu amigo vai morrer e não há nada que eu possa fazer para impedir que isso aconteça.

CAPÍTULO 40

23h02

Com a capota do Audi abaixada e o ar morno da cidade correndo pelos cabelos, Wolfhagen sentiu, nos momentos antes de orquestrar a morte de Carra e Ira, que estava na crista da maior onda de liberdade que sentira em anos. Certamente desde que saíra de Lompoc.

Logo, ele teria acabado com eles. Especialmente Carra. Finalmente, ela estaria para sempre fora da vida dele. E apesar de adorar assistir, uma parte dele agora considerava fazer o trabalho ele mesmo. A morte dela significava muito para ele. Ele devia ser a pessoa que a mataria, não outra pessoa que não entenderia o prazer do ato.

Somente uma vez ele tirara uma vida. Não fora algo que ele contratara, como sempre fazia. Em vez disso, fora somente ele, o que considerava como parte de seu crescimento pessoal, um ato que o transformara. E quando terminara, não houvera remorso. Somente outra dose para alimentar a sensação que já estava desfrutando.

Ele lembrou-se daquele dia, quando os federais estavam fechando o cerco ao seu redor, o antigo Bull Pen estava em declínio e ele usara uma filha da puta de uma faca na garganta de um filho da puta traidor.

Ele fizera um corte tão profundo que quase separara a cabeça do corpo. Mas, dado o peso da traição do homem, valera a pena. Também fora fácil — fácil demais — e ele se deliciara com os gritos fracos do homem enquanto Wolfhagen observava, ensopado sob as fontes de sangue que jorravam da garganta cortada.

Ele pensou naquela noite e lembrou-se de que a diversão não começara lá. Começara do lado de fora, na limusine, quando ele batera a cabeça de Maggie Cain na janela do carro e desfigurara o rosto dela permanentemente.

Fora um de seus melhores dias. Mas aquele dia seria ainda melhor. De fato, não havia dúvidas de que seria uma noite de *matar*.

Ele dirigiu pela Central Park West em direção à 83, ouvindo música *country* na Sirius, desejando uma dose de metanfetamina. Mas ele jurara a si mesmo, pelo naquele dia, que não usaria nada.

Preciso estar com a mente clara. Preciso da mente clara. Ela tem que estar clara. Não posso estragar tudo.

Às vezes, quando os carros de polícia da cidade inteira desciam correndo a rua com as sirenes gritando e as luzes piscando, ele tinha que desviar para a direita para deixar que passassem. Mas, com tanto caos desdobrando-se no lado leste do Parque, ele não se importava. Era a distração de que precisava. Acima do Parque havia um brilho quente subindo de todos aqueles terríveis incêndios que ele vira na televisão e isso o aquecia.

Ele desligou o rádio, virou na 83 e lentamente aproximou-se no novo Bull Pen, que ficava em um prédio elegante de antes da guerra, com a aparência exata que devia ter: uma residência.

Se Carra fizera seu trabalho corretamente, o prédio inteiro era isolado acusticamente, incluindo a entrada. Se a música estivesse alta no lado de dentro, você nunca saberia só de abrir a porta da frente, pois haveria barreiras para bloquear o som.

Você também nunca ouviria a música se passasse em frente ao prédio e, especialmente, se morasse em um dos prédios ao lado. De todas as formas, era a residência mais quieta do quarteirão, o que era notável, dado o número de pessoas que chegavam tarde nas noites de sábado em que Carra abria o clube.

Ao passar na frente do clube com o carro, ele observou a calçada dos dois lados da rua. Não parecia que alguém o estivesse esperando, mas isso não significava que já não estivessem lá. Ele podia imaginar seus lacaios assassinos escondidos em cantos escuros observando-o. Conseguia sentir os olhos deles fitando-o ao chegar ao fim da rua. Ele estava ansioso para conhecê-los, mas estava ainda mais ansioso para observar Carra sendo mutilada pela bondade de um de seus estranhos, ou por alguém que ela costumava chamar de marido.

Tem que ser eu, pensou ele. *Eu que tenho que segurá-la e estripá-la. Eu que tenho que ser a última pessoa que ela verá. Eles que matem Ira.*

E assim seria, ele tomou a decisão. Assim que seria. Seria ele.

Ele cruzou a Amsterdan, desceu a 83 e virou à esquerda na Broadway. Andou até a 81 e virou à esquerda novamente. Mesmo se houvesse um lugar para estacionar na 83, que não havia, ele queria estar a pelo menos um ou dois quarteirões de distância e poder correr, se precisasse. E, apesar de Carra ter cortado os pés de Wolfhagen, ele podia correr. Ele podia estar mais velho agora, mas era rápido. Se alguém viesse atrás dele, tinha quase certeza de que, mesmo nesse estado, conseguiria chegar no carro com distância suficiente à frente para fugir.

Ele percorreu a rua, encontrou uma vaga que seria pequena demais para a maioria dos carros, mas, como esse carro era pequeno, conseguiu estacionar com

um pouco de manobra. Abaixou o espelho do para-sol e olhou os dentes irregulares. Colocou a mão sobre a boca e conferiu o hálito, que tinha cheiro de menta. Mas não olhou diretamente para o rosto, não iria tão longe assim.

Ele saiu do carro e começou a caminhar em direção ao parque, que ficava a dois quarteirões de distância. Quando chegou lá, virou à esquerda e ficou surpreso pelo que viu: multidões correndo em sua direção. Quando ele passara de carro momentos antes, nada daquilo estava acontecendo. Mas a notícia se espalhara. Nova Iorque estava queimando. À medida que a avalanche de pessoas de boa vontade passava por ele, às vezes ameaçando derrubá-lo, ele abria caminho em direção à 83, sem deixar de sentir uma certa diversão.

Elas estavam correndo em direção aos fogos, achando que poderiam ajudar. Passaram correndo por ele com os mesmos rostos assombrados que tinham quando os terroristas atacaram as torres gêmeas. Realmente pensavam que podiam fazer alguma coisa. Realmente queriam arriscar as próprias vidas em um esforço de ajudar. Isso era tão incrível quanto estranho para ele. Se uma estação de gás tivesse explodido, o que era possível, dado o nível de destruição que ele vira, algumas dessas pessoas estariam correndo para suas próprias mortes. O que estavam fazendo não tinha sentido para ele. Por que morrer para ajudar um completo estranho?

Ele moveu-se para a esquerda, tão próximo quanto podia dos prédios, e tirou do bolso o celular que o bonitão lhe dera. Pressionou a mão contra o lado do casaco leve que usava, sentindo a arma escondida. No ar, podia sentir o cheiro forte de fumaça. Em toda a sua volta, movimento, reação, propulsão. Ele discou um número e esperou. Segundo toque. — Max?

— Vocês dois estão no lugar?

— Só esperando você.

— Você me viu passando com o carro há um minuto?

— Vimos você.

— E nem um aceno amigo. Estou a pé, a mais ou menos um quarteirão de distância. Imagino que não tenha nenhuma multidão nem atividade ainda.

— Nada ainda. Mas as cortinas estão fechadas.

— É muito cedo — disse ele. — Estão se aprontando. Provavelmente se enfiando dentro daquelas roupas de couro lindas.

— Como isso vai funcionar?

— Eu vou pegar Carra. Vocês dois pegam Lasker. Isso precisa ser feito de forma limpa e rápida, para que tenham o resto da noite para fazer o que mais têm para fazer. Dentro daquela porta, estará um cara da segurança. Ele estará armado. Vocês ficam atrás de mim. Quem estiver lá, vai me reconhecer. Ele ficará espantado com a minha presença, e esse será meu momento de agir. Nós

acabamos com ele e verificamos se há mais alguém na sala. Se ela não estiver lá, estará escondida em algum outro lugar. A segurança é grande. Tente acabar com eles silenciosamente. É a melhor forma de encontrar Carra e Lasker, e de terminar logo o que viemos fazer.

Ele virou a esquina, entrando na 83. — Estou aqui.

Ele desligou o celular, mas não viu ninguém. Caminhou pela calçada e ouviu quando passos atrás dele começaram a acompanhar os seus. Eles eram bons. Ele parou e virou-se para encará-los. O homem aproximou-se primeiro, com a mão estendida.

— Spocatti — disse ele, apertando a mão de Wolfhagen.

A mulher avançou e fez o mesmo.

— Carmen — disse ela. — É um prazer conhecê-lo.

— Vocês não se parecem em nada com o que imaginei — disse ele, acenando com a cabeça para Spocatti. — Pensei que você fosse mais alto, mais forte, um verdadeiro valentão, mas não é nada disso.

— Não preciso ser.

— Bem, ótimo. Adoro autoconfiança. E é um prazer conhecê-los também. Estão prontos?

— Estamos ansiosos.

— Então vamos lá. Deixe o homem ver o meu rosto. Ele ficará abalado. É quando agiremos. Minha arma não tem silenciador. — Ele olhou para Spocatti. — A sua tem?

— Tem.

— Então me empreste.

Eles trocaram as armas e Wolfhagen virou-se. Logo, chegaram à frente do prédio, subiram a escada e Wolfhagen moveu o braço atrás de si, sugerindo que eles ficassem bem à direita. Spocatti e Gragera moveram-se, encostando-se na parede para ficarem fora do campo de visão.

Wolfhagen engatilhou a arma, bateu na porta e colocou as mãos nas costas. Passou-se um momento e um homem enorme em um terno preto abriu ligeiramente a porta.

— Ora, ora, veja só quem é — disse Wolfhagen. — Bobby.

A descrença no rosto do homem era inconfundível. Anos antes, no Bull Pen original, o próprio Wolfhagen o contratara. Ele abriu a porta um pouco mais. Big Bobby botou a cabeça para fora para olhar em torno, mas Wolfhagen era grande o suficiente para bloquear a visão dele e ocultar Spocatti e Gragera. — Sr. Wolfhagen? — disse ele. — O que está fazendo aqui?

— Estou aqui para ver Carra e Ira, e não só porque os nomes deles combinam tão bem. Pode mostrar o caminho? Eles me receberão.

— Não acho que eles o receberão. As coisas mudaram. Você sabe disso.

Ele precisava sair da rua antes que fosse visto. — Eles me receberão, Bobby. — Em um movimento rápido, ele pegou a arma, colocou-a na testa de Bobby e apertou o gatilho. A parte de trás da cabeça do homem explodiu, mas o som foi abafado. Wolfhagen era mais forte do que parecia. Ele botou o braço sob a axila do homem e o ajudou a cair lentamente ao começar a sangrar.

Com o coração batendo rápido, ele olhou para o aposento, que era intencionalmente pequeno e obscuro. Era essa sala que oferecia a barreira de som adicional. Além dela, estaria o lugar onde a verdadeira ação acontecia.

Ele inclinou a cabeça para a esquerda e viu a porta que levava adiante, ficando surpreso ao ver que estava parcialmente aberta. Com a arma levantada, ele entrou lentamente na sala menor. Podia sentir Spocatti e Gragera atrás dele. Ele encostou-se na porta, sabendo que alguém poderia estar atrás dela. Spocatti também sabia disso, portanto, foi até a porta, empurrou Wolfhagen para trás e colocou-se abaixado contra a porta. Ele olhou para Wolfhagen, colocou o dedo sobre os lábios e acenou indicando que entraria primeiro.

Gragera parou ao lado de Spocatti, agachando-se com as costas contra o batente da porta. Wolfhagen observou Spocatti erguer os joelhos e avançar devagar, de forma que a cabeça ficou parcialmente dentro da sala. Ele mantinha a arma perto do rosto, pronto para atirar se houvesse alguém lá dentro, e olhou em torno da sala. Acenou para Gragera, que espiou com cuidado e inclinou-se para trás. Ela fez o mesmo movimento novamente, mas olhando por mais tempo.

E os dois relaxaram.

Spocatti levantou-se. — Não há ninguém aqui — disse ele em voz baixa. — Onde eles estariam?

— No antigo clube, boa parte das coisas mais selvagens aconteciam no porão — disse Wolfhagen. — Ainda é cedo. Se usam o porão aqui, talvez estejam lá, preparando-se. — Ele deu de ombros. — Mas é só um chute. Não sei como esse clube foi montado.

— Então assumiremos o risco. Você nos segue. — Ele estendeu a mão para pedir a arma, que Wolfhagen entregou em troca da sua própria arma. — Fique atrás de nós. Se alguma coisa acontecer, jogue-se no chão, nós o cobriremos.

Juntos, eles entraram na sala.

Apesar de a iluminação estar fraca mesmo aqui, Wolfhagen conseguiu ver que a área era grande e aberta. Candelabros pendiam do teto, mas as luzes mal estavam acesas. Havia cadeiras de couro no centro e, à direita, duas gaiolas de metal. Ao lado delas, um móvel que parecia uma mesa de autópsia, semelhante àquela em que ele cortara a garganta daquele homem há muitos anos. Apesar de Wolfhagen não conseguir distinguir completamente, no extremo esquerdo da

sala parecia haver um bar.

E então, quando todas as luzes subitamente acenderam-se, com uma claridade completa, ele teve certeza de que era isso. Logo além dele, ele viu Carra entrando na sala. Ela usava uma roupa de couro preta. Seus cabelos escuros balançaram quando ela se virou para olhar para ele. Wolfhagen recuou um passo, levantou a arma para atirar nela e puxou o gatilho.

Mas nada aconteceu. Ele tentou atirar novamente, mas a arma só fez um clique. Ela estava vazia. Ele olhou para Spocatti, que estava se afastando dele. Spocatti colocou a mão no bolso e a estendeu — nela estava o restante das balas, que ele balançou em frente a Wolfhagen antes de jogá-las longe, onde rolaram, saltaram, bateram.

Fora tudo uma armação.

Agora, Spocatti e Gragera estavam apontando as armas para ele. Wolfhagen olhou para os dois chocado quando outra pessoa entrou pela porta que ficava na outra extremidade da sala.

Dessa vez, era Ira Lasker. Ele estava ligeiramente encurvado e movendo-se atrás de alguma coisa. Mentira. Ele estava empurrando alguma coisa.

Carra passou pelo canto do bar e avançou em sua direção. Ela tinha um chicote na mão e estalou-o para criar efeito, o som reverberando no teto alto. Ela gostou tanto do som que o repetiu.

Nos pés, ela tinha botas de couro pretas, que subiam pelos joelhos e envolviam as coxas. Ela era a *dominatrix* na qual ele a transformara há anos. Só que, dessa vez, ela comandava o show. *Crack, crack, crack.* O chicote estalava à frente dela, pronto para atingi-lo. Ela riu.

— Max — disse ela. — Como vai minha puta preferida?

Wolfhagen olhou para ela por um momento e virou-se para Lasker quando ele passou por um canto. A coisa que ele estava empurrando era uma cadeira de rodas. Apesar de não conseguir processar aquilo totalmente, porque nada fazia sentido, os olhos dele não mentiram. Era Mark Andrews quem estava naquela cadeira de rodas. Era Mark Andrews, que fora pisoteado por touros em Pamplona. Era Mark Andrews, seu antigo lacaio que, presumidamente, estava morto e enterrado.

Era Mark Andrews, e ele estava avançando diretamente para ele com uma arma.

CAPÍTULO 41

22h21

Essa era a noite dela, mas, se quisesse ter sucesso em acabar com o homem que arruinara sua reputação e a humilhara durante anos, ela sabia que tinha que ser rápida. Logo, Marty Spellman e Maggie Cain chegariam, presumidamente para uma casa segura dos federais, onde Mark Andrews os esperava.

E ele os estava esperando, contra a vontade dele. Ele também segurava uma arma vazia, apontada para Wolfhagen, contra a vontade dele. Ela precisava lidar com Max antes que o foco mudasse para Cain e Spellman. Eles estavam perto demais da verdade. Somente quando estivessem mortos Carra se sentiria razoavelmente confiante de que ela e Ira poderiam se afastar de tudo isso e ficar em segurança.

Carra observou Max olhar para Mark Andrews com descrença.

— Como? — perguntou ele. — Por quê?

Ela disse a ele. Juntamente com Ira, nos últimos sete meses, ela formulara um plano que envolvia a morte da maioria daqueles que testemunharam contra ele.

Fora simples: contratar Spocatti e Gragera e, por meio de Lasker, convencê-los de que estavam lidando diretamente com Wolfhagen. Ela não os conhecia e não confiava neles. E, se alguma coisa desse errada e eles fossem pegos e pressionados a falar, ela sabia que cuspiriam o nome dele de forma convincente. Além disso, se fossem forçados a usar um detector de mentiras, estariam contando aos federais o que *sabiam* ser a verdade. Fora Wolfhagen quem os contratara. Não havia motivo para que acreditassem em outra coisa.

Em cada conversa com eles, Ira imitara a voz e o jeito de falar de Wolfhagen. Hoje à noite, Spocatti e Gragera foram informados de que não fora Wolfhagen quem os contratara. Quando eles chegaram, Ira contou tudo a eles. Eles nunca trabalharam para Wolfhagen. Somente para ela e para Ira.

Se eles ficaram surpresos, não o demonstraram. Permaneceram os profissionais que tinham provado ser. Pelo incômodo, Carra deu a cada um deles um cheque com um bônus de dez milhões.

Mais cedo, os guardas dela telefonaram avisando que Wolfhagen estava a

caminho. Ele os subornara, como ela sabia que o faria. Os guardas aceitaram o dinheiro, como ela dissera a eles que o fizessem. Eles avisaram a ela que ele pedira um celular e uma arma e que era improvável que aparecesse sozinho. Sabendo que Spocatti e Gragera eram dela agora, ela pedira a eles que matassem os assassinos contratados de Wolfhagen quando chegassem.

Quando o fizeram, ela lhes dissera que, depois dessa noite, estariam livres para partir. Não haveria mais mortes além daquelas que acontecessem no clube naquela noite. Carra tinha tudo de que precisava: as fitas com a morte de cada uma das pessoas, que seriam enviadas por FedEx para a casa de La Jolla na manhã seguinte.

Cada uma das fitas incriminava Wolfhagen. Ela trabalhava com o assistente dele, que agora estava na folha de pagamento dela. Aquela pessoa tinha suas ordens. Ele morava em um apartamento na propriedade de La Jolla. Parte de suas tarefas era abrir a correspondência. Quando as fitas chegaram, ele, como era curioso, as assistiu, apesar de Wolfhagen ter dito especificamente que não deveria. Mas ele assistiu e ficou horrorizado com o que viu. Mesmo não querendo se envolver, pois o que vira o assustara, ele sabia que não podia permitir que Wolfhagen continuasse. Portanto, ele fez a coisa certa. Alertou a polícia e a imprensa.

Mesmo que ninguém acreditasse, Carra ainda ganharia. A imprensa ficaria em cima da história. Então, Wolfhagen estaria morto e, com ele, o que sobrara de sua reputação abalada seria aniquilada quando a gravação fosse divulgada, bem como a notícia de que ele contratara dois assassinos para matar todas as pessoas que o tinham traído no banco das testemunhas.

As pessoas acreditariam. Fazia parte da natureza humana acreditar no pior, particularmente em se tratando de alguém com um passado como o de Max, que fora responsável pelo colapso no mercado de ações e por destruir milhões de sonhos financeiros.

O público ainda o odiava e isso só alimentaria sua fúria.

Para ficar na casa dela, ele a chantageara com as fitas que tinha do passado, mas, como ela lhe dissera mais cedo, quanto mais pensava a respeito, menos preocupada ficava.

Naquela época, quando filmavam secretamente a multidão totalmente liberada nas festas dele, ela fazia todo o esforço possível para ficar fora das câmeras. Ele achava que ela aparecia nas fitas, mas ela sabia onde as câmeras estavam escondidas e se afastava delas. Wolfhagen aparecia nas fitas, junto com todos os outros que ele enforcaria se não fornecessem as informações privilegiadas que queria. Carra tinha tanta certeza disso que estava disposta a apostar sua vida agora, ao se preparar para tirar a dele.

— Como você está vivo? — Wolfhagen perguntou a Andrews.

— Bem, vejamos, Max. Obviamente, eu não morri. Não é uma merda? Conseguiram me tirar de lá em tempo. Fui levado ao hospital Gregorio Marañón em Madri e me trouxeram de volta do mundo dos mortos. E agora parece que estou prestes a morrer de novo.

— Isso porque ele cometeu um erro — disse Carra. — Quando Spocatti enfiou a faca em Mark, disse a ele que estava sendo assassinado por ter testemunhado contra você. Há três semanas, ele entrou em contato comigo porque sabe que odeio você. Ele achou que eu gostaria de me vingar e que poderíamos ajudar um ao outro. O que ele não sabia é que eu já mandara matar os Cole e que já tentara matá-lo.

— Então, por que não me mata logo? — perguntou Andrews.

Ela pensou em Maggie Cain. — Porque você telefonou no momento certo. Porque eu o estou usando como isca. — Ela estalou os dedos. — Depois disso, você já era.

— Por que você matou Wood? — perguntou Wolfhagen. — Ela me trancafiou. Você deveria ter ficado contente com isso. Por que matá-la?

— Eu não matei Wood. A morte dela foi um choque para mim tanto quanto foi para todo o resto. Pensei muito sobre o assunto e a única coisa em que consigo pensar é que alguém que você queimou sabia que estava na cidade. Provavelmente um ex-membro de seu clube, provavelmente alguém que você ameaçou com uma de suas fitas. A pessoa viu uma oportunidade de dar o troco e agiu.

Ela deu de ombros. — Que melhor forma de incriminá-lo com a morte dela, senão cortar fora a cabeça, colocá-la em uma caixa da Tiffany e enviá-la a você no Plaza? Alguns pensariam que você estava em perigo. Mas outros conhecem sua reputação e veriam as coisas por outro ângulo. Pensariam que você mesmo a enviara porque é a última coisa que um assassino faria. Pensariam que você o fez para que pudesse se esconder à plena vista. As pessoas sabem como é ardiloso, Max, e tenho que admitir que você é bom. Se não fosse morrer essa noite, alguem apostaria que, ao mandar a cabeça dela, você ficaria abalado. Mas saiba que não matei Wood, e que talvez nunca saibamos quem foi. Nem sempre a vida dá respostas, mas sei de uma coisa: você tem muitos inimigos que querem vê-lo queimando no inferno. Eu sou só um deles.

* * *

Enquanto Carra discursava sobre todas as formas brilhantes como realizara essa operação, Spocatti debatia todas as formas como deveria sair dela, mas não sem uma retribuição brilhante de sua parte.

Tinham mentido para ele e o tinham enganado. Pela expressão no rosto de Carmen, sabia que ela estava tão furiosa quanto ele, mas eles se recusavam a demonstrá-lo. Os rostos não mostravam expressão alguma.

De vez em quando, eles se entreolhavam — comunicação de relance. O que ele viu no rosto dela era claro: ela queria vingança. Ela queria Carra Wolfhagen e Ira Lasker pendurados e esquartejados por ter ativamente colocado a vida deles em risco ao não serem honestos sobre quem realmente eram e quais eram seus verdadeiros objetivos desde o início.

Mas o que ela via no rosto dele? A idade e a experiência diziam que ele deveria se segurar o máximo possível, enquanto considerava todas as opções, antes de agir. A segurança era fundamental. Sair impune era indispensável. Ele sabia o que Carra tinha em mente e era tão pervertido que estaria mentindo se dissesse que não queria ver o fim. Mas a que custo? Até onde ele estava disposto a ir para sentir o gosto da vingança, se e quando pudesse virar o plano dela contra ela mesma?

O que Carra Wolfhagen e Ira Lasker não entendiam é que, naquele momento, ele e Carmen não deviam nada a eles. O trato deles fora desfeito no momento em que a verdade fora revelada.

Eles tinham assinado um contrato para trabalhar com Maximilian Wolfhagen, não com Carra Wolfhagen e Ira Lasker. Eles tinham aceitado o trabalho com a crença de que precisavam matar as pessoas na lista de Wolfhagen em um ambiente fabricado somente por eles. Eles nunca haviam concordado com a complicação amadora e desnecessária que estavam enfrentando agora. E eles nunca teriam tomado esse caminho porque as coisas poderiam ter sido feitas de forma muito mais profissional.

Ele sabia que outros chegariam em breve. E que havia planos para eles também. Ocorreu-lhe uma ideia de como virar a situação quando Carra os chamou. — Estão prontos? — perguntou ela.

Prontos para o quê?, pensou ele. Pronto para jogar esse trato no lixo e cair fora? Ou ele e Carmen tinham tempo de analisar outras opções? Ele não sabia.

— Estamos prontos — disse ele. — E você está desperdiçando nosso tempo valioso.

Ela inclinou a cabeça na direção dele. — Então vamos acabar com isso.

CAPÍTULO 42

23h36

Eles saíram do restaurante de Roberta e dirigiram em silêncio. A casa segura ficava no Upper West Side, longe do brilho alaranjado que viam sobre o East Side de Manhattan. O tráfego estava lento e eles mal se moviam.

Maggie olhava pela janela do passageiro, obviamente furiosa com a insistência repetitiva de Roberta de que ela o mataria.

Ele acreditava nisso? Não. Ele podia explicar como Roberta vira o fogo e as pessoas queimando antes que fosse anunciado que terroristas tinham atacado o Upper East Side com explosivos? Não. Mas ele sabia de uma coisa: Maggie Cain não era uma assassina.

Ela era uma pessoa fazendo o melhor que podia em circunstâncias difíceis. Estava sozinha e assustada. Isso estava além do que ela esperara. Depois de suas experiências com Wolfhagen, que literalmente a desfiguraram, ela tinha dificuldade em confiar nas pessoas, com bons motivos.

Marty agora a entendia. Ela fora a primeira a ver uma conexão quando os Cole morreram e, em seguida, presumidamente, Andrews. Apesar de não ter certeza de nada, ela o contratara para vigiar Wolfhagen, provavelmente pensando que ele estava por trás de tudo. Mas agora que havia a possibilidade de que Mark Andrews estivesse vivo, eles tinham que pelo menos verificar a casa segura e ver se isso era verdade.

Ele telefonou novamente para Roz no FBI, que não atendeu.

Ele telefonou para Hines, mas, desde as explosões, não conseguia falar com ele.

Ele estendeu o braço e apertou a mão de Maggie, que apertou a dele de volta. Ele tentou telefonar para Jennifer novamente, mas ainda ouviu um sinal rápido de ocupado.

Ele fez uma rápida lista mental. Gloria estava segura. As filhas estavam seguras. Mas, agora, ele sabia que estava à beira de algo que levaria a mais respostas e a uma direção melhor, ou à possível morte se entrassem na casa segura e não fosse Andrews.

O celular tocou.

Sobressaltado, os dois olharam para o aparelho na mão dele. — É Roberta — disse Marty.

Ele atendeu. — Ela apareceu no noticiário?

Não apareceu. — Foi outra mulher — disse Roberta. — Ela entrevistou alguns policiais, mas nenhum com o nome Hines nem Patterson.

— Você a viu em algum lugar ao fundo? Talvez ela estivesse se preparando para uma história maior. Ela é a repórter principal deles. Você viu...

Roberta o interrompeu. — Não há melhor forma de dizer isso.

Um carro passou por eles buzinando. Ele não estava concentrado. Endireitou o carro e reduziu para parar no sinal vermelho à frente. — Dizer o quê? — perguntou ele.

— Ela está desaparecida. Você não viu as imagens que eu vi. Aquela repórter foi ao ar e a última coisa que disse foi que a família do Canal Um também fora afetada. Eles mencionaram Jennifer. Eles a estão procurando, mas ainda não encontraram. Quando os prédios caíram, eles a perderam. Disseram que há destroços demais. Caos demais. Eu sinto muito. Emitiram um alerta pedindo para que entrem em contato com a estação imediatamente se ela for vista.

CAPÍTULO 43

23h36

— Livrem-se do corpo de Bobby — disse Carra para Spocatti e Carmen. — Limpem o sangue. Ele está aí a algum tempo, então provavelmente está grudado no chão, coitado, mas limpem o melhor que conseguirem. Há toalhas no bar. Ele não pode estar lá quando Spellman e Cain chegarem.

— *Se* chegarem — disse Spocatti.

— Ah, eles virão — disse Carra. — O amor é uma coisa engraçada. Maggie Cain agora sabe que o amor da vida dela está vivo. Eles tiveram uma conversa adorável e ela está cheia de esperança. Quando chegarem, acabem com eles e depois matem Andrews.

Ela olhou para Mark. — Sinto muito — disse ela. — Mas você viu demais. E quer mesmo ficar preso a uma cadeira de rodas para o resto de sua vida?

Ele não respondeu.

— Achei que não. — Ela olhou para Spocatti. — Depois faremos o que discutimos antes: telefonaremos para a polícia e sairemos daqui. Vocês já têm os cheques. Nunca mais terão que nos ver. Basta depositar o cheque e continuar a vida. — Ela acenou com a cabeça para eles. — E obrigada. Não teríamos conseguido nada disso sem vocês.

— É verdade — disse Ira.

— O prazer foi nosso. — Ele olhou para Carmen. — Vamos cuidar de Bobby. Estamos perdendo tempo.

— Por que está fazendo isso, Carra?

Aquilo parou Spocatti. Fora Wolfhagen quem fizera a pergunta e agora Carra aproximava-se dele para responder.

— Vou ser breve — disse ela. — Quando estávamos casados, você nunca me contou que vendia informações privilegiadas. Você mentiu para mim, escondeu tudo e, ainda assim, quando as coisas explodiram na sua cara, explodiram na minha também. Você tem alguma ideia de como minha vida tem sido nos últimos cinco anos? Vou precisar de vários anos para reconstruir meu nome e não estou nem na metade do caminho. Enquanto você estiver vivo, ainda o verão em mim. O fedor não vai sair enquanto você não desaparecer. Então,

adivinha só? Você desaparece hoje.

— No momento, sou hóspede em sua casa — disse ele. — A imprensa tem noticiado isso. As pessoas me viram em sua festa. Como vai explicar isso?

Ela estendeu a ponta do chicote e passou-o ao longo das curvas do rosto dele. — Vou contar a eles a verdade. Tivemos uma briga sobre a casa em La Jolla, que é minha, e decidi vendê-la. Se quiserem — e vão —, eles documentarão seu telefonema para mim, do mesmo jeito que documentarão que, logo depois, você comprou uma passagem aérea para sair imediatamente de Nova Iorque.

— Como você mora lá, me ameaçou para que eu não a vendesse. Voou até aqui para me dizer, na minha cara, que não sairia de lá. Disse-me que, se eu a vendesse, contrataria alguém para incendiar a casa, que pertencia ao meu pai. Eu o aceitei como hóspede porque era melhor mantê-lo perto enquanto decidia o que fazer.

Ela fez uma pausa. — Só faz um dia, Max. E adivinha só? Eu decidi o que fazer. Nesse meio tempo, como eu podia saber que você tinha outro motivo para estar aqui em Nova Iorque? Como eu podia saber de tudo o que você estava fazendo? Todas essas mortes capturadas nos filmes. — Ela balançou a cabeça. — Você não é uma pessoa muito boa. O mundo sabia disso e relembrou-me de tudo novamente.

Ela olhou para Spocatti. — Bobby — disse ela. — Depois o resto. Mexa-se.

Ele virou-se para Carmen — comunicação de relance. Ele começou a caminhar, passando por Wolfhagen e Carra. — Você disse que há toalhas no bar?

— Elas estão bem na ponta de lá. Deve haver o suficiente, mas, como Bobby era grande, quem sabe?

— Certo — disse ele e, ao passar por ela, deu um giro violento, colocou a mão no coldre e tirou a arma. Carra sentiu o movimento e virou-se no momento em que a coronha do revólver de Spocatti veio na direção do lado da cabeça dela. Ela abaixou-se e ele errou. Errou! Ela tropeçou para trás e ele atacou novamente, mas não antes que o chicote estalasse e o atingisse no rosto.

Atordoado pelo golpe, ele recuperou-se enquanto ela atravessou a sala correndo. Ele correu atrás dela. Ela era rápida, mas não o suficiente — aquelas botas que usava não ajudavam e não davam a tração de que ela precisava. Quando ela passou correndo por Wolfhagen em direção ao bar, onde ele sabia que havia uma escada, ele viu Carmen bater na cabeça de Wolfhagen, que caiu no chão no momento em que Ira Lasker começou a correr em direção à porta.

— Porta! — gritou Spocatti.

Carra corria mais depressa agora. Ela escorregou ao passar pelo bar. Ele ouviu um baque atrás de si e sabia que era Lasker. Ouviu passos correndo em sua

direção e sabia que era Carmen. E então, subitamente, Carra virou-se para encará-lo.

Ela balançou o chicote novamente, mas, dessa vez, ele estava preparado e pegou a ponta com a mão livre. Ele deu um puxão, trazendo-a para perto dele, a ponto de sentir o hálito dela em seu rosto. Spocatti podia ver o medo e a fúria nos olhos dela.

— Que diabos está fazendo? — perguntou ela. — Você recebeu o dinheiro!

— Você mentiu para nós. Nunca deveria ter feito isso. Agora há repercussões.

Carra começou a lutar, mas, quando Spocatti bateu com a arma no lado da cabeça dela, seus olhos se reviraram e ela caiu aos pés dele inconsciente.

Carmen olhou para ela. — Eu quero aquela roupa e aquelas botas — disse ela. — São fantásticas. — Olhando para Spocatti, ela disse: — Mas não se preocupe, eu as pegarei mais tarde. O que tem em mente?

Spocatti olhou para Mark Andrews do outro lado da sala, que não se movera, pois não podia se mover. Ele afastou-se do bar e foi até a escada do outro lado. Ela o seguiu e ele falou baixinho qual era o plano.

— Temos tempo para isso tudo?

— Acho que sim.

— Mas qual é a finalidade? Deveríamos prendê-los em uma daquelas gaiolas, dar o fora daqui, dar um telefonema anônimo para a polícia e fim de conversa.

— A polícia está um pouco ocupada agora, Carmen. Temos tempo. Acabamos com isso do nosso jeito, depois telefonamos para os federais, para a polícia e para a imprensa.

— Eles podem morrer se fizermos isso.

— Não se fizermos tudo certo. E temos que fazer certo. Eu os quero na prisão. A morte é uma coisa muito fácil. Quero um espetáculo. Quero algo de que as pessoas não se esquecerão. E não ache que não estou pensando em nossa segurança. Isso vem em primeiro lugar. Temos tempo para fazer isso. Não é à toa que Cain e Spellman não estão aqui. Não conseguem passar. As ruas estão bloqueadas, ou pela polícia, ou por destroços. Já se passou tempo suficiente para que chegassem aqui, mas não chegaram.

— Eles podem estar perto.

— Então trancaremos a porta e cuidaremos deles, caso eu esteja errado.

— Cain é boa. Você viu do que ela é capaz. Ela me derrubou e atirou em você. Não se esqueça disso.

— Ela também tinha o elemento surpresa ao lado dela — disse Spocatti. — Dessa vez, estaremos prontos para eles. — Ele guardou a arma. — Eles virão —

disse ele. — E todos os outros também. Mas Carra Wolfhagen e Ira Lasker mentiram para nós. Eles merecem o que vão receber. Vamos dar ao mundo algo sobre o que falar. Vamos jogar isso para a estratosfera e mexer com a cabeça das pessoas. Está comigo?

— Bom, quando coloca as coisas desse jeito, como posso dizer não?

Houve uma batida na porta.

Pior, houve uma batida em uma porta que talvez estivesse destrancada.

Carmen imediatamente atravessou o espaço aberto, desejando que as luzes não estivessem acesas, pegou a arma e a apontou para Andrews. Ela colocou o dedo sobre os lábios e pressionou o cano contra a cabeça dele. O rosto dela exprimia uma mensagem: *Se disser uma maldita palavra, você morre. Eu matarei você. Você morrerá. Não há outra opção*. E o empurrou pela sala até o local onde Carra estava caída imóvel.

Spocatti puxou Bobby para longe da entrada, para dentro da sala grande e para trás de uma das gaiolas. O homem já estava quase sem sangue. Atrás dele, ficou um rastro enorme de sangue coagulado.

Houve outra batida na porta, dessa vez com mais força.

Carmen reduziu as luzes e, agora, o sangue de Bobby, apesar de úmido, parecia preto no piso escuro. Quando soou outra batida, dessa vez impaciente, eles rapidamente moveram Lasker e Wolfhagen para trás do bar.

Eles se entreolharam. Era Spellman e Cain, eles tinham certeza disso. Correram para o outro lado da sala, posicionaram-se na janela com as cortinas fechadas para olhar para fora, mas não conseguiram ver nada. Os arbustos altos dos dois lados bloqueavam a visão da entrada, mas não das ruas, que estava lotada de pessoas. Algumas estavam correndo, outras falando no celular e andando rapidamente. Todas iam em direção ao Parque.

Eles não conseguiam ver quem estava batendo. A pessoa bateu novamente na porta.

Spocatti foi até a porta, enquanto Carmen moveu-se, colocando-se atrás da parede que os separava, e pegou a arma. Ela ouviu Spocatti colocar a mão na maçaneta e ouviu a voz no momento em que ele abriu a porta.

— Sou Jennifer Barnes — disse uma mulher. — Canal Um. Desculpe por bater tão tarde, mas notei que as luzes estavam acesas e isso é importante.

— Qual é o problema?

— Acho que me deram o endereço errado — disse ela. — Fui mandada para o número 11 da rua 82 West, mas ele não existe. Andei por toda parte nessa vizinhança e vi que aqui é o número 11 da rua 83 West, então achei melhor parar para ver se esse é o endereço certo.

Carmen pressionou as costas na parede. A arma estava levantada e pronta.

Ela conseguia ouvir as pessoas nas calçadas de uma forma que não ouvira antes nessa casa com isolamento acústico.

— Quem você está procurando? — perguntou Spocatti.

— É complicado.

— Como assim, complicado?

Ela hesitou. — Tem a ver com uma investigação federal.

— Ah — disse Spocatti. — Qual é mesmo o seu nome?

— Jennifer Barnes. Sou repórter do Canal Um.

— E como conseguiu esse endereço?

— Trabalho com os detetives Mike Hines e Linda Patterson. Eles me deram o endereço.

— E quem esperava encontrar?

Outra hesitação.

— Preciso saber, Srta. Barnes.

— Estou aqui para encontrar Mark Andrews.

— Entendo — disse ele. Mas não disse mais nada.

— Acho que cometi um erro — disse Barnes. Havia uma aspereza na voz dela. — Lamento se interrompi algo. Acho que me deram o endereço errado.

— Na verdade, não — disse Spocatti. — Srta. Barnes, você está em uma casa segura federal. Se quiser ver Mark, entre. Mas preciso que fique comigo na entrada enquanto telefono para o meu superior. Antes de entrarmos, ele precisará interrogá-la.

— Mostre-me sua identificação.

E Carmen soube, no momento em que Barnes respirou fundo, que o que Spocatti mostrara a ela fora a arma.

CAPÍTULO 44

00h17

As ruas de Manhattan estavam tão congestionadas que eles levaram noventa minutos para chegar à casa segura na 83 West. Quando finalmente chegaram, o prédio, uma bela casa de calcário com janelas grandes e uma entrada ampla impressionante, parecia estar no escuro.

Mas não estava.

Ao passarem por ela, puderam ver um fio de luz além das cortinas pesadas que cobriam as janelas. Havia pessoas no interior. Mark Andrews podia estar esperando.

Era a segunda vez que contornavam o quarteirão e, ao passarem pelo prédio dessa vez, Marty reduziu a velocidade, procurando sinais de vida lá dentro. Mas tudo o que viu foi aquele fio de luz e aquelas cortinas pesadas, com ar quase industrial. Ele observou as cortinas e teve que admitir que, se essa era uma casa segura do governo, elas se encaixariam bem na equação, dada a privacidade que ofereciam.

Ele discou o número de Jennifer novamente e ainda recebeu um sinal rápido de ocupado. Ele tentou Hines e Patterson e recebeu a mesma resposta. A ponta de preocupação em suas entranhas crescera e se tornara uma nuvem que enchia o peito. Se alguma coisa acontecesse a Jennifer, ele não sabia o que faria. Ele estava apaixonado por ela e assustado. Mas, quando saíram do restaurante de Roberta, ele sabia que não conseguiria chegar perto da rua 77 East nem de Jennifer. Portanto, foram para lá. Eles precisavam ver se Andrews estava vivo ou se era tudo uma armação.

Na rua 82, encontraram um lugar que não era uma vaga de estacionamento. Estava reservado para acesso ao hidrante, mas era perfeito para as necessidades deles. Considerando o que estava acontecendo do outro lado do parque, dificilmente o carro dele seria rebocado. Portanto, ele deu marcha a ré, alinhou o carro na vaga, desligou-o e olhou para Maggie.

— Está pronta? — perguntou ele.

Ela assentiu. — Era a voz de Mark — disse ela. — Pensei bastante sobre o assunto desde que saímos do restaurante, e era a voz dele. Eu sei que você está

com o pé atrás, mas não tenho dúvidas. Era Mark no telefone.

— Está com a arma?

— Sim.

— Está carregada?

— Sim.

— Mesmo que fosse Mark, e que ele esteja vivo, você sabe que pode ter sido Wolfhagen. De alguma forma, ele sabe que estamos chegando perto e está armando alguma coisa.

— Eu sei disso.

— Está preparada para assumir o risco?

Ela assentiu.

E ele também estava. — Preciso que siga minhas instruções. Eu a vi atirando. Sei que é treinada e capaz de se proteger. Mas se ele tiver uma equipe lá, estaremos na merda. Se vir Mark logo na entrada, quero que se lembre que eles podem ter planejado assim para que você entre. Eles estarão esperando que você vá até ele, mas não pode fazer isso. Entendeu?

— Sim.

— Você precisa me seguir e fazer o que eu disser.

— Está bem.

— No momento em que a porta se abrir, saberei se estamos lidando com os federais. É fácil detectar um federal. Convivi com eles o suficiente para bater o olho e saber. Se eu achar que é alguma outra coisa, vou bater na coxa uma vez e continuaremos tranquilos. Estamos gratos por terem entrado em contato conosco. Só queremos ver Mark. — Ele fez uma pausa. — E, quando aquela porta se fechar atrás de nós, agiremos. Vamos apagar o filho da puta em silêncio e ficarmos prontos para a carnificina. Nós os manteremos à distância o máximo possível. Se falharmos, fugiremos. Entendeu?

— O que quer dizer com silêncio?

— Batemos na cabeça dele com a pistola e o colocamos no chão. Sem tiros. Eles sabem que estamos chegando e estarão prontos para nos receber, mas qualquer coisa pode acontecer. Se, por algum motivo, eles estiverem distraídos quando chegarmos e somente uma pessoa estiver na porta, melhor ainda. É uma chance pequena, mas nunca se sabe.

— Entendi.

Por causa da luz do poste acima deles, ele não conseguia ver o rosto dela, só a silhueta. Mas na voz dela havia algo mais, uma determinação fria. Ela esperara que isso acontecesse. Estava pronta. — Entendeu tudo?

— Eu entendi, Marty. Vou seguir você, vou seguir suas instruções, farei tudo o que você quiser.

Apesar de ser isso o que ele queria ouvir, por que ele sentia que as emoções dela levariam a melhor e que, se ela visse Andrews, estragaria tudo?

* * *

Na calçada, eles caminharam lado a lado. Moveram-se rapidamente, acompanhando o ritmo um do outro. Os cabelos de Maggie balançavam, mas o resto do corpo dela estava rígido. Marty estava concentrado e repassando mentalmente cada situação possível em que podia pensar. Nenhum deles disse uma palavra ao outro. Pareciam um par de autômatos.

Exceto por alguns poucos pedestres, a maioria das pessoas estava do outro lado de Manhattan, tentando ajudar, ou em casa assistindo a situação desdobrar-se na televisão. As ruas estavam relativamente quietas, e os únicos sons eram as sirenes à distância e os passos deles na calçada.

Eles entraram na 83 e encaminharam-se para a casa segura. Apesar do calor, Marty ainda estava vestindo o casaco. Ele dera a Maggie o pulôver leve que mantinha no carro. A arma estava escondida no coldre. Maggie mantinha a dela presa na cintura nas costas.

Eles chegaram ao prédio. Havia uma jovem indo em direção a eles. Ela passou por eles com a cabeça baixa e a ouviram chorando. Instintivamente, reduziram o passo e a observaram por sobre o ombro. Ela não olhou para trás, não fez nenhuma tentativa de pegar um celular nem nada pior. Ela era legítima.

Eles subiram os degraus, trocaram um olhar e Marty bateu na porta.

A porta se abriu ligeiramente.

Surpresos, os dois recuaram um passo. Marty estendeu a mão para trás, mantendo Maggie afastada, e pegou a arma. Ele escutou, mas não havia som, e moveu a cabeça para olhar pela abertura, mas não era grande o suficiente.

Ele bateu novamente, com mais força, a arma abaixada e pronta. A porta se abriu mais alguns centímetros. *Isso não está certo, isso não está certo, isso não está certo*. Ele colocou a mão na maçaneta e empurrou a porta de leve. Ela se abriu. *Isso não está certo, isso não está certo, isso não está certo*. Ele olhou para Maggie, viu que ela pegara a arma e fez sinal para que ela a abaixasse, de forma a não serem vistos por ninguém que pudesse passar na rua. Ela a abaixou, segurando-a perto da coxa.

Não havia outra forma de fazer isso além de entrar. Portanto, Marty avançou e entrou no vestíbulo estreito, com formato estranho. Havia uma porta à esquerda e outra à direita, mas somente a porta da esquerda estava aberta e as

luzes estavam acesas na sala adiante. O chão estava grudento. Ele parou e achou que conseguira ouvir alguma coisa. Parecia o som de pés arrastando na madeira.

Marty aproximou-se mais da porta aberta e encostou-se na parede, acenando para que Maggie se juntasse a ele. Quando ela o fez, ele acenou para que fechasse a porta. Mas antes que a fechasse completamente, ele a impediu. Mantenha-a um pouco aberta. Não faça nenhum som. Deixe a porta ligeiramente encostada, como a encontramos.

Novamente, tentaram escutar alguma coisa. Algo ou alguém estava na outra sala. Esforçaram-se para ouvir algum som que desse alguma pista, alguém falando ou qualquer outra coisa e, dessa vez, ouviram o que parecia algo se arrastando. E depois ouviram uma batida de leve.

Depois, sem aviso, algo ou alguém emitiu um som de gorgolejo.

Marty e Maggie se abaixaram. Com uma mão esticada, ele a segurou para trás e assumiu um risco que poderia acabar com sua vida. Ele olhou para dentro da sala.

O espaço era enorme. Duas gaiolas de metal à direita. Móveis de couro posicionados ao redor da sala. Ninguém que ele conseguisse ver. Ele recuou a cabeça, esperou um momento e olhou novamente. Essa era a sala que ele vira na fita de Schwartz. Conferiu os detalhes e teve certeza. Essa não era uma casa segura. Fora tudo uma armação, como ele receara.

Ele estava prestes a recuar quando os viu.

Sem acreditar, Marty levantou-se e avançou o suficiente para que um olho ficasse exposto. O que ele viu era um show de horror.

Na outra extremidade da sala, três pessoas estavam penduradas em cordas, logo acima do bar. Elas estavam tentando retirar as cordas que estavam em volta do pescoço. Os pés chutavam, dançavam sobre o balcão, algumas vezes encostando nele tempo suficiente para que conseguissem liberar a tensão e respirar.

Tap, tap, tap.

Marty olhou para cima e viu que as cordas estavam presas na viga sobre eles. Estava escuro demais para ver os rostos. Com cuidado, ele deu um passo para dentro da sala. E então, acima dele, veio o som súbito de passos apressados no segundo andar. Algo pesado bateu contra o teto e ele ouviu uma voz abafada através do teto de gesso. Era a voz de um homem.

Não havia tempo a perder. Ele olhou para Maggie e fez sinal para que ela o seguisse até o bar.

Eles estavam completamente expostos, entrando e saindo das sombras. Podiam ouvir a respiração penosa dos condenados, os pés deslizando, a exaustão tomando conta deles.

Abaixados, Marty e Maggie continuaram a avançar pela sala até que algo chamou a atenção de Marty e eles pararam.

Era Mark Andrews.

Ele estava no outro extremo da sala, perto de uma das janelas. Estava em uma cadeira de rodas e apontava para o teto. Atrás de Marty, Maggie arquejou, mas não correu até ele. Ela levantou a mão aberta para ele. Andrews colocou o dedo sobre os lábios e, com a outra mão, fez um sinal para que se apressassem.

E eles correram. Foram até o bar, olharam para cima. E viram tudo.

Pendurados nas cordas, estavam Carra Wolfhagen, Ira Lasker e Jennifer Barnes. Os rostos estavam ficando azuis, a luta pela vida os estava deixando e, enquanto Marty os observou balançando e se contorcendo, antes de agir, soube que todos eles estavam à beira da morte.

CAPÍTULO 45

00h31

Marty arrastou-se atrás do bar, subiu no balcão, colocou um braço em torno da cintura de Jennifer e a levantou para tirar a pressão do pescoço dela.

— Fique comigo — disse ele, colocando a mão no bolso e retirando um canivete. Ele o colocou entre os dentes e, com a mão livre, puxou a lâmina. — Fique comigo. Não me deixe. Fique comigo.

As mãos dela puxavam lentamente a corda em torno do pescoço. A saliva escorria da boca, descendo pelo queixo. Os olhos estavam arregalados por causa da pressão. O corpo tremia contra o dele em espasmos. Ela estava tentando respirar, mas era quase impossível. E então, com um movimento rápido, a corda arrebentou, mas não caiu, como Marty esperara. Em vez de cair nos braços dele, ela caiu com força contra ele e os dois desabaram no chão.

Atordoados, eles ficaram lá. Jennifer estava sobre ele. A corda estava apertada em torno do pescoço dela e ela não se mexia.

Maggie contornou o bar e tirou a lâmina das mãos de Marty. Ele observou quando ela subiu no balcão e rapidamente cortou as cordas que prendiam Lasker e Carra, que estavam pendurados sem vida.

Ela colocou o braço em torno da cintura deles, abaixou os corpos até o chão, desceu do balcão e afrouxou a corda amarrada no pescoço de Carra. Bateu no rosto dela com firmeza, virou-se e fez o mesmo com Lasker, cujos olhos estavam abertos e a fitavam cegamente.

Carra gemeu atrás dela. Maggie virou-se para olhar e viu os olhos dela pestanejarem. Carra sobreviveria. Ela colocou o ouvido sobre o peito de Lasker, tentando ouvir, lambeu a parte de trás da mão e colocou-a sobre a boca dele. E então, quando Marty ergueu Jennifer e sacudiu-a até que os olhos dela se abrissem, ele viu Maggie bater os punhos com força no peito de Lasker. Ela repetiu o gesto enquanto Carra Wolfhagen virava-se de lado, soltando a corda o suficiente para retirá-la por sobre a cabeça.

No piso acima deles, podiam ouvir passos vindo em sua direção. Inicialmente, moveram-se lentamente na parte da frente da sala, perto da entrada do prédio. No entanto, estavam ganhando velocidade ao correrem para a parte de

trás, onde eles estavam.

E então a voz de Mark Andrews, alta e clara, soou na sala. — Ele está no andar de cima — gritou ele. — Está armado. Tenha cuidado.

E os passos cessaram. Silenciosamente, começaram a recuar. E Marty soube: se a pessoa no andar de cima não ouvisse movimento em breve, saberia que tinha sido enganada.

Ele segurou o rosto de Jennifer e perguntou: — Você está bem?

Ela assentiu.

Ele a beijou na testa. — Fique aqui. Não se mova. Não ouse se mover. — Ele entregou a ela o celular. — Ligue para a emergência. É a única coisa que quero que faça. Sei que está sentindo muita dor, mas tente. Diga a eles onde estamos. Diga a ele que tem a ver com as explosões no Parque. Diga a eles que se apressem.

Ele olhou para Maggie, que estava tentando ressuscitar Larker, tentando encontrar uma pulsação no pescoço dele. Mas não conseguiu. — Ele está morto — disse ela.

Acima deles, um rangido. Alguém tentando ouvir alguma coisa.

— Precisamos subir. — Ele olhou para Carra Wolfhagen, que estava encostada no bar e passando a mão pelo pescoço. O que diabos ela estava vestindo? Não era o vestido preto que Jennifer mencionara mais cedo. — Quem está lá em cima? — perguntou ele.

— Max — disse ela, em uma voz baixa o suficiente para que Mark não pudesse ouvir. — Ele fez tudo isso, nos atraiu até aqui. Ele tentou nos matar, como vem matando todas aquelas pessoas que testemunharam contra ele. Ele admitiu tudo. Disse que seríamos os próximos.

— Ele está sozinho lá em cima?

— Sim — disse ela.

Ele inclinou a cabeça. — Ele amarrou todos vocês sozinho?

— Não — disse Jennifer. A voz dela mal podia ser ouvida. Houve um som de chiado quando ela falou. — Havia outros dois.

— Ele teve ajuda, mas eles fugiram — disse Carra com cautela. Ela olhou para Lasker e se abaixou para pressionar a mão no rosto dele. — Eles o mataram. Eles ajudaram Max a fazer isso e fugiram depois de colocar as cordas em torno dos nossos pescoços e nos levantarem. — Ela acenou em direção a Jennifer. — Quando ela entrou, eles bateram na cabeça dela, deixando-a inconsciente, e a arrastaram até aqui. Eu vi.

Marty virou-se para Jennifer. — É verdade?

Ela assentiu.

Novamente, Mark Andrews: — Eu estou bem — disse ele, com uma voz

irritada. — Tire suas mãos de mim e vá para o segundo andar. Ele está lá. A escada é logo atrás do bar. Ande!

Acima deles, os passos recuaram.

Marty olhou para Maggie. — Está pronta?

A determinação na voz dela era tão clara quanto a arma que segurava nas mãos. — Estou pronta.

— Então vamos lá.

* * *

Wolfhagen estava no centro do segundo andar espaçoso, onde a maioria das paredes fora derrubada, provavelmente por Carra e Lasker para que tivessem um espaço mais aberto e livre. Essencialmente, era uma réplica do andar de baixo. Havia um segundo bar e, em uma referência ao antigo Bull Pen, pintado acima dele havia um enorme touro com uma argola no focinho.

Ele conseguia ouvi-los lá embaixo. A polícia. Ouvira Andrews gritando ordens a eles duas vezes, avisando-os de que ele estava lá em cima esperando. E o aleijado estava certo. Ele os estava esperando e os mataria. Eles não o levariam de novo. Wolfhagen sairia dali livre ou morreria ali.

Nesse buraco escuro de fetiches sombrios, Wolfhagen encontrara exatamente o que usaria quando subissem a escada. Ele foi até o objeto, agarrou a garrafa de vodca que encontrara no bar e começou a derramá-la até que o objeto estivesse ensopado. Pegou uma segunda garrafa de vodca e fez a mesma coisa até que o líquido encheu a cavidade e começou a escorrer por todos os lados.

Como Carra, Lasker e a repórter, Wolfhagen também fora pendurado. Mas ele conseguira se soltar e pegar a arma que os assassinos de Carra deixaram no bar antes de sair. Eles colocaram a arma lá e disseram que a liberdade estava logo abaixo, caso alguém se interessasse. O que realmente queriam dizer era que a primeira pessoa a se soltar ficaria com a arma, mataria o resto e escaparia antes que fossem descobertos.

Wolfhagen fora aquela pessoa. Ele era mais alto que os outros e conseguira apoio suficiente no balcão do bar para se erguer, remover a corda, cair no chão e pegar a arma. Depois, encontrara uma forma mais terrível de matar todos eles. Foi quando ouvira uma comoção, o som de corpos caindo e Andrews orientando a polícia.

Carra estava errada. Ele não tinha medo da morte. Se ela chegasse, bem. O

que assustava Wolfhagen mais do qualquer outra coisa era não deixar uma marca.

Desde que ele se transformara em Yale, fora o que ele mais temera: a ideia de que poderia recuar e tornar-se aquela aberração que todos odiavam durante sua adolescência. Agora, se ele conseguisse fazer tudo certo, teria uma chance não só de acabar com os policiais, mas também todos os outros que estavam no primeiro andar.

Depois disso, ele tinha o desafio de sair dali vivo, mas se conseguisse, bastaria chegar até a porta da entrada. Fugir na noite. Desaparecer para sempre no mundo.

* * *

Marty e Maggie contornaram o bar e chegaram à escada que levava ao segundo andar, que estava escuro. Maggie passou a mão ao longo da parede à esquerda, procurando um interruptor, enquanto Marty correu para o outro lado da escada e fez o mesmo na parede à direita.

O interruptor estava no lado esquerdo.

Eles voltaram para a sala principal do primeiro andar, encostaram-se na parede e se entreolharam, as armas prontas.

Maggie bateu de leve na coxa dele.

Rapidamente, Marty estendeu a mão e acendeu as luzes. Ele retirou a mão e escutou. Agora, a escada à frente deles estava iluminada. Em princípio, eles não ouviram nada. Não havia passos nem movimento, e ficaram imaginando se Wolfhagen os estaria esperando no topo da escada. Será que ele estava esperando que um deles espiasse para atirar?

Em silêncio, Marty abaixou-se e ficou deitado no chão de barriga para baixo. Ele posicionou a arma de tal forma que ela apontava para a parte de cima da escada. Maggie avançou alguns centímetros e posicionou a arma à frente. O cano estava a poucos centímetros do fim da parede. Se Wolfhagen atirasse em Marty, ela giraria e acabaria com ele.

Ele olhou para ela, viu que estava pronta e esticou o pescoço para que pudesse olhar para a parte de cima da escada.

Nada.

Ele acenou para que ela olhasse. E quando ela o fez, nada se transformou em alguma coisa.

O chão começou a ranger. Eles podiam ouvir o som distinto de algo

rolando. Estava vindo rapidamente. Tão rapidamente, na verdade, que Marty levantou-se e olhou para a escada junto com Maggie. Enquanto olhavam, ouviram o som de algo acendendo, uma onda de calor rolando escada abaixo e uma grande explosão de fogo, que subiu em direção ao teto do segundo andar quando entrou no campo de visão deles.

O que viram era um enorme piano. Ele estava envolto em chamas e parou logo antes do primeiro degrau. Atrás dele, estava Wolfhagen, o rosto iluminado pela cascata de chamas.

Ele estava sorrindo para eles. Maggie atirou nele, mas errou. Marty correu para o outro lado da escada para ver se conseguia um ângulo melhor, mas lá era pior. Wolfhagen estava escondido atrás do fogo crescente.

E então eles ouviram a voz de Wolfhagen. — Querem foder comigo? Então é melhor que tenham culhão para isso. Hoje à noite, eu sou o vencedor.

Maggie mirou e atirou novamente no momento em que ele empurrou o piano com força.

* * *

Parecia que ele vinha diretamente do inferno.

Em chamas e pingando fogo no carpete antigo da escada, que rapidamente incendiou-se, o piano inclinou-se por um momento no degrau superior antes de começar a descer os degraus. As chamas espalharam-se e as fagulhas voaram no momento em que o piano começou a descer, fazendo com o prédio estremecesse. E, então, houve o som de milhares de notas tocando ao mesmo tempo, as cordas arrebentando, a madeira se despedaçando. Era um concerto dos condenados e a música que tocava enchia o espaço, como se um louco o estivesse regendo.

Transfixados, Marty e Maggie ficaram olhando enquanto ele descia na direção deles. Eles viram quando ele saltou sobre as escadas, ganhando velocidade ao voar pelo ar como um cometa musical incandescente. No vácuo do calor que se acumulava dentro dele, a tampa do piano explodiu, voando para cima, onde ficou parada por tempo suficiente para incendiar o teto antes de cair de volta sobre o instrumento.

— Corra! — gritou Marty.

O piano bateu na parede na base da escada. A força foi tão grande que o piano se despedaçou, mas o fogo permaneceu, espalhando-se rapidamente pelo papel de parede velho e movendo-se com velocidade impressionante pelas paredes, pelo teto e para a sala do segundo andar, onde Wolfhagen agora estava

preso e assaria se não saísse de lá logo.

Maggie olhou para Marty, que estava tentando enxergar o andar de cima e, quando o fez, viu o rosto de Carra Wolfhagen emergir na sala atrás dele.

Por causa dos véus de fumaça, dos destroços e do fogo que subia do piano, Carra parecia um fantasma laranja flutuando atrás dele na sala escura. Inicialmente, Maggie não tinha certeza de por que ela estava lá. Era para ver o marido queimando? Mas quando Carra se aproximou e Maggie viu que ela segurava uma arma, entendeu o motivo e se posicionou.

Os momentos seguintes aconteceram como um borrão.

As chamas aumentaram. Pedaços do teto racharam e caíram sobre o piano e a escada. Era difícil ver claramente. Pior ainda, Marty não ouviu Carra caminhando atrás dele por causa do barulho do fogo e dos destroços que caíam.

Carra era um funil abaixado de luz laranja. Ela olhou para Maggie, acenou com a cabeça e, silenciosamente, ergueu a arma para a cabeça de Marty. Um pedaço grande de reboco soltou-se do teto e caiu sobre o piano. O ar quente e as chamas espalharam-se, criando um redemoinho de fumaça e cinzas no momento em que Maggie mirou no peito de Carra.

Mas havia fumaça demais na sala. Era quase impossível enxergar. O tempo passou lentamente. Ela manteve a mão o mais estável que conseguia e atirou em Carra no instante em que outro pedaço do teto caiu. Marty moveu-se para longe dele e entrou no caminho de Carra.

E quando o fez, a bala o atravessou, ele caiu de joelhos e desabou com força no chão.

* * *

Por um instante, Maggie ficou parada, incrédula. Ela atirara nele.

Por um instante, Carra olhou para Marty e, através da fumaça, para Maggie, incrédula. Ela atirara nele.

Carra virou-se para correr. Maggie atirou nela, mas errou.

Ela estava prestes a correr atrás de Carra quando ouviu passos correndo no segundo andar. Ela olhou para a escada e viu, atordoada, quando Wolfhagen saltou do degrau superior e caiu pelo ar cheio de fumaça.

As pernas cruzaram-se sob ele.

Ele estendeu os braços para os lados em busca de equilíbrio.

Em uma das mãos, ele tinha uma arma.

O cabelo branco dele ficava cada vez mais alaranjado à medida que

chegava mais perto do fogo.

Ele se encaminhava diretamente para o centro do piano, onde a tampa estava em chamas. Ela recuou quando ele caiu sobre o piano. A tampa quebrou, mas Wolfhagen estava invencível. Ele saltou para dentro da sala, ficou frente à frente com Maggie e ergueu a arma, que ela afastou usando a sua arma. Ela deu um soco forte no rosto dele com a mão livre e, em seguida, bateu a arma com força em sua bochecha esquerda.

Wolfhagen cambaleou para trás, mas ele era muito rápido. Atirou nela e errou. A sala estava cheia de fumaça e ele não conseguia enxergar. E nem ela. Com os olhos e os pulmões ardendo, ela apontou a arma para onde achava que ele estava e atirou. Ficou escutando, mas não o ouviu caindo. Em vez disso, ela o ouviu correr em direção à porta do outro lado da sala. Era onde estava a liberdade. Ambos sabiam disso.

Mas ela não permitiria que ele saísse livre. A raiva a impulsionou. Na parte da frente da sala, o ar não estava tão pesado. Havia uma brisa leve e o som do trânsito que se misturava com o som das chamas. E Maggie se deu conta de que Carra Wolfhagen fugira, deixando a porta aberta.

Maggie correu mais depressa e começou a distinguir Wolfhagen. Ele olhou por sobre o ombro esquerdo para ver a que distância ela estava. O rosto dele apareceu inteiro — aquele rosto que ela odiava tanto. Ele respirava pesadamente, ofegando como o animal que era, os dentes irregulares aparecendo por entre um sorriso de triunfo. Ele sabia que conseguiria, ela podia sentir. Maggie contornou uma das mesas no centro da sala, ergueu a arma e mirou.

Ela ouviu Mark dizer algo às suas costas, algo sobre a fumaça. Mas ele não era seu foco. Essa era a chance dela. Ela tinha que matar Wolfhagen. Ele avançou e virou-se, indo em direção a ela novamente. — Amo o seu rosto — disse ele.

— Amo o seu mais.

Quando ela atirou, a cabeça dele explodiu. Mas ela correu tão depressa que passou no momento da explosão. Ela sentiu sangue, pedaços de cérebro e de ossos batendo em seu rosto. Ele caiu e ela saltou sobre o corpo caído. Um olhar foi o suficiente para confirmar o que ela queria saber. Ele estava morto.

Finalmente, ela se livrara dele.

* * *

Mas, e Marty?

Ela limpou os restos mortais de Wolfhagen do rosto e correu de volta para a sala. Ela gritou para Jennifer para que saísse e levasse Mark. Ela podia ver Marty iluminado pelo brilho do fogo no outro extremo da sala. Próximo a ele, o piano estalava. Marty estava amontoado no chão. O fogo se espalhava depressa, muito depressa. Se ela não se apressasse, o segundo andar desmoronaria sobre eles ou a fumaça os mataria sufocados.

Ela parou ao lado de Marty, puxou-o para longe do calor e viu que a bala o acertara no peito. Ele não estava se mexendo nem respirando. Maggie podia ouvir Jennifer empurrando a cadeira de Mark à frente. Eles estavam tossindo. Ela gritou para Jennifer pedindo que chamasse uma ambulância.

Com um ferimento no peito, ela sabia que o procedimento de ressuscitação tinha que ser diferente. Ela baixou a boca até a dele, cobriu o ferimento com a palma da mão e forçou o ar para dentro dos pulmões, enquanto as palavras de Roberta rolavam em sua mente: *Você vai atirar nele, meu amigo vai morrer e não há nada que eu possa fazer para impedir que isso aconteça*.

Mas era possível trazer os mortos de volta.

Aplicando mais pressão sobre o ferimento e ciente dos sons de sirenes se aproximando, Maggie falou com Marty entre os sopros. Ela sabia que ele estava morto, mas não podia parar. Ela soprou ar para dentro dos pulmões dele, vendo o sangue saindo pelo peito a cada vez que soprava.

E ela se deu conta de que os pulmões dele estavam se enchendo de sangue. Ele estava se afogando.

Antes de cada sopro, ela falou com ele.

— Não morra — disse ela em voz alta. — Volte. Eu sei que consegue me ver. Jennifer está em segurança. Você não precisa ir embora. Volte.

Em torno dela, as paredes começaram a ceder. Pedaços do teto cederam e caíram no chão, enquanto o fogo no segundo andar começou a se revelar e descer pela escada. Jennifer e Mark estavam na porta. Eles pararam para olhar para dentro e, então, Jennifer começou a correr em direção a Marty.

— Vá! — disse Maggie. — Tire-o daqui. Não volte, não terá uma segunda chance se voltar. Marty está bem, Jennifer. Vou tirá-lo daqui agora. Espere-nos do outro lado da rua, na calçada.

Relutantemente, Jennifer parou.

— Venha conosco, Maggie.

Era Mark. Ela o encontrara e agora tinha certeza de que o perderia novamente. O prédio estava prestes a desmoronar. Ela sabia disso, podia senti-lo. Ela precisou de todas as forças para dizer: — Vá, estaremos logo atrás de vocês. Eu prometo.

— Eu amo você — disse ele.

— Também amo você.

Eles saíram.

Ela soprou mais uma vez na boca de Marty, mas não estava funcionando. Ela aumentou a pressão sobre o ferimento e, para seu desespero, deu-se conta de que estava chorando. Em torno deles, os pedaços do teto continuavam a cair. A casa estava estremecendo, enfraquecendo. As paredes estavam em chamas. O calor era intenso. Ela inclinou-se sobre ele e segurou o rosto dele entre as mãos, sacudindo-o de leve. — Volte!

A polícia, o corpo de bombeiros e a equipe da emergência entraram no prédio. Maggie olhou para eles enquanto corriam na direção dela. Ela virou-se para Marty. — Você não vai morrer — disse ela. — Suas filhas precisam de você. Você me ouviu? Suas filhas precisam de você. Não pode fazer isso com as garotas.

E então, apesar da fumaça que a envolvia, ela pressionou a bochecha com a cicatriz contra o chão quente, encheu os pulmões com ar limpo e soprou a vida que ainda restava dentro de si diretamente para os pulmões dele.

EPÍLOGO

SEIS MESES DEPOIS

AMSTERDÃ

Sentindo cheiro de *canabis*, e um pouco alto por causa dele, Vincent Spocatti saiu do Speak Easy Coffeeshop em Oudebrugsteeg, onde a maconha era fumada tão livremente quanto coavam café, e pegou a direita na Warmoesstraat, uma rua estreita cujas origens remontavam ao século XIII.

Como tal, ele estava envolvido por uma colmeia bizarra do velho e do novo. Era uma rua popular e, agora, prestes a anoitecer, estava lotada de pessoas que caminhavam juntas, conversando alto. Ele as escutou ao passarem — uma cacofonia de vozes em holandês erguendo-se no sotaque de cadência animada.

Ele adorava esse lugar.

Era fevereiro, ele estava agasalhado por causa do frio, tinha uma arma carregada no bolso e seus dois alvos caminhavam à frente.

Um deles era um banqueiro internacional, perto dos sessenta anos, e o outro era sua amante estrangeira, perto dos trinta. Em sua casa nos Estados Unidos, a esposa americana do banqueiro queria que eles estivessem mortos até o fim da noite.

Ele podia sentir o cheiro do rio Amstel à distância e ouvir o ruído familiar da estrada de ferro central. Quando um trem passava, fazia as ruas tremerem. E, no bolso, ele sentiu uma vibração de outro tipo — o celular.

Ele pegou o telefone, viu que era um e-mail que chegara e o abriu, vendo uma fotografia de Carmen, que estava em Bora Bora descansando em uma cabana à beira do Pacífico. Ela estava em um deque, usando um biquíni e com aparência bronzeada e bela. Abaixo da foto, havia algumas palavras: "O paraíso está no fim. Novo trabalho amanhã. É grande. Talvez eu entre em contato com você".

Ele desligou o telefone e olhou à frente, onde seus alvos estavam caminhando de braços dados, a cabeça dela recostada no ombro dele. Ela era loira e bonita, com uma compleição suave, em um tom quase cor-de-rosa por

causa do ar gelado. Ele a ouviu rir e, quando ela virou a cabeça para sussurrar algo no ouvido do homem, ele viu como ela era delicada e como a curva do maxilar era suave.

Ele tinha ordens de tirar uma foto do rosto dela depois que a explodisse.

Carmen.

A última vez em que a vira fora em Nova Iorque, quando decidiram que não seriam feitos de bobos e viraram a mesa no caso com Carra Wolfhagen e Ira Lasker, ao relevarem que tinham mentido a eles e os colocaram em risco. E, por diversão, encontraram cordas, colocaram-nas em volta do pescoço deles e os penduraram acima do bar.

Wolfhagen e a repórter se juntaram a eles.

Quando os deixaram para trás, contorcendo-se, arquejando e engasgando ao lutar para ficarem conscientes, houve um sentimento de redenção. Talvez eles sobrevivessem, talvez morressem. Ele e Carmen não se importavam. O que importava era que Carra e Ira tinham tempo suficiente naquelas cordas para saber por que estava pendurados. Eles pensariam em seus erros e desejariam ter sido honestos desde o início.

Mais tarde, Spocatti lera no Times como a cena se desenrolara. Carra Wolfhagen fora capturada pela polícia quando fugira do prédio e correra pela rua. No dia seguinte, Mark Andrews identificara Carra e Lasker como os mentores intelectuais da armação contra Wolfhagen. Ela estava presa. Spocatti lera que Lasker morrera no incêndio, assim como Wolfhagen, que queimara tão profundamente que não pudera ser reconhecido e seus restos mortais foram reconhecidos pela dentadura irregular. No fim das contas, um bom final que ensinara a ele e a Carmen lições valiosas, ao mesmo tempo em que embolsaram milhões.

O dia transformava-se em noite. As vitrines iluminavam as calçadas de pedra. Acima delas, as luzes dos postes piscaram e criaram cones de luz âmbar. Ele terminaria o trabalho naquela noite, provavelmente invadindo o apartamento deles e pegando-os de surpresa, e voltaria para a cidade de Nova Iorque, onde outro trabalho o esperava.

Dois anos antes, ele se envolvera em um golpe para derrubar o bilionário George Redman e a família dele, entre outros. Como as coisas não tinham saído como o planejado, Spocatti estava sendo chamado de volta para terminar o trabalho, graças a uma cláusula do testamento do homem. Ele estava tão intrigado com a situação que concordara imediatamente em aceitar o trabalho.

Ele terminaria o que precisava ser terminado e, na ausência do ego de um homem e sua incapacidade de ouvir, ele estaria livre para matar de formas eficientes, precisas e, se tivesse vontade, provavelmente criativas.

* * *

NOVA IORQUE

A gata, Baby Jane, caminhou por sobre as teclas do piano, tocando sua própria música.

Ela parou no meio do teclado, esticou a pata e pressionou uma das teclas. Curiosa, ela repetiu o gesto, dessa vez com mais firmeza. E então, encantada pelo fato de ter o dom da música, ela ergueu-se nas patas traseiras e jogou-se com força, em uma erupção de sons.

Maggie Cain entrou na sala e pegou a gata com uma das mãos. — Você não é Chopin — disse ela. — Mas tem a agressividade de um Rachmaninoff jovem. Mas faça-me um favor e exercite-se mais tarde, quando eu não estiver escrevendo. — Ela fez um carinho no queixo da gata. — Certo?

Inabalada, a gata contorceu-se e saiu do braço de Maggie, correndo até a janela. Saltou sobre a soleira e olhou para a neve que caía do lado de fora. Nova Iorque estava no meio de uma nevasca. A previsão era de quarenta e cinco centímetros de neve. Quando Maggie aproximou-se por trás da gata e olhou para a rua lá fora, sabia que seria mais, pois a neve já tinha chegado àquela altura. Mas ela não se importava. No momento, tudo para ela era brilhante, branco e totalmente novo.

Ela voltou ao escritório e olhou para as palavras no monitor do computador. Seu novo romance, um suspense, estava quase terminado. Ela nunca tentara o gênero antes, mas, dado o que vivera há seis meses, sentira-se qualificada para tentar. E estava gostando. Mais três capítulos, duas revisões para refinar o texto, e poderia enviá-lo para seu agente, Matt, que a encorajara a escrevê-lo.

O telefone tocou. Ela olhou para o mostrador e viu que era Mark. Ela pesou se queria ser interrompida por ele e decidiu que não. Deixou que ele deslizasse para o mundo cinzento do correio de voz e esperou que ele deixasse um recado.

— Sou eu — disse ele. — Está a fim de companhia? Eu posso pegar um táxi, parar no mercado e comprar os ingredientes para fazermos sopa de tomate com manjericão e alho. Retorne logo o telefonema, sei que provavelmente está escrevendo e não comeu nada. A sopa vai lhe fazer bem.

Ele desligou e ela olhou novamente para a tela. Ela tentou se concentrar, mas era difícil. Ele estava fazendo todos os esforços para ganhá-la de volta. O

que ainda a surpreendia era que ele tivesse que tentar. Se alguém tivesse dito, na noite em que ela o encontrara vivo naquela casa segura, de que não era certo que eles ficassem juntos novamente, ela teria rido.

Mas, então, Mark fora ao funeral de Wolfhagen, e uma parte dela o vira sob uma luz diferente. Independentemente do que Wolfhagen fizera a ela e a milhões de pessoas cujas vidas financeiras ele arruinara na queda do mercado de ações que ajudara a criar, Mark ainda reverenciava o homem. E isso ela não conseguia aceitar nem entender.

Quando ela o confrontou, ele desconversou, pois Wolfhagen significara muito para ele, ensinara o que ele sabia hoje. Ele o perdoara pelo que fizera no passado. E ela também deveria perdoá-lo. Afinal de contas, ele cumprira sua pena e não era responsável por nada que Carra e Ira fizeram. Seria saudável deixar isso para trás.

Mas, para Maggie, esse não era o caso. A cicatriz dela não era emocional, era física. E como Mark podia desconsiderar o fato de que Wolfhagen tentara atirar nela?

Ela se afastara de Mark nessa época. Meses se passaram sem uma palavra. Há duas semanas, ele telefonara com um pedido de desculpas, perguntando se podiam tentar resolver o assunto. Ele dissera que a amava, que sentia saudades, que queria que ficassem juntos. Mas, apesar do fato de que uma parte dela ainda o amava, outra parte ficava imaginando se era a pessoa certa para ele. Sem saber, ela criara muros e ainda não concordara em vê-lo.

Palavras na tela. Ela as leu novamente e adicionou uma frase. Ele estava forçando a barra com aquela sopa. Sabia que era a favorita dela. E o clima era perfeito. Ela digitou uma linha de diálogo, fez uma careta ao lê-la e apagou-a. Palavras na tela. Ela ficou olhando para elas por tanto tempo que ficaram fora de foco. Por um momento, pareceram fantasmas.

E então ela soube exatamente com quem falar.

Ela pegou o telefone e, apoiando-o no ombro, abriu o navegador, procurou um número e discou. Dada a nuvem pesada que caía, ficou surpresa quando a chamada foi atendida.

— Tarot Cafe.

— Roberta?

— Lotta.

— A Roberta está?

— Ela está em um transe.

— Ah. É falta de educação interrompê-la?

— Depende do que ela está vendo. Espere um pouco, deixe-me ler o rosto dela.

Maggie esperou.

— Estou vendo uma escuridão.

— Talvez seja melhor interrompê-la.

— É importante?

— Muito importante.

— Espere um pouco.

Um momento depois, Roberta atendeu o telefone. E quando o fez, a voz dela estava reduzida a um sussurro. — É você?

— Como?

— É você. Por que está me telefonando? Você fez a travessia? Você deve ter atravessado. Mas por quê? Você não deveria, só amanhã às seis.

— Roberta, é a Maggie Cain.

— Quem?

— É a Maggie.

— Maggie? Por que diabos não me disse que era você? Pensei que fosse... outra pessoa. O que foi, querida?

— Posso perguntar uma coisa?

— Uma pergunta! Muito bem, estava na hora. A descrente agora acredita!

Maggie riu. — Isso mesmo.

— Qual é a pergunta?

— Isso vai soar ridículo.

— Todos dizem isso.

Ela sentiu-se como uma idiota. — Quero saber se devo ficar com Mark Andrews.

E, quando Roberta falou, ela mudou o curso da vida de Maggie. — Não — disse ela gentilmente. — Mark não é o cara para você, querida. Não está nas cartas. Eu vi quando você veio me visitar há dois meses. Vi algo mais em seu futuro. Outra pessoa. Não era Mark.

— E quem era?

— A pessoa certa — disse ela. — Dê um tempo. Espere até o verão. Então, venha aqui e me apresente ao homem com quem se casará. Já nos conhecemos em outro plano, mas quero conhecê-lo pessoalmente.

* * *

LAS VEGAS

Jennifer Barnes colocou vinte dólares na máquina, estalou os dedos e apertou o botão que dizia "Aposta máxima". Quatro cartas apareceram na tela. Ela estava no Wynn jogando uma versão agressiva de vinte e um. Ela tinha um martíni em uma das mãos e um cigarro acesso entre os dentes.

O jogo era agressivo porque ela estava perdendo, e muito. Esses vinte foram o fim para ela, o que ela dissera a si mesma cerca de duzentos dólares atrás. Mas realmente era o fim agora. Ela jurou para si mesma que, se não ganhasse naquela hora, desistiria.

Quando as cartas se revelaram, ela sorriu.

No lado esquerdo da tela, estava a mão dela: um ás e um oito, que somava dezenove. No lado direito da tela, estava metade da mão do computador: um quatro. A outra carta ainda estava oculta. Mas, com um quatro, as chances estavam a favor dela.

Só havia um jeito de jogar. Ela manteve o dezenove, apertou um botão, tomou um gole do martíni e ficou olhando. A carta escondida do computador era um sete, o que dava onze pontos. As entranhas dela se reviraram quando a próxima carta foi revelada, uma dama, o que totalizava vinte e um pontos. E isso significava que ela perdera novamente.

Máquina filha da puta.

Ela acabou o martíni, apagou o cigarro, olhou para o relógio e viu que já passavam das duas, apesar de o cassino ainda estar cheio. Ela caminhou pelo ar perfumado, sentiu vontade de jogar alguma outra coisa ao passar pelas máquinas atraentes com sons convidativos, mas manteve seu curso. Para ela, a noite terminara. Ela atravessou o salão, mostrou a chave do quarto para o segurança ao passar em direção aos elevadores à esquerda, e subiu até uma das coberturas.

Jennifer entrou no quarto e, olhando para a parede de janelas do lado oposto, ficou novamente maravilhada com a vista. Era linda.

À direita das janelas estava Marty. Ele estava sentado em frente a uma mesa, com o rosto banhado pela luz do notebook, e olhou para ela quando entrou. — Ganhou bastante, garota?

— Você é engraçadinho.

— Perdeu bastante, garota?

— Pode-se dizer que sim. E presumo que tenha assistido "Casablanca" enquanto eu estava fora.

Ele começou a digitar. — Acabou de sair em Blu-ray. Está incrível. Enquanto você estava jogando dinheiro aos pés de Steve Wynn, era só eu e Bogie.

— E como vai a crítica?

— Na verdade, já passei para Hamlet.

— É onde morre todo mundo?

— É o que geralmente acontece com Shakespeare.

Ela caminhou até ficar atrás dele e colocou os braços em torno de seu peito. — E eu aqui achando que você estaria escrevendo sobre filmes alegres com finais felizes, nem que fosse para equilibrar o ano que tivemos. — Ela inclinou-se para olhar para a tela. — Que versão do filme está revisando?

— A de Gibson. Também saiu em Blu-ray.

— Nesse caso, fico feliz que Hamlet morra.

— Estou em conflito.

— Ora, vamos.

— O homem nos deu "Mad Max".

— Está se esquecendo de "Um Novo Despertar"?

— Para cada "Novo Despertar", há uma "Máquina Mortífera".

— Parece a boca dele.

Ela tirou a camiseta e caminhou até o *closet*. Olhou por sobre o ombro e ficou imaginando se ele precisava de uma distração. Ele estava saudável novamente. Nos meses que se passaram desde que Maggie Cain acidentalmente atirara nele, ele se recuperara totalmente, mas ainda não pegara nenhum trabalho, apesar de ter recebido várias ofertas. Nesse meio tempo, Jennifer tirara uma licença do trabalho, para o qual retornaria em algumas semanas. Por algum tempo, essas seriam as últimas férias deles. Ambos sabiam que precisavam voltar ao trabalho ou nunca deixariam o passado para trás.

Mas estariam prontos para o trabalho? Ela achava que ele estava pronto, mas não tinha certeza quanto a si mesma. Quando os explosivos arrasaram com dois quarteirões na 77, ela agarrara Hines e implorara que ele lhe dissesse o que Marty não quisera: que ele estava indo para uma casa segura no lado oeste da cidade porque havia uma chance de que Mark Andrews estivesse vivo.

Convencida de que esse era o núcleo da história, ela deixara a cena com a sensação de que estava trocando um pesadelo por outro. Seis meses tinham se passado e ela ainda não conseguia esquecer aquela noite, o que aquele homem e aquela mulher fizeram com ela e que ela quase perdera Marty.

Mas ela tinha que tentar.

Ela entrou no *closet* e abriu uma das gavetas. Encontrou algo transparente e sexy e vestiu-se. Movendo-se rapidamente para que ele não pudesse vê-la, ela entrou no banheiro, penteou os cabelos, escovou os dentes, pegou um vidro de perfume, borrifou-o no ar e andou sob a névoa.

Jennifer saiu do banheiro e olhou para Marty. Ela o amava. Melhor ainda, ela estava casada com ele. Sem barulho, somente uma corrida rápida até o salão

de casamento do Wynn. Quando ele a pedira em casamento no avião, dera a ela um solitário com um diamante de quatro quilates e disse que ela significava tudo na vida dele. No dia seguinte, na Cartier, eles compraram as alianças. E, em algumas horas, era oficial. Ela era Jennifer Spellman. Para sua surpresa, quando ele contara para as garotas, Gloria mandara flores e um bilhete para Jennifer. "Jantar marcado para quando vocês voltarem. As garotas estão ansiosas para conhecer você. E Jack também. Somos uma família agora. Prepare-se!"

O telefone tocou.

Marty olhou para ela e seus olhos se arregalaram quando viu o que estava vestindo. — Diga-me que não preciso atender.

— Você provavelmente deveria — disse ela. — Já passou de onze horas em Nova Iorque. Pode ser algum problema com uma das meninas.

Aquilo o fez pegar o telefone. — Alô?

— Marty Spellman?

Era a voz de uma mulher. Ele olhou para Jennifer. — Quem é?

— Preciso de sua ajuda.

— Como conseguiu esse número?

Jennifer andou até ele.

— Sua ex-mulher, Gloria, me deu o telefone. Somos amigas e ela disse que eu deveria telefonar para você. Eu sei que é tarde, mas estou com um problema e não sabia mais onde procurar ajuda. Sei que você é o melhor.

— Quem é você? — ele perguntou novamente.

— Leana Redman.

— A filha de George Redman.

— Pode-se dizer que sim.

— Qual é o problema?

Ela começou a falar e Marty fechou os olhos enquanto escutava. Apesar de não conhecê-la, subitamente ele ficou com medo por ela.

— Voltarei para Nova Iorque em dois dias — disse ele.

— Podemos nos encontrar?

Eles combinaram um horário, ele disse a ela para que telefonasse se algo mudasse e desligou.

Jennifer estava parada ao lado dele.

— Era a Leana Redman — disse ele.

— Ela está bem?

— Nem um pouco.

— Há alguns anos, fiz a cobertura do que aconteceu com ela e com a família dela. O que aconteceu foi terrível.

As palavras de Leana soavam na mente dele. Ele já estava pensando em

como a tiraria daquela situação. Considerando com quem estavam lidando, ele não tinha certeza de que conseguiria.

— Dessa vez é pior.

####

Livros de Christopher Smith
no Kindle

Quinta Avenida (Livro Um da Série Quinta Avenida)
Corrida de Touros (Livro Dois da Série Quinta Avenida)
De Manhattan, com Amor (Novela Três da Série Quinta Avenida)
Coleção da Série Quinta Avenida
Coleção da Série The Bullied
From Manhattan with Revenge (Livro Quatro da Série Quinta Avenida, em tradução)
A Rush to Violence (Livro Cinco da Série Quinta Avenida)
You Only Die Twice

Obrigado por comprar e ler "Corrida de Touros". Espero que tenha gostado!

Se tiver comentários ou sugestões, entre em contato comigo em **ChristopherSmithBooks**.

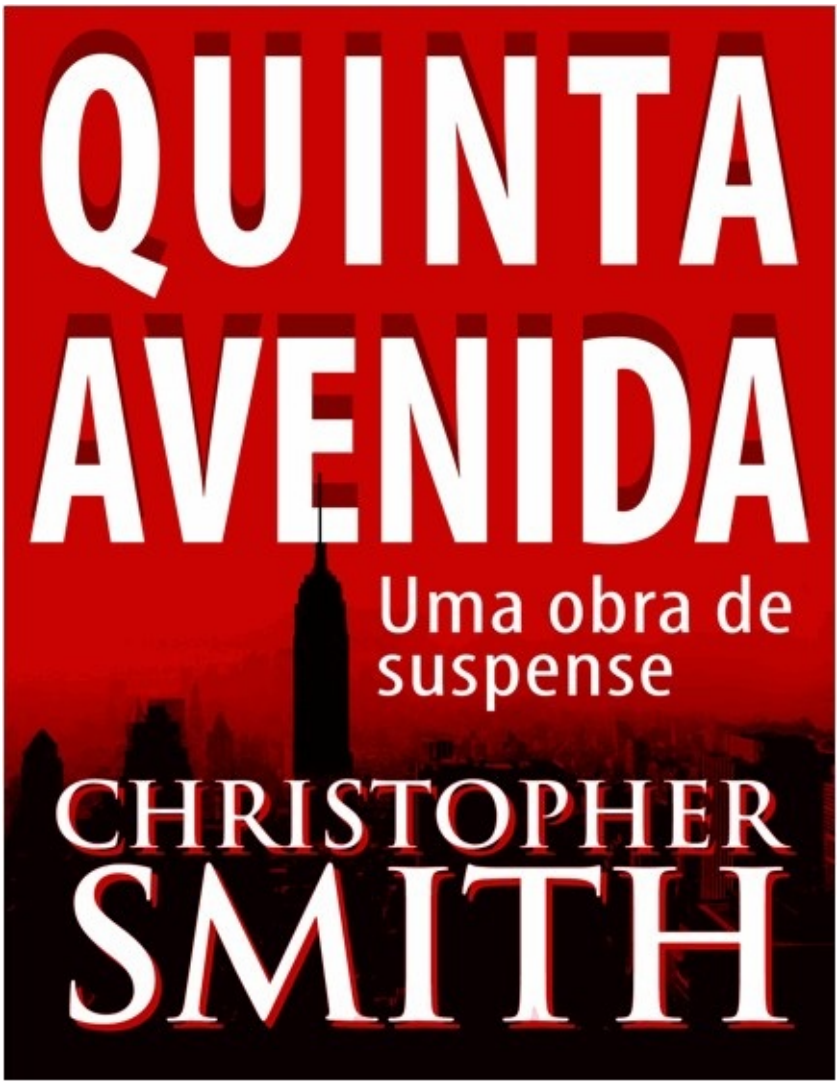
Siga-me no Twitter, **@CSmithBooks**

Participe da minha página de fãs no Facebook **aqui**.

Abaixo, estão oito capítulos de "Quinta Avenida", *best-seller* por sete meses. Esse é o primeiro a apresentar Vincent Spocatti. O livro pode ser encontrado no Kindle na Amazon.

Obrigado novamente.

Christopher


QUINTA AVENIDA
Uma obra de suspense
CHRISTOPHER SMITH

QUINTA AVENIDA

LIVRO 1
SEMANA 1

CAPÍTULO 1

Julho
Cidade de Nova Iorque

As bombas, colocadas bem acima da Quinta Avenida, no telhado do prédio da Redman International, explodiriam em cinco minutos.

Agora, com as paredes espelhadas de vidro, refletindo o tráfego intenso do fim da manhã na Quinta Avenida, o prédio em si parecia vivo com a movimentação.

Em um andaime no meio do prédio, homens e mulheres estavam pendurando a enorme fita de veludo vermelho que logo cobriria dezesseis dos setenta e nove andares do Redman International. Bem acima, no teto, uma equipe de iluminação colocava dez holofotes em posição. E, na parte de dentro, cinquenta decoradores habilidosos transformavam o saguão em um salão festivo.

Celina Redman, responsável pela organização do evento, estava parada em frente ao prédio com os braços cruzados. Muitas pessoas passavam por ela na calçada, algumas olhando para cima, para a fita vermelha, outras parando para olhar com surpresa para ela. Ela tentou ignorá-las, tentou concentrar-se em seu trabalho e misturar-se com a multidão, mas era difícil. Naquela manhã, seu rosto e esse prédio apareceram na primeira página de todos os principais jornais de Nova Iorque.

Ela admirou o prédio à sua frente.

Localizado na esquina das ruas Cinquenta e Quarenta e Nove, o prédio Redman International era o produto de trinta e um anos da vida de seu pai. Fundado quando George Redman tinha vinte e seis anos, o Redman International estava entre os principais conglomerados do mundo. Ele incluía uma empresa aérea comercial, complexos de escritórios e condomínios, fábricas têxteis e de

aço e, em breve, a WestTex Incorporated, uma das maiores empresas transportadoras do país. Com esse prédio na Quinta Avenida, tudo o que havia no caminho de George Redman era o futuro. E, pelas aparências, ele era tão brilhante quanto os diamantes que Celina escolhera para usar naquela noite.

— Os holofotes estão prontos, Srta. Redman.

Celina virou-se e encarou Hal Roberts, membro da equipe de iluminação. Mais tarde, naquela noite, os holofotes iluminariam a fita vermelha. — Vamos testá-los.

O homem pegou o celular preso no cinto. Enquanto ele dava o sinal verde para os homens no telhado, Celina olhou para a lista na prancheta e ficou imaginando como conseguiria terminar tudo a tempo para a festa.

Mas ela conseguiria. Durante toda sua vida, fora treinada pelo pai para trabalhar sob pressão. Hoje era só mais um desafio.

Hal acenou para ela com a cabeça. — A qualquer momento agora — disse ele.

Celina colocou a prancheta sob o braço e olhou para o telhado. Ela estava pensando que, a essa distância, nunca veria se tinham funcionado quando três dos dez holofotes explodiram em chamas.

Por um momento, ela não pôde se mover.

Milhares de fragmentos de vidro voaram em sua direção, brilhando ao sol.

Ela podia ver uma grande nuvem de fumaça preta subindo acima do prédio.

E fogo, rugindo, torcendo-se em direção ao céu.

E um dos holofotes virou no ar, voando em direção a ela e ao chão.

Uma mão puxou-a para a segurança no momento em que o holofote passou por ela e bateu contra a calçada, onde rachou o cimento e explodiu em uma chuva de fagulhas vermelhas. Por um momento, tudo ficou em silêncio e, logo em seguida, o vidro despedaçou-se em uma cascata ensurdecedora de som.

Ela estava pressionada contra o prédio, congelada de medo ao observar o tráfego na Quinta Avenida desviar-se para a direita, afastando-se do holofote caído, e parar com um guinchar. Não havia nada além do som do metal contra o metal, das buzinas dos carros e dos gritos aterrorizados dos pedestres, alguns dos quais tinham sofrido cortes por causa do vidro que caíra.

Hal estava na rua, olhando para o telhado, gritando alguma coisa no celular. O rosto estava vermelho. Os tendões sobressaíam-se no pescoço. Havia tanto barulho que Celina não conseguia ouvir o que ele dizia. Ela deu um passo hesitante à frente, em direção ao holofote despedaçado, e soube exatamente o que ele estava dizendo: os homens no telhado estavam feridos.

Ela correu para o saguão, passou pela cachoeira e entrou no elevador privativo de seu pai.

O prédio era alto demais. O elevador era muito lento. Não importava a velocidade com que ela subisse, não era rápido o suficiente.

Finalmente, as portas se abriram e ela saiu para o telhado.

As pessoas estavam correndo, gritando e empurrando. Algumas estavam imóveis de medo e descrença. Aqueles que estavam próximos dos holofotes quando eles explodiram estavam em silêncio por causa do choque ou gritando de dor por causa das queimaduras que assolavam seus corpos.

Ela moveu-se à frente e quase foi atropelada por alguém que corria procurando ajuda. Observou o homem passar, os lábios abrindo-se quando se deu conta de que o cabelo dele havia sido queimado.

Ela forçou-se a manter o foco, pois havia herdado a força do pai e foi para ela que apelou agora.

Através da fumaça que passava como mantos negros, ela podia ver os danos. Na beira do telhado, dois dos nove holofotes remanescentes estavam envoltos em chamas, os fios retorcidos no chão. Mark Rand, o homem responsável pela iluminação, estava parado perto dos holofotes gritando ordens e tentando recuperar o controle. Celina foi até ele. Apesar de não saber o que poderia fazer ou como poderia ajudar, ela não se perdoaria se não fizesse nada.

Rand apontou para um dos holofotes em chamas quando ela se aproximou. — Há um homem preso sob aquele holofote. Quando eles explodiram, ele caiu para trás e bateu a cabeça no concreto. Eu o chamei, mas ele não responde nem se move. Ele está inconsciente.

— Por que ninguém o está ajudando?

Mark apontou para a massa emaranhada de fios contorcidos. — Ninguém chega perto deles — disse ele. — É perigoso demais.

— Então desligue a energia.

— Não podemos — disse ele e apontou em direção ao gerador no lado oposto do telhado. Apesar de ainda estar funcionando, ele estava envolto em chamas. — Ele pode explodir a qualquer momento.

A mente de Celina disparou. Através da fumaça, ela conseguia ver o jovem deitado de bruços, os braços estirados, os fios rastejando a centímetros de seu corpo. Ela olhou em torno do telhado, procurando algo que pudesse ajudá-lo. Qualquer coisa.

E então ela o viu.

Ela conduziu Mark até o guindaste atrás deles.

— Esse é o guindaste que levantou os holofotes até aqui?

— Isso mesmo.

— Então use-o para livrar-se deles.

Mark olhou para os holofotes. Eles eram revestidos com uma camada

grossa de borracha para proteger contra batidas. Ela não conduziria eletricidade.

Ele entrou no guindaste.

Celina recuou e observou enquanto ele movia o enorme gancho de aço. O gancho balançou rapidamente através do ar cheio de fumaça, refletiu um breve raio de sol e pairou sobre um dos holofotes em chamas no que pareciam ter sido segundos. Foram necessárias várias tentativas antes que ele prendesse a ponta do revestimento do holofote. Mas, quando ele finalmente levantou o holofote no ar, um dos fios sibilando sob ele encostou no antebraço do homem caído, causando convulsões.

As mãos de Celina voaram para a boca. Ela observou a cabeça do homem arquear-se para trás em uma posição impossível. Reagindo instintivamente, ela correu à frente e ajoelhou-se ao lado dele, justamente no momento em que Mark Rand balançou o holofote sobre ela.

Com um safanão, ele puxou os controles para trás com força, levantando o holofote para longe de Celina com movimento brusco, fazendo com que ele saltasse e balançasse no gancho. Por um momento terrível, ele teve certeza de que o holofote se soltaria do gancho e cairia sobre ela. O holofote oscilou no ar, a poucos metros acima dela, cuspindo fumaça preta enquanto balançava no cabo de metal. Os fios arrebentaram embaixo dele e quase tocaram nas costas dela. Mas Mark conseguiu controlá-lo e movê-lo para longe dela até que os fios se soltaram e ele apagou.

Um membro da equipe de iluminação foi até Celina. Juntos, eles puxaram o jovem para a segurança. Celina ajoelhou-se sobre ele. O corpo do homem estava coberto de suor, a pele com cor de giz. Ela segurou-o pelos ombros e o sacudiu gentilmente. Ela notou o nome dele costurado no bolso da camisa jeans de trabalho e gritou-o uma, duas vezes, mas não houve resposta.

Ela pensou rapidamente. Fora treinada em ressuscitação cardiopulmonar, mas isso fora na escola, e agora lutava para tentar lembrar-se de como fazê-lo. Ela inclinou a cabeça dele para trás para liberar as vias respiratórias e rasgou a camisa, expondo o peito. Observou para ver se o peito se movia, mas não havia movimento algum. Encostou o ouvido no rosto dele para ver se ele respirava, mas não sentiu nada. Colocou a mão no pescoço dele para ver se havia alguma pulsação, mas não encontrou nada. Pressionou o ouvido contra o peito dele. Nada.

Por um momento, ela achou que seu coração havia parado.

Ele estava morto.

Imediatamente, ela cobriu a boca dele com a sua, tampou o nariz e forçou duas respirações rápidas nos pulmões. Ela verificou novamente o pulso, não o encontrou, e comprimiu o peito dele várias vezes, torcendo para se lembrar

exatamente quantas vezes devia fazê-lo. Ela parou depois da décima segunda e repetiu o procedimento. E depois novamente.

Mas o homem não respondeu.

Lutando para manter-se calma, Celina olhou para cima procurando ajuda quando o Corpo de Bombeiros da Cidade de Nova Iorque entrou no telhado, mangueiras e machados nas mãos. Ela virou-se para a direita e viu Mark saindo do guindaste. O último holofote fora removido e ele vinha em direção a ela. — Ficou maluca? — gritou ele. — Você podia ter morrido... — As palavras morreram na boca dele quando viu o homem deitado ao lado dela.

— Consiga ajuda — disse ela. — *Rápido!*

Ela inclinou-se novamente sobre o homem, pressionando o seu peito, novamente forçando ar para dentro dos pulmões dele.

Mas não houve resposta.

Com o pânico aumentando, o cabelo loiro na altura dos ombros sobre o rosto, ela repetiu o procedimento, sabendo que o tempo daquele homem estava acabando.

Mas seus esforços pareciam em vão. Por mais que tentasse revivê-lo, o homem continuava lá, imóvel.

E então ela agiu de forma desesperada.

Levantando os punhos sobre a cabeça, ela bateu contra o peito do homem, fazendo com que ele arqueasse o corpo levemente para cima. Ele expeliu um jato de ar. — Respire! — gritou ela.

Para a surpresa dela, ele respirou. Os olhos pestanejaram. A cor voltou às bochechas e ele tossiu e vomitou. Celina sentiu uma onda de alegria e virou-o de lado para que não sufocasse. Lágrimas escorriam pelo rosto dele enquanto ele respirava com dificuldade e arquejava. Celina segurou-o de lado. — Está tudo bem — disse ela. — Só respire. Você está em segurança agora. Está tudo bem.

Quando a paramédica chegou até eles, ela ajoelhou-se ao lado de Celina, limpou o vômito do rosto do homem e cobriu o nariz e a boca dele com uma máscara de oxigênio. Outra mulher apareceu e cobriu-o com um cobertor. Celina levantou-se e observou ao lado de Mark enquanto uma onda de alívio invadia o homem. Ele respirou fundo o ar limpo.

Para ele, o pesadelo terminara.

— Onde você aprendeu aquilo? — Mark perguntou.

O rosto de Celina estava pálido. — Minha companheira de quarto na faculdade tinha uma irmã que estudava enfermagem. Ela costumava nos ensinar coisas que nunca achei que usaria. Uma delas foi a ressuscitação cardiopulmonar.

— Não é tão inútil — disse ele.

Juntos, eles olharam para os holofotes que Mark removera. Apesar de não estarem mais queimando, o ar em torno deles estava denso com a fumaça.

— Por que eles explodiram? — perguntou ela.

Antes que Mark pudesse responder, um bombeiro aproximou-se e respondeu à pergunta dela. — Vou mostrar a vocês.

Ela trocou um olhar com Mark e caminhou até uma das luzes que queimara. Lá, eles observaram o homem puxar dois fios enegrecidos partidos do soquete agora vazio. — Estão vendo esses fios?

Eles assentiram.

— Eles não deveriam estar aqui. — Ele ajoelhou-se e pediu a Celina e Mark que fizessem o mesmo. Na parte de trás do holofote, ele apontou para um pequeno buraco onde o metal estava contorcido e rasgado. — Esse buraco também não deveria estar aí.

Celina preparou-se para o que viria a seguir e o tumulto que isso causaria.

— Só entre nós? — disse ele.

— Sim.

— Não está confirmado, mas é óbvio. Os holofotes foram adulterados e tinham explosivos plásticos. Quando a energia foi ligada, a eletricidade passou por esses dois fios e disparou as bombas.

— Quem plantaria três bombas aqui? — perguntou ela.

— É isso que você e a polícia terão que descobrir.

CAPÍTULO 2

George Redman saiu da limusine e caminhou para a frente do prédio Redman International quando os repórteres o cercaram.

Ele abriu caminho pela multidão e tentou ignorar as câmeras e microfones que estavam sendo empurrados contra seu rosto. Seu mundo estava nas duas portas de vidro à frente. Ele não diria nada até que falasse com Celina, mas isso não detinha a imprensa nem a cacofonia de vozes.

— Pode nos dar uma declaração?

— Você acha que isso tem a ver com seus planos de assumir a WestTex? Com a queda recente das ações da Redman International?

— Quem foi responsável por isso, Sr. Redman?

George olhou para o repórter que fizera aquela pergunta e continuou caminhando, pensando que aquela fora a melhor pergunta até o momento. *Quem foi responsável por isso?*

Celina o esperava além das portas e, quando George a abraçou, ele pensou que a sensação de segurá-la nunca fora tão boa.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou bem. — Conhecendo o pai tão bem como ela o conhecia, Celina disse: — De verdade. Estou bem.

— O que aconteceu?

Celina explicou tudo. Quando contou a ele sobre o homem preso atrás do holofote, ela ergueu as mãos em um pedido de desculpas. — Eu tentei esconder da imprensa o que aconteceu com ele, mas foi impossível. Os repórteres ouviram a história antes que eu pudesse fazer alguma coisa.

— Não se preocupe com isso — disse George. — Não foi sua culpa. No mínimo, deviam estar lhe dando os parabéns por ter salvado a vida daquele homem. Alguém mais se feriu?

Ela contou a ele sobre os homens que haviam sofrido queimaduras.

— Então, enfrentaremos processos.

— Não necessariamente — disse Celina. — Pedi a Kate e Jim, de RP, que conversassem com as famílias daqueles que foram feridos. Se tudo der certo, cada uma das esposas estará dirigindo um Lexus antes do fim da semana, os filhos estarão com a universidade paga, o dinheiro estará nas contas bancárias

deles, e teremos documentos assinados indicando que cada uma das famílias desistiu de todos os direitos de nos processar.

Alguma coisa captou seu olhar e ela se virou. George seguiu o olhar dela. Do outro lado do saguão, três homens com roupas amarelas entraram em um dos elevadores com dois cachorros grandes. — Esquadrão antibombas — disse Celina. — Eles chegaram logo depois da polícia e dos bombeiros.

— Por quanto tempo ficarão aqui?

Ela olhou para o relógio. — Há uma equipe inteira aqui — disse ela. — Eles já cobriram os primeiros dezoito andares. Com a ajuda daqueles cachorros, não me surpreenderia se saíssem daqui a algumas horas, dando-nos tempo para fazer uma declaração final à imprensa e preparações de última hora para a festa.

— Se alguém aparecer — disse George.

— Eles virão — disse ela. — Nem que seja porque pagaram dez mil por casal, eles virão. Além disso, quando foi que alguma das festas de Mamãe fracassou?

George ergueu a sobrancelha. Ela tinha razão.

Eles foram até o bar.

— Então, quem fez isso? — Celina perguntou.

— Não faço ideia. Estive revirando o cérebro desde que recebi seu telefonema.

— Eu telefonei para a empresa que forneceu os holofotes e me disseram que cada uma das luzes foi inspecionada antes da entrega. Se isso for verdade, e não estou dizendo que é, então isso só pode significar que alguém aqui plantou as bombas.

— A polícia interrogou a equipe de iluminação?

— Eles estão sendo interrogados agora, mas o que não consigo entender é por que uma bomba mais poderosa não foi usada. As três que explodiram eram explosivos de baixo impacto. Elas foram projetadas para causar danos pequenos.

— Estive pensando a mesma coisa.

— Então, o que foi isso?

George deu de ombros. — Quem sabe? Talvez alguém deteste o design de nosso prédio.

De alguma forma, o pai dela sempre dava um jeito de manter o senso de humor, mesmo em situações tão difíceis como essa. — E o que diz o RRK?

— Se eles estavam nervosos sobre nos apoiarem antes, agora devem estar aterrorizados.

Roberts, Richards e Kravis, mais conhecido como RRK, era o grupo de investimentos que George contratava para ajudar a financiar a aquisição da WestTex Incorporated. Apesar de ter a administração, sem os cofres com 3,75

bilhões de dólares do RRK, suas habilidades e os bancos que o grupo tinha na mão, ele não conseguiria fechar o negócio por conta própria.

— Não ouvi uma palavra — disse ele. — Mas tenho certeza de que ouvirei essa noite. Essa provavelmente é a desculpa que Frank Richards estava esperando. Ele nunca foi a favor dessa aquisição. Se ele achar que alguém plantou aquelas bombas para fazer uma manifestação sobre a queda em nossas ações, ou para protestar contra nosso interesse na WestTex, ele não pensará duas vezes antes de cair fora, não importa o trato que tenhamos com ele.

Celina sabia que isso era verdade. Apesar de outros bancos de grupos de investimentos estarem dispostos a assumir o risco que o pai dela estava oferecendo, poucos eram tão experientes quanto o RRK quando se tratava de participações acionárias alavancadas.

— Viu sua irmã hoje? — perguntou ele. — Sua mãe a estava procurando para ajudá-la a preparar-se para a festa.

— E Mamãe achou que ela apareceria? — Celina inclinou a cabeça. — Leana provavelmente nem sabe o que aconteceu aqui hoje.

— Preciso ligar para sua mãe — disse ele. — Ela me fez prometer que telefonaria assim que soubesse de alguma coisa. Se vir Leana, avise que sua mãe precisa dela.

Apesar de saber que só veria Leana mais tarde naquela noite, Celina concordou e seguiu o pai até a porta.

A imprensa estava aguardando, câmeras e microfones erguidos. — Você pode usar uma das entradas laterais — disse ela.

— E perder o apoio deles no momento em que mais preciso dele? Esqueça.

E ele se foi, atravessou a porta, foi cercado por repórteres e finalmente respondeu a todas as perguntas que podia. Celina o observou por um momento, ouviu a gritaria alucinada da multidão, mas afastou-se e retomou seu trabalho. Havia ainda muito a fazer antes da festa.

* * *

O sol estava começando a se pôr atrás do horizonte recortado de Manhattan quando Leana Redman deixou a Washington Square.

Ela estivera no parque desde a manhã, lendo a última edição da *Vogue*, conversando com as pessoas que conhecia, observando as que não conhecia.

Agora, ao passar pela grande fonte vazia e se aproximar do arco branco, ela observou as crianças brincando com os pais, hesitou quando viu um pai girar a

filha pequena no ar, e continuou caminhando, sem notar o homem que tirava fotos suas.

O anoitecer começara a cair, mas o ar estava agradável e ela estava feliz por estar vestindo apenas uma bermuda e uma camiseta. Aos vinte e cinco anos, Leana Redman tinha cabelos pretos, longos e fartos, que, para seu desalento, ela herdara do pai. Apesar de não ser considerada tão bela quanto a irmã mais velha, havia algo nela que sempre fazia com que as pessoas olhassem duas vezes.

Ela saiu do parque e subiu a Quinta Avenida. As pessoas apinhavam as calçadas. Um grupo de cinco adolescentes passou por ela rapidamente em *skates*, gritando ao passarem pela multidão em um borrão colorido, vermelho e branco, com manchas verdes brilhantes.

Leana ergueu o rosto contra a brisa morna e tentou concentrar-se no problema à frente, a festa de hoje à noite. Ela planejara não ir até que sua mãe, sentindo que isso ia acontecer, exigisse sua presença. — Seu pai precisará de seu apoio.

A ironia quase fez com que Leana risse. *Ele nunca precisou antes*.

Há quatro horas, ela deveria ter encontrado Elizabeth na propriedade em Connecticut para ajudá-la com as preparações de última hora para a festa. Por que a mãe queria sua ajuda era algo que não entendia, especialmente porque ambas sabiam que Celina cuidaria de tudo. *Como ela sempre faz.*

Ela parou em uma banca de jornais movimentada. Um homem moveu-se a seu lado. Leana olhou para ele de relance. Alto e com cabelos escuros, o rosto magro e angular. Ele usava uma jaqueta preta de couro, quente demais para a estação, que deixava exposto o peito largo e a câmera digital sofisticada pendurada em volta do pescoço.

Leana achou que já o tinha visto antes.

Era a vez dela. Ignorando os muitos jornais e revistas que estampavam na capa fotografias do pai dela, de Celina e do novo prédio, ela pediu a última edição da *Interview*, pagou e colocou a revista dentro da bolsa Prada enorme e colorida que levava pendurada no ombro.

Ela olhou novamente para o homem usando couro preto e viu que ele a encarava. Ela começou a subir a Quinta Avenida, ciente de que ele não comprara nada e agora a seguia. Só quando viu o reflexo dele em uma vitrine foi que se deu conta de que ele estava tirando fotografias dela.

Leana virou-se e estava prestes a perguntar a ele para qual jornal trabalhava quando viu, por entre as dobras da jaqueta de couro preto, a coronha de um revólver.

Surpresa, ela olhou para o rosto do homem quando ele abaixou a câmera. Quando ele sorriu, ela o reconheceu. Mais cedo naquela manhã, no parque, ele

estivera sentado no banco perto do dela. Naquela hora, ela achou que ele a estivesse observando. Agora, sabia que estivera.

— Hoje à noite — o homem disse — depois de revelar essas fotografias, vou prendê-las na parede ao lado da cama junto com outras fotos que tenho de você. — O sorriso alargou-se, revelando dentes brancos uniformes. — E logo... na verdade, antes que você saiba, Leana... planejo levá-la para casa comigo e mostrá-las pessoalmente a você.

Ela afastou-se dele com tanta pressa que a revista caiu no chão. As páginas se abriram. À frente dela, um táxi deixava um passageiro.

Leana correu para ele. O homem a seguiu.

— Espere! — gritou ela, mas o táxi avançou. Um rápido olhar por sobre o ombro confirmou que o homem ainda estava lá. A coronha do revólver refletiu um raio de sol. Leana estava prestes a gritar por ajuda quando outro táxi encostou no meio-fio. Frenética, ela correu em direção a ele, o coração batendo forte, e pulou para dentro no momento em que um casal de idosos saiu.

Ela bateu a porta e a trancou justamente quando o homem tentou abri-la. O rosto dele estava a centímetros do vidro e ele parecia furioso, como se estivessem roubando um prêmio dele. Ele bateu a mão contra o vidro e Leana se encolheu.

O táxi não estava se movendo. Leana olhou para o motorista, que esperava uma brecha no trânsito — Ele tem uma arma! — gritou ela. — Tire-me daqui!

O motorista olhou para o homem, viu a fúria no rosto dele e pisou no acelerador, quase causando um acidente ao cortar o tráfego e correr em direção à Washington Square.

Leana olhou pelo vidro traseiro. O homem estava na calçada, a câmera pendurada em torno do pescoço, os braços nos lados do corpo.

— Eu não sabia que você estava encrencada — disse o motorista. — Você está bem? Quer que eu a leve à polícia?

Ela ponderou, mas pensou melhor. — Quando virarmos a esquina, ele já terá ido embora. — Ela recostou-se contra o banco de vinil rasgado do táxi. — Basta deixar-me no novo prédio Redman International na Cinquenta com a Quarenta e Nove. Meu carro está lá.

— Eu não contaria com isso.

— Como assim?

— Você deve estar brincando.

— Não sei do que está falando.

— Ninguém mais presta atenção nas notícias? — ele disse lentamente. — Essa manhã, três bombas explodiram no topo do prédio.

O rosto de Leana ficou pálido. Seu pai e sua irmã estavam lá hoje,

preparando a festa. — Alguém se feriu?

— Algumas pessoas. Um cara teria morrido se não fosse por Celina Redman. Ela salvou a vida dele.

O maxilar de Leana contraiu-se. — Como?

— Pensando rapidamente, disse o cara no rádio. Ela é uma heroína.

— Ela é uma filha da puta, isso sim.

O motorista parou no sinal vermelho e olhou para ela pelo retrovisor, sem saber se tinha ouvido direito. — Você conhece os Redman ou coisa parecida?

Leana imaginou novamente por que ficara preocupada com a segurança da família. Depois de todas as vezes que seus pais a ignoraram, depois de todas as vezes que preferiram Celina a ela, como podia sentir qualquer coisa que não fosse desprezo?

— Não — disse ela. — Eu não os conheço.

CAPÍTULO 3

Bem acima da Quinta Avenida, Louis Ryan estava sentado em seu escritório de canto, com as costas para uma parede de janelas e para o novo prédio Redman International que se destacava a pouca distância.

Ele estava sentado em frente à mesa, olhando para as letras foscas gravadas no vidro que a cobria: Manhattan Enterprises. A empresa que ele fundara há trinta e um anos agora era um dos principais conglomerados do mundo.

Só a Redman International a superava.

Mais cedo naquele dia, a guerra particular de Louis contra George Redman começara: assediando Leana Redman, explodindo os holofotes como planejado. E agora, a inauguração de gala do prédio Redman International estava prestes a começar.

Louis olhou pela Quinta Avenida, em direção à atividade em torno da entrada com tapete vermelho do Redman International. A julgar pela multidão de repórteres e a fila de limusines que serpenteava pela avenida, era de se pensar que todos os homens e mulheres influentes do mundo vieram para mostrar seu apoio a George Redman. O fato de que Louis tinha negócios com muitos desses homens e mulheres fez com ele desviasse o olhar.

Em vez disso, ele focalizou na fotografia preto e branco da esposa sobre a mesa.

Na moldura pesada de prata, a fotografia havia desbotado durante os anos desde a morte de Anne, mas a beleza dela ainda brilhava.

Louis estudou o rosto dela e pensou nos poucos anos que haviam compartilhado. Ela fora seu primeiro amor, sua paladina e sua melhor amiga. Ela dera a ele as melhores memórias. Ela também lhe dera um filho e, apesar de ele e Michael terem suas diferenças, sempre que ele o via, somente pelas feições de Michael, ele se lembrava de sua amada Anne.

A esposa que George Redman roubara dele.

Louis pensou em tudo o que Redman estava conseguindo. O momento era agora. Pelo menos, George Redman era vulnerável. Quando Anne falecera, Louis prometera que ele e Michael fariam Redman pagar pelo que fizera a ela. Ele prometera destruir George Redman, sua família e o império dos Redman. Ele faria com que todos eles sentissem a dor que ele mesmo sentira durante anos.

Ele olhou para baixo, para a primeira página do *Wall Street Journal*. A manchete principal dizia:

AS AÇÕES DA REDMAN CAEM VINTE E TRÊS PONTOS

PROPOSTA DE AQUISIÇÃO DA WESTTEX DEIXA OS ACIONISTAS NERVOSOS

Ah, que pena, pensou Louis.

Ele abriu a gaveta da mesa e pegou a última edição da revista *People*. Na capa, estava o filho dele, Michael Archer, o artista de cinema e escritor *bestseller*. Mesmo enquanto envelhecia, estava claro que Michael herdara a aparência da mãe, do cabelo escuro aos olhos azuis.

Ao estudar o rosto do filho, Louis ficou imaginando qual seria a reação de Michael quando soubesse que George Redman assassinara sua mãe. Ele só tinha três anos quando isso aconteceu. Para poupar o filho da dor e da raiva que ele tinha que suportar, Louis criou Michael pensando que a morte da mãe fora um acidente. Mas apesar da tragédia que deveria tê-los deixado mais próximos um do outro, ela os afastara, pois Louis precisava devotar seu tempo à Manhattan Enterprises em um esforço de assegurar o futuro dos dois.

Eles nunca foram próximos. De fato, até a semana anterior, Louis não vira nem tivera notícias de Michael em dezesseis anos.

E tudo por causa de George Redman, pensou ele.

Ele largou a revista e virou-se para observar as limusines movendo-se lentamente na avenida. Ele ficou imaginando em qual delas estaria seu filho. Na semana anterior, quando Michael entrara sem ser anunciado em seu escritório, Louis ficara surpreso com a mudança nele. Michael parecia mais velho pessoalmente do que nos filmes. Os olhos haviam endurecido com o passar dos anos, apagando o antigo ar de inocência. Talvez a luta em Hollywood lhe tivera feito bem. Talvez ele finalmente tivera amadurecido.

Mas, claro, ele não amadurecera.

Quando Michael explicara a encrenca em que estava, que sua vida estava em perigo, Louis ouvira, com o mesmo sentimento de vergonha e raiva que sentira quando Michael saíra de casa para ir para Hollywood aos dezoito anos. Mesmo agora, Louis podia ouvir Michael pedindo sua ajuda. Mesmo agora, ele podia ver a expressão de surpresa no rosto de Michael quando descobrira que só conseguiria a ajuda de que precisava se fosse à inauguração do Redman

International e encontrasse Leana Redman.

* * *

Na limusine Lincoln preta do pai, Michael Archer olhou pela janela escura para a silhueta brilhante de Nova Iorque e pensou que preferia estar em qualquer lugar, menos ali.

Ele não estava feliz de ter voltado. Ele odiara o que vira. Ele deixara esse lugar uma vez e não olhara para trás até poucas semanas atrás, quando não tivera opção.

Ele vira o pai em toda parte, do escritório de Louis no prédio alto e complexos de condomínio na Quinta Avenida aos hotéis elegantes pelos quais passara mais cedo na Park e na Madison. Mesmo que ninguém soubesse que ele era filho de Louis, a ideia de que o ego do pai espalhara-se como uma doença pela cidade o envergonhava.

Era irônico, pensou ele, que agora estava sendo atirado de volta a uma vida da qual fugira. Mais irônico ainda era que o pai era a única pessoa que podia ajudá-lo.

No banco ao lado dele, estava o envelope pardo que Louis lhe dera. Michael o pegou, ligou a luz no teto do carro e removeu várias fotografias de Leana Redman.

A maioria das fotografias eram dela lendo na Washington Square, mas algumas tinham sido tiradas enquanto ela estava na fila em uma banca de jornais. Outras eram dela correndo para pegar um táxi.

Michael estudou o rosto dela e ficou imaginando em que o pai dele o estava metendo. Por que era tão importante que ele encontrasse Leana Redman? E por que Louis recusara-se a dar o dinheiro de que precisava se não a encontrasse?

A limusine passou por uma série de sinais verdes e desceu a Quinta Avenida. À frente, Michael podia ver as luzes claras dos holofotes passeando pelo prédio Redman International, iluminando a fita vermelha com raios brilhantes.

Ele guardou as fotografias. Por enquanto, ele faria a vontade do pai.

Depois da recente ameaça contra sua vida, ele não tinha muita escolha.

CAPÍTULO 4

A empolgação crescia no saguão.

De sua posição ao lado da cachoeira bruxuleante, Vincent Spocatti observou o burburinho de atividade ao redor.

Sob a direção de Elizabeth Redman, criadas uniformizadas verificavam os lugares nas mesas, poliam os enfeites brilhantes do saguão, davam toques de última hora nos enormes arranjos de flores que adornavam cada uma das duzentas mesas de oito lugares. *Barmen* em trajes sociais pretos guardavam copos, garrafas, gelo. Atrás dele, membros da banda de 34 integrantes ajeitavam-se nos bancos e preparavam-se para a noite à frente.

Considerando as bombas que tinham explodido mais cedo, Spocatti estava impressionado em ver como tudo estava saindo bem. E não fosse por Elizabeth Redman e sua filha Celina, ele sabia que as coisas não seriam tão tranquilas.

Ele observou Elizabeth atravessar o saguão até o bar. Como a filha, Celina, Elizabeth Redman era alta e esguia. O cabelo loiro até os ombros emoldurava um rosto oval que sugeria inteligência e um senso de humor. Os diamantes no pescoço, nos pulsos e nas orelhas eram chamativos, mas não agressivos. Ela conhecia a multidão que convidara. Ela sabia como manipulá-la. Era claro.

Ela passou por ele e Spocatti virou-se para ver a própria imagem no enorme pilar espelhado à direita. No lugar onde a arma pressionava-se contra o bolso do casaco social preto, na altura do peito, havia um leve volume, mas Spocatti não prestou muita atenção nele. Ele era um membro da segurança e fora contratado esta noite para proteger George Redman, a família dele e os convidados contra um possível intruso.

A ironia quase o fez rir.

Ele olhou ao redor. Apesar de a segurança parecer rigorosa, ela era tristemente ineficiente. Depois das bombas de hoje, George Redman contratara vinte e cinco homens para montar guarda durante a festa de gala. No que dizia respeito a Spocatti, todos eles eram amadores, e ele não se importava.

Agora, ele não teria problemas para se esgueirar para dentro de um dos elevadores e obter as informações de que Louis Ryan precisava sobre a aquisição da WestTex Incorporated.

* * *

Elizabeth Redman moveu-se novamente, dessa vez na direção dele. Apesar de não parecer afetá-la, Spocatti sentiu, pela maneira confiante com que mantinha o controle, que ela estava bem ciente do poder que tinha na cidade.

Ela aproximou-se com um sorriso e uma mão estendida.

— Eu sou Elizabeth Redman — disse ela. O aperto de mão era firme.

— Antonio Benedetti.

— Eu sempre amei a Itália — disse ela.

Bem, muito original. — Em que posso ajudá-la, Sra. Redman?

— Nada demais — disse ela. — Só garanta que nenhuma bomba exploda aqui essa noite e serei grata. Pode cuidar disso?

— É claro.

Elizabeth ergueu a cabeça. Os olhos ficaram duros quando ela o estudou. — Talvez — disse ela e acenou em direção aos outros membros da segurança. — Quanto àqueles outros, não tenho tanta certeza.

— Nem eu.

— Você não acha que eles sejam capazes de nos proteger?

— Sendo bem honesto, não.

— Todos eles são experientes — disse ela.

— É mesmo? Quem os ensinou? Venho observando os erros deles nas últimas horas. Eles não são profissionais.

— E você é?

— Eu sou.

O som profundo de um baixo vibrou atrás deles. Elizabeth olhou para Spocatti e disse: — Sr. Benedetti, essa manhã, três bombas explodiram no topo desse prédio. Vários homens se feriram, minha filha quase morreu. Hoje à noite, acho que todos sabemos que qualquer coisa pode acontecer, e talvez aconteça. Com esses amadores na equipe de segurança, parece que você terá que dar o seu melhor. Espero que tudo corra bem.

Deleitado, Spocatti observou-a enquanto ela se afastava.

George e Celina Redman chegaram dez minutos antes dos convidados.

Eles saíram do elevador da família juntos e moveram-se em direções separadas. Spocatti observou Celina, muito atraente em seu vestido vermelho enfeitado com pedras. Seu passo era longo e determinado. Ela movia-se com a confiança da mãe.

Elizabeth estava parada na entrada coberta, conversando com os quatro

membros da segurança daquele posto. Celina colocou a mão nas costas da mãe ao aproximar-se de um dos guardas, tirou o cigarro da mão do homem, apagou-o em um cinzeiro próximo e virou o guarda para que olhasse pela janela. Ela apontou para a rua.

A mulher era boa. Não só tinha salvado uma vida essa manhã, mas também estava mantendo a segurança concentrada para que nada acontecesse a ninguém nessa noite.

Quando chegasse a hora de matá-la, seria um desperdício.

George Redman estava em um mundo próprio. Ele movia-se pelo saguão, olhando com orgulho para as mesas, as flores, os arranjos. Louis Ryan contara a Spocatti que o sonho de George Redman era ser dono desse prédio na Quinta Avenida. Ele sabia como o homem trabalhara duro para conseguir isso, como estava feliz por finalmente ser o dono.

Spocatti olhou para o relógio. *Pena que não será seu por muito tempo*.

Atrás dele, a banda começou a tocar "My Blue Heaven". Spocatti olhou para o outro lado do saguão e, do outro lado da janela, viu os primeiros convidados saindo de suas limusines.

A festa estava começando. George, Elizabeth e Celina estavam na entrada, esperando para cumprimentar, abraçar e receber os parabéns. Só depois que Spocatti esgueirara-se por trás da cachoeira e entrara em um dos elevadores, ele se deu conta de que a filha mais nova não estava lá.

A renegada, pensou ele rapidamente, estava ausente.

* * *

As portas do elevador sussurraram ao se fecharem atrás dele.

Spocatti botou a mão no bolso do casaco e removeu o cartão codificado que Ryan lhe dera mais cedo. Ele o inseriu na ranhura iluminada do painel de controle brilhante, digitou no teclado a combinação de oito dígitos que guardara na memória e esperou.

Por um momento, nada aconteceu. Em seguida, uma voz computadorizada disse: — Liberação concedida, Sr. Collins. Selecione um andar. — Então fora alguém chamado Collins que se vendera para Ryan, Spocatti pensou. Ele pressionou o botão iluminado com o número 76.

O elevador começou a subir.

Spocatti removeu o cartão da ranhura e pegou a arma. Quando o elevador desacelerou e parou, ele deu um passo para o lado. As portas se abriram.

Observando, julgando, ele olhou para fora, não viu ninguém e relaxou.

Agora, a parte divertida.

O corredor longo e bem decorado tinha pinturas dos velhos mestres nas paredes de marfim, uma porta ornada de mogno na extremidade e um piso de madeira que brilhava como se tivesse sido recém-encerado. Em uma mesa lateral delicada, uma lâmpada da Tifanny lançava raios âmbar de luz.

Spocatti entrou novamente no elevador. Para qualquer outra pessoa, esse cenário teria parecido nada mais que um corredor ricamente decorado. Para ele, era um trajeto de obstáculos.

Ele colocou a arma no coldre, removeu um par de óculos infravermelhos do bolso do casaco e os colocou no rosto. Instantaneamente, tudo ficou com um brilho vermelho lúgubre. Ele não vira câmeras de vídeo no corredor, mas isso não significava que elas não estavam lá. As pinturas podiam ser disfarces. Ele precisaria arriscar.

Ele olhou novamente para o corredor. Diretamente em frente ao elevador havia um fino feixe de luz que, sem os óculos, seria invisível. Movendo-se com cuidado, ele abaixou-se por sob a luz, sabendo que, se acidentalmente a cruzasse, um sensor detectaria a diferença na temperatura e ele não ouviria o alarme silencioso que alertaria a polícia.

Ele avançou, a teia de feixes tornando-se mais difícil de evitar à medida que se aproximava da porta que guardava o enorme conjunto de computadores da Redman International. Em um ponto, ele teve que rastejar de bruços. Um momento depois, teve que pular duas vezes e rolar. *Eu posso já ter disparado o alarme e nem saber*, pensou ele. A adrenalina que sentiu por não saber o eletrizou.

Ele chegou à porta. Spocatti sabia que ela era reforçada com pelo menos oito centímetros de aço. Ryan dissera que haveria um pequeno teclado na base da porta que, ao inserir um código de seis dígitos, não só abriria a porta, mas também desligaria todos os equipamentos de vigilância.

Ele ajoelhou-se, encontrou o teclado — e viu que estava protegido por uma série de feixes que se cruzavam. Ele xingou baixinho e olhou novamente para o relógio. Dez minutos tinham se passado. *Quero estar fora daqui em trinta*.

Ele estudou os feixes. Saindo em vários ângulos, do chão ao teto, eles formavam um padrão de malha tão estreito que, quase certamente, seus dedos cruzariam um dos feixes se ele tentasse alcançar o teclado através das pequenas aberturas em formato de losango. Ele precisava de algo longo e fino que passasse pelas aberturas para digitar o código. Um lápis, talvez. Ou uma caneta. Mas ele não tinha nenhum dos dois. Com a mente disparando, ele olhou em torno da sala, mas não havia nada que pudesse usar, o que o deixou enfurecido.

Ele chegara tão perto.

E então ele se deu conta. A resposta para o problema estava em sua cabeça.

Ele removeu os óculos do rosto e observou as hastes que se estendiam das lentes verdes. Elas eram longas, finas e curvadas na ponta. Uma delas se encaixaria perfeitamente nas minúsculas aberturas. Ele desencaixou uma das hastes. Em seguida, segurando os óculos sobre os olhos com uma das mãos, ele alegremente começou a trabalhar com a outra.

Em poucos segundos, estava terminado. Ele inseriu o código que Ryan lhe dera, os feixes infravermelhos desligaram e a porta que levava à sala de computadores abriu-se sozinha.

Spocatti pegou a arma e levantou-se. Ele avaliou rapidamente a sala e não viu nada lá dentro, exceto uma infinidade de computadores.

Ele foi até eles e soube que estava encrencado no momento em que ligou um computador. Quando a tela piscou e ligou, ele notou, na frente do computador, uma ranhura iluminada que diferia ligeiramente da ranhura no painel de controle do elevador. E as seguintes palavras apareceram na tela: INSIRA O CARTÃO DE ACESSO.

O único cartão que Ryan lhe dera fora o cartão codificado que usara para acessar o elevador. Ele o retirou do bolso do casaco, passou-o pela ranhura e esperou. A tela apagou. Um momento depois, uma nova mensagem piscou na tela: ACESSO NEGADO.

Então era isso, Ryan tinha estragado tudo, não dera a ele o cartão certo. Spocatti sentiu uma ponta de fúria, mas a abafou. Ele podia invadir a máquina, mas não havia tempo. Ele desligou o computador e olhou em torno. Não havia armários, somente mesas com gavetas trancadas, e ele presumiu que Redman não guardaria nada vital nelas. Spocatti sabia que tudo de que precisava estava nesses computadores... ou em segurança no escritório de Redman.

Ele olhou para o relógio. Ainda tinha vinte minutos antes da hora em que queria estar de volta ao saguão. Ryan dissera que o escritório de Redman ficava no terceiro andar do triplex.

Se ele se apressasse...

CAPÍTULO 5

Bem acima no prédio da Redman International, no triplex dos pais, Leana Redman estava parada em frente à janela, no fim de um longo corredor. Lá embaixo, ela viu a fila infindável de trânsito na Quinta Avenida.

Ela estava trinta minutos atrasada para a festa. Seus pais estariam irritados e a imprensa estaria indagando onde ela estava — mas isso era exatamente o que Leana queria. Ela não queria ser parte desse evento, de forma alguma. Mas, ainda assim, sabia que tinha que ir. Se não fosse, seus pais a deserdariam.

Antes de ir, ela decidiu tomar um drinque.

Na biblioteca, ela inclinou-se em frente à pequena geladeira e pegou uma garrafa de champanhe. Serviu um copo e pensou novamente no homem que a seguira mais cedo. A ameaça dele ainda lhe dava arrepios. Ela ponderou se não fora um erro não ir à polícia. Agora, sabia que provavelmente fora.

Ela foi até a mesa do pai, ligou o abajur de cúpula verde e sentou-se. Sobre ela, havia várias fotografias emolduradas da família. Leana escolheu uma dela com Celina. Nela, elas eram crianças — Leana com sete anos, Celina com onze — e ela ficou surpresa ao ver como pareciam felizes. Na clareira atrás da casa em Connecticut, as garotas estavam de mãos dadas, encostadas contra um tronco de árvore e usando enormes chapéus de palha que deixavam os rostos na sombra. Atrás delas, Elizabeth estava rindo, o cabelo loiro brilhando ao sol.

Ela pensou sobre o momento em que seus sentimentos por Celina tinham mudado. A resposta veio imediatamente. *Quando Papai começou a levá-la para a Redman International*.

Era tarde. Não importava o quanto não quisesse ir, ela tinha que se juntar à festa. Colocando a fotografia virada para baixo sobre a mesa, ela desligou a luz e encaminhou-se para o bar. Ao abaixar-se para colocar a garrafa de volta na geladeira, ela captou seu reflexo na janela ao lado. Havia mais alguma coisa no reflexo. A porta da biblioteca estava se abrindo.

Ela sobressaltou-se e virou-se. A porta agora estava quase totalmente aberta. Um raio de luz entrou no aposento. Ela estava prestes a perguntar quem estava lá quando um homem olhou para dentro. Ele não a viu - Leana estava no lado oposto da biblioteca, parcialmente escondida nas sombras.

Ele ficou parado na porta, observando, julgando, com intensa concentração.

Alguma coisa em sua mão esquerda. Uma arma.

Ela ficou completamente imóvel, mal respirando. Apesar de não ter certeza absoluta, ele parecia-se com o homem que a seguira mais cedo...

O pânico a invadiu. Ela recuou mais fundo nas sombras e ficou imaginando como ele chegara até ali sem um cartão de acesso ao elevador. Ela o observou entrar no aposento. Ele não caminhou, mas esgueirou-se como um gato, o olhar constantemente movendo-se enquanto se aproximava da mesa do pai dela.

Ela não podia deixar que ele a visse.

Na extremidade do bar, havia uma prateleira que se estendia a cerca de meio metro da parede. Em um dos lados, havia uma pequena abertura atrás da qual ela poderia se esconder. Quando o homem não estava olhando em sua direção, Leana esgueirou-se em direção a ela. O homem a ouviu, girou o corpo e mirou. Leana congelou. Seus olhos se encontraram.

— Quem diabos é você? — gritou ela.

O homem afastou-se da mesa e abaixou a arma. Depois de um momento de silêncio, ele disse: — Aí está você.

Leana ficou surpresa. O homem estava guardando a arma, parecendo não notar o medo dela. — Eu perguntei quem é você!

— Antonio Benedetti — disse ele. — Membro da segurança. — Ele deu um passo à frente e ela viu que ele não era o homem que a seguira mais cedo, mas somente parecido. Seu coração batia forte. — O que está fazendo aqui?

— Procurando você — disse ele. — Você está atrasada para a festa. Seus pais me pediram que a encontrasse.

— E você precisava de uma arma para isso?

— Srta. Redman — disse ele — depois do que aconteceu aqui essa manhã, todos os membros da segurança estão carregando armas.

Ela o estudou. Ele era alto e com cabelos escuros, as feições bem definidas e atraentes. Havia uma frieza nele que a atraiu. Ela respirou fundo quando ele caminhou até a porta e a segurou aberta para que passasse. — Sua mãe está furiosa — disse ele. — Se você não estiver no saguão logo, ela provavelmente fará com que eu seja despedido. Você vem?

Leana hesitou e encaminhou-se para a porta aberta. Ela passou pelo homem e disse: — Minha irmã salvou uma vida hoje. O mínimo que posso fazer é salvar um emprego. Vamos.

* * *

O elevador desceu como uma pedra.

Ao se aproximarem do saguão, Leana olhou para o mostrador aceso do elevador e observou os andares passarem rapidamente. Ela ouviu o burburinho da multidão aumentando, sentiu sob os pés o ritmo da banda e ficou nervosa. Ela nunca se sentia bem nessas situações e conheceria poucas pessoas ali. Esse era o mundo de seus pais e de sua irmã, não dela. Então, por que tinham pedido que viesse?

Ela olhou para o homem parado a seu lado e viu que ele a estava encarando. Novamente ela pensou em como ele era bonito. Ela olhou para a mão esquerda dele e não viu nenhuma aliança. Promissor, mas a vida a ensinara que a falta de um anel não queria dizer nada. — Quais são as chances desse lugar explodir hoje à noite? — perguntou ela.

A pergunta não o intimidou. — Menores do que zero.

— Ora, vamos — disse Leana. — Não acha que meu pai tem mais alguma coisa planejada para capturar a atenção do mundo? Como um atirador de elite, talvez? Ou um incêndio?

Ele inclinou a cabeça em direção a ela. — Você acha que seu pai plantou os explosivos naqueles holofotes?

— Não me surpreenderia.

— Mas pessoas ficaram feridas, sua irmã quase morreu.

— *Quelle domage*.

— Não estou entendendo você. Por que acha que seu pai faria uma coisa ridícula daquelas? Não faz sentido.

— Publicidade gratuita, Sr. Benedetti, faz muito sentido.

Ele encostou-se na parede e a observou. — Você não acredita no que está dizendo, não é?

Os olhos de Leana faiscaram. — Isso não importa — disse ela. — É sempre interessante ver no que as outras pessoas acreditarão.

O elevador parou. As portas se abriram e ele foi invadido por uma explosão de ar frio, música e barulho. Leana ficou parada por um momento, desapercebida, e olhou em torno da sala apinhada de pessoas. Apesar de não ver nenhum amigo seu, parecia que, para qualquer lugar que olhasse, ela se lembrava da irmã. Da cachoeira à direita aos candelabros de cristal Lalique que brilhavam sobre sua cabeça, a influência de Celina era clara.

Uma vez, quando o Redman International estava próximo de ser concluído, Leana perguntara ao pai se poderia ajudar a decorar o saguão. George a dispensara e dissera que era um trabalho para profissionais. Ele nunca saberia a dor que Leana sentira quando foi decidido que Celina decoraria o saguão. George só sentira a raiva de Leana posteriormente, considerando-a como um

ataque de mau humor.

Eles saíram do elevador. — Bem — disse Benedetti — foi bom conversar com você.

— Com você também — disse Leana. — Fique de olho nos atiradores de elite. Nunca se sabe quando um deles aparecerá.

Leana o observou mover-se entre a multidão, onde, dessa vez, viu alguns rostos familiares em um mar interminável de cabeças. Ela olhou para os pais e a irmã e viu que ainda estavam cumprimentando convidados — George ria, Elizabeth conversava, Celina abraçava.

Leana queria sumir.

Ela começou a caminhar em direção a eles, o olhar passando de George para Elizabeth e para Celina. *Algum dia, eles me respeitarão tanto quanto a respeitam*. Mas, ao mesmo tempo em que o pensamento surgiu, ela ficou imaginando como conseguiria isso. Ela assumiu sua posição perto de Celina na fila de recepção e sentiu o desapontamento, a frustração e a raiva dos pais, apesar de não dizerem uma palavra.

Leana achou que ficaria contente pela forma como sua presença — ou a falta dela — os havia afetado, mas não estava. Em vez disso, uma parte dela sentiu-se culpada por chegar atrasada.

Do lado de fora, os *paparazzi* enlouqueceram quando Michael Archer saiu da limusine e entrou no saguão. Os *flashes* explodiram. A multidão de observadores gritou. Leana reconheceu-o imediatamente. — Eu não sabia que Mamãe o tinha convidado — ela disse a Celina. — Eu li um dos livros dele há alguns meses.

Celina parecia confusa. — Mamãe não o convidou. Eu conferi a lista de convidados duas vezes com ela. O nome de Michael Archer não estava nela. — Ela olhou para a irmã. — E onde você estava?

— Terminando de me arrumar.

Leana olhou para Elizabeth, que estava observando Michael Archer apertar a mão de George. Ela sabia que a mãe não tinha tolerância com penetras, especialmente em suas próprias festas. Ela imaginou como a mãe lidaria com ele.

— Lamento — disse Elizabeth polidamente quando Michael aproximou-se. — Mas tenho que pedir que se retire. — A voz dela era firme. Ela ignorou a mão dele. — Essa é uma festa particular.

No silêncio que caiu, George e Celina viraram-se para ouvir. Leana observou Michael. — Eu peço desculpas pela intrusão — disse ele. — Mas entendo que esteja levantando fundos nessa noite para crianças com HIV e eu queria fazer algo para ajudar. — Ele colocou a mão no bolso do casado e retirou

um pedaço de papel, que entregou a Elizabeth. — Espero que isso ajude.

Elizabeth olhou para o cheque e novamente para Michael, friamente. — Cem mil dólares é muita generosidade — disse ela.

— Eu trabalho no setor de entretenimento — disse ele. — O HIV é comum nele. É o mínimo que posso fazer. É uma causa em que acredito.

Apesar de Leana duvidar que ele soubesse, Michael Archer acabara de entregar à mãe dela cinco milhões de dólares. Talvez seis. Quando a notícia de que ele dera a ela um cheque de cem mil dólares se espalhasse, os outros convidados abririam seus talões de cheque, desesperados para não ficarem atrás. Elizabeth sabia disso, mas não o demonstrou.

— Peço desculpas — disse ela. — É muito gentil de sua parte. Teremos muito prazer se ficar. O que me diz?

O alívio que cruzou o rosto de Michael Archer foi indiscutível. Leana ergueu o queixo no mesmo momento em que ele virou-se e olhou para ela. Seus olhos se encontraram e Michael Archer sorriu. — Sra. Redman — disse ele — o prazer será meu.

CAPÍTULO 6

O velho Buick tossiu, ofegou e sacudiu por vários momentos antes de parar e morrer no coração de Manhattan.

Jack Douglas ficou sentado, entorpecido, enquanto o vapor subia do motor e os faróis diminuíam de intensidade até se apagarem. Ele sabia o que havia de errado com o carro sem verificar o motor. Há semanas, ele tencionara instalar um radiador e um alternador novos, mas estivera tão ocupado com o trabalho que acabara adiando. Naturalmente, os dois deram defeito na noite da festa de George Redman.

Ele teria que pegar um táxi.

Abriu o porta-luvas, retirou o convite de dentro de um bolo de papéis amassados e lápis quebrados e procurou a carteira. Ela não estava lá. Ele procurou no banco do passageiro, no piso do carro, nos bolsos do casaco e das calças e, então, lembrou-se de tê-la deixado no apartamento, bem à vista na mesa da cozinha, para que não esquecesse de levá-la.

Ele só podia rir. Agora teria que caminhar.

Deixou o carro no lugar onde ele morrera, na esquina da Quinta Avenida com a Rua Setenta e Cinco, e começou a caminhar para o prédio Redman International, que ficava a quase dois quilômetros ao sul. Ele sabia que o carro seria rebocado, mas não se importava. Nessa noite, Jack Douglas tinha coisas mais importantes em mente.

Essa noite poderia mudar o resto de sua vida.

Ele tinha acabado de passar pela Rua Sessenta e Um quando um raio brilhou e os trovões atravessaram os céus. Jack olhou para cima, sentiu a brisa no rosto e apressou o passo. *Tomara que não chova*, pensou ele.

Mas choveu.

Quando a chuva caiu, levada pelo vento, o pânico o acometeu e ele começou a correr, as gotas batendo em sua cabeça abaixada. Cada motorista que passava jogava água nele. Jack correu sete quarteirões antes que o prédio Redman International aparecesse e, quando isso aconteceu, ele reduziu o passo. Se o próprio George Redman não lhe tivesse enviado um convite para a festa de hoje à noite, ele teria desistido e ido para casa. Mas isso não aconteceria.

Na semana anterior, quando vendera, de forma sem precedentes, quinhentos

milhões de dólares em títulos a um cliente na França, ele se tornara a espécie mais reverenciada no mundo financeiro: o Pica Grossa. Na manhã seguinte, quando o *Journal* o chamou de "o mais recente mago financeiro de Wall Street", todas as firmas de investimento em Manhattan tentaram atraí-lo para longe da Morgan Stanley, inutilmente.

Jack recusou as ofertas, determinado a permanecer fiel à firma que lhe dera a primeira chance. E então veio o convite de George Redman, pedindo que viesse à grande inauguração do novo prédio Redman International. "Parabéns pelo artigo no *Journal*", escrevera George no convite. "E espero que venha à festa. Eu gostaria de discutir algumas coisas com você".

Era só o que precisava. A Redman International era o maior conglomerado mundial. Se lhe oferecessem um emprego lá, a carreira de Jack estaria estabelecida. *Que lealdade, que nada*, pensou ele.

Apesar de não querer, ele entrou no prédio e entregou ao porteiro o convite molhado. A banda não estava tocando. Não havia nada além do sussurrar da seda, o burburinho baixo daqueles que não o tinham visto e as risadas disfarçadas daqueles que tinham. O porteiro olhou para ele, depois para o convite, e pareceu hesitar com indecisão. Mas sorriu e disse: — Tenha uma noite agradável, Sr. Douglas.

— Certo — disse Jack.

Ele entrou no saguão. Um garçom parou a seu lado. — Champanhe, senhor?

A frase "Champanhe, senhor" estava na extremidade de uma vara de três metros e significava: "Você, suas roupas molhadas e sua cara suja não são bem-vindos a essa festa."

Apesar de preferir cerveja, Jack aceitou um copo e brindou àqueles que eram rudes o suficiente para encará-lo. — Noite adorável — disse ele, e sorriu quando se viraram. Havia uma mão no braço dele. Jack virou-se e viu Celina Redman. — Parece que você precisa de uma pessoa amiga — disse ela.

Nessa manhã, ela estava na primeira página do *Times*. Apesar de Jack sempre a ter considerado atraente, ficou encantado em descobrir que Celina Redman era ainda mais bonita pessoalmente. — E um banho — disse ele após um momento. — A chuva me pegou. — Ele estendeu a mão, que Celina apertou. — Sou Jack Douglas — disse ele. — Prazer em conhecê-la.

Celina devolveu o sorriso. — Celina Redman — disse ela. — E foi um belo perfil que o *Journal* fez sobre você na semana passada. Fiquei impressionada. Meu pai o convidou pessoalmente, não foi?

Jack assentiu. — Receio que sim. Minha grande chance e olhe para mim. Pareço um esfregão.

— Não se preocupe com isso — disse ela. — Vir à festa mostra que você tem coragem.

— Eu só não queria que ela estivesse ensopando o casaco e as calças. — Ele olhou em torno. — Acho que eu deveria me limpar antes de encontrar seu pai.

Celina olhou para a lama e a sujeira no rosto e nas mãos dele. — Veja só — disse ela. — Meus pais têm um triplex no andar superior. Se quiser, pode se limpar lá e pegar uma roupa emprestada do meu pai. Você tem mais ou menos o tamanho dele. — Ela acenou em direção aos elevadores ao lado deles. — Por que não vem comigo e verei o que consigo encontrar?

Quando eles chegaram ao apartamento, Jack seguiu Celina pelos aposentos. Parecia que alguém tinha desmanchado um museu para decorá-los. E, mesmo assim, o efeito geral era surpreendentemente aconchegante. Como ela.

Eles entraram no quarto dos pais dela. — Há um banheiro ali — disse Celina.

Jack entrou no banheiro e removeu o casaco encharcado e a camisa molhada. — Não vou demorar — disse ele. — Você vai esperar?

Celina saiu do quarto de vestir do pai com uma roupa social preta sobre um dos braços e uma camisa branca impecável no outro. — Não achou que eu deixaria de ver como você é quando está seco, achou? — Ela entrou no banheiro e lhe entregou as roupas. Por um momento, eles avaliaram um ao outro. — É claro, vou esperar.

* * *

No saguão, Diana Crane, advogada-geral corporativa da Redman International, aceitou um copo de champanhe de um dos garçons, deu um gole e virou-se novamente para Eric Parker, diretor-financeiro da Redman International. Ele ainda estava falando sobre a aquisição da WestTex Incorporated.

Será que ele nunca calaria a boca? Será que não podia aproveitar a festa? *Quer prestar atenção em mim, por favor?*

Desde o dia em que se conheceram, ela se sentira atraída por ele. Eric Parker era alto e com cabelos escuros, a aparência classicamente grega, a compleição musculosa. Ele tinha um senso de humor saudável, era capaz de manter uma conversa inteligente e tinha aquela mente financeira incrível.

Nos últimos dois anos, Eric Parker também tivera Celina Redman. E, antes

do rompimento recente, houvera rumores de casamento.

As luzes piscaram e a pista de dança caiu na escuridão. Um murmúrio percorreu a multidão e a banda parou de tocar. Diana assistiu, com Eric, quando um feixe de luz percorreu a escuridão e bateu na cachoeira brilhante, enviando ondas de luz azul nos rostos ansiosos da multidão.

Ela cutucou Eric. — O que é isso?

Eric acenou em direção à cachoeira. — O número do dinheiro. Observe.

Saindo da parte de trás da cachoeira, Elizabeth Redman pareceu caminhar através dela. Era uma ilusão inteligente e a multidão gritou. Ela ficou parada lá, elegante em seda preta. Os diamantes no pescoço, nos pulsos e nas orelhas refletiram a luz. George atravessou a cachoeira e apareceu ao lado dela, sorrindo à medida que a energia no salão crescia. O holofote os seguiu até o centro da pista de dança.

Flashes piscaram. A sociedade aplaudiu.

— Ela é linda — disse Diana.

— Ela é — Eric concordou. — Mas não tão linda quanto a filha. — Ele entregou a ela o copo vazio. Diana o encheu, dessa vez sem gelo. Quando a banda começou a tocar "One Moment in Time", houve outra onda de aplausos da multidão no momento em que George e Elizabeth começaram a dançar. Logo, outros casais juntaram-se a eles e a pista transformou-se em um conjunto de vestidos brilhantes e ternos pretos girando.

Diana pegou a mão de Eric. — Vamos dançar.

Juntos, eles moveram-se na pista de dança, os passos leves e graciosos. Diana olhou para o rosto de Eric, viu que ele estava sorrindo para ela e sorriu de volta. Ele a segurou mais perto e Diana ficou imaginando se ele sabia que ela estava apaixonada por ele, há anos. Ele aproximou a boca do ouvido dela. Diana ficou tensa e, por um momento, achou que ele a beijaria. As palavras dele foram como uma invasão. — Quando isso chegar aos ouvidos dela, acha que ela ficará com ciúmes?

Diana olhou para cima, ciente do álcool no hálito dele. — O que disse?

— Quando isso chegar aos ouvidos de Celina — disse ele. — Você e eu dançando. Acha que ela ficará com ciúmes?

Ela estava incrédula. — Por que não pergunta a ela? — respondeu.

A música parou.

* * *

Enquanto Jack tomava banho, Celina tirou os sapatos, sentou-se na cama dos pais e deixou o olhar passear pelo quarto. Ele tinha o toque da mãe dela, o que significa o suficiente sem ser exagerado. Somente uma coisa chamou sua atenção: as fotografias da família em molduras de prata na mesinha Chippendale.

Ela levantou-se da cama e escolheu uma das fotografias. Era dela com Eric, e eles estavam de mãos dadas do lado de fora do antigo prédio da Redman International na Madison. Celina lembrava-se claramente daquele dia. Horas depois que o pai dela tirara a fotografia, ela e Eric tinham feito amor pela primeira vez. Na época, Celina estava convencida de que estava se entregando ao homem com quem passaria o resto da vida. *Agora, não sei o que quero.*

Ela colocou a fotografia de volta na mesa e ficou imaginando se Eric estivesse aqui, pois pedira a ele que viesse. Apesar de não estarem mais saindo juntos, parecia inútil que houvesse qualquer animosidade entre eles. Celina, de fato, ainda amava Eric. Se ele não a tivesse pressionado tanto para se casarem, ainda estariam juntos.

Ela perguntou-se por que ele estava com tanta pressa. Aos vinte e nove anos, ela era jovem demais para se casar, muito menos para ter os filhos que Eric queria. Mas ela os teria e, se Eric aprendesse a ser paciente, Celina os teria com ele. Até que esse dia chegasse, ela planejava viver a vida, e o faria solteira, gostasse Eric Parker ou não.

No outro lado do quarto, a porta do banheiro abriu-se e Jack Douglas, recém-banhado e vestindo o casaco social de George, entrou no quarto. Celina admirou sua bela aparência. Com o cabelo castanho mais emaranhado do que penteado, Jack Douglas tinha uma aparência atlética atraente. Ela imaginou que ele tivesse trinta e poucos anos.

Ele passou as mãos na parte da frente do casaco. — O que acha? — perguntou ele.

— Muito sofisticado — disse Celina. — Você fica bem quando está limpo. Agora vamos descer e encontrar meu pai. Tenho certeza de que ele quer falar com você.

CAPÍTULO 7

Leana Redman moveu-se por entre a multidão, divertindo-se ao ver como a multidão abria-se para ela.

Dentre aqueles que ela reconheceu, a maioria estava drogada com seja lá qual a substância que estava circulando ou fizera tantas plásticas que tinha um sorriso estranho e permanente estampado no rosto.

Ela acenou para um homem que fazia negócios de um milhão de dólares durante o dia e que, dizia-se, frequentava clubes de sexo à noite. Passou por uma condessa que dava centenas de milhares de dólares para um fundo de delinquência juvenil, mas era conhecida por roubar repetidamente na Bloomingdale's e na Saks. À sua direita, estava um xeique que amava suas muitas mulheres e, pelo menos na cama, alguns dos irmãos delas. E, à sua esquerda, ela ouviu uma mulher dizendo: — Brenda? Ela vai se casar? Que absurdo. Deixe-me contar uma coisa sobre Brenda. Ela é tão sapatão, faz os próprios absorventes.

Leana olhou para a mulher que dissera aquilo e teve vontade de contar aos amigos dela que podia muito bem estar falando de si própria. Parecia a ela que havia mais corrupção, abuso de drogas e valores sociais distorcidos na sociedade da Quinta Avenida do que em qualquer outra classe social de Nova Iorque.

No outro lado do saguão, ela podia ver Harold Baines, Vice-presidente de Assuntos Internacionais da Redman International, conversando com a esposa, Helen, em uma mesa de canto pouco iluminada. Leana sorriu. Finalmente, alguém que ela não só conhecia, mas adorava.

Harold trabalhava na Redman International desde que ela podia se lembrar e eles sempre foram próximos. Quando ela era criança e fizera uma de suas raras visitas à antiga sede da empresa na Madison, Harold fizera questão de passar algum tempo com ela quando todos os outros deram atenção a Celina, a filha promissora. Leana sempre o amaria por isso.

Ela começou a caminhar na direção deles. A multidão moveu-se e ela viu Harold empurrar a cadeira para trás, levantar-se e beijar a testa de Helen. A luz sobre a mesa acentuou as linhas profundas no rosto dele e os círculos escuros sob os olhos. Ele parecia ter bem mais de sessenta anos, mas tinha apenas cinquenta e cinco.

Leana acenou para ele, mas Harold não notou e entrou em um banheiro próximo. Ele parecia mais magro e mais velho do que na última vez que ela o vira, e Leana notou que ele estava caminhando como se o próprio ato de caminhar exigisse uma coordenação dos músculos que ele não tinha forças para controlar. Quando a porta fechou-se atrás dele, ela ficou imaginando se havia algo de errado. Ele estava doente? Ela estava prestes a caminhar até Helen e perguntar quando Michael Archer apareceu no meio da multidão. Ele aproximou-se dela com a mão esticada. — Quer dançar? — perguntou ele.

A banda estava tocando "I'll Be Seeing You". Enquanto eles dançavam com os outros casais na pista, Leana olhou para Michael e decidiu fazer uma pergunta que, com certeza, o pegaria com a guarda abaixada. — Então, diga-me — falou ela. — Por que você gastou cem mil dólares para vir até aqui?

A pergunta pegou Michael de surpresa. — Achei que já tinha explicado — disse ele cuidadosamente. — Eu queria ajudar sua mãe a levantar dinheiro essa noite para o HIV.

— Mentira.

— Como?

— Você vai ter que arrumar uma desculpa melhor — disse Leana. — Essa é uma explicação na qual minha mãe acreditaria, não eu.

Michael sentiu um sobressalto, mas o abafou. Ela não podia saber por que ele realmente estava aqui. Era impossível. Ainda assim, ele ficou mais cauteloso. Ela parecia estar olhando diretamente através dele. — Passo boa parte do meu tempo com a comunidade criativa — disse ele. — Alguns dos meus amigos têm a doença, que não recebe mais atenção da imprensa. O que sua mãe está fazendo é incrível. Ela colocará o HIV de volta na primeira página, que é o lugar dele.

Leana estudou o rosto dele. — Muito bem — disse ela. — Vou acreditar. Mas você está aqui por algum outro motivo. Ninguém dá cem mil dólares para caridade sem ter alguma outra motivação além de bondade. A bondade acabou nos anos quarenta. — Ela olhou em volta. — Há alguém aqui que você queria conhecer? Um produtor, talvez? Um editor?

Ele apertou o braço em torno da cintura dela. — Já tenho isso resolvido — disse ele.

— Então por que está aqui, de verdade?

— Por que tenho que ter um motivo particular para estar aqui? Não posso ser só um cara legal?

— Ninguém mais é legal, Sr. Archer. Olhe à sua volta. Vê aquele homem ali, com o charuto? Ao seu lado, está a mulher dele que, infelizmente, sabe que o charuto aceso não vai só na boca. Agora, qual é o motivo?

Ele viu o humor nos olhos dela e relaxou. *Isso é um jogo para ela*, pensou

ele. *Ela sabe que estou mentindo e está só se divertindo com isso. Relaxe.* — Está bem — disse ele. — Eu conto a você, mas com uma condição.

— Diga.

— Você terá que me contar algo de que não se orgulha. *Quid pro quo.* Combinado?

— Combinado. Agora, qual é?

— Eu não gosto de dar dinheiro para o governo — disse ele, a ideia ainda fresca. — Quando descobri que sua mãe estava levantando fundos para as crianças com HIV, vi uma oportunidade de cancelar cem mil da minha declaração. Melhor ajudar as crianças do que entregar o dinheiro para adultos que se comportam como crianças, não acha?

Leana assentiu. — Nisso eu acredito. — Ela acidentalmente encostou na mulher que dançava atrás dela. Ambas viraram-se e sorriram pedindo desculpas.

— Sua vez — disse Michael.

— Não acho que você aguente.

— Tente.

Os olhos dela o desafiaram. — Sou uma viciada. Não uso mais, mas ainda sou uma viciada. É o rótulo que lhe dão quando você sai da reabilitação. Para sempre uma viciada. E, minha nossa, como eu adorava usar cocaína. Ainda gosto, na verdade, mas não posso usar, porque as coisas tendem a... desmoronar.

Subitamente, o jogo de *quid pro quo* perdera a graça. — Lamento — disse ele. — Isso não é da minha conta.

— Ah, todos sabem — disse Leana. — É só mais uma das formas pelas quais minha família tem vergonha de mim. — Ela tocou no rosto dele com a parte de trás da mão. — Não fique tão chateado, amigão. Aconteceu enquanto eu estava na escola na Suíça. Não chego perto daquele negócio há anos.

Enquanto dançavam, Michael ponderou novamente sobre o motivo que o pai dele tinha para tê-lo enviado lá essa noite. Por que era tão importante que ele conhecesse Leana Redman?

Uma mão desceu sobre seu ombro. Michael virou-se e viu Harold Baines. — Posso? — perguntou Harold.

Michael lhe entregou Leana relutantemente.

— Foi um prazer conhecê-la — disse ele.

Leana sorriu. — Foi um prazer. Talvez você queira cumprimentar-me inadequadamente mais tarde? No centro da pista de dança? Em trinta minutos?

— O que quer dizer com inadequadamente? — perguntou ele.

— Quero dizer que não estou usando roupa íntima. Quero dizer um cumprimento longo e lento para os tabloides.

Michael levantou as mãos e recuou. — Ok — disse ele. — Trinta minutos.

Mas pense sobre a repercussão enquanto isso. — Ele ficou surpreso ao descobrir que gostava dela.

Enquanto Leana o observava misturando-se à multidão, encontrou-se desejando que não tivessem sido interrompidos.

— Você sempre provoca as pessoas que conhece? — perguntou Harold.

— Só os bonitos.

— Você não está usando roupa íntima?

— É claro que estou. Aquilo foi só para provocá-lo.

— Você é incrível — disse ele. — Mas ainda digo que ele parece um jovem simpático o suficiente. Eu deveria reconhecê-lo?

— É Michael Archer.

— O escritor?

— E astro do cinema. Eu prefiro os livros dele.

— E, pelo olhar em seu rosto, a aparência dele também. — Ele esticou a mão. — Vamos dançar.

A banda estava tocando um ritmo animado e, enquanto moviam-se com os outros casais, Leana pensou que Harold parecia diferente do homem com quem se preocupara mais cedo. As linhas no rosto dele não estavam tão profundas e ele movia-se com um senso de controle maior. O cabelo castanho brilhava como se ele os tivesse molhado.

— Você parece melhor — disse ela.

— Melhor?

— Quando o vi mais cedo, você não parecia muito bem.

— Que gentil de sua parte — disse ele. — E quando foi isso?

— Há uns vinte minutos? Você entrou no banheiro antes que eu conseguisse chamar sua atenção.

Harold segurou-a pela mão e girou com ela pela pista de dança. O vestido branco de Leana esvoaçou e ela riu.

— Acho que você precisa de óculos — disse Harold. — Nunca me senti melhor.

— Fico feliz — disse Leana. — Fiquei preocupada com você. — Ela olhou em volta. — Onde está Tia Helen?

Ele a fitou. — Você precisa mesmo perguntar? Ela está com sua mãe, fofocando. Algumas vezes, não consigo separar aquelas duas. — Ele apertou a mão dela. — Vamos tomar um drinque. Há dias que não a vejo nem falo com você. E quero um de seus martínis.

— Martínis!

Eles deixaram a pista de dança e foram para o bar, que estava lidando com a multidão com facilidade. Ela acenou para um jovem *barman* que estava em tão

boa forma que deveria fazer parte da segurança. Ela dormira com ele há uma semana e ele a encarou com um sorriso. — Você sabe o que queremos, grandão.

— O especial de Leana Redman?

Ela apertou o braço de Harold. — As coisas estão indo bem, Harold. Meu pai tem seu próprio prédio, eu tenho meu próprio drinque. Isso é progresso.

Enquanto aguardavam os drinques, ela notou Eric Parker saindo da pista de dança com Diana Crane. O olhar de Leana os seguiu até o lado oposto do bar, onde Eric pediu um drinque e Diana aceitou um copo de champanhe da bandeja do garçom. Ela terminou seu copo e estava tomando o segundo quando Eric voltou.

— Aqui está, Srta. Redman.

— Não era Srta. Redman na semana passada. — Ela piscou para o *barman* e ele corou. — Mas é bom ser educado. Você ainda tem meu telefone, certo?

Ele assentiu.

— Então use-o — disse ela. — Assim, logo. — Ela aceitou os drinques que ele ofereceu e olhou novamente para Eric e Diana. Eles estavam parados em silêncio, ambos cuidando de seus drinques. Leana notou que Diana parecia brava e ficou imaginando o motivo.

Ela entregou o martíni para Harold. — Isso o levará até a lua.

— Eu sei que vai.

— Ótimo, então vamos à lua juntos.

Eles brindaram e beberam.

— Podemos conversar em particular? — perguntou Harold. Ele virou o martíni e apontou para o copo cheio de Leana. — Você é uma amadora — disse ele. — É o melhor que pode fazer? Beba. Algo me diz que você não vai gostar do que tenho a dizer.

Eles seguiram uma onda de celebridades instantâneas e cheias de dinheiro até passarem do bufê iluminado por luz de velas. Cisnes de gelo cheios de caviar iraniano tinham um brilho laranja na luz bruxuleante e Leana conseguia distinguir o cheiro de pato assado, presunto Westphalian e musse de salmão. Ela hesitou, mas Harold segurou-a pelo braço e a conduziu à frente. — Não vai demorar — disse ele. — Você pode comer mais tarde.

— Quero comer agora.

Quando estavam sentados sozinhos na mesa de Harold, ele virou-se para ela e disse: — Onde você estava mais cedo? Você não estava na fila da recepção quando Helen e eu passamos.

Então, era esse o assunto. — Eu cheguei atrasada.

— Por causa do que aconteceu com Celina e o homem a quem ela ajudou mais cedo?

Como ele a conhecia bem. — Bem, aí está a prova — disse ela. — Ainda não é tarde demais para você tentar carreira jogando folhas de chá.

Harold suspirou. Desde que Leana era criança, ele tentara infundir confiança nela. Ele tentara fazê-la ver que ela não era diferente de Celina. Será que ele nunca conseguiria alcançá-la? — Sua irmã não é melhor do que você, Leana.

— Você acha que não? Então me diga por que Celina está no conselho desse maldito conglomerado e eu não.

— Sua irmã trabalhou duro para chegar onde está.

— Se eu tivesse tido as oportunidades que ela teve, também teria trabalhado duro. — Ela ergueu a cabeça. — Então, diga-me, por que eu fui mandada para a Suíça quando poderia ter frequentado a escola aqui, como Celina, e trabalhado para a Redman International, como Celina?

— Você sabe que não tenho a resposta para isso, Leana.

— Eu sei que não, mas se vamos mesmo ter essa conversa de novo, a história é a mesma. Estou cansada de ser a filha que não fez nada. Estou cansada de ver as pessoas pensando que não posso fazer nada. Só uma vez gostaria de ser aquela que recebe atenção. Só uma vez gostaria que meus pais me notassem.

— Então pare de reclamar e faça alguma coisa — disse ele. — Você honestamente acredita que Celina está na posição que tem hoje ficando parada e reclamando como uma criança mimada? — Ele não esperou a resposta. A única forma de chegar até Leana agora era deixá-la brava. — É claro que não. Sim, George deu uma chance a ela, mas aquela garota trabalhou duro e não estaria no conselho hoje se não merecesse. Eu conheço George. Ele não teria permitido.

— Você acha que não sei disso?

— Não — disse Harold. — Eu realmente acho que não sabe. Eu acho que você só vê o que quer e não é necessariamente a verdade.

Leana não conseguiu evitar o tom ríspido. — Por que está me dizendo isso?

— Porque eu deveria ter dito isso há anos, em vez de confortá-la com palavras que não significavam nada. A única forma de se transformar em alguma coisa nesse mundo é fazendo você mesma com que as coisas aconteçam. Só porque é a filha de George Redman, isso não significa que tenha que ser tratada de forma diferente de todo o resto. Na verdade, provavelmente significa que terá que trabalhar muito mais.

— Fazendo o quê? Eu não tenho nenhuma habilidade. — Ela levantou uma mão. — Olhe isso. Eu sei o que é preciso para fazer o melhor martíni e sei como dormir com estranhos. Isso vai me dar um emprego?

— Talvez nas ruas. O que você tem é uma educação superior e interesses. O mundo será seu se estiver disposta a trabalhar duro o suficiente. O seu problema

é que é preguiçosa. Você sempre foi preguiçosa, Leana. — Ele olhou para o relógio. Harold odiou a si mesmo por ser tão duro com ela, mas talvez, dessa vez, ele a tivesse atingido.

— Ouça — disse ele. — Tenho que encontrar Helen. Mas quero que venha me ver em breve, antes da minha viagem com Eric para o Irã. Juntos, veremos se encontramos alguma coisa que possa fazer. Você não precisa necessariamente da ajuda de seu pai para deixar uma marca. Helen e eu conhecemos quase todo mundo nessa cidade. Talvez eu possa apresentá-la a alguém que lhe dará uma chance.

— Você faria isso por mim? — perguntou Leana.

— Leana, eu a daria para Anna Wintour.

Ela levou as mãos ao peito. — Mesmo?

— Ou Putin.

— Qual é a diferença? Os dois adoram peles.

Ela o abraçou.

— Acredite ou não, eu amo você, Leana — disse Harold.

CAPÍTULO 8

Do bar, Diana Crane observou o casal sair do elevador e caminhar pela multidão. Ela viu Celina rir, viu o homem ao lado dela sorrir e viu os dois de braços dados ao juntarem-se a George e Elizabeth na cachoeira.

O homem era alto e atlético, o cabelo castanho curto, o rosto forte e bonito. Algumas pessoas o reconheceram no caminho, mas ele não pareceu notar. Ela o reconheceu do artigo do *Journal*, Jack Douglas. A atenção dele estava em Celina e, por isso, Diana não poderia ter ficado mais grata e contente.

Ela virou-se para Eric e soube, pelo olhar surpreso no rosto dele, que ele também os estava observando.

— Gostaria de sair daqui? — disse ela. — Já marcamos presença, apertamos as mãos de todas as pessoas certas. George não sentirá nossa falta. — Ela tomou um gole de champanhe. — E, pelo jeito, nem Celina.

Eric não disse nada.

— Há um carro lá fora me esperando — disse Diana.

— Não vou a lugar algum com você, Diana.

— É só para tomar um café, Eric.

— Duvido — disse Eric. — A não ser que estivesse planejando servir o café na cama.

Os olhos de Diana pareciam holofotes sobre o rosto dele. — O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que estou cansado de ver você me perseguindo — disse ele. — Se você acha que vou querer pular na cama com você só porque vi Celina com outro homem, está enganada. Não estou interessado em você. Nunca estive. Nunca estarei. Agora, por que não faz um favor a si mesma e dá o fora daqui? Eu vou ficar.

Diana colocou o copo meio cheio de champanhe no bar. — Eles formam um belo casal — disse ela. — Espero que as coisas deem certo entre eles. — E foi embora, misturando-se pela multidão, ignorando Leana que estivera parada ao lado deles, escutando.

— O que foi aquilo? — perguntou Leana.

Eric balançou a cabeça. — Você não entenderia. — Ele levantou o copo e estudou Leana por sobre a borda. Ela estava linda. — O que está achando da

festa? — perguntou ele.

Ela achou que não tinha ouvido direito. — O que estou achando da festa? — repetiu ela. — Eric, o que pensa que estou achando da festa? — Ela encostou no bar ao lado dele. De onde estava, ela tinha uma visão clara de Celina, que estava parada de costas para a cachoeira, ouvindo Elizabeth, o vestido vermelho destacando-se entre as estrelas da festa.

— Sinto muito — disse Eric.

— Esqueça. — Ela acenou em direção a Jack Douglas. — Quem é ele?

— Não faço a menor ideia.

— Eu acabei de vê-los saindo juntos do elevador da família.

— Como todo mundo viu. Acha que estão saindo juntos?

— Não faço ideia.

— Agora provavelmente não é a melhor hora para descobrir, é?

— Se com isso você quer dizer ir até lá e perguntar a Celina na frente do Papai e da Mamãe, então, não, não acho que seja a melhor hora para descobrir. Mas eu perguntaria a ela. Você tem todo o direito de saber.

— Por que vocês nunca se deram bem?

Antes que ela pudesse responder, as luzes do saguão diminuíram, a multidão ficou em silêncio e a voz do pai dela soou. Leana o procurou entre o mar de cabeças e viu-o parado no centro da pista de dança, com Celina a seu lado.

— Hoje é uma noite especial para mim — disse George para a multidão. — Ser dono de um prédio da Quinta Avenida era um sonho desde que eu era criança. Mas sonhos são difíceis de realizar, e esse não teria acontecido sem o apoio da minha esposa e a ajuda da minha filha Celina.

Ele olhou para Celina. — Se não fosse por você, não estaríamos aqui agora. — Ele encostou o copo de champanhe no dela em um brinde. — A muitos mais anos trabalhando juntos.

A multidão irrompeu em aplausos. Quando Celina deu um beijo em George, Leana virou o rosto e pediu ao *barman* uma garrafa de champanhe. Quando o homem a entregou, ela pegou Eric pela mão e conduziu-o pela multidão.

— Aonde vamos? — perguntou ele.

A resposta de Leana foi tão clara quando a dor na voz. — Tirá-la de nossas mentes.

* * *

Eles caminharam pelo corredor em silêncio, Leana ligeiramente à frente, Eric olhando de relance para os aposentos nos dois lados. Eles estavam na cobertura de George e Elizabeth e, ao passarem por uma das salas de estar, um raio iluminou por um instante a gata da família, Isabel, que estava sentada em alerta em um sofá cor de damasco.

Eles entraram no aposento no fim do corredor. Leana parou na porta. Ela olhou para dentro da biblioteca, para a mesa do pai dela, que estava iluminada por um abajur verde. — Eu achei que tinha desligado aquela luz mais cedo — disse ela.

Eric passou por ela e entrou na biblioteca. Ele caiu sentado em uma poltrona e fechou os olhos. Será que um dia a biblioteca pararia de girar?

Leana permaneceu na porta. — Eu sei que desliguei aquela luz.

— Obviamente não desligou, Leana. Ela ainda está acesa.

— Não importa se a luz está acesa. Eu estive aqui mais cedo. Antes de sair com aquele homem da segurança, eu sei que desliguei a luz.

— Então, o que está dizendo?

— O que acha que estou dizendo? Alguém esteve aqui.

— E daí? Poderia ter sido Celina e seu novo homem.

Ela não pensara nisso. — Talvez.

— Você pode abrir aquela garrafa de champanhe? Estou com sede.

Ela cruzou o aposento até onde ele estava e ligou a luz ao lado dele. Eric encolheu-se. — Eu acho melhor você não beber mais — disse Leana. — Você parece horrível.

— Eu me sinto bem demais.

— Espere até amanhã.

Leana foi até a janela atrás dela. No brilho profundo da cidade, arranha-céus finos e negros recortavam-se contra o céu. Eric afundou ainda mais na poltrona.

— Sabe de uma coisa, Leana? — disse ele. — Você é realmente linda.

— Sabe de uma coisa, Eric? Você está realmente bêbado.

— Sabe qual é a minha lembrança favorita de você?

Ela olhou para o reflexo dele no vidro. — Não.

— Você tinha quinze anos, eu a conhecia talvez há uns cinco meses, e me disse que você e sua melhor amiga da época... qual era o nome dela... Asia Alguma coisa?... estavam planejando ir à missa de Natal na Catedral de St. Patrick nuas. Usando longos casacos, claro.

Ela ficou de costas para a janela. — O nome dela é Asia Ward — disse ela, sorrindo. — E ainda somos amigas. Mas dá um tempo. *Essa* é sua lembrança favorita de mim? Se for, sou pior ainda do que pensei.

— É uma delas — disse Eric. — Ainda lembro de você e Asia sentadas entre George e Elizabeth, com o rosto vermelho, tentando não rir, olhando para mim quando ninguém estava vendo. Lembro-me de pensar que Celina nunca faria isso, e foi então que soube que você e eu seríamos amigos.

Leana estourou a rolha da garrafa de champanhe e levou o gargalo à boca. Enquanto bebia, ela se deu conta de que Eric a olhava intensamente. — Eu tenho uma lembrança favorita de você — disse ela.

— E qual é?

— Lembra-se de todas as cartas que me escreveu enquanto eu estava na escola na Suíça?

Ele assentiu.

— Eu era viciada em cocaína na época e você sabia. Eu nunca perguntei como descobriu.

Eric hesitou, a mente enevoada pelo álcool. Então ele se lembrou e explicou. — Naquela semana que Celina e eu fomos visitá-la? Eu precisava de uma caneta e encontrei, na gaveta de sua escrivaninha, sob uma pilha de papel, um frasco de cocaína pela metade.

Leana fechou os olhos. — E você nunca contou a ninguém — disse ela. — Para Celina. Para Mamãe e nem para Papai. Você decidiu deixar que eu cuidasse do problema sozinha, o que não consegui. Mas você acreditou que eu pudesse. Todas aquelas cartas que escreveu, me encorajando, me dizendo que estaria lá se eu precisasse de alguém com quem conversar, eu agradeci a você alguma vez? E por guardar meu problema com você?

— Deve ter agradecido, sim.

Leana sorriu. — Você está sendo gentil. Eu estava tão mal, tenho certeza de que não agradeci. Mas vou agradecer agora. É o que nós, viciados, devemos fazer. Obrigada, Eric. Obrigada por acreditar em mim quando ninguém mais acreditava. — Seu tom era sincero.

Ela dobrou os braços e virou-se novamente para a janela. No reflexo do vidro, ela viu Eric levantar-se, cambaleante a princípio, mas com maior controle ao retirar o casaco e jogá-lo sobre o encosto da poltrona.

Logo ele estava parado atrás de Leana, passando os dedos pelo cabelo dela, encostando os lábios em seu ombro nu. Apesar de saber que o que estava acontecendo era errado, que nunca passaria disso, Leana não resistiu. De fato, ela ficou feliz com o toque de Eric. Nesse momento, mais do que qualquer outra coisa, ela precisava ser amada e abraçada.

* * *

Do outro lado do aposento, agachado e imóvel atrás da mesa de George Redman, Vincent Spocatti ouvia. A enorme poltrona de couro estava pressionada com força contra o peito. A cabeça estava torta para baixo e desconfortavelmente para o lado. A arma estava na mão e pronta para atirar se fosse preciso.

Ele estava vasculhando os arquivos na mesa de Redman quando Leana Redman e o amigo dela o tomaram de surpresa ao entrarem na biblioteca. O que o deixava mais enfurecido do que quase ser pego era o fato de que não encontrara nada lá que pudesse interessar a Louis Ryan. Nenhum dos arquivos na mesa de Redman tinha relação com a aquisição da WestTex Incorporated.

Mas havia outras formas de obter as informações de que Ryan precisava. E, se Ryan estivesse disposto a pagar o preço de Vincent, ele poderia consegui-las.

Ele esforçou-se para escutar onde eles estavam e pôde detectar o som de beijos. Ele não sabia por quanto tempo mais poderia ficar naquela posição. Os músculos do pescoço e das costas estavam começando a doer.

E então ele ouviu passos no carpete.

Ele olhou por uma fresta no painel da mesa e viu uma onda de tecido branco, um par de pernas bronzeadas, movendo-se em sua direção. A mão enrijeceu em torno da arma. A luz acima dele clicou e apagou. Spocatti ficou tenso, pronto para atirar. Leana disse: — Lembre-se disso, Eric. Eu desliguei a luz. Não sou louca.

— Sim, você é — disse Eric. — Agora, vamos. Em algum lugar aqui em cima, há um quarto. Deixe-me mostrar a você como eu posso ser louco.

Spocatti esperou até ter certeza de que eles tinham deixado a biblioteca antes de empurrar a cadeira, levantar-se e colocar a arma no coldre. Ele passou as mãos enluvadas no casaco social preto e pensou que essa era a segunda vez que seu disfarce quase fora descoberto por Leana Redman. Ele estirou o pescoço, tentando acabar com uma câimbra.

Dar o troco, ele pensou ao sair da sala e ir para o corredor, *é uma merda*.

* * *

No saguão, Spocatti saiu do elevador, procurou Celina Redman, viu-a perto do bufê conversando com um homem e aproximou-se deles.

— Celina Redman? — perguntou ele.

Ambos viraram-se para olhar para ele. — Sim? — disse ela.

Ele mostrou a ela o cartão de segurança. — Posso falar com você em particular?

* * *

A porta do elevador abriu-se e Celina entrou na cobertura dos pais. *Por que Leana me chamou aqui? O que não poderia ser discutido no saguão?* Ela prometera uma dança a Jack e queria voltar para ele.

Ela podia ouvir o som de vozes no fim do corredor.

Celina foi em direção a ele, finalmente parando em frente à porta de um dos quartos. Apesar de ter escutado apenas fragmentos do que estava sendo dito, ela reconheceu a voz de Leana e soube imediatamente que não deveria estar parada lá, que havia algo errado. Ainda assim, ela escutou. Agora a voz estava mais clara. — Não fique envergonhado. Acontece às vezes. Você bebeu demais, só isso.

Celina aproximou-se mais da porta. — Olhe — disse Leana. — Por que não se deita? Você pode dormir aqui hoje. Mamãe e Papai não vão se importar e prometo que eles não saberão que eu estava aqui com você. Nem Celina. Será nosso segredo.

Naquele momento, Celina entrou no quarto. Leana estava sentada na beira da cama, usando um quimono fino de seda, e virou-se de costas para Eric para encará-la. Apesar de Celina ter notado que a irmã estava nua sob o tecido colorido do quimono, ela não viu o lampejo genuíno de surpresa nos olhos de Leana.

Ela fechou a porta. — Recebi seu recado, Leana. Seu amigo da segurança o entregou.

Surpreso, Eric sentou-se na cama. Ele olhou de Celina para Leana, deu-se conta de que estava nu e puxou um lençol para cobrir-se. — Que recado?

O rosto de Celina estava impassível, mas, por dentro, ela estava furiosa. Ela olhou para Eric. — Não quero ouvir nem uma palavra de você — disse ela. — Nem uma palavra.

— Não é o que você está pensando — disse Eric.

— É exatamente o que estou pensando — disse Celina. — E não quero ver você novamente. O que tínhamos acabou. — Ela olhou para Leana, que agora estava de pé segurando o quimono com as mãos tensas. — Só quero saber uma coisa antes de sair. O que eu fiz a você para merecer isso? Por que você disse àquele homem para encontrá-la aqui?

Leana balançou a cabeça. Ela sentia-se confusa, constrangida e envergonhada. Nunca quis que isso acontecesse. E ainda assim acontecera. Mas como?

— Responda — disse Celina. — Eu tenho o direito de saber.

— Eu não sei do que está falando — disse Leana. — Eu não dei recado nenhum a ninguém.

O silêncio esticou-se entre elas como um fio perigosamente prestes a se romper. Celina virou-se para sair. — Eu não esperava que dissesse a verdade — disse ela. — Você sempre foi uma mentirosa, Leana. E uma covarde.

Com a mão tremendo, ela abriu a porta e estava prestes a sair quando parou e encarou a irmã pela última vez. — Você pode fingir que não sabe do que estou falando, mas eu sei que você planejou isso. Eu sei que você disse àquele homem que era para eu encontrá-la aqui. Eu sei que esperou anos por esse momento. Para me ferir.

Antes que Leana pudesse dizer mais alguma coisa, Celina saiu.

No silêncio que ficou, Eric olhou para Leana do outro lado do quarto. Ela estava se vestindo. Atrás dela, Manhattan era uma parede brilhante de vidro e concreto.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— Atrás dela, é claro.

— Você não acha que já fez o suficiente? — Ele levantou-se da cama.

— Eu não fiz nada, Eric. Esse é o ponto.

Ele olhou para ela incrédulo. — Você acha que fazer com que Celina nos pegasse juntos na cama é nada? Você está louca?

— Se o que ela disse é verdade, eu chamo isso de armação. — Ela deslizou para dentro do vestido. Havia um pequeno rasgão nas costas, perto do zíper. Mais cedo, Eric estava com tanta pressa que rasgou o vestido.

— Você sabe que arruinou qualquer chance que eu pudesse ter com ela, não sabe?

Ela lançou a ele um olhar feroz de aviso. — Isso não foi coisa minha, Eric. Eu já disse isso. Agora, chega. — Ela calçou os sapatos, passou por ele, caminhou até o espelho e arrumou os cabelos. Ela precisava falar com Celina, tinha que descobrir quem dera a ela aquele recado, tinha que limpar seu nome.

Um pensamento cruzou sua mente enquanto ela penteava o cabelo. Leana sempre quisera ferir a irmã – mas nunca assim.

— Sinto muito — disse Eric. — Eu sei que você não teve nada a ver com isso. É só que...

— Desculpas aceitas — interrompeu Leana. Ele estava bêbado. Ela não queria ouvi-lo falar. Ela só queria sair desse quarto e encontrar Celina.

Rapidamente.

— Quem disse a ela? Quem sabia que estávamos aqui?

Ela olhou para o reflexo dele no espelho. — Não sei quem contou a ela. Mas pretendo descobrir. — Ela virou-se em frente ao espelho, grata pelo cabelo cobrir o rasgão na parte de trás do vestido.

— Vou com você — disse Eric e Leana notou, ao virar-se, que ele havia colocado as calças. O resto das roupas dele ainda estavam sobre a cadeira.

— Você precisa ficar aqui — disse ela. — Celina não aguentaria ver nós dois agora.

Ela encaminhou-se para a porta. Ao passar por Eric, ele levou a mão para trás e bateu no rosto dela com força com o cinto que estivera ocultando nas costas.

O golpe tomou Leana de surpresa e ela caiu no chão, o sangue escorrendo do nariz e da boca, manchando o carpete bege. Antes que ela pudesse se defender, antes mesmo que soubesse o que estava acontecendo, Eric sentou-se em cima dela, balançou o cinto e golpeou-a várias vezes nas coxas, nos ombros, no rosto e nos seios.

O vestido dela rasgou-se com o esforço da luta. Seus gritos de dor e de socorro ecoaram no quarto.

— Sua vadia! — gritou ele. — Você sabia o que ela significava para mim. Você arruinou tudo o que Celina e eu pudéssemos ter juntos! — Ele puxou o cinto para trás e golpeou-a novamente no rosto, deixando a bochecha quente e inchada. Uma cortina de estrelas vermelhas brilhou diante dos olhos de Leana enquanto ela lutava contra a inconsciência. Em algum lugar, nos cantos escuros de sua mente, ela se deu conta de que os golpes poderiam matá-la.

E então Eric a socou. Com força. Na boca.

Leana forçou-se a pensar, apesar do entorpecimento. Se ela tentasse resistir, ele a machucaria ainda mais. Ela tentou mover os braços, mas eles estavam presos sob os joelhos dele. E então a mente dela congelou. Ele estava forçando-a a abrir as pernas. Ela sentiu a mão dele levantar o vestido e rasgar a calcinha. Os dedos dele feriam e procuravam.

Leana lutou e estava prestes a gritar quando Eric botou a mão aberta sobre a boca dela. A mão dele estava molhada e ela sentiu um cheiro misturado de uísque e sangue. O sangue dela.

Eric encostou a boca contra o ouvido dela. — Lembre-se — disse ele, empurrando os quadris por entre as pernas dela. — Você queria isso.

E então, Leana inesperadamente relaxou contra ele. Eric olhou para ela com tanta surpresa que involuntariamente relaxou também.

E foi então que ela aproveitou a chance.

Ela mordeu a mão dele com força e o empurrou quando ele se encolheu. Com o coração batendo forte, o senso de direção abalado, Leana levantou-se com dificuldade. A porta estava do outro lado do quarto, a um milhão de quilômetros. Ela correu para a porta.

Tentou correr para a porta.

Eric agarrou sua canela e ela perdeu o equilíbrio. O quarto girou. Ela sabia que era o fim no instante em que sua testa bateu contra o carpete.

Mas Eric não fez nada. Ele estava de pé, subitamente ciente do que fizera. Como ele pudera perder o controle daquele jeito? O que o possuíra?

Ele olhou para Leana. Ela estava deitada de bruços, imóvel, a cabeça enterrada na curva do braço. Havia manchas de sangue dela no carpete. Uma onda de náusea o acometeu e ele ficou imaginando o quanto ela estava ferida. Ela não estava se movendo...

Ele olhou para o relógio. Há quanto tempo Celina saíra? Quatro minutos? Cinco? Se ela contara a George o que vira, ele estaria subindo agora.

O torpor da bebida dissipou-se, ele passou por cima de Leana, trancou a porta do quarto e vestiu-se apressadamente.

Leana esperou. Ela ouviu o som de Eric vestindo-se e olhou para o outro lado do quarto. Ele estava em frente ao espelho, colocando as pontas da camisa para dentro da calça, rapidamente verificando a aparência. Ele estava totalmente vestido agora, exceto pelo cinto que ainda estava segurando.

Ele a encarou. Houve um momento em que seus olhos encontraram-se, quando um universo de ódio passou entre eles, e Eric disse calmamente: — Estas são as suas opções. Você pode limpar-se e fingir que nada aconteceu, ou pode correr para o seu pai e contar tudo a ele. — Ele moveu-se em direção a ela, o cinto balançando como um pêndulo ao seu lado. — E isso seria um erro.

Ele aproximou-se e Leana encolheu-se, os olhos fixos no cinto. Uma parte dele estava manchada de sangue. — Saia — gaguejou ela. — Vou chamar a polícia.

— Você pode fazer o que quiser — disse Eric. — Mas eu juro a você: se chamar a polícia ou falar com o seu pai, vou contratar alguém para ir atrás de você tão rapidamente que nem saberá o que aconteceu. Está ouvindo? Espero que sim. Porque eu vou fazer isso. Eu tenho o dinheiro e tenho os contatos. Se alguma coisa acontecer comigo, você morre. Simples assim.

* * *

A porta do elevador abriu-se e Celina saiu correndo. Ela atravessou a multidão, evitou os olhares interrogativos e não parou até chegar às portas de vidro do outro lado do saguão.

Cortinas de chuva caíam na avenida, chicoteando os vidros e os repórteres na calçada. Ela virou-se para pedir um guarda-chuva a um dos porteiros e viu-se frente a frente com o homem da segurança que lhe dera o recado de Leana.

Ele acenou com a cabeça.

Celina moveu-se na direção dele.

— Aquele recado que você me deu, tem certeza de que veio da minha irmã?

— Ela mesma me disse que era sua irmã.

Ela tinha que estar certa de que Leana realmente fizera aquilo. — Descreva-a.

— Ela tem cabelos escuros longos e é bonita. Eu só falei com ela por alguns segundos.

— O que ela estava vestindo?

— Um vestido branco, eu acho. Que deixava um dos ombros à mostra.

Celina afastou-se do homem. Seu coração afundou. Ela estava prestes a sair quando viu o pai atravessando a multidão, a expressão grave. — Precisamos conversar — disse ele.

Ela queria sair dali, mas não queria que ele desconfiasse de nada. Ela o seguiu até uma área atrás da cachoeira.

— Acabei de falar com a RRK no telefone. Eles estão preocupados com o que aconteceu hoje. Acho que vão desistir do negócio. Eles estão esperando para ver o que a polícia descobre.

— E?

— Se houver a menor indicação de que as bombas foram plantadas naqueles holofotes em protesto ao nosso negócio com a WestTex, eles retirarão o financiamento. Richards disse que será um pesadelo das relações públicas se comprarmos essa empresa tendo em vista o que está acontecendo no Oriente Médio.

— Talvez no começo — disse Celina. — Mas quando o público souber o que fizemos, ficaremos bem.

— Eles estão entrando em pânico — disse George. — Eles sabem que, enquanto não tivermos a WestTex, o acordo com o Irã é somente verbal. Eles acham que há uma forte possibilidade de que a Marinha não entre no Golfo na data que nos disseram. Eles vão recuar. Posso sentir.

— Então, encontraremos outra pessoa.

— Vou almoçar com a RRK amanhã. Se as negociações não derem certo, o que acha de Ted Frostman do Chase?

— Eu gosto de Ted — disse ela. — Ele é um cara legal. Acha que ele pagará?

— Talvez. E Deus sabe o tanto que ele nos deve. Vou marcar uma reunião com ele.

— Acabamos? — perguntou ela. — Quero ir para casa.

George olhou para ela surpreso. — Para casa? Você está bem?

Se ela contasse a ele o que acontecera, arruinaria a noite dele.

— Hoje foi um dia intenso — disse ela. — E estou sentindo cada minuto dele. — Ela olhou para a multidão. — A festa acabará em breve. Já falei com todos com quem precisava falar. Se não se importar, eu gostaria de ir embora.

Estava chovendo quando ela saiu do Redman International. Os membros da imprensa que não tinham sido convidados a entrar começaram a fotografá-la. Ela acenou com a cabeça para o porteiro baixinho de cabelos brancos parado sob a entrada coberta e, juntos, eles apressaram-se até a limusine estacionada no meio-fio.

A imprensa a seguiu, registrando sua saída para o mundo. Os flashes estouraram. Ela entrou no banco de trás do carro, disse ao motorista para tirá-la de lá e estava em casa quinze minutos depois, empacotando os pertences de Eric.

QUINTA AVENINDA

Table of Contents

Direitos Autorais
Livros de Christopher Smith no Kindle
LIVRO 1
PREFÁCIO
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
LIVRO DOIS
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
EPÍLOGO
Excerto de QUINTA AVENIDA